

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FILIPPI POMPEU

**CRONOLOGIA E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DOS SAMBAQUIS DOS ESTADOS
DO PARANÁ E SANTA CATARINA (4951-2850 AP)**

PORTO ALEGRE, RS

2015

FILIPI POMPEU

**CRONOLOGIA E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DOS SAMBAQUIS DOS ESTADOS
DO PARANÁ E SANTA CATARINA (4951-2850 AP)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

Porto Alegre, RS

2015

FILIPPO POMPEU

CRONOLOGIA E PRÁTICAS FUNERÁRIAS DOS SAMBAQUIS DOS ESTADOS DO
PARANÁ E SANTA CATARINA (4951-2850 AP)

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento.

Data de aprovação: _____

Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert - PUCRS

Profa. Dra. Gislene Monticelli – PUCRS

Prof. Dr. Jairo Henrique Rogge - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Um autor e o nome de seu trabalho são resultados finais de um longo processo. Livro, prosa, folhetim, dissertação, poesia e tese jamais devem ser julgadas pela sua capa ou título. Como uma onomatopéia (“puf!”) a capa resume e esconde todas as pessoas, situações e condições para a formatação do texto e formatação da pessoa responsável por ele. Em um trabalho sobre funerais, eu exumo, trago para a luz neste breve espaço, tudo e todos cuja memória é forte e importante demais para se dissolver debaixo de um título/túmulo frio e calculista. Essas pessoas estão vivas.

A CAPES, que financiou esta pesquisa e possibilitou o enriquecimento de minha erudição e a minha coleção de estantes e lombadas de livros.

Agradeço a meu orientador, Klaus Hilbert, que me comentou, questionou e buscou alternativas quando eu gritava por respostas, fundo demais no mausoléu para ver de onde vinha essa voz. Devo a ele também os anos de companhia e liderança no laboratório e a influência de sua massiva biblioteca e mente – assim como os tópicos randômicos que surgiam segundos após profundas inferências sobre arqueologia. Que nossas sendas continuem próximas e comunicantes.

Ao Bob e a Pulga, meus amigos, cúmplices e colegas. Quando eu achava que era estranho demais pra atrair qualquer pessoa por muito tempo, vocês vieram, um de cada vez, confirmaram isso e não saíram mais da minha vida. Eu me sinto em débito permanente: são padrinhos, muletas e críticas, tudo ao mesmo tempo em um exemplo que quero levar comigo para sempre. Todo o peso da minha vida pessoal e profissional que aliviei com vocês tá esperando a minha retribuição pra descansar em paz, como memória. Espero que nunca partam para longe – e caso isso acontecer, que se lembrem de todas as risadas, vergonha alheia e desconforto que compartil... fiz vocês passarem. Contem sempre comigo, meus amigos, e eu vou cobrar isso de vocês – nunca se sabe quando se precisa de um afilhado a mais, afinal. Ah é, eles também ajudaram nesta dissertação, mas ajudaram mesmo foi na construção da pessoa que escreveu estas linhas. Agora é tarde, vocês já fazem parte dos meus ossos (no mínimo, da minha pele). AOS MILHÕES!

Ao Alexandre (Pena Matos) que é uma máquina de motivação e de labuta furiosa. Mais do que simplesmente um catalisador que apareceu no leito de morte da minha carreira arqueológica, o kbça sempre me motivou e arrumou minha postura

mesmo quando havia peso demais na massa cinzenta. Com incentivos top e uma história pessoal belíssima como uma urna marajoara, aprendi mais ouvindo ele do que lendo Hodder, Binford, Renfrew e Bahn. Algumas coisas só estão nos livros pra bonito – o resto, a gente tem que fazer. AOS MILHÕES! [2]

A minha família formadora, Maraglei, Roberto, Carol, Vó, Vagner e Marcel. Meus pais me financiaram no bolso, fortaleceram o coração e nunca deixaram de me apoiar, sempre acreditando em mim apesar dos reveses. Sem vocês, não haveria nada – eu diria que tenho uma dívida, mas como vocês mimam um monte o neto que eu dei, acho que já paguei boa parte disso. Minha mana foi um modelo de transformação pra mim e me mostrou que é possível buscar auto-estima apenas com o que há dentro de si e relevar qualquer dificuldade. Minha vó, por sua vez, pela falta de memória me reforçou como é importante lembrar de/e ter paciência – que há uma beleza efêmera nas coisas que duram pouco na nossa cabeça e que é sempre lindo revisitar isso, já que insistimos em esquecer a existência minúscula da vida. Ao Vagner e ao Marcel, aparentemente muito distantes hoje, mas, dentro de mim, eternamente juntos e misturados. Vocês me ensinaram a valorizar a minha família e superaram adversidades que não cabem na minha concepção do que é possível acontecer com alguém. Que nosso futuro traga de volta o que se perdeu, e que, nem que seja no menor quarto disponível dentro de nossas almas, sempre haja uma história de infância pra contar para nós mesmos, antes de dormir. Amo todos vocês, sabendo ou não, lembrando ou não, entendendo ou não.

Para Judite Bersch, minha Moxi, alguém que resolveu depositar em mim a esperança de bons momentos e de futuras lembranças. Eu te amo. Que este agradecimento seja só um detalhe de todos os planos e memórias que já temos e que ainda vamos juntos fazer. Eu te amo. Contigo eu me sinto pleno como um céu de brigadeiro: eu sei que quando chover, tu vai soprar pra longe toda tempestade com teu sorriso sutil. Eu te amo. Muito obrigado por me aceitar como eu sou, e, algo inesperado, valorizar e incentivar isso (até a barba e a true evilness!!!). Eu te amo. Eu dedico, hoje, todo meu sentimento e vontade para nossa causa – que sinto mais antiga que mil gerações e mais confortável que mil sofás. Amooo. Que eu continue vendo, bem de perto, no teu olho, o significado limpo e sem obstáculos de “viver”, algo que só tu conseguiu me demonstrar e ensinar com um amor sincero. Por favor, me ensine. Eu te amo, minha Moxi.

Ao Pi, que ainda não sabe ler, mas que quando souber, perdoe meus erros de pai iniciante e se lembre mais das cosquinhas e das minhas tentativas de comer os dedinhos dos seus pés. Que ele também perdoe os limites que vou ter que impor no futuro; e que também lembre das palhaçadas que eu faço só pra fazer ele rir, (porque a risada dele é muito gostosa) e das vezes que pedi pra sair do berço, de madrugada, pra dormir comigo porque era frio ou porque tinha medo do escuro. Eu nunca vou esquecer de quando ele começou a testar as coisas com o dedinho e de quando ele ria diante das coisas mais simples e rotineiras – assim como a bisa, ele também me lembrou do extraordinário microscópico e de que, as vezes, é melhor não entender do que os adultos estão falando. Eu te amo, meu macaquinho (“cacaco”). PS: Tu ainda era muito roliço quando eu escrevi isso.

Por fim, a todos que esqueci ou que não puderam aparecer aqui porque já estou na terceira página de agradecimentos. O protocolo padrão é convidar pra tomar cerveja que daí eu abro o coração.

RESUMO

O achado de ossos humanos em sambaquis é um fato noticiado desde os primórdios da pesquisa no Brasil. Não obstante, muito pouco se comenta, ou mesmo se estuda, sobre as práticas funerárias destes grupos. Enquanto pesquisas essenciais foram redigidas a respeito de caracteres ósseos métricos e não-métricos do esqueleto, evidências que se relacionem com as questões rituais dos sepultamentos raramente foram observadas pelas fontes primárias. Este documento, diante disto, explora estes indícios de ritos e técnicas de inumação nos sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina. Com o intuito de apresentar um processo de desenvolvimento destas práticas no litoral, apenas sítios com descrições dos sepultamentos e datações radiocarbônicas foram selecionados; o que resultou em um total de treze sambaquis. Seus sepultamentos foram contabilizados (212 indivíduos) e suas características individuais foram classificadas em oito variáveis (cova, mobília funerária, ocre, estendido, fletido, combustão, adorno e sepultamento múltiplo) e quatro categorias (adulto, criança, homem biológico, mulher biológica). A partir do desenrolar do uso das variáveis junto as categorias no tempo, foi possível propor a existência de cinco modelos – ou padrões – de sepultamento e de relações especiais e instáveis entre as categorias criança e mulher biológica com as variáveis adorno, mobília funerária e pigmento ocre que parece específico para a área estudada, entre 4951 e 2850 anos antes do presente. Com isso espera-se encorajar as pesquisas no sentido de uma exploração mais aprofundada destes ritos e, por intermédio destes, possibilitar uma abordagem diferenciada para o estudo da sociedade e cultura dos construtores dos sambaquis.

Palavras-chave: Práticas mortuárias. Sambaquis. Cronologia. Sociedade.

ABSTRACT

The exhumation of human bones in sambaquis is a known fact since the beginning of this research trend in Brazil. Regardless of it, there are few debates, and even studies, about the funerary practices of these groups. While some essential researches were written about metric and non-metric characters of the human skeleton, evidences which relate to ritual subject of the interments rarely were observed while fieldwork was conducted. This document, with these considerations in mind, explores the signs and techniques of the ritual ceremony in the sambaquis of the States of Santa Catarina and Paraná. Guided by the objective of presenting a process of development of these practices in the coastal region of such States, only sites with descriptions of the exhumations and with available radiocarbonic datations were selected: the final sample resulted in thirteen sambaquis. The individuals were contabilized (212 persons) and their individual funerary traits were classified in eight variables (grave-pit, funerary offerings, ochre, extended body, flexed body, combustion traces, adornments and multiple burial) and four categories (adult, young, biological male, biological female). Appreciating the uncoiling application of these variables associated together with categories in time, it was possible to advance the existence of five models – or patterns – of interment practice. Also, it was recovered a special and instable relationship between child and biological female categories with the adornment, funerary offerings and ochre; which is specific for the studied region in 4951 and 2850 BP. With these results, we hope to encourage the research in a more deep exploration of mortuary rites, and, through them, take up a diferencial approach for the study of the sambaqui society and culture.

Keywords: mortuary practices, sambaqui, cronology, society

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sambaquis da Baía de Paranaguá, no norte do Estado do Paraná.....	71
Figura 2 - Planta de situação do Complexo de Sambaquis do Godo.....	72
Figura 3 - Situação do Sambaqui do Godo na Baía de Antonina.....	73
Figura 4 - Altimetria do Sambaqui do Gomes	76
Figura 5 - Corte esquemático do Sambaqui do Gomes e planta de situação do sítio.	76
Figura 6 - O Sambaqui do Guaraguaçu hoje, preservado após respeitadas as medidas de proteção.....	80
Figura 7 - Planta geral das cúpulas A (a menor) e B (a maior) do Sambaqui do Guaraguaçu.....	81
Figura 8 - Planta altimétrica do Sambaqui do Macedo.	86
Figura 9 - Planta de situação do Sambaqui do Macedo.	87
Figura 10 - Situação do Sambaqui do Porto Maurício na Baía de Paranaguá.....	90
Figura 11 - Croqui de um corte esquemático do Sambaqui do Porto Maurício.	91
Figura 12 - Croqui de situação do Sambaqui de Saquarema.	94
Figura 13 - Situação do Sambaqui do Rio São João na Baía de Paranaguá.....	97
Figura 14 - Croquis de situação e de corte esquemático do Sambaqui do Rio São João.	98
Figura 15 - Baía da Babitonga, Ilha de São Francisco do Sul e situação dos sambaquis.	108
Figura 16 - Estratigrafia esquemática do Sambaqui de Enseada.	110
Figura 17 - Escavações e Sepultamentos retirados do Sambaqui de Enseada por Guilherme Tiburtius.	112
Figura 18 - Croqui do sepultamento e das camadas estratigráficas do extinto Sambaqui do Cubatãozinho.	115
Figura 19 - Sepultamento altamente elaborado do Sambaqui do Morro do Ouro.	116
Figura 20- Situação dos Sambaquis da região de Araquari. O Sambaqui do Rio Pinheiros é o nº 8.	120
Figura 21 - Croqui esquemático dos Sepultamentos exumados por Piazza no Sambaqui de Ponta das Almas.....	125
Figura 22 - Sistema de interrelações de categorias no Modelo Guaraguaçu.....	230

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocupações dos sítios do Período I, situadas no tempo.....	133
Gráfico 2 - Ocupações do Período II, situadas no tempo.....	134
Gráfico 5 - Distribuição de covas por faixa etária no Período I.....	138
Gráfico 6 - Distribuição de covas por gêneros biológicos no Período I.	139
Gráfico 7 - Distribuição de covas por faixa etária no Período II.....	139
Gráfico 8 - Distribuição de covas por gêneros biológicos no Período II.	140
Gráfico 9 - Distribuição das covas por faixa etária, ao longo dos dois períodos.	140
Gráfico 10 - Distribuição das covas por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.	141
Gráfico 11 - Relação de População do Período I x covas x categorias.....	142
Gráfico 12 - Relação de População do Período II x Covas x Categorias	143
Gráfico 13 - Distribuição de mobília funerária por faixa etária, no Período I.	143
Gráfico 14 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, no Período I.	144
Gráfico 15 - Distribuição de mobília funerária por faixa etária, no Período II.	144
Gráfico 16 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, no Período II.	145
Gráfico 17 - Distribuição da mobília funerária por faixa etária, ao longo dos dois períodos.	146
Gráfico 18 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.....	146
Gráfico 19 - Relação de População do Período I x mobília funerária x categorias..	147
Gráfico 20 - Relação de População do Período II x mobília funerária x categorias.	148
Gráfico 21 - Distribuição de ocre por faixas etárias, no Período I.	148
Gráfico 22 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, no Período I.....	149
Gráfico 23 - Distribuição de ocre por faixas etárias, no Período II.	149
Gráfico 24 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, no Período II.....	150
Gráfico 25 - Distribuição de ocre por faixas etárias, ao longo dos dois períodos....	150
Gráfico 26 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.	151
Gráfico 27 - Relação de População do Período I x ocre x categorias.	152
Gráfico 28 - Relação de População do Período II x ocre x categorias.	152

Gráfico 29 - Distribuição de combustão por faixas etárias, no Período I.....	153
Gráfico 30 - Distribuição de combustão por gêneros biológicos, no Período I.	153
Gráfico 31 - Distribuição de combustão por faixas etárias, no Período II.	154
Gráfico 32 - Distribuição de combustão por gêneros biológicos, no Período II.	155
Gráfico 33 - Distribuição de combustão por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.	155
Gráfico 34 - Distribuição de Combustão por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.	156
Gráfico 35 - Relação de População do Período I x combustão x categorias.....	157
Gráfico 36 - Relação de População do Período II x combustão x categorias.....	157
Gráfico 37 - Distribuição de adorno por faixas etárias, no Período I.	158
Gráfico 38 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, no Período I.	158
Gráfico 39 - Distribuição de adorno por faixas etárias, no Período II.	159
Gráfico 40 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, no Período II.	159
Gráfico 41 - Distribuição de adorno por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.	160
Gráfico 42 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.	161
Gráfico 43 - Relação de População do Período I x combustão x categorias.....	161
Gráfico 44 - Relação de População do Período II x combustão x categorias.....	162
Gráfico 45 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, no Período I.....	162
Gráfico 46 - Distribuição da variável Estendido por gêneros biológicos, no Período I.	163
Gráfico 47 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, no Período II.....	163
Gráfico 48 - Distribuição da variável estendido por gêneros biológicos, no Período II.	164
Gráfico 49 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, ao longo dos dois Períodos.....	165
Gráfico 50 - Distribuição de variável estendido, ao longo dos dois períodos.	165
Gráfico 51 - Relação de População do Período I x estendido x categorias.....	166
Gráfico 52 - Relação de População do Período II x estendido x categorias.....	166
Gráfico 53 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, no Período I.	167
Gráfico 54 - Distribuição da variável fletido por gêneros biológicos, no Período I...	167
Gráfico 55 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, no Período II.	168

Gráfico 56 - Distribuição da variável fletido por gêneros biológicos, no Período II..	169
Gráfico 57 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.	169
Gráfico 58 - Distribuição da variável Fletido por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.....	170
Gráfico 59 - Relação de População do Período I x fletido x categorias.....	171
Gráfico 60 - Relação de População do Período II x fletido x categorias.....	171
Gráfico 61 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, no Período I.....	172
Gráfico 62 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, no Período I.	172
Gráfico 63 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, no Período II.....	173
Gráfico 64 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, no Período II.	173
Gráfico 65 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.	174
Gráfico 66 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.....	175
Gráfico 67 - Relação de População do Período I x Múltiplo x Categorias.	176
Gráfico 68 - Relação de População do Período II x Múltiplo x Categorias.	176
Gráfico 69 - População total e por variável da categoria adulto, Período I.....	178
Gráfico 70 - População total e por variável da categoria criança, Período I.....	179
Gráfico 71 - População total e por variável da categoria adulto, Período II.....	180
Gráfico 72 - População total e por variável da categoria crianças, Período II.	181
Gráfico 73 - População total e por variável da categoria homens biológicos, Período I.	182
Gráfico 74 - População total e por variável da Categoria Mulheres Biológicas, Período I.....	183
Gráfico 75 - População total e por variável da categoria homens biológicos, Período II.	184
Gráfico 76 - População total e por variável da categoria mulheres biológicas, Período II.	185
Gráfico 77 - Linha do Tempo, Período I.	192
Gráfico 78 - Linha do Tempo, Período II.	204

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistema cronológico relativo de fases arqueológicas para o litoral de Santa Catarina.	102
Quadro 2 - Relação dos sítios utilizados.	131
Quadro 3 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4951-4923 (mais antigos da esquerda para a direita).	194
Quadro 4 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4720-4460 (mais antigos da esquerda para a direita).	198
Quadro 5 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4396-3860 (mais antigos da esquerda para a direita).	202
Quadro 6 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 3720-2850 (mais antigos da esquerda para a direita).	206
Quadro 7 - Modelo gráfico de dinâmica mortuária das regiões e períodos estudados.	224
Quadro 8 - Padrões funerários para crianças e homens e mulheres biológicas do Período I.	227
Quadro 9 - Padrões para crianças e homens e mulheres biológicas funerários do Período II.	228

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Godo, datadas dos períodos 4835-4645 AP e 3110-2850 AP.....	74
Tabela 2 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Godo, datadas dos períodos 4835-4645 AP e 3110-2850 AP.....	75
Tabela 3 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Unidade A do Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP	78
Tabela 4 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Unidade B do Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP	79
Tabela 5 – Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP	79
Tabela 6 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Saumbaqui do Guaraguaçu B, datado do período de 4396-3860AP	84
Tabela 7 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Guaraguaçu B, datado do período de 4396-3860AP	85
Tabela 8 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Macedo, datado dos períodos de 3416-3318, 3406-3308 e 3659-3559AP.....	89
Tabela 9 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Macedo, datado dos períodos de 3416-3318, 3406-3308 e 3659-3559AP	89
Tabela 10 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Superior do Sambaqui do Porto Maurício, datado do período de 4720-4560AP.	92
Tabela 11 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Inferior do Sambaqui do Porto Maurício, datado do período de 4840-4680AP.	92
Tabela 12 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Porto Maurício, datado dos períodos de 4720-4560 e 4840-4680AP.....	93
Tabela 13 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Saquarema, datado dos períodos de 4139-4015 e 4382-4258AP.	95
Tabela 14 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Saquarema, datado dos períodos de 4139-4015 e 4382-4258AP.	96
Tabela 15 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Superior do Sambaqui do Rio São João, datado do período de 4910-4710AP.....	99
Tabela 16 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio São João, datado do período de 4910-4710AP.....	100
Tabela 17 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Superior da Segunda Ocupação do Sambaqui da Enseada, datado do período de 1430-1350AP.	112
Tabela 18 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui da Enseada, datado dos períodos de 1430-1350 e 3960-3880AP.....	113
Tabela 19 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Cubatãozinho, datado do período de 4840-4680AP.	115

Tabela 20 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Cubatãozinho, datado do período de 4840-4680AP.	116
Tabela 21 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Morro do Ouro, datado do período de 4070-3990AP.	119
Tabela 22 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Morro do Ouro, datado do período de 4070-3990AP.	119
Tabela 23 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio Pinheiros, datado do período de 4700-4460AP.....	122
Tabela 24 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio Pinheiros, datado do período de 4700-4460AP.	122
Tabela 25 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Ocupação Superior do Sambaqui de Ponta das Almas, datado do período de 3720-3520AP.	125
Tabela 26 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Ocupação Inferior do Sambaqui de Ponta das Almas, datado do período de 4689-3889AP. ...	125
Tabela 27 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Ponta das Almas, datado dos períodos de 4689-3889 e 3720-3520AP.....	127
Tabela 28 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Congonhas I, datado do período de 3470-3070AP.	127
Tabela 29 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Congonhas I, datado do período de 3470-3070AP.	129
Tabela 30 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Adulto, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.....	178
Tabela 31 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Criança, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.	179
Tabela 32 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Adulto, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.....	180
Tabela 33 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Criança, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.	181
Tabela 34 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Homens Biológicos, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.....	182
Tabela 35 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Mulheres Biológicas, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.....	183
Tabela 36 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Homens Biológicos, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.....	184
Tabela 37 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Mulheres Biológicas, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.....	185

Tabela 38 - Análise da variação das práticas funerárias entre os adultos ao longo do tempo. nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).....	218
Tabela 39 - Análise da variação das práticas funerárias entre as crianças ao longo do tempo. nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).....	220
Tabela 40 - Análise da variação das práticas funerárias entre os homens biológicos ao longo do tempo. nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).....	222
Tabela 41 - Análise da variação das práticas funerárias entre as mulheres biológicas ao longo do tempo. nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).....	223

SUMÁRIO

1	Introdução	24
2	O que são sambaquis?	30
3	Breve revisão sobre restos humanos nos Sambaquis	38
4	Orientações Teóricas das Fontes Primárias	51
5	Objetivos	56
6	Metodologia.....	58
6.1	Categorias.....	58
6.1.1	Faixas Etárias.....	58
6.1.2	Gêneros Biológicos.....	60
6.2	Variáveis	60
6.2.1	Cova	61
6.2.2	Mobília Funerária.....	61
6.2.3	Ocre.....	63
6.2.4	Estendido.....	63
6.2.5	Fletido.....	64
6.2.6	Combustão	64
6.2.7	Adorno	64
6.2.8	Múltiplo	65
6.3	Materiais.....	65
6.3.1	Sambaquis do Paraná	67
6.3.1.1	Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá	67
6.3.1.1.1	Sambaqui do Godo.....	72
6.3.1.1.2	Sambaqui do Gomes	75
6.3.1.1.3	Sambaqui do Guaraguaçu B.....	80
6.3.1.1.4	Sambaqui do Macedo.....	85
6.3.1.1.5	Sambaqui do Porto Maurício	90
6.3.1.1.6	Sambaqui de Saquarema	93
6.3.1.1.7	Sambaqui do Rio São João.....	96

6.3.2	Sambaquis de Santa Catarina	100
6.3.2.1	Baía da Babitonga	109
6.3.2.1.1	Sambaqui de Enseada.....	109
6.3.2.1.2	Sambaqui do Cubatãozinho.....	113
6.3.2.1.3	Sambaqui do Morro do Ouro	116
6.3.2.1.4	Sambaqui do Rio Pinheiros	120
6.3.2.2	Ilha de Santa Catarina	123
6.3.2.2.1	Sambaqui de Ponta das Almas	123
6.3.2.3	Litoral Sul de Santa Catarina.....	127
6.3.2.3.1	Sambaqui de Congonhas I.....	127
6.3.3	Datações: Quadro Revisado.....	130
6.4	Construindo uma Cronologia das Práticas Mortuárias dos Sambaquis	135
7	Análise das Variáveis	137
7.1	Cova.....	138
7.1.1	Período I	138
7.1.2	Período II	139
7.1.3	Ambos Períodos	140
7.1.4	Considerações.....	141
7.2	Mobília Funerária	143
7.2.1	Período I	143
7.2.2	Período II	144
7.2.3	Ambos Períodos	146
7.2.4	Considerações.....	147
7.3	Ocre	148
7.3.1	Período I	148
7.3.2	Período II	149
7.3.3	Ambos Períodos	150
7.3.4	Considerações.....	151
7.4	Combustão.....	153

7.4.1	Período I	153
7.4.2	Período II	154
7.4.3	Ambos Períodos	155
7.4.4	Considerações.....	156
7.5	Adorno.....	158
7.5.1	Período I	158
7.5.2	Período II	159
7.5.3	Ambos Períodos	160
7.5.4	Considerações.....	161
7.6	Estendido	162
7.6.1	Período I	162
7.6.2	Período II	163
7.6.3	Ambos Períodos	164
7.6.4	Considerações.....	166
7.7	Fletido	167
7.7.1	Período I	167
7.7.2	Período II	168
7.7.3	Ambos Períodos	169
7.7.4	Considerações.....	170
7.8	Múltiplo.....	172
7.8.1	Período I	172
7.8.2	Período II	173
7.8.3	Ambos Períodos	174
7.9	Considerações	175
8	Análise das Categorias	177
8.1	Faixas Etárias	177
8.1.1	Período I	177

8.1.2	Período II	179
8.2	Gêneros Biológicos	181
8.2.1	Período I	182
8.2.2	Período II	184
9	Discussão Geral dos Dados	187
9.1	Linha do Tempo	187
9.1.1	Período I (4970-3860).....	192
9.1.1.1	Intervalo I – Rio São João (4951-4923)	193
9.1.1.2	Intervalo 2 – Rio Pinheiros (4720-4460).....	196
9.1.1.3	Intervalo 3 – Guaraguaçu/Morro do Ouro (4396-3860).....	200
9.1.2	Período II (3720-2850).....	204
9.2	Variáveis	207
9.2.1	Cova	207
9.2.2	Mobília Funerária.....	208
9.2.3	Ocre.....	210
9.2.4	Combustão	211
9.2.5	Adorno	212
9.2.6	Estendido.....	214
9.2.7	Fletido.....	215
9.2.8	Múltiplo	216
9.3	Categorias.....	217
9.3.1	Faixas Etárias.....	217
9.3.2	Gêneros Biológicos.....	220
9.4	Tentativa de identificação de padrões funerários entre as Categorias, por Período.....	223
9.4.1	Modelo Porto Maurício (4840?-4700?3880?)	228
9.4.2	Modelo Gomes B (4951?-4396).....	229
9.4.3	Modelo Guaraguaçu (4396-3860).....	229

9.4.4	Modelo Morro do Ouro (4070-3990?/3880?)	230
9.4.5	Modelo Congonhas (3720?-3040?)	231
10	Fechamento e Conclusões	232
	Referências	239

1 INTRODUÇÃO

*Although I am going to talk about what I have written,
(...) unfortunately I forget what I have written
practically as soon as it is finished.*

(Levi-Strauss – Myth and Meaning)

No dia 28 de janeiro de 2015 uma notícia curiosa surgiu, dentre tantas outras, em meio ao fluxo constante de informações da internet: um monge¹, mumificado, havia sido encontrado em posição de lótus, meditando eternamente nos confins das planícies da Mongólia. Desde o seu falecimento, estimavam os cientistas, haviam se passado cerca de 200 anos (GOLGOWSKI, 2015). Comparado com a antiguidade das múmias andinas e egípcias o achado nada possui de sensacional – a técnica de mumificação há muito foi desenvolvida e é até hoje utilizada em vários contextos culturais.

O que ressalta a importância deste achado é que o método utilizado para realizar o processo de conservação foi aplicado no monge quando ele ainda estava vivo. Como se pode imaginar, se trata de uma transformação fisiologicamente desagradável; e, com surpresa, atestamos a convivência da futura múmia. Acrescenta à curiosidade e ao espanto a informação de que apenas 24 pessoas foram bem-sucedidas neste intento, muito embora a técnica tenha sido desenvolvida no séc X.

O *sokushinbutsu* tem suas raízes no movimento budista Shingon, fundado pelo monge japonês Kobo Daishi, que passou para a história como Kukai. Kukai estudou budismo na China durante o século IX e trouxe para o Japão seus ensinamentos e a tradução de dois sutras indianos importantes para a fundamentação desse ramo budista-esotérico. Junto com estas inovações, ele também trouxe o preceito da possibilidade de se atingir a iluminação ainda em vida – através dos meios providenciados pelo *sokushinbutsu* (LOWE, 2005).

O tratamento é dividido em três etapas de 1000 dias cada. Apenas os membros seniores do movimento são considerados aptos para passar pela provação. Quando dito monge resolve se submeter em definitivo ele observa uma série de mudanças alimentares, físicas e psicológicas que afetam seu corpo e

¹ Supostamente um tutor do Lama Dasho-Dorso Itgilov, que também realizou a auto-mumificação.

mente. Pouco esoterismo, porém, pode ser encontrado no ritual – se trata de um envenenamento gradual e controlado, claramente baseado em experiências anteriores.

O candidato, durante o primeiro milhar de dias, executa um regime fastidioso limitado as nozes e grãos que existam ao redor do templo onde reside. Este primeiro período é acompanhado por um ciclo intenso de reflexão e exposição corporal a intempérie e natureza; como a meditação sob as águas de uma catarata nas montanhas. Tal tratamento consome toda adiposidade que a pessoa possuía, o que dificulta o processo de decomposição do cadáver por falta de matéria ideal para o consumo das bactérias.

Durante o segundo milhar de dias, a dieta é restringida ainda mais. Cascas e raízes de algumas árvores são o único item do cardápio. Isto levará inexoravelmente o monge para um estado de desidratação e desnutrição intenso. A secagem do cadáver é outro passo importante para atrasar o apodrecimento – mesmo que este cadáver ainda esteja vivo. No quartel final desta etapa a desidratação é mitigada com uma moeda de duas caras. O chá da árvore *urushi* é oferecido constantemente ao candidato como medida de prorrogação vital. O que não transpira é que a seiva da árvore é utilizada normalmente como verniz para móveis. Trata-se, portanto, de um chá venenoso, que sorvido em pequenas quantidades acumula-se no organismo. Como o uso cotidiano da planta é vinculado ao conjunto dos inseticidas, a soma do veneno afastará qualquer inseto que venha a roer seus ossos e auxiliará na apresentação final de seu corpo. Um paradoxo se instala no atraso do falecimento do monge por inanição, que provoca sua morte e sustenta seu fiapo de vida com sua cicuta tão querida e necessária.

Por fim, o esqueleto humano é selado finalmente em sua tumba com o pouco de vitalidade que lhe resta. Um nicho, pequeno o suficiente para conter apenas um humano em posição de lótus, é todo o universo do seu fim enquanto matéria. Em total confinamento, a ele é confiado um sinete com o qual deve avisar seus irmãos do mundo do exterior se ainda está vivo: deve tocá-la todo dia. Respira, angustiosamente, por um canudo apenas e tem por companhia apenas os seus pensamentos.

A partir do dia em que a sineta não tocar, seus irmãos contarão os últimos 1000 dias. No milésimo dia, a tumba é aberta e o resultado apreciado. Caso seu corpo tenha tido a sorte de subsistir a inanição, desidratação, intoxicação, ataque de

insetos e perda de sanidade, seu corpo estará mumificado e ele será alçado ao patamar de Buda – aquele que atingiu a iluminação.

Caso se junte aos outros 24 que lograram “sobreviver” atinge um estágio digno de idolatria e será venerado como um exemplo viável de iluminação no modo budista através da exposição pública de sua múmia. Caso falhe e seu corpo se decomponha, sua tumba é selada e seu nome lembrado pela tentativa, mas não será rogado ou exaltado de nenhuma forma (LOWE, 2005).

O *sokushinbutsu*, portanto, reúne características interpessoais através de um discurso pessoal – ao almejar e se preparar durante toda a sua vida para o ato, um monge precisa do auxílio dos outros irmãos durante o extenuante tratamento. Por fim, em caso de sucesso, seu cadáver será exposto não apenas ao grupo monacal, mas aos visitantes e turistas que passam para conhecer os templos da seita Shingon. As múmias de seus antepassados representam o elo fundamental do ciclo kármico: unem a vida e a morte, o projeto e o resultado, o Buda e o simplório, o religioso e o profano; em um vínculo dos vivos com os mortos através de um ascetismo profundamente intimista que conclui-se público somente após muito tempo e esforço.

A morte possui em suas entranhas uma ligação com a vida e ela encarna constantemente este aspecto. Mais do que uma simples identificação dos dois lados de uma moeda é o resultado e a encenação ritual da morte que permite verificar esferas ocultas – ou “subterrâneas” – da vida (BLOCH e PARRY, 1982, p. 4; METCALF e HUNTINGTON, 1991, p.24). A morte também é uma morte social, ela dá luz a uma série de manifestações que retratam essa separação e celebra a convergência do reino espiritual com o/no reino cotidiano através de rituais específicos. Estes ritos necessariamente derivam de uma série de considerações sobre o acontecimento, parentes envolvidos por ele, a vontade dos deuses e a intermediação do cosmos e do mundo terreno por pessoas capacitadas para tal. A morte é universal, tanto quanto fisiologia, ponto ontológico, questão cosmológica e coesão social: praticamente todas as culturas do mundo possuem tratativas e concepções específicas para lidar com este rito de passagem (VAN GENNEP, 2011) e todas exigem um posicionamento da sociedade no tocante ao desaparecimento de um de seus membros.

Este trabalho, contudo, não versará sobre o *sokushinbutsu* e suas múmias voluntárias, como nosso próprio título alega. A área e objeto de pesquisa se

encontram no outro lado do globo e tem como foco uma manifestação da morte (e da vida) de uma sociedade que deixou pouco para trás para contar a sua história.

Os sambaquis do litoral dos Estados de Santa Catarina e Paraná são o melhor exemplo de um tema de pesquisa revisitado e tradicional na arqueologia brasileira. Nutrindo interesse científico desde o início da colonização do território (Azevedo, 1920), inaugurando (RATH, 1871) e caracterizando-se como uma pesquisa típica da área arqueológica desde então; muito pouco se sabe a respeito da sociedade destas pessoas hoje em dia. O mais peculiar é que os sambaquis carregam consigo as evidências últimas de seu processo construtivo: estão povoados pelos sepultamentos das pessoas responsáveis pela sua ereção e estas evidências contém muito mais do que cadáveres. Como se verá, notícias de ossos humanos entre as conchas e demais sedimentos que compõem a matriz estratigráfica dos sambaquis não são nem nunca foram incomuns – o que realmente não é recorrente entre os diferentes estudos sobre esta cultura arqueológica é, até mesmo, uma preocupação em registrar as evidências rituais que se preservaram através dos tempos.

O nosso primeiro objetivo, enquanto parte de uma comunidade acadêmica, é revelar e ressaltar a presença e a possibilidade de estudos sobre as práticas mortuárias dos sambaquis. Para isto, basta notar que elas existem. Porém, compilar os estudos úteis, avaliar a qualidade das informações disponíveis, organizá-las, dividi-las em grupos, processá-las em seus parâmetros e divagar sobre os resultados é uma tarefa um pouco mais longa e cuidadosa. Sob esta ótica, surgiu a ideia desta dissertação, que tentará uma sistematização das práticas funerárias em sambaquis de Santa Catarina e Paraná, durante os anos 4951 e 2850 antes do presente.

No princípio, já surge uma tarefa sacrificante. Embora a bibliografia sobre sambaquis seja múltipla e assinada por muitas autoridades da disciplina arqueológica, o conceito de “sambaqui” se assemelha a uma doença que tem os sintomas de uma gripe, mas que possui muitos desdobramentos a mais que uma. Se os doutores responsáveis pelo diagnóstico não possuem um consenso sobre a moléstia, qual a nossa chance de diagnosticá-la com precisão? No capítulo I, portanto, foi necessária uma tentativa de contextualização do termo, dentro dos nossos propósitos e sem um compromisso de finalizar de vez a discussão.

Este trabalho é uma necrópsia de um corpo documental que nunca possuiu a preocupação de registrar as manifestações arqueológicas dos ritos mortuários destes sítios. Foi preciso desenvolver e ressaltar uma perspectiva que visualizasse e valorizasse as informações disponíveis, selecionando cortes e passagens em escala semântica para que algo pudesse ser exumado. Dentro desta perspectiva, o capítulo II explora a obscura história da presença quase despercebida de ossos humanos e ritos fúnebres dentro das pesquisas em sambaquis. O capítulo III se dedica a considerar as principais correntes teóricas presentes dentro destes estudos em uma experiência de compreensão sobre a ausência de um olhar aprofundado para estas práticas.

Enfim, elencam-se os objetivos propostos a partir das considerações sobre as fontes primárias, recém realizadas. O capítulo IV não promove grandes projetos devido a sua limitação documental e se volta para as perguntas mais superficiais que há tempos inquietam as pesquisas e as raras ponderações sobre esta face da vida social dos sambaquieiros.

O capítulo V é dividido em Materiais e Métodos. Durante os materiais, se arrolará os sítios escolhidos para a pesquisa de acordo com os dados disponíveis para cada um deles. Um panorama breve da ocupação do litoral estudado é realizado. Seu material humano é contabilizado e dificuldades particulares a este ou aquele cenário funeral serão aplainadas ou ressaltadas de acordo com a necessidade nos Métodos. Aí também haverá espaço para explicar a divisão dos traços funerários em formas tipológicas básicas: categorias e variáveis, que serão os elementos fundamentais de nossos cruzamentos de dados.

O capítulo VI apresenta uma linha do tempo e a desmembra em dois Períodos e em diversos níveis para cada categoria e variável, demonstrando seu desenvolvimento ao longo do tempo e suas relações entre si e entre as baías. Conforme o evisceramento de sua composição prossegue, vamos reorganizando estes dados conforme suas aproximações entre si, unindo as semelhanças e notificando as diferenças em busca de elementos comuns ou recorrentes que possivelmente possam apresentar uma ordem estrutural dentro da conjuntura de aparência caótica dos sepultamentos em sambaquis.

Esta reorganização é retomada em um discurso contínuo da linha do tempo no capítulo VII, que constrói a história de cada variável e categoria durante o espaço de tempo proposto. Como consequência natural, é possível verificar uma grande

movimentação de ideias a nível geográfico que forçosamente abre seu próprio espaço para análise neste momento. No final do capítulo, se arrisca a delimitação de um pretenso diagnóstico desta doença: é hora de apresentar o resultado final das informações arranjadas sob a forma de modelos funerários, ou, quais contextos funerários eram preferidos ou mais populares durante a região e momento abordados.

O último capítulo tenta aprofundar um pouco mais e pondera, sob inferências antropológicas, os resultados finais. Aproximações com outros estudos tomam espaço aí e hipóteses sobre a modelagem e aplicação desses padrões funerários são emuladas.

2 O QUE SÃO SAMBAQUIS?

*I will eat you alive. Im a mess like kingdom come.
Wrecking away comets. Fire is my name.(...).
Wrecking away fire. From the bowels of the sun.
Piercing where they might. Piercing where they might.*

Stay away from me!

(Piercing Where They Might – Lurker of Chalice)

Responder a esta pergunta é uma tarefa difícil: se no início da pesquisa em sambaquis, a questão era se os mesmos eram artificiais ou não; hoje, a questão parece ser sobre até que ponto podemos considerar este ou aquele sítio como um “sambaqui de fato”. Não existe um consenso ululante sobre esta questão, logo, tomaremos exemplos de outros trabalhos para auxiliar-nos a formar uma delimitação para este estudo ao mesmo tempo em que serão apresentadas suas principais características. Este trabalho se abstém de determinar uma definição absoluta ao termo “sambaqui”.

Os sambaquis apresentam uma unidade geográfica e cultural vinculada à planície e delimitada, quase sempre, pelas escarpas das serras Geral e do Mar. A ocupação deste grupo se estende do litoral do Espírito Santo até o litoral norte do Rio Grande do Sul.

Com uma estrutura alimentar principalmente pesqueira, relacionada às lagoas regressivas do Holoceno, ao setor marítimo e às regiões fluviais e de mangue; também exerceram atividade coletora, representada pelo grande acúmulo de conchas que lhes dá nome. (KERN, 1991, p. 174).

Dentro de uma perspectiva estratigráfica, podemos utilizar o conceito de André Prous para sambaqui: “sítios de depósitos homogêneos, nos quais as conchas estão bastante repartidas em superfície e profundidade, formando a quase totalidade da massa sedimentar” (PROUS, 1992, p. 204).

Os locais escolhidos para a construção do sambaqui se caracterizam pelo acesso para a água salina e salobra, favorecidos pelo local de procriação de peixes como a tainha, por exemplo. Os montes são compostos de várias espécies de conchas, de mar aberto (*Olivancillaria sp.*, *Donax sp.*) a conchas de água doce e salgada, recorrentes de rios ou nós de rios que desembocam no oceano (*Ostrea sp.* por exemplo), incluindo conchas de gastrópodos terrestres (*Megalobulimus sp.*). O

contato com a floresta subtropical litorânea provavelmente favoreceu os grupos sambaquianos com a caça de mamíferos de pequeno e médio portes, como tatus, veados, antas e porcos do mato, além da coleta de frutos diversos.

As principais espécies de conchas utilizadas na construção do sambaqui diferem de acordo com a disponibilidade do ambiente. Diversos tipos de ostras (*Ostrea sp.*), o berbigão (*Anomalocardia brasiliensis*) e o mexilhão (*Modiolus sp.*) são comuns nos sambaquis do Espírito Santo até o centro de Santa Catarina, dentre menores acúmulos. Já os sambaquis mais meridionais são compostos, na sua maioria, ou de *Donax sp.* ou berbigão (PROUS, 1992, p.210).

Alguns sambaquis possuem evidências de estruturas dentro da sua estratigrafia, como marcas de postes, de resíduos culinários e de combustão, assim como sepultamentos; raramente ocorrendo todos ao mesmo tempo num único sambaqui. Kern afirma que no sambaqui de Itapeva várias marcas de postes foram encontradas (KERN, 1991, p. 181). No sambaqui da Caieira (Santa Catarina), Wesley Hurt encontrou buracos de poste e fundos de habitação (HURT, 1974, p. 12). Igualmente foram encontrados postes no Estado do Paraná, no sambaqui do Araújo II (ORRSICH, 1977, p. 69-73). No sambaqui de Guaraguaçu (PR) foram encontradas diversas marcas de fogueiras dentro das covas de alguns sepultamentos. Muitas vezes essas fogueiras são circuladas, ou contém dentro da área onde ocorreu a queima, pedras que sofreram lascamento térmico (KERN, 1991, p. 179). Um artefato bastante curioso foi encontrado Alan Bryan no sambaqui do Forte Marechal Luz, uma vértebra de baleia com uma das extremidades mais largas carbonizada, transformada em braseiro (PROUS, 1992, p. 214).

A presença de sepultamentos nos sambaquis é muito freqüente, existindo dentro deles grande variação de acompanhamento funerário, tipo de deposição, posicionamento, tratamento, sexo e idade. Trataremos em pormenores essa faceta mais adiante.

A utilização de matéria lítica nos sambaquis foi bastante intensa e os resíduos desse contato são comumente relatados pelos arqueólogos. Essa indústria lítica se mostra muito variada e aglutinada regionalmente, principalmente no tocante à indústria polida. Recolhida de afloramentos próximos aos acúmulos conchíferos, muitas vezes representa a maior parte do material arqueológico recolhido em campo. No sítio de Pântano do Sul, em Santa Catarina, (ROHR, 1977, p. 25) a maior parte do material se compunha de blocos líticos sem uso, aguardando preparo.

Seixos arredondados foram freqüentemente utilizados como batedores, bigornas, quebra-coquinhos, alisadores ou pesos de rede (PROUS, 1992, p. 223-231).

Os zoólitos representam o ápice tecnológico e artístico atualmente conhecido da cultura sambaquieira, por sua beleza e esmero dedicado às peças. Atenção tem sido dedicada aos zoólitos desde o século XIX e mais de 240 exemplares já chegaram ao nosso conhecimento. São esculturas de pedra (embora exista um exemplar em osso da região de Matinhos – Joinville) que representam animais, humanos ou formas por demais estereotipadas para serem seguramente classificadas. Grande parte dessas peças tem uma depressão que pode ser profunda ou rasa, delimitada por bordas. O realismo de alguns exemplares é tamanho que se torna possível identificar espécies de animais como tubarões, aves e peixes. A região onde os zoólitos foram encontrados se estende do litoral de São Paulo até o Uruguai, incluindo as regiões serranas do Rio Jacuí no Rio Grande do Sul e nos campos interioranos do Uruguai (PROUS, 1992, p. 233). Prous realizou um estudo procurando classificar os zoólitos em níveis estilísticos e morfológicos, chegando à conclusão que existiu um grau de unidade cultural de Iguape, São Paulo, até o Uruguai, justificado pela pouca variabilidade da escolha morfológica e temática (PROUS, 1977, p. 177). Como mobiliário funerário, os zoólitos foram encontrados apenas na região de Santa Catarina correspondente a Joinville. Segundo Gomes (2012, p. 214) apenas nove foram encontrados junto a sepultamentos (mais um fragmento). Em um sepultamento exumado no sítio do Morro do Ouro, Santa Catarina, foram encontrados três exemplares de zoólitos (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960).

Na região que compreende Laguna (SC) à Torres (RS) há o aparecimento de diversos artefatos geométricos que lembram engrenagens à guiza das *cogged stones*² chilenas (PROUS, 1992, p. 235). Em Torres (RS), há o surgimento de pequenos halteres de função desconhecida. Nos sambaquis de Joinville e do Paraná, Prous relata que as peças desse tipo são poucas e se restringem a formas triangulares e em forma de coração, existindo em pedra, concha e osso. Pingentes com formatos remotamente vinculados a animais ou humanos ocorrem na Ilha de Santa Catarina (SC), e nas regiões de Laguna (SC) e Torres (RS) existem anéis em pedra basáltica cuja função não nos é conhecida. Artefatos raríssimos cujas

² Pedras com formatos geométricos com seções polidas, assemelhando-se a engrenagens.

quantidades se limitam a poucas unidades, ou mesmo a uma única peça são representadas pelas peças fusiformes polidas encontradas em Araújo II (PR) (ORRSICH, 1977, p. 56), e no Morro do Ouro (SC). No sambaqui de Saquarema no Paraná foi encontrada uma peça semelhante a uma faca, com navetas por onde se passam cordas de redes que necessitam de reparos, como fazem os pescadores atualmente (RAUTH, 1960, p. 66-67). No sítio da Pedra de Itapeva em Torres, Rio Grande do Sul, Kern encontrou uma curiosidade trazida pelos homens do sambaqui: um osso de tatu-gigante (*Pamphaterium sp.*) fossilizado (PROUS, 1992, p. 236). No sambaqui da Pedra da Itapeva (RS), Santos realiza uma análise do material lítico lascado, afirmando que, quantitativamente, é a espécie de cultura material mais abundante no sítio, possui lascamento primário, grande variedade tipológica, marcas de uso bem definidas e implementos que sugerem tentativas de desenvolvimento tecnológico (SANTOS, 1985, p. 93).

O povo do sambaqui não restringiu sua fabricação de instrumentos apenas à pedra. Ossos e dentes de animais, assim como conchas igualmente foram utilizados para a confecção de ferramentas e adornos. Dentre a cultura material mais encontrada nos sambaquis estão os artefatos produzidos em osso. Geralmente são instrumentos que tem função de perfuração, sendo utilizados principalmente na caça e pesca como pontas de dardos, furadores, agulhas e anzóis (PROUS, 1992, p. 236). As pontas perfurantes em osso ocorrem desde o litoral paulista até a Ilha de Santa Catarina como nos sambaquis do Ramal (PR) (RAUTH, 1971, p. 121), Macedo (PR) (RAUTH, 1960, p. 86), Saquarema (PR) (RAUTH, 1962, p. 66.), Gomes (PR) (RAUTH, 1968, p. 76) e Pântano do Sul (SC) (ROHR, 1977, p. 74-76). Os ossos de aves são encontrados mais freqüentemente pelo fato de sua quebra prover pontas bastante aguçadas que poderiam ser afiadas com a técnica do alisamento ou polimento. Um exemplar diferenciado de utensílio dessa espécie foi encontrado no sítio de Pântano do Sul (SC), e, segundo Rohr (1977), poderia ter possuído a função de perfurador labial. É uma peça triangular, relativamente pequena, com um sulco largo e profundo que se destaca desde a ponta do artefato. Os furadores em osso poderiam ter servido a diversos propósitos como o perfuramento de peles e a secção dos lábios para se obter orifícios por onde poderiam pender adornos, entretanto, são citados poucas vezes, talvez por uma dificuldade de identificação (PROUS, 1992, p. 237). Pontas aguçadas pelo atrito e polidas, feitas de espinhas de peixe são encontradas em Pântano do Sul

(SC)(ROHR, 1977, p. 74-76) e na Ilha dos Ratos (PR)(EMPERAIRE; LAMING, 1956, p. 102-109). Espinhas de peixes também poderiam ter uso como agulhas, criando-se uma ponta para a preensão da linha, ou simplesmente se aproveitando do orifício natural existente na base dessas espinhas, tal qual é descrito por Emperaire e Laming na Ilha dos Ratos (1956).

Anzóis foram encontrados por Bryan no Forte Marechal Luz (SC) (BRYAN, 1993, p. 66-67), fabricados a partir de ossos de mamíferos em uma técnica descrita por Tiburtius (PROUS, 1992, p. 239-240). A técnica, bastante curiosa, consistia em recortar uma seção quadrangular ou retangular de uma placa de osso, e, em seguida, era retirada a parte central da placa, de forma a obter-se um quadrado ou retângulo perfurado com a largura de borda que se desejasse. Cortava-se então uma pequena parte em forma de “L” que era descartada, ficando a peça, quase pronta, em forma de “J”. A ponta era afiada e polida e uma reentrância para a amarração da linha era esculpida na parte oposta, resultando em um útil anzol de osso.

As pessoas que construíram os sambaquis também produziam instrumentos de osso cortantes e de talhar, embora estes apareçam de forma muito mais esporádica. Costelas de baleia polidas e de formato retangular tiveram os lados afiados, tanto o maior, que serviria como uma faca, quanto o menor, afiado de forma mais obtusa, talvez um talhador. Alguns exemplares vieram à luz na Ilha dos Ratos (PR) (EMPERAIRE; LAMING, 1956, p. 105), no sambaqui do Gomes (PR) (RAUTH, 1968, p. 81-83), no sambaqui do Macedo (PR) (RAUTH, 1960, p. 83-85) e no sambaqui de Guaraguaçu (PR) (ANDREATTA; MENEZES, 1968, p. 25-30).

No manuseio de dentes para a confecção de objetos, os dentes incisivos de preás, cutias e pacas foram utilizados como buris, afiando-se a extremidade de contato alimentar (PROUS, 1992, p. 236-237). No caso do sambaqui do Forte Marechal Luz (SC) (BRYAN, 1993, p. 91), foi encontrado um dente de paca fixado na extremidade de um osso de ave. Ainda no Forte Marechal Luz (SC) um osso longo de anta foi tratado para que se tornasse uma espátula singular, com uma diáfise original, e no sambaqui de Piaçaguera (SP) foram catalogadas 16 espátulas de osso (GARCIA; UCHOA, 1980, p. 42). Bastões em osso de baleia com uma extremidade alisada e outra trabalhada ocorrem apenas na região de Joinville. Prous supõe que poderiam ser propulsores compostos, cuja outra peça estaria faltando para o encaixe (PROUS, 1992, p. 242).

Os cetáceos marinhos que então encalhavam nas praias do litoral onde se encontravam as populações sambaqueiras proviam os habitantes da costa com matéria-prima óssea que servia para o fabrico de vários objetos. Recipientes escavados a partir de vértebras e outros ossos maciços da baleia deram origem a peças bastante singulares tal qual ocorre no sambaqui do Rio D'una (SC), (PROUS, 1992), bulas timpânicas que serviam como pequenas vasilhas em Pântano do Sul (SC), (ROHR, 1977, p. 79) e ossos chatos e extensos que foram utilizados como caixões, como em Matinhos (PR) (FERNANDES, 1955, p. 590-591).

Colares feitos de vértebras de peixes podiam ser feitos aproveitando-se do orifício medular existente nas vértebras de seláquios, ou eram simplesmente perfuradas como no sambaqui do Macedo (PR) e no sambaqui de Saquarema (PR). Existem exemplares de colares feitos a partir de dentes de tubarão, tal qual encontrado no Forte Marechal Luz (SC) por Alan Bryan (BRYAN, 1993, p. 66-76). Um colar de conchas de 657 indivíduos de *Olivella verreauxi* e 29 dentes de *Alouatta sp.* (uma espécie de bugio) foram encontrados em um sepultamento de criança no sambaqui de Piaçaguera (GARCIA; UCHOA, 1980, p. 71), mostrando a flexibilidade das técnicas de fabrico e ornamentação possuída pelo povo do sambaqui. Prous descreve o método de fabrico da perfuração dessas conchas: uma pressão rotativa era implicada à peça, que esmorecia e acabava sendo perfurada. Cortes longitudinais e mesmo golpes percussivos poderiam ser aplicados à peça, embora isto ocorresse mais raramente (PROUS, 1992, p. 243).

Artefatos de uso desconhecido como rodela com um orifício central confeccionadas a partir de bulas timpânicas de baleia e bolas de bula timpânica e osso de peixe (a bola de osso de peixe foi encontrada em Piaçaguera – SP) (GARCIA e UCHOA, 1980, p. 49) também fazem parte do arsenal de ferramentas encontrado. Prous (1992) relata uma hipótese que as rodela poderiam pertencer a antigos fusos, mas que sem um exame detalhado sobre desgaste nesses artefatos, não se pode chegar a alguma conclusão sólida. Prous (1992) ainda cita interpretações sobre um perônio humano trabalhado encontrado em Bogaçu (SP) (EMPERAIRE; LAMING, 1950, p. 63-64) e conchas de moluscos bivalves com ossos dentro, encontradas em Maratúá (SP) poderiam ser, respectivamente, um apito e um chocalho (PROUS, 1992, p. 244).

A olaria é considerada uma tecnologia alheia às reconhecidas como pertencentes aos grupos sambaqueiros. Para entendermos o porquê, devemos nos

inteirar sobre o processo de ocupação do litoral por essas pessoas e construções. A faixa temporal de atividade dos sambaquis se estende, em média, entre 6000 anos antes do presente e “os primeiros séculos da época cristã” segundo Lima(2000, p. 283). Segundo a autora, inicialmente os povos que ocuparam a planície litorânea se estabeleceram ali vindos do interior. Durante os primeiros centenas do estabelecimento, culminaram as mais altas temperaturas do Ótimo Climático – período que principiou por volta de 12000 a 10000 anos antes do presente que se caracterizou por um gradual aumento no nível do mar e nas temperaturas da região litorânea. Isto teria favorecido o desenvolvimento de extensos manguezais e bancos de moluscos que neles procurariam abrigo e alimentação. O passar do tempo, o fim do calor, umidade e a regressão marinha foram fatores que notoriamente contribuíram para a mudança cultural dos povos sambaquieiros. A isso, soma-se o crescente aumento de grupos que visitavam o litoral em escala sazonal, estabelecendo-se em sítios similares aos sambaquis no uso de conchas como matéria construtiva, mas em menores e mais espalhadas proporções: os conhecidos concheiros. Os povos construtores dos concheiros eram portadores de cerâmica Jê; a presença de cerâmica Guarani também é visível na superfície mais recente de alguns sambaquis, mas são poucos concheiros efetivamente erigidos com cerâmica dispersa verticalmente em sua estratigrafia. Estes grupos Jê introduziram técnicas de pesca diferenciadas que representaram uma alternativa à coleta de moluscos; logo, estas técnicas de fabricação e ferramentas foram adotadas pelos povos sambaquieiros por volta de 2000 a 1500 anos antes do presente nas regiões estudadas (PROUS, 1992, p.262 -263). A cerâmica também seria uma novidade para os povos sambaquieiros que pareceram ter desenvolvido algo similar – fossas forradas com argila crua; tanto associadas a sepultamentos (Cubatãozinho), quanto representando estruturas individuais (Marechal Luz) poderiam ser entendidas como associadas ao fenômeno ceramista, sem que, contanto, tenhamos plena certeza (BRYAN, 1992; LIMA, 2000; PROUS, 1992; TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960). Talvez, os receptáculos cotidianos necessários ao dia a dia fossem feitos de trançados, que hoje já não mais existiriam, salvo em raras exceções (Sambaqui de Cubatão).

Sambaquis são, em suma, epistemologicamente e materialmente definidos como sítios cuja matriz constituinte predominante são conchas marinhas e/ou salobras (PROUS, 1992), com ocasionais e minoritários interstícios arenosos,

terrosos e com restos de fauna; também são caracterizados por um tipo de cultura material tradicional e considerada seu artefato-guia indefectível, os zoólitos; por fim, mas não menos importante, não há evidências de uma invenção, de um empréstimo ou da troca da tecnologia cerâmica ou da cerâmica em si, muito embora existam traços de contatos interétnicos com povos ceramistas do planalto (GOMES, 2012; LIMA, 2000; MILLER, 1969; NEVES, 1988). Outras características variam de acordo com a região dos Sambaquis e perpassam sua localização espacial, temporal e componencial. Foi a partir deste contexto que elencamos sítios para este estudo.

Embora muito seja dito da cultura material destas pessoas, dos detentores da cultura sambaquiana; muito pouco tem se realizado na tentativa de elencar e interpretar os caracteres simbólicos que organizariam, supostamente, a ordem de suas ações. É inevitável o surgimento de questões ulteriores sobre o povo responsável pelos artefatos que estamos estudando dado o tradicionalismo da pesquisa em sambaquis e a forte sugestão provocada formalmente pelos zoólitos. O que são estas esculturas? Um panteão mítico? Teriam nomes? Seriam ícones indispensáveis aos pequenos rituais do diaadia? Quais as relações entre estas esculturas, os homens e seus deuses inventados? Os zoólitos pertenceriam a um grupo corporativo, capaz de lidar com estes elementos? Como isso se manifesta na prática de acumular e sepultar mortos em meio as conchas? Estas questões, ainda que intrusivas são pertinentes e, na posterior descrição de nossas intenções neste trabalho, as aprofundaremos em nível epistemológico.

3 BREVE REVISÃO SOBRE RESTOS HUMANOS NOS SAMBAQUIS

Antes que entremos em um breve histórico sobre a morte nos sambaquis e como foi tratada pelos pesquisadores ao longo do tempo, precisamos esclarecer dois pontos:

O primeiro ponto é a diferenciação entre cadáveres e práticas funerárias; enquanto as práticas funerárias se apresentam como respostas sociais perante a morte que envolvem ações diretas (rituais) em direção ao cadáver do morto e a sua lacuna que deixa entre os vivos, os cadáveres são meros receptáculos desta atenção – em muitos casos, são um empecilho a ser eliminado em virtude de sua decomposição. O tempo disponível até que o destino final seja uma necessidade iminente (corporal e espiritualmente) é estreito e é justamente neste intervalo que existe espaço para interação social e negociação de interesses. Na arqueologia brasileira, principalmente a que versa sobre os sambaquis, as práticas funerárias foram substituídas pelos números, tamanhos e características biológicas dos ossos; e isto até o tempo presente. Não se trata de uma crítica direcionada a bioarqueologia que é apenas uma abordagem e não uma responsável; e sim, de uma crítica que poderíamos realizar sobre cada bibliografia que será apresentada adiante – por isso a fazemos agora.

Os contextos funerários de muitas pesquisas antigas e atuais são ausentes, na esperança de que os caracteres cranianos e femurais nos deem mais pistas sobre quem eram as pessoas responsáveis pela construção dos sambaquis; uma teoria que há muito era postulada. O estudo morfológico do esqueleto do homem, não obstante, nos permitiu inferências sobre sua dieta, seu trabalho braçal, suas doenças, seus casamentos e suas descendências diretas. Contanto, mais de cento e cinquenta anos depois do início do fervor morfológico pelos ossos, é evidente que algumas respostas não estão, e nem podem ser, mensuradas por réguas.

O segundo ponto é que este breve histórico é, de fato, breve. Não entraremos em maiores detalhes sobre as obras esboçadas aqui; apenas as tocaremos em superfície de modo a demonstrar suas principais qualidades e notificar sua existência – o que indica que os ossos, desde muito, já chamavam a atenção em meio as conchas.

Embora tradicionalmente os pesquisadores classifiquem etimologicamente a palavra “sambaqui” como “monte de conchas”³ (LIMA, 2000, p. 271), um dos primeiros interessados na questão da formação dos sítios, Carlos Rath, em trabalho publicado em 1875 dá a etimologia da palavra como “casa do espírito” (RATH, 1875 apud DUARTE, 1968, p.31). Contudo, não pudemos investigar como exatamente se deduziu essa construção, pois a obra original de Rath não pode ser localizada.

Em 1828, Dr. Meigs, um personagem de muito desconhecido, envia uma nota para a American Philosophical Society, que é citada em 1842 no livro “Travels in North America” do famoso e influente geólogo Charles Lyell. A nota informa que

[...] the River Santos has undermined a large mound, fourteen feet in height, and about three acres in area, covered with trees, near the town of St. Paul, and has exposed to view many skeletons, all inclined at angles 20° and 25°, and all placed in a similar east and west position. (MEIGS, 1828 apud LYELL, 1862, p. 42)

É interessante notar que Lyell a princípio pensou que os sedimentos tivessem sido depositados pelo mar; seriam portanto, naturais, porém,

[...] after reading again, with more care, the original memoir of Dr. Meigs, I cannot doubt that the shells, like those of eatable kind, so often accumulated in the mounds of the North American Indians not far from the sea, may have him brought to the place and heaped up with other materials at the time when the bodies were buried. Subsequently, the whole artificial earthwork, with its shells and skeletons, may have been bound together into a solid stone by the infiltration of carbonate of lime [...] (LYELL, 1862, p. 42)

Lyell e Dr. Meigs, portanto, são responsáveis pela informação mais antiga que temos sobre contextos funerários em sambaquis, afirmando sua existência e artificialidade. Dr. Meigs ainda teria enviado ossos endurecidos pela ação da cal para a instituição. O subtítulo que trata dessa notícia é chamado no livro de Lyell como “Sepulchral Mound of Santos, Brazil”.

Os sambaquis também atraíram a atenção de Francisco Adolfo de Varnhagen, eminente pesquisador do século XIX que afirma

[...] cobertos de altíssimo mato virgem, os restos de um colossal *saumaqui* ou ostreira; isto é, de um grande ou pyramide conica, feita de cascas de ostras, que serviam de mausoléu a muitas ossadas humanas [...] (VARNHAGEN, 1849, p. 372 apud FERREIRA; NOELLI, 2007, p. 154)

que a os considerar residindo como em mausoléus, atribui aos sambaquis uma natureza cemiterial.

³ “Tamba”, monte e “ki”, conchas, do Tupi.

Outra personalidade afamada a se interessar pelos sambaquis foi Richard Burton. Em 1865 ele remete uma carta acompanhada de materiais arqueológicos encontrados em sambaquis da região de Santos, na Ilha de Santo Amaro. Ele revela em um artigo publicado em 1873 no primeiro número da revista *Anthropologia* que escavou esqueletos na região procurando por exemplares inteiros, mas não obteve sucesso. Também estava convencido de que os sambaquis representavam o resultado de um esforço humano organizado. (BURTON, 1865, 1873 apud FERREIRA E NOELLI, 2007).

Na segunda metade do mesmo século, os antigos esqueletos encontrados em sítios arqueológicos brasileiros começaram a ser analisados sob a ótica da ciência francesa do período. Os estudos de Paul Broca na França foram trazidos para terras brasileiras e logo se instalaram no pensamento (e atitude) intelectual do Museu Nacional; o centro de pesquisas do país (CASTRO FARIA, 1952). Os primeiros dados antropométricos, focados especialmente na craniologia, foram publicados em 1882 - na Revista da Exposição Antropológica – e são dedicados ao estudo de grupos nativos do vale do rio Amazonas em pesquisa realizada anos antes, em 1872 a 1874.

Os sepultamentos inumados nas conchas dos sambaquis encontram o seu primeiro esboço contextual geral na “Notícia Ethnologica de um Povo que já Habitou a Costa do Brasil, Bem como seu Interior Antes do Dilúvio Universal” escrito por Carlos Rath.

No fundo e centro d'este outeiros [...] encontramos sempre ossadas humanas; e junto a ellas acha-se não pequeno numero de armas e utensilios feitos de pedras, como sejam, machados, pontas de lança, frechas, cunhas, virotes, argolas, massas, pilões, mãos de pilões, pedras chatas e concavas, balas bem redondas e outras que poderiam servir para fundas ou para abrir cocos, porque em algumas se observa que são chatas, e tem uma cova no centro feita necessariamente para esse fim. (RATH, 1871, p. 288)

Rath ainda comenta sobre o modo de deposição e afere alguma interpretação sobre eles. Rath informa sobre a posição fletida na qual eram sepultados e também percebe a presença de restos de banquetes funerários “para a viagem que tinham que fazer para os Elísios ou campos de delícias” (RATH, 1871, p. 287). Ele conclui realizando comparações craniológicas com os restos encontrados por Lund e com crânios do interior do país; assim como com exemplares peruanos, já propondo a afiliação com estes grupos genéticos (RATH, 1871, p. 289-290).

Ainda no início da pesquisa em sambaquis, em 1876, se atesta a existência de ossos humanos caracterizando de modo efetivo a construção como “cemitério indígena”, tal como foi chamado por Wiener (1876). O pesquisador, representando o Museu Nacional do Rio de Janeiro, logrou encontrar desde fragmentos de ossos humanos espalhados, notou covas através da estratigrafia, encontrou sepultamentos que tentou exumar e documentou um interessante contexto de ossos humanos com um esqueleto completo de papagaio e restos de exoesqueletos de carangueijos, também intocados. Ele comenta que “Em alguns logares, posemos, a descoberto, camadas de cinza e de carvão e, a muitos palmos abaixo do cimo, achamos as camadas de terra vermelha, indicando a presença de corpos humanos” (WIENER, 1876, p. 12), associando os locais de enterramento com a proximidade de pigmentos avermelhados e propõe a intenção monumental de erigí-los. Wiener também postulará a tripla origem da formação desses sítios, alvo de grandes discussões nos anos vindouros:

1º Sambaquis naturaes; 2º Sambaquis, productos da indolência humana que não removia para longe os restos das refeições; é a estes que denominamos: sambaquis de origem artificial e fortuita; 3º Sambaquis, obra da paciencia do homem, que, durante largo espaço de tempo, tinha em vista um fim definido, isto é, sambaquis artificiaes, verdadeiros monumentos archeologicos(WIENER, 1876, p. 15).

Wiener também acreditava que os construtores dos sambaquis eram canibais, dizendo que a carne humana era mais valorizada frente aos outras possibilidades de proteína, pelo fato de ter encontrado menos esqueletos de mamíferos e mais ossos humanos espargidos(WIENER, 1876, p. 17).

Logo a partir de Wiener, os sambaquis passam a ser bastante inquiridos a nível de pesquisa acadêmica, com o foco da pesquisa se desenrolando ao redor da artificialidade ou não dos mesmos - muito embora Wiener tenha sugerido que os três tipos de sambaquis coexistiam. A discussão se cristalizaria em dois grupos distintos, formados por profissionais de diversas áreas do conhecimento: os artificialistas, que propunham o caráter antrópico dos sambaquis; e os naturalistas, que não acreditavam na ação humana na formação dos sítios. Não entraremos em detalhes sobre o desenrolar dos debates, visto obviamente que a corrente artificialista prevaleceu; nos ateremos apenas à importância breve dos sepultamentos nesse momento.

Os sepultamentos encontrados em meio às conchas foram utilizados como argumento por parte da corrente artificialista como prova inegável de sua construção intencional; é neste período que se inicia uma longa tradição de estudos antropométricos que viriam a ser realizados nesse tipo de material. Contudo, se limitariam a isso apenas. Análises mais antropológicas sobre as práticas funerárias seriam impossíveis, pois a antropologia e arqueologia ainda engatinhavam no período. Enquanto a corrente naturalista creditava os sepultamentos em sambaquis a naufrágios (LIMA, 2000, p. 287), a corrente artificialista via nos sepultamentos a confirmação de suas suspeitas. A breve descrição de contextos funerários acontece de forma esparsa apenas neste momento informando principalmente as mobílias funerárias (LACERDA, 1885, p. 184; NETTO, 1871, p. 288).

Em 1876, João Lacerda inicia seus estudos em ossos originários de sambaquis diversos; o seu principal questionamento é a origem dessa população. O resultado de suas pesquisas o faz propor a proximidade com o interior do país, com o “homem de Lagoa Santa”, redescoberto por Lund⁴, e com povos fueguinos, (LACERDA; PEIXOTO, 1876).

O professor Lacerda, posterior partidário da corrente artificialista, prossegue suas pesquisas, e em 1885, questiona algumas noções desenvolvidas sobre os ossos humanos de sambaquis encontrados por Wiener, afirmando que a antropofagia não era uma prática comum dos seus construtores originais, pois já se haviam achado esqueletos que não tinham ossos partidos e esse espargimento se daria em relação à decomposição das camadas do sítio, (LACERDA, 1885, p. 184). Lacerda, em seus resultados antropométricos, acabou por aproximar biologicamente os crânios estudados – um total de 18 – dos crânios de índios “botocudos”, provavelmente aparentados do tronco Jê no seu famoso artigo sobre “O Homem do Sambaqui” (LACERDA, 1885, p. 292). Sua postulação sobre a unidade morfológica do grupo sambaqueiro a grupos ceramistas do interior continuou a ser reforçada através dos anos vindouros da pesquisa através de diferentes metodologias (MELLO; ALVIM, 1978; MELLO; ALVIM; MELLO FILHO, 1965; MELLO; ALVIM; SEYFERTH, 1971). Essa proposição foi questionada por Okumura, que em suas

⁴ Peter Wilhelm Lund era um botânico dinamarquês que veio para o Brasil em 1834 e encontrou esqueletos que advogavam a existência do homem na América desde épocas pleistocênicas. O criacionismo era a teoria mais forte do período, contudo, e Lund desistiu da pesquisa, (Prous, 1992, p. 6-7).

séries de caracteres métricos e não métricos descobriu um “desenvolvimento relativamente independente [entre os grupos]” (OKUMURA, 2008, p. 156).

A década de 1960 assistiria uma renovação nas abordagens bioantropológicas dos esqueletos dos sambaquis com o estudo aprofundado de suas arcadas dentárias – é lícito notar que a pesquisa, em termos gerais, ainda continuava se especializando nos crânios e não nos contextos arqueológicos. O desgaste dentário identificado por Salles Cunha se tornou um marcador para a definição de populações sambaquieiras (ARAÚJO, 1970; OKUMURA, 2008; SALLES CUNHA, 1963). Já as pesquisas paleopatológicas surgiram na década de 1980 e trariam um pouco mais de contexto arqueológico envolvido ao nos dizer sobre as doenças que afligiam esses povos; anemia (MACHADO, 1984; MELLO; ALVIM; GOMES, 1989), reumatoses e desgaste ósseo (SCHEELI-YBERT et al, 2006) e perda de dentes com reabsorção alveolar (ARAÚJO, 1970) seriam as principais moléstias – a partir delas se esclareceu que os grupos costeiros teriam uma alimentação nutricionalmente deficitária que poderia ser associada ao consumo de moluscos e peixes principalmente (MELLO; ALVIM; GOMES, 1989).

Durante o período do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas⁵ (1969-1974) os sambaquis foram igualmente objeto de pesquisa. Baseado na classificação do registro arqueológico em divisões técnico-tipológicas chamadas de Tradições e Fases, o objetivo imediato de suas pesquisas não foram os rituais mortuários sambaquieiros. Infelizmente, os sepultamentos exumados em sambaquis foram noticiados de forma bastante superficial, limitando-se a informações gerais sobre tipo de deposição e acompanhamento mortuário e, salvo em raros casos, não individualizadas (RAUTH, 1967, 1969a, 1969b, 1971). José Wilson Rauth realizou breves comparações entre os sepultamentos de sambaquis do litoral do Paraná (RAUTH, 1974a) sem, contudo, aferir qualquer conclusão a respeito das diferenças descobertas entre os indivíduos inumados.

Um grande estudo publicado em 1988 por Walter Neves sobre o grupamento genético do homem do sambaqui em bolsões regionais é bastante importante. Na sua “Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil” Neves aborda

⁵ Projeto de pesquisas financiado pelo Smithsonian Institution, chefiado por Betty Meggers e Clifford Evans; ajudou a fomentar a arqueologia no Brasil e formou a primeira leva de arqueólogos segundo moldes teóricos histórico-culturalistas. O PRONAPA influenciaria profundamente as gerações futuras de arqueólogos do país.

vinte e nove sambaquis dos Estados do Paraná e Santa Catarina. Amostras esqueléticas de sítios que consideramos como concheiros também foram agrupadas aos dados. Se baseando em diversos tipos de análise multivariável estatística e em caracteres métricos e não métricos do esqueleto humano, Neves foi capaz de distinguir pacotes genéticos com diferentes níveis de aproximação entre si para as populações da costa. Os sítios do Estado do Paraná e do Norte de Santa Catarina apresentaram um grande grau de similitude. Os sítios do litoral central de Santa Catarina, já são bastante diferentes; e as amostras do litoral sul de Santa Catarina parecem-se mais como grande bolsão norte, se comparado às amostras do litoral central. Ele também propôs o argumento da uxorilocalidade dos sambaquis – ou seja, os homens se mudavam de suas aldeias natais para as aldeias de suas esposas depois de contrair matrimônio (NEVES, 1988). É o primeiro vislumbre das relações de afinidade dos grupos sambaquieiros e sobre como seriam suas relações com grupos do interior.

O início da última década do segundo milênio depois de Cristo traria novas perspectivas sobre os sepultamentos em sambaquis – finalmente, os contextos funerários viriam à tona com o surgimento de trabalhos voltados para o tema. Contudo, as abordagens bioarqueológicas continuariam a ser exploradas e aferidas nestes estudos posteriores, de tônica essencialmente arqueológica.

Em 1992, André Prous publicaria o famoso “Arqueologia Brasileira”; manual essencial da arqueologia nacional. Seu capítulo sobre sambaquis é extenso e bastante informativo – sua análise e arrolagem de dados para os sepultamentos destes sítios ainda é a mais completa e disponível. Ali ele trata de questões interessantes: avaliando 21 sítios, ele descarta a possibilidade de sambaquis terem sido especificamente cemitérios pois foram encontrados sepultamentos em todos eles, ainda que o número de ossos seja diferente⁶. Ele também atesta que existe uma grande predominância do tratamento primário em relação a indivíduos sepultados de modo secundário. É o primeiro a considerar a questão dos gêneros biológicos e das faixas etárias, salientando que suas amostras não apresentavam grandes diferenciações rituais de uma para outra; mas, posteriormente, afirma que podem existir diferenças de status entre as pessoas, se a população exumada

⁶ “Todos os sambaquis onde foram efetuadas sondagens modestas continham esqueletos humanos, o que mostra que jamais existiram sítios totalmente especializados como cemitérios ou como habitação. No entanto, há variação no número de ossos”, (PROUS, 1992, p. 216).

representar uma amostra relevante em relação ao seu total absoluto. Ao analisar as práticas de enterramento fletido e estendido, considerou que o fletido era característico de muitos sítios catarinenses, enquanto o sepultamento estendido era típico de sambaquis paranaenses. Sobre a variação temporal do uso de uma prática para outra, ele supõe que esta tenha sido modificada várias vezes ao longo dos anos. Ele também percebeu a particularidade das fogueiras junto aos sepultamentos, mais comuns aos sítios do Paraná, o uso típico de mobília funerária em muitos sítios e a deposição irregular de ocre junto aos corpos. Por fim, dentre outras informações úteis, ele cita o sepultamento de Tiburtius que foi exumado com três zoólitos, sem aferir tentativamente seu *status* social (PROUS, 1992, p. 216-223). Em termos de análise, ainda que com um caráter predominantemente informativo, Prous postula algumas questões úteis que serão aproveitadas ao longo de nossa pesquisa.

Seguindo a linha de estudos morfológicos de Walter Neves, Maria Okumura reanalisa as mesmas séries de amostras de seu orientador e vai além ao comparar esqueletos do interior com os da costa, os da costa sudeste com a costa sul; e, por fim, os do litoral meridional entre si. Seus resultados, obtidos através das estatísticas geradas pela mensuração de caracteres métricos e não métricos ajudou a derrubar algumas hipóteses e reforçar outras. Os resultados das amostras de séries litorâneas e interioranas demonstraram que não, os grupos sambaqueiros não são aparentados aos grupos do interior, como se havia pensado por mais de cem anos (já explicitado acima). Já as análises restantes afirmam que há um bolsão morfológico setentrional (representado pelos sítios do RJ e de SP), e outro meridional (SC e PR); sendo que “as séries paranaenses parecem transitar entre esses dois grupos, ora associando-se ao litoral meridional, ora ao litoral setentrional” (OKUMURA, 2008, p. 278). Deste modo, como sugerido por Schmitz, “a dispersão dos grupos ocorreria entre o norte do Paraná e o sul de São Paulo, sendo um eixo direcionado a norte e outro a sul desse limite” (SCHMITZ, 1981, p. 279).

O trabalho de Okumura, portanto, vai além dos limites propostos pelas proposições de Neves e ajuda a reconstruirmos o modelo de ocupação da costa por esses grupos. Infelizmente, faltam contextos temporais para que se pudesse situar de forma mais adequada as amostras analisadas dentro de um desenrolar desta ocupação. Não obstante, Okumura ajuda a reescrever e a repensar o modelo de “regionalismos sambaqueiros” proposto por Prous em uma nova escala onde se

projeta a formação desses núcleos culturais. O que nos resta entender é como e quando eles se formaram e como influenciaram uns aos outros.

O estudo das práticas funerárias também sugere respostas sobre as relações de gênero entre os diferentes povos. Nos sambaquis, essa proposta surgiu primeiramente nos sambaquis do Rio de Janeiro (ESCÓRCIO; GASPAR, 2005; GASPAR; HEILBORN; ESCÓRCIO, 2011), sendo ainda inexplorada nos sítios meridionais e, de modo geral, na própria arqueologia brasileira como um todo. Nos sítios cariocas foi constatado – a partir de uma análise baseada em quantificações de mobílias funerárias presentes junto a corpos com gênero biológico feminino e masculino – que as fronteiras de gênero na região eram plásticas e que havia diferentes conjecturas que poderiam estar por trás dessas alternâncias; em suma, as autoras salientaram que é necessário estudar outros tipos de relações sociais através da cultura material para que se possa estabelecer com mais segurança as possíveis distinções presentes na diferenciação de gêneros biológicos (GASPAR; HELBORN; ESCÓRCIO, 2011, p. 25-26).

Outro estudo encontrado que trata os povos sambaquieiros a partir de suas práticas funerárias de modo mais aprofundado é o artigo de Gaspar et al. (2007), que compara os tratamentos mortuários dos sambaquieiros do Rio de Janeiro com os grupos etnografados Goitacás (Jês) e Tupinambás (Tupis), que também ocuparam o mesmo espaço do litoral. Para os autores, os grupos sambaquieiros do litoral carioca tinham como principal característica cultural o tratamento funerário e por ventura disto, procuravam erigir estruturas que preservassem o cadáver para que o culto aos mortos pudesse ser efetivado:

Conforme Gaspar (2004: 165), o cerne da sociedade sambaquieira parece ter sido garantir a preservação dos corpos, perspectiva que muito bem se coaduna em uma rotina social cujos mortos têm importância fundamental. Para os mortos foi criado local especial que se destaca na paisagem e se distingue de todos os outros. Um grupo que usufruía estabilidade territorial certamente contava com um conhecimento profundo sobre o ambiente e os processos naturais com ele relacionados. Os pescadores-coletores tiveram interesse e tempo suficiente para observar e desenvolver conhecimento sistemático sobre a decomposição de corpos, sejam eles humanos ou não, já que este aspecto da morte parece ter sido tema de interesse para esta sociedade. Escolheram, para construir o local de destino dos mortos, material que assegurasse a preservação de seus esqueletos. Com o acúmulo de conchas, criaram uma interferência no ambiente que neutralizou a acidez típica do solo brasileiro. Caso os sambaquieiros tivessem escolhido construir os cemitérios com material proveniente exclusivamente do próprio solo nada restaria dos corpos. (GASPAR et al., 2007, p. 177).

Embora a ideia de um cemitério corporativo seja interessante e conte com nosso apoio; não acreditamos que o objetivo do cemitério de conchas tenha sido o mero preservar dos cadáveres. O sepultamento secundário era raramente praticado pelos povos sambaquieiros de ambos litorais meridionais e setentrionais – não havia um retorno a estas tumbas. Qual o ponto de preservar um cadáver se ele continua escondido nas conchas? Como trataremos mais adiante, acreditamos que o ato de sepultar um indivíduo ia além do simples tratamento para com o corpo; ia de encontros com interesses humanos, para um tratamento com os vivos. Os autores ainda sugerem, baseados em estudos anteriores, um sistema social organizado a nível familiar ou a grupos de afinidade dada a distribuição de acompanhamentos funerários restrita a uma minoria de indivíduos. As conclusões, retiradas a partir da análise de um único sítio – o sambaquido Corondó (MACHADO, 1984) –, também apresentam a teoria de que as mulheres teriam sido “mais valorizadas” ao longo do tempo; pois passaram a receber adornos corporais (MACHADO, 1984, p. 178-179).

Estudos realizados na proximidade da Lagoa do Camacho, em Santa Catarina, no monumental sambaqui de Jabuticabeira, ajudaram a fomentar uma nova ideia sobre o uso, e, principalmente, a construção dos sambaquis como cemitérios e arenas de movimentação social.

O sambaqui de Jabuticabeira se tornou famoso dentro da pesquisa em sambaquis pelo alto número de sepultamentos e pela estimativa de inumações que atingiriam a impressionante cifra de mais de 40000 indivíduos entre as camadas do sítio (FISH et al, 2000, p. 84). O mesmo estudo postula a hipótese do sambaqui representar um cemitério corporativo de vários grupos da região, uma ideia já proposta por estudos mortuários nas décadas anteriores (PARKER PEARSON, 2003). A diferença é que agora os sambaquieiros não apenas acumulavam os restos de suas alimentações, mas sim, erigiam cemitérios.

Cada paleosuperfície que recobre os vários estágios de construção deste sambaqui representam um período de tempo durante qual um certo número de pessoas morreram e foram enterradas. Pessoas que morreram em outras localidades, em um intervalo específico, podem ter sido trazidas para Jabuticabeira II e enterradas coletiva ou individualmente, de acordo com esquemas rituais pré-estabelecidos. [...] Assim que uma determinada superfície do sambaqui e o respectivo estágio de construção satisfizessem certos critérios para o encerramento de um ciclo de atividades mortuárias, iniciava-se um novo episódio de construção. Mais uma vez, estas decisões parecem estar relacionadas ao próprio ritual funerário (FISH et al., 2000, p. 78-79).

O documento também informa um pouco sobre a sociedade sambaqueira vista através do ritual funerário; examinando (com método não precisado) “mais de 50 enterramentos”, o grupo de autores não logrou encontrar evidências de diferenciação social – muito embora tenha salientado que um zoólito era originário do sítio e que “essas efígies elaboradas eram reservadas a muito poucos indivíduos” (FISH et al. 2000, p. 86). Aprofundando o paradigma,

Ostentação e generosidade no ritual funerário, especialmente em festins, pode ter sido uma arena adicional na qual as relações de poder eram negociadas e a posição social era realçada por indivíduos importantes ou proeminentes, por aparentados ou outros grupos sociais (FISH et al., 2000, p. 85-86).

Deve-se salientar que o número de sepultamentos analisados sob uma ótica mais antropológica é percentualmente irrelevante dada a estimativa calculada de pessoas sepultadas e que a cultura material encontrada (ou ausente) associada aos restos humanos dificulta as assertivas de que os funerais eram de fato arenas sociais – a única condição que aponta para esta direção é justamente a caracterização do sítio como um cemitério, construído dentro de uma “forte afirmação de direitos territoriais compartilhados e afiliação” (FISH et al., 2000, p. 86, sendo que cemitérios reúnem naturalmente estes traços; já se tratam de palcos representativos de relações sociais. Escapa aos autores do artigo que a construção de cemitérios que acrescentam ao quadro natural da paisagem poderia ter sido uma prática importada para, ou criada na região da Lagoa do Camacho – existem outros sambaquis com feições similares, ainda que menores ou menos utilizados ao longo do tempo, nos estados de Santa Catarina (Cabeçuda, Morro do Ouro) e Paraná (Guaraguaçu).

As pesquisas realizadas no Jabuticabeira II produziram trabalhos aprofundados na formação do registro estratigráfico – como Villagran (2010) – e a tese de Daniela Klokler (2008), “Food for Body and Soul: mortuary ritual in shellmounds”, que especificamente trata sobre o ritual funerário do sambaqui como processo construtivo – baseado e planejado em banquetes funerários e seus restos. Após analisar as fogueiras associadas aos sepultamentos, contabilizar os ossos e as espécies pescadas e ritualmente consumidas, Klokler sugere que através dos funerais (estudados a partir de seus níveis estratigráficos, que são mostrados no

estudo como a representação de “grupos de afinidade”⁷, totalizando 12 grupos), praticados por mais de 1000 anos no sambaqui, o tipo essencial de ritual funerário era fundamentado em banquetes funerários. As proposições sobre a territorialidade e o uso do cemitério como arena social são reforçados, mas tampouco aprofundados (KLOKLER, 2008, p. 278-284).

O aspecto da regionalização dos sambaquis é um tema proposto desde que o debate sobre sua antropocidade deu-se por resolvido. Esta temática, porém, ao considerar forçosamente os sepultamentos como um dos fatores a ser elencado como argumento, se viu limitada pelo nível descritivo dos contextos funerários nas pesquisas anteriores – o mesmo problema que aflige este documento.

O recente artigo de Maria Tenório (2004) trata superficialmente – mantendo o tom – dos sepultamentos como indicadores que auxiliam a determinação de uma “cultura sambaqueira” e de sua respectiva regionalização. A regionalização dos sítios é esboçada via tabelas de presença-ausência, construídas a partir de uma tipologia artefactual baseada na matéria-prima dos objetos. Se utilizando da proposição de que sambaquis são cemitérios paisagisticamente salientados – emprestada de Gaspar (1991) – e de que a divisão intestina da cultura sambaqueira é representada por várias “subetnias” – atuantes sob o termo de “fatores de etnicidade”⁸ – consultado em Hodder (1982), ela atesta para

[...] uma cultura material com muitos elementos recorrentes, mas também com diferenciações notáveis de difícil sistematização, já que o intenso contato e os elementos de etnicidade criados artificialmente atenuaram os contornos necessários à delimitação das unidades culturais. Nesse contexto, parte-se do pressuposto de que uma estratégia eficaz na caracterização dos grupos envolvidos no povoamento de determinadas áreas é a identificação e utilização de elementos criados para reforçar identidade e que podem ser percebidos em contextos rituais, como no caso dos enterramentos[...] (TENÓRIO, 2004, p. 176, grifo nosso).

Analisando de modo geral, podemos perceber que há um certo nível de renovação e sugestão de análises com premissas mais arqueológicas e antropológicas; que são dificultadas pelo nível descritivo inadequado que caracterizou a maior parte da (praticamente ausente) literatura funerária dos sambaquis. Curiosamente, também é possível perceber a presença dos

⁷ Expressão cunhada por Madu Gaspar. Se refere a “societal units of the fishing-based communities of sambaqui-builders negotiated through kinship, political, economic, or other social ties”, (KLOKLER, 2008, p. 280).

⁸ “Entende-se por fatores de etnicidade o conjunto de elementos de função diferenciadora criados artificialmente para manutenção de territórios e de identidade social” (TENÓRIO, 2004, p. 176).

sepultamentos – sua importância é latente em todos os momentos da história da pesquisa em sambaquis. É chegado o momento de explorar as possibilidades que um estudo aprofundado nesta temática é capaz de desvelar; os questionamentos e as aferições que pode propor, e tratá-los em definitivo como um campo santo, curioso e potencialmente fértil de sugestões para a compreensão deste vago capítulo da história do nosso país.

4 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS DAS FONTES PRIMÁRIAS

A maior parte das fontes consultadas que possuem os requisitos necessários para nossa proposta foi produzida durante as décadas entre 1950-1974. Este momento foi marcado pela presença de arqueólogos estrangeiros que auxiliaram e orientaram a formação de um grupo de pesquisadores nacionais sob os moldes fundamentados lá fora. Por exemplo, Wilson Rauth, que responde pela maior parte das contribuições paranaenses do período e desta pesquisa, foi aluno de Wesley Hurt (Estado Unidos), do casal Emperaire (França) e de Betty e Clifford Evans (Estados Unidos). O único autor consultado que não parece ter sido fruto dessa conjuntura foi Guilherme Tiburtius – o que o classificaria como arqueólogo amador, não obstante fosse o mais detalhista e informativo dos autores aqui úteis a nossos objetivos. O casal Evans foi particularmente mais importante neste período por ter fundado o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas junto aos seus alunos brasileiros, o que representaria um capítulo importante da arqueologia nacional.

O PRONAPA se utilizou dos conceitos de “cultura arqueológica”, “fase” e “tradição” para analisar a cultura material brasileira – porém, para compreendermos estes conceitos, é necessária uma recapitulação dos preceitos básicos da corrente teórica ao qual estão imbricados: o histórico culturalismo.

Durante a segunda metade do século XIX a quantidade de achados arqueológicos antigos fomentou a criação de novos museus – assim como as dúvidas sobre a origem do tempo e espaço dessas constantes descobertas fomentou um nível maior de estudo sobre eles. Isso incentivou a criação de cátedras em arqueologia nas universidades europeias do período e a atividade intelectual da disciplina mudou sua orientação dos megalitos para os artefatos, mergulhando nas particularidades tipológicas (TRIGGER, 1989, p.151). Se tornava necessária uma classificação mais apurada e detalhada do que o Sistema de Três Épocas⁹ previa – estas pesquisas estavam aliadas às crescentes políticas expansionistas dos países europeus que desejavam justificar sua história e objetivos nacionalistas associando-os a seus antigos “antecessores” representados na cultura (e no espaço) material.

⁹ Criado por Thomsen, dividia os achados arqueológicos através de três “etapas”: Idade da Pedra Lascada; artefatos mais antigos, Idade da Pedra Polida; artefatos medianamente antigos, e, Idade do Bronze; artefatos mais recentes. Esse postulado seria a base para o Evolucionismo Cultural, corrente teórica vigente na época do surgimento do Histórico Culturalismo.

O difusionismo foi a principal explicação para interpretar essas dimensões da cultura material – o argumento previa que a tecnologia era transmitida de uma população para outra, externalizando o fator de mudança social. Assim, quando uma nova tecnologia era redescoberta em determinada região, se associava sua presença a grupos alheios; era impossível que a localidade “colonizada” pudesse possuir qualquer nível de inovação interior.

Esta teoria foi bastante útil a Gustav Kossinna. Arqueólogo alemão, em 1921, em seu livro *Die Herkunft der Germanen*, Kossinna

[...] proposed that from Upper Palaeolithic times onward the archaeological record of Central Europe could be organized as a mosaic of cultures (*Kulturen* or *Kultur-gruppe*), the location and contents of which altered over time. On the basis of his belief that cultures are inevitably a reflection of ethnicity, he argued that similarities and differences in material culture correlate with similarities and differences in ethnicity (TRIGGER, 1989, p. 164-165).

Deste modo, ele fundou os princípios da chamada *Siedlungarchaeologie*, afirmando que, onde a cultura material de determinada etnia foi encontrada, ali ela provavelmente habitou. Como o difusionismo previa o deslocamento de tecnologia e de pessoas (carga genética), a Cultura – agora como um conceito – assim transmitida “enfraquecia” conforme ia se “miscigenando”. Assim, os antigos povos germânicos (ou “Etnia Germânica”) se dividiam em Lombardos, Vândalos e Burgúndios conforme os achados avançavam em similitude técnico-tipológica no espaço europeu. Vale lembrar que Kossinna também associou a essas terminologias a raças humanas e era entusiasta das políticas discriminatórias do Partido Nazista alemão, muito embora sua contribuição em termos teóricos tenha iniciado um novo discurso em prol de uma arqueologia mais histórica e menos bio-evolutiva, efetivamente histórico-culturalista.

Embora as ideias de Kossinna tenham sido revolucionárias no momento de sua proposição, a temática racista embutida desencorajou uma aplicação mais difundida no cenário arqueológico europeu da época. Apenas em 1925 que as ideias de Kossinna seriam adaptadas e expandidas dentro da obra *Dawn of European Civilization*. Expurgando as noções racistas de Kossinna, mas adotando seu conceito de Cultura como determinados artefatos similares que ocorrem em contextos recorrentes e pertencentes a um grupo social, Vere Gordon Childe determinou que

Certain types of remains – pots, implements, ornaments, burial rites, house forms – constantly recurring together [...] had to be delineated individually in terms of constituent artifacts and that cultures could not be defined simply by subdividing the ages or epochs of the evolutionary archaeologists either spatially or temporally. Instead the duration and geographical limits of each culture had to be established empirically and individual cultures aligned chronologically by means of stratigraphy, seriations and synchronisms (TRIGGER, 1989, p. 170).

...criando assim, a noção de “cultura arqueológica”, que seria de modo definitivo o lançamento de um novo capítulo na história da disciplina.

Antes da implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, alguns arqueólogos estrangeiros já haviam vindo ao Brasil, ministrando cursos e realizado pesquisas de campo. Wesley Hurt¹⁰ (por volta de 1958-1959) (HURT; BLASI, 1960), o casal Emperaire¹¹ (1960-1962) (EMPERAIRE; LAMING, 1954) e Clifford e Betty Meggers¹²(1964-1971) (NETO; DIAS JR, 2014) realizaram cursos e pesquisas no Brasil e na América Latina, trazendo a influência histórico-culturalista, já estabelecida na arqueologia, para o Brasil, que basicamente carecia de qualquer discussão teórica anterior. Entre os alunos destes cursos e sítios-escola estão Wilson Rauth, Oldemar Blasi, Maria José Menezes e Margarida Davina Andreatta, autores consultados aqui.

De particular influência, o PRONAPA estabelecia uma rígida metodologia de campo que visava,

Coletar “populações de artefatos culturais” através da abordagem em termos de prospecções de superfície e subsuperfície. Tais populações seriam prospecionadas e coletadas em procedimento de escavação por meio de níveis artificiais de 10 em 10 cm; analisadas em laboratório pela metodologia corrente em todo o mundo, mas cujos dados resultantes, estes sim, seriam submetidos às técnicas interpretativas propostas pelo método Ford. (NETO; DIAS JR, 2014, p. 4).

A necessidade premente era compor um quadro arqueológico brasileiro amplo, voltado para o interior, já que a tradição nacional eram as pesquisas em sambaquis (EVANS, 1965, p.9). O objetivo, tão necessário àquele momento, era desbravar e (re)descobrir a cultura material das pessoas que haviam vivido neste território há tempos passados. Para seguir analisando as “populações” de artefatos culturais, foi utilizada a técnica de seriação arqueológica; o método Ford. O método consiste em uma investigação técnico-tipológica aprofundada que considera todos

¹⁰ Wesley Hurt, estadunidense (1915-1997)

¹¹ Joseph Emperaire (1901-1962), francês e Annette Laming-Emperaire (1917-1977), russa.

¹² Clifford Evans (1920-1981) e Betty Meggers (1921-2012), estadunidenses.

os atributos materiais apresentados pela cultura material estudada. O tipo de artefato preferido para a seriação e incentivado para coleta em grandes quantidades era a cerâmica, dada sua abundância nos sítios arqueológicos da América, em geral (MEGGERS; EVANS, 1970, p.5-7). Depois de contabilizada e classificada de acordo com seu tratamento plástico, forma do gargalo, base e pescoço, tipo de pasta, etc; deveriam ser delimitadas as “fases” arqueológicas. Estas correspondiam, de forma adaptada em nível minimizado, à noção de “cultura arqueológica”, mas sem se referir a sociedades específicas e sendo delimitado apenas por seus caracteres técnico-tipológicos.

[...] o complexo cerâmico é uma dentre várias categorias de artefatos. Junto com um complexo lítico, complexos de outros objetos materiais, arquitetura, elementos socio-políticos e religiosos, e outras espécies de traços, formam um complexo cultural, cultura pré-histórica ou “fase” arqueológica. O último termo tem sido preferido porque está livre de conotações etnográficas. Apesar de não estar bem claro que espécies de unidades culturais estão refletidas em entidades arqueológicas distintas, há evidência que nem sempre correspondem a tribos, grupos linguísticos ou ou outras espécies de categorias etnográficas bem conhecidas. O termo “fase” permite referência a entidades arqueologicamente reconhecíveis, sem implicar em nenhuma significação tribal ou linguística (MEGGERS; EVANS, 1970, p. 87).

Assim, nota-se um viés bastante seletista do que um sítio arqueológico e a cultura material de fato representam para a história. Embora seriações tenham sido realizadas a partir de outros tipos de artefatos, como pontas de flechas (MILLER, 1969) o estudo se limitava em compreender as manobras e estratégias do artesão – mas jamais o artesão em si, enquanto membro de uma sociedade. Daí se infere a pouca importância que os sepultamentos tinham durante a produção científica do período. Embora com níveis detalhadas de descrição em alguns casos (BECK, 2004; HURT; BLASI, 1960; MENEZES; ANDREATTA, 1974; RAUTH, 1960, 1968), não havia um interesse em analisá-los de forma aprofundada, pois não se podia seriá-los segundo o método Ford. As aferições que deveriam ser realizadas sobre os sepultamentos inevitavelmente adentravam em um campo antropológico que era proibitivo aos arqueólogos pronapianos; como a citação acima ilustra: índios eram objetos de estudo dos antropólogos e parecia importante que essa distinção se mantivesse nesse momento de “definição profissional” da disciplina aqui no Brasil.

Esta definição, contudo, também trouxe algumas benesses. Os sepultamentos, quando garantidas mais algumas páginas para sua descrição, são referidos em detalhes – já citados – porém, são raros exemplos onde isso acontece.

O contraste pode ser avaliado ao se consultar o trabalho de Guilherme Tiburtius¹³, que é o único documento consultado desta pesquisa que possui croquis dos sepultamentos. Guilherme Tiburtius realizou suas escavações antes do estabelecimento do PRONAPA.

¹³ Organizado pelos arqueólogos do Museu do Homem do Sambaqui de Joinville, a partir dos diários de campo de Tiburtius.

5 OBJETIVOS

*Welcome to the kingdom of the dead
Here's your promised reward
Looks on you to close again
The great vagina of the earth*
(Samael – Son of Earth)

Os objetivos que serão perseguidos foram estabelecidos em razão da ausência de estudos similares dentro da temática dos sambaquis. A sua adoção prévia procura explorar e considerar questões básicas sobre estas fontes materiais. Dentro desta pesquisa, eles são norteadores exatamente pela sua essencialidade, sem a qual, propostas e questões mais aprofundadas não podem existir:

- a) Existem padrões funerários para os sepultamentos em sambaquis? Como se desenvolveram ao longo do tempo?
- b) Estes padrões representam práticas específicas de determinados contextos espaço-temporais?
- c) Há diferenciações sociais entre faixas etárias e gêneros biológicos inscritas nos funerais dos sambaquis?
- d) Qual a distribuição e intensidade do uso de pigmento ocre ao longo do tempo?
- e) Até que ponto é possível inferir algum vislumbre sobre o nível de organização social dos sambaquis através dos sepultamentos?
- f) Se existem regionalidades sambaquieiras, a organização dessas formas mortuárias está centrada em alguma localidade?
- g) Essas localidades relacionam-se uma com a outra em seus ritos mortuários? Como?
- h) Os contatos com grupos da serra teriam provocado modificações no tratamento funerário, e, conseqüentemente, social?

O segundo maior objetivo desta pesquisa, contudo, é suprir dados ao volumoso alfarrábio arqueológico sobre sambaquis. Acreditamos que os resultados que serão apresentado focam-se em abrir precedentes e exploram apenas superficialmente as possibilidades de injunções teóricas com outras abordagens sobre sambaquis. De um modo geral, poucos estudos externos serão integrados na

análise final, com nossa atenção dedicada a aqueles que notam diferentes comportamentos para cada região onde se situam sambaquis.

As considerações gerais realizadas por Prous (1992, p. 259-263) sobre as “culturas sambaquieiras” serão avaliadas com os resultados finais deste trabalho, que preza, desde a sua divisão espacial, por uma perspectiva similar. Prous, ainda antes, em 1977 publica um grande trabalho que estuda os caracteres essenciais dos zoólitos, intitulado “Les sculptures zoomorphes du sud Brésilien et de L’Uruguay”, trazendo as primeiras questões e dados para uma regionalização sistemática dos sambaquis e das construções de conchas. Esta dissertação deve muito, metodologicamente, a este estudo. Angela Gomes defendeu uma dissertação de mestrado em 2012, refinando e ampliando os passos tomados por Prous. O capítulo específico sobre contextos funerários de sambaquis com zoólitos é de especial importância para este trabalho, assim como a revitalizada divisão geográfica dos motivos e formas dos zoólitos. Os resultados de ambos esforços serão comparados e debatidos aqui.

Walter Alves Neves, em sua tese de doutorado de 1988, propõe-se a elaborar um extenso estudo morfométrico de esqueletos encontrados em sítios conchíferos do Paraná e Santa Catarina – tanto sambaquis como concheiros com evidências cerâmicas. Seus resultados serão considerados com ressalvas quando analisados frente os dados finais desta dissertação dado que sua seleção de fontes materiais foi a mais ampla possível e excluem qualquer preocupação antropológica *stricto sensu*. Contudo, sua proposição sobre a matrilocidade passou a fazer parte da discussão sobre os sambaquis e os seus resultados necessariamente ecoam dentro deste trabalho que também versa sobre a mesma área de pesquisa.

6 METODOLOGIA

A Metodologia será dividida em duas unidades: Materiais e Métodos. A primeira, Métodos, explica como surgem os conceitos de variável e categoria e como será feita sua análise, conforme os dados foram sendo produzidos. A segunda, Materiais, corresponde a uma breve apresentação dos sambaquis selecionados para análise e uma descrição dos sítios escolhidos – assim como de seus conteúdos – para este trabalho

6.1 Categorias

Categoria se refere a traços que não são de origem cultural. No presente caso, existem dois tipos de categorias: faixas etárias, que correspondem à idade do indivíduo a época de sua morte; e gênero biológico, que indica a portabilidade de pênis ou vagina de determinado indivíduo. Os estudos antropológicos e arqueológicos da morte muitas vezes percebem uma modificação no comportamento funerário de acordo com as faixas etárias e gêneros biológicos dos falecidos (PARKER PEARSON, 1999; WOODBURN, 1982; BROWN, 1981). Assim, torna-se necessário compilar e organizar estas informações para que possam ser associadas com as variáveis, na tentativa de se sumarizar um programa mortuário para cada uma delas.

6.1.1 FAIXAS ETÁRIAS

Há muitos roteiros para se acessar a idade estimada de um esqueleto na época de sua morte. Estuda-se a dentição e define-se o sexo biológico; a partir das referências coletadas, a confirmação é realizada com caracteres morfológicos de ossos longos, bacia e crânio (UBELAKER, 1978, p. 63).

A dentição é adotada para a classificação etária de indivíduos com base em cartas-modelo de eclosão dentária (crescimento) e de desgaste dentário (BROTHWELL, 1963, p.112; AUFDERHEIDE; RODRIGUES-MARTIN, 1998, p.399). Porém, no caso dos sambaquis, o desgaste dentário das populações é acelerado e frequentemente grave, devido ao contato constante das pessoas com a areia da praia (SALLES CUNHA, 1963, p. 75-76; ARAÚJO, 1970), e isso leva a outros fatores

a serem considerados dentro do estudo¹⁴. Ainda não existem cartas-modelo de desgaste dentário para a população sambaqueira¹⁵, o que significa que, apesar da tradição dos estudos físico-anropológicos em sambaquis (CASTRO FARIA, 1952), ainda existem informações importantes a serem coletadas.

Os ossos também podem ser consultados para estimar a idade de um indivíduo (UBELAKER, 1978, p. 63-65).

Também deve ser salientado que apenas excepcionalmente os autores comentam sobre que método utilizaram na classificação etária dos casos e, quando o mesmo acontece, nunca se referem a alguma bibliografia. Supõe-se que a quantidade limitada de resultados – quase sempre somando menos da metade do total de cada sítio – se deva a dois fatores: utilização de metodologias ineficazes, insuficientes ou ultrapassadas; e estado de conservação dos esqueletos e da arcada dentária. De forma igual, os resultados são divididos, geralmente, em classificações etárias como: “Infante”, “Jovem”, “Adolescente”, “Adulto”, “Idoso”, e assim por diante. Contudo, tais partições nunca são utilizadas em nenhum tipo de análise posterior, e, portanto, são inúteis do ponto de vista informativo.

Deste modo, julgamos a distinção etária empregada pelas fontes primárias bastante deficiente e necessitamos lidar com essa carência durante a compilação dos dados. Neste trabalho, diante dessa problemática, abolimos quase todas as classificações etárias, a salvo das duas mais essenciais.

Aqui, foram adotadas apenas “Adulto” e “Criança”¹⁶, que são rapidamente distinguíveis pelo tamanho de seus esqueletos e são relatadas à noção antropológica do rito de passagem para a vida adulta (VAN GENNEP, 2011), um traço presente na maioria de todas as sociedades conhecidas. Essa relação é baseada na dualidade entre Adultos/Idosos e Crianças, de um modo geral. Acreditamos que os povos sambaqueiros provavelmente utilizavam essa distinção, e por isso, a aplicaremos pragmaticamente na metodologia desta pesquisa.

¹⁴ Hillson (1996, p. 216) considera três fatores principais: variação de desgaste nas populações estudadas, variação do nível de desgaste ao longo da vida e a variação da idade na qual o dente nasce e começa a sofrer desgaste.

¹⁵ Ou mesmo para grupos indígenas atuais da região Sul do Brasil.

¹⁶ Em maiúsculas apenas neste trecho. Doravante o uso de casos em minúscula se refere aos mesmos conceitos agora apurados.

6.1.2 GÊNEROS BIOLÓGICOS

Se refere à definição sexual biológica do indivíduo. As mesmas críticas sobre o estado de conservação e a metodologia carente utilizada pelas fontes primárias em adulto e criança se aplicam aqui. Do total de 206 indivíduos apenas 15,5% (32) foram efetivamente distinguidos entre este ou aquele gênero biológico. 9 dos 13 sítios avaliados possuem ao menos um indivíduo sexado, mas apenas um sítio (Guaraguaçu) possui mais do que 4 indivíduos sexados. Isto provocará distorções importantes na hora de considerarmos possíveis distinções sociais por parte de gêneros biológicos. Contudo, apesar da baixa representatividade, consideramos necessária a inclusão destas categorias para obtermos alguma possibilidade de inferência quanto ao relacionamento e representação funeral de ambos sexos biológicos. Estes marcadores podem revelar e/ou sugerir importantes considerações sobre as relações sociais associadas a distinção biológica – mesmo quando percentualmente pouco relevantes. Todas as conclusões derivadas do estudo dos gêneros biológicos, portanto, devem ser postas em debate e consideradas quanto ao seu nível de representação amostral.

6.2 Variáveis

A generalização e consideração das práticas funerárias terminou por arrolar as seguintes Variáveis: Cova, Móvel Funerária, Ocre, Estendido, Fletido, Combustão, Adorno, Adulto, Criança, Masculino, Feminino, Múltiplo e Orientação Cardial¹⁷. Elas foram documentadas em presença ou ausência. Alguns comportamentos clássicos do estudo de padrões funerários, como o Decúbito ou o Sepultamento Secundário, serão tratadas no porque de sua exclusão da análise principal. As maiúsculas são utilizadas para especificar a delimitação apenas dentro deste trabalho, ao invés de interpretações literais ou terminologias já elaboradas, abordando os mesmos significados.

Existe também a presença de outras manifestações fúnebres, menos representativas numericamente do que as que elencamos, mas provavelmente vinculadas a estas de um modo que ainda não pudemos apreciar. Decapitações, zoólitos sepultados junto ao corpo, ausência de determinados membros do corpo, dentre outras, são do que se tratam. Infelizmente, não haveria espaço para tratá-las

¹⁷ Ao uso de maiúsculas aqui, as mesmas determinações da nota anterior, de acordo com a explicação em cada tópico subsequente.

em conjunto com as práticas mais representativas, visto que requerem um nível maior de conhecimento do programa funerário e de outros aspectos que a condição arqueológica não permite documentar para serem devidamente avaliados e estudados. Assim, foi-nos impossível dedicar-lhes espaço neste estudo, embora elas permaneçam como sugestões de pesquisa para o futuro. Apresentaremos as Variáveis principais deste trabalho agora:

6.2.1 COVA

Uma Cova, em termos amplos, pode ser caracterizada por qualquer elaboração acima ou abaixo do solo com o intuito de ser o repositório momentâneo ou definitivo do cadáver. Logo, tanto um mausoléu quanto um buraco no solo será interpretado como Cova. Nos sambaquis em geral, a prática se refere muito frequentemente ao segundo caso; embora existam evidências de coberturas sobre as covas como as marcas de estaca no sambaqui de Jaboticabeira II (VILLAGRAN et al., 2010, p. 198). Especificamente nos sambaquis tratados, foi considerada a escavação de uma Cova quando é detectado o rompimento das camadas estratigráficas inferiores ao nível de onde a escavação principiou (contendo restos humanos, naturalmente). O formato e profundidade são noções irrisórias para se detectar uma Cova nesta pesquisa.

Alguns arqueólogos (RAUTH, 1968, p. 31) procuravam a existência de covas, enquanto outros jamais pareceram procurá-las (PIAZZA, 1966, p. 14-16) ou tiveram a oportunidade de observar a evidência (TIBURTIUS; BIGARELLA I., BIGARELLA J., 1954, p. 142-143). Deve-se notar que há a possibilidade de enterramentos sem Cova junto ao sopé de pequenas elevações, de onde o corpo era coberto com conchas. Existem relatos etnográficos que introduzem ao leitor algumas práticas mortuárias onde o cadáver era suspenso, (UBELAKER, 1984, p. 5.).

Algumas Covas foram elaboradas com barro vermelho em alguns sítios desta análise (Ponta das Almas, por exemplo).

6.2.2 MOBÍLIA FUNERÁRIA

Mobília Funerária é a prática mais ampla e comumente associada a sepultamentos em qualquer tipo de estudo relacionado às práticas funerárias. De um modo teórico, tudo o que é colocado de modo intencional dentro da Cova, acompanhando o indivíduo, é Mobília Funerária. Dentro dessa delimitação, a título de exemplo, se enquadram machados, pontas em osso, batedores, canaletas de

arenito, zoólitos, trançados, ossos de animais, restos de festins, artefatos em madeira, e etc. Nos sambaquis, as vezes o morto pode estar acompanhado de “leitos” ou “cobertores” feitos de concha, areia ou demais materiais que se prestem a tal; neste caso, ele pode ser considerado tanto uma Mobília Funerária quanto uma estrutura que faz parte de uma Cova. Nanossa interpretação, cobertores serão tratados como Mobília Funerária por se estenderem sobre o corpo (como uma roupa ou pano) e leitos como Cova, por se estenderem sobre a Cova para abrigar o morto (com um lençol que cobre uma cama). Durante o levantamento de informações, notou-se alguns relatos sobre grandes pedras colocadas junto à Cova (lápides, localização de determinados indivíduos?); tal classificação foi desenvolvida nas Variáveis Menos Numerosas, mais adiante. Há diferenças entre Mobílias Funerárias de Adultos e Crianças; no caso dos Adultos, se referem a ferramentas líticas; no caso das Crianças, a restos de alimentação – sem, contudo, que inexistam exemplos de batedores em sepulturas infantis.

Do ponto de vista da compilação dos dados, as Variáveis não se somam: se um indivíduo com pingente de dente de tubarão (um Adorno) associado a uma camada de ferro (Ocre) não possui mais nenhum acompanhamento, Mobília Funerária não se aplica (sepultamento VI do sambaqui do Gomes) (RAUTH, 1968, p. 88). Já, um indivíduo sepultado com “três zoólitos, três seixos polidos, quatro batedores cilíndricos, oito quebra-cocos, nove dentes serrados de capivara, dez polidores, duas pedras corantes e três ossos apontados de mamíferos” (TIBURTIUS, 1996, p. 82) corresponde a apenas um caso (presença simples) de Mobília Funerária e um caso de Ocre (pelas pedras corantes). É possível que uma espécie de deposição possa constituir mais de uma Variável. No caso do sepultamento número 4 do sambaqui do Guaraguaçu, o esqueleto estava rodeado de fragmentos de ossos de baleia calcinados, sem que seus próprios ossos estivessem queimados (MENEZES; ANDREATA, 1974, p. 7). Neste caso, foi considerada a presença de Mobília Funerária e Combustão.

Mobílias Funerárias são sepultadas junto com o morto; logo, estão depositadas em suas imediações, dentro da Cova. Enquanto alguns pesquisadores descreveram os pormenores especiais da deposição de Mobílias Funerárias em relação ao morto (RAUTH, 1968, p 86), isso não foi feito na maioria das publicações consultadas, e, portanto, a espacialidade das Mobílias Funerárias dentro da Cova, em relação ao cadáver, foi desconsiderada.

Com certeza, Mobília Funerária corresponde à prática delimitada de modo mais generalista o possível. Entretanto, considerar todas as variações possíveis de Mobílias Funerárias dissolveria as semelhanças existentes em níveis menos específicos, macro-perspectivas, de análise. A aplicação da proposição binfordiana de divisão das dimensões sociais da cultura material em caracteres ideológicos, simbólicos e técnicos, por mais prática que seja (BINFORD, 1962, p. 217-220), ainda produziria resultados por demais numerosos para um prosseguimento mais seguro de interpretação; além de ser bastante arbitrária nas questões ideológicas e simbólicas, pois estamos estudando uma população sem registros etnográficos.

Zoólitos e sepultamentos, dada a sua exclusividade e raridade, serão estudados em trabalhos separados deste – dada a complexidade e ausência de informações mais aprofundadas sobre os sepultamentos em sambaquis em geral. Nesta pesquisa, zoólitos são marcados simplesmente como Mobília Funerária presente.

6.2.3 OCRE

O óxido de ferro (FeO , Fe_2O_3 , podendo possuir traços de Manganês)(TIBURTIUS; LEPREVOST, 1952), é um composto natural, geralmente encontrado em blocos nas areias das praias sob a forma de concreções formadas pela umidade da maresia litorânea. As vezes é encontrado em formatos curiosos, em blocos ou cilindros – com orifícios em algumas ocasiões. Se reduzido a pó e misturado à água, produz um pigmento persistente e opaco, avermelhado. Nos sepultamentos em sambaquis, ele costuma aparecer sob duas formas; em nódulos esfregáveis – situados em várias partes dos corpos -, ou aspergido em forma de pó sob o corpo (ou setores dele, como pés ou tórax, por exemplo); ainda pode aparecer em camadas superiores, logo antes do sepultamento apenas e em blocos argilosos. Em nível de aplicação neste trabalho, se for detectado qualquer traço de ocre relacionado à cova (dentro ou fora dela, uma vez que citado pela fonte em relação ao sepultamento), podemos dizer que o Ocre é presente.

O Ocre é costumeiramente associado com sepultamentos em sambaquis (LIMA, 2000; ORSSICH, 1977).

6.2.4 ESTENDIDO

Se refere ao modo de deposição do cadáver na Cova. No caso, os ossos das pernas necessitam estar próximos ao ângulo de 180° um do outro. A posição dos

braços deve ser paralela (mesmo estendidos sobre a cabeça em qualquer ângulo) ou dobrados anatomicamente; próximos ao corpo. Não foi registrado o tipo de Decúbito¹⁸ pois testes preliminares do método revelaram pouca correlação com outras práticas (POMPEU, 2010). Em todos os casos, o esqueleto deve “estar ao comprido”

6.2.5 FLETIDO

Se refere ao modo de deposição do cadáver na Cova. No caso, os ossos das pernas necessitam estar próximos ao ângulo de 120° a até 10° com relação ao eixo da coluna vertebral. Igualmente, a posição do corpo deve possuir uma aparência similar à de um feto humano. Alguns autores (BECK, 2007; MENEZES; ANDREATTA, 1974, RAUTH, 1968), usam a nomenclatura Semi-Fletido que Ubelaker considera como sendo entre 90° e 180° do eixo do corpo (UBELAKER, 1984, p.15). Aqui, a assimilamos dentro da prática Fletido, que entendemos como o ato de flexionar (d)as pernas. Assim, sob um procedimento em prol da objetividade, se as pernas estão fletidas, não estão Estendidas.

6.2.6 COMBUSTÃO

A Combustão esteve presente de muitas formas nos sepultamentos de sambaquis. Às vezes, eram apenas cinzas espalhadas (talvez enquanto ainda acesas?) por sobre o cadáver, ou por sobre uma fina camada de sedimento que o cobria. Mas, também podiam ser fogueiras de área respeitável, acesas por cima de uma breve camada de conchas, quase diretamente sobre o cadáver. Neste caso, os ossos ficam calcinados, mas nunca o suficiente para que estivesse reduzido a pó; efetivamente cremado.

6.2.7 ADORNO

Artefatos confeccionados em osso, concha e pedra, e, salvo em casos excepcionais (Ilha dos Ratos), de pequenas proporções. Possuem uma certa preferência por presas de animais, mas também ocorrendo em conchas de espécies incomuns do litoral e plaquetas de pedra. Nos sambaquis, é mais provável que Adornos sejam encontrados em forma de pingentes ou pequenos colares, mas

¹⁸ Ventral, dorsal e lateral.

existem grandes conjuntos de contas que representam peças altamente elaboradas (Morro do Ouro, Piaçaguera).

6.2.8 MÚLTIPLO

Quando os restos de dois ou mais indivíduos forem descritos partilhando a mesma Cova. Sepultamentos Múltiplos são raros nos sambaquis da análise e embora apareçam significativamente nos sítios (Rio Pinheiros, Congonhas, Ponta das Almas, Morro do Ouro), há muito mais Covas individuais do que coletivas como se verá. Como a informação foi levantada para cada indivíduo, o total final não se refere ao número exato de Covas do sítio em questão.

6.3 Materiais

Os sambaquis elencados para a pesquisa deveriam possuir três características básicas: uma datação radiocarbônica, de preferência realizada sobre carvão; descrição pormenorizada dos sepultamentos que contém; e ausência de evidência cerâmica no nível estratigráfico ao qual pertencem os sepultamentos. Um total final de catorze sítios foi obtida; sendo nove no Paraná e cinco em Santa Catarina. Vamos apresentá-los individualmente, comentando sobre seu potencial informativo dos sepultamentos, uso e validades das datações¹⁹, situação estratigráfica dos sepultamentos e datações e questões gerais relacionadas aos sepultamentos descritos.

Neste capítulo seria ideal promover uma descrição pormenorizada de todos os sepultamentos dos sítios selecionados; com transcrição direto da fonte primária e análise individual detalhada. O alto número de indivíduos, porém, impossibilita o esforço. A maior parte desta obra seria dedicada a tal, e nosso objetivo é justamente ir além das descrições, que já estão disponíveis na bibliografia. Não replicaremos informações de pesquisas já realizadas – este conteúdo deve dar um passo adiante, e não pisar onde já existem pegadas. Talvez, no futuro, esta empresa seja mais plausível, em outro contexto de publicação.

A descrição dos sepultamentos também existe dentro do contexto particular de cada pesquisador. As escavações efetuadas, de onde exumaram-se os indivíduos, obedeceram a metodologias específicas, destinadas a desenvolver focos

¹⁹ Utilizamos as datações com as variáveis mínimas e máximas calculadas, como se verá adiante.

igualmente específicos. Isso influenciou não apenas a maneira como os sepultamentos foram descritos, mas também como foram pensados e pesquisados. Em alguns casos eleitos para pertencerem ao banco de dados, os sepultamentos são retratados em linhas gerais (RAUTH, 1969); enquanto em outros, o foco específico do documento é justamente sobre as ossadas, minimizando-se outros contextos de análise (MENEZES; ANDREATTA, 1974). Os desdobramentos das retóricas utilizadas (e das interpretações alcançadas) para tratar deles podem ser sentidos aqui e serão igualmente detectáveis nos resultados finais a serem revelados. Tanto quanto a observação anterior, pouco ou nada pode se fazer diante do que já foi escrito e pertence a um passado consultável; além, é claro, de equipar-se com esta advertência e bom senso durante as páginas que seguem.

Agora, apresentaremos os sambaquis de modo geral, e daremos foco em especial aos sepultamentos e estratigrafias que ressaltem diferentes ocupações. As datações serão fornecidas em uma tabela ao final da unidade, com todas as informações comumente requeridas no tocante a elas. Alguns documentos acessados fornecem imagens de sepultamentos, a título ilustrativo; assim como infográficos, croquis e tabelas referentes a eles. Estas imagens podem ser observadas nas informações correspondente ao seu sítio.

As regiões foram divididas pelos corpos de água a eles vinculados: a Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá, ao norte do Paraná, possui seis sítios; a Baía de Guaratuba, no sul do Paraná, tem apenas um único sítio; a Baía da Babitonga/Ilha de São Francisco do Sul, no norte de Santa Catarina, com quatro sítios; a Ilha de Florianópolis, no centro de Santa Catarina, com um sítio; e o Litoral Sul de Santa Catarina, com um sítio. O total de sambaquis, portanto, é de treze.

A descrição dos sítios foi dividida em três subtítulos – Estratigrafia, Sepultamentos e Datações. A estratigrafia versa sobre a composição matricial das camadas onde ocorreram sepultamentos e sobre camadas consideradas como períodos de abandono pelos autores responsáveis. O tópico dos Sepultamentos localiza verticalmente nas camadas as exumações, oferece noções gerais sobre eles e se refere às práticas funerárias realizadas no sítio em uma tabela. As Datações são igualmente localizadas na verticalidade dos sítios e apresentadas com

suas variações mínimas e máximas calculadas²⁰. Uma segunda tabela, organizada de modo a respeitar a ordem estratigráfica dos sepultamentos e datações, assim como contabilizar o número de descrições e a população total com as fontes consultadas finaliza a revisão de cada Sambaqui.

6.3.1 SAMBAQUIS DO PARANÁ

Os sambaquis do Paraná são os mais numerosos e mais bem documentados de nossa análise – em um contraste claro com a região norte de Santa Catarina onde a cultura material é mais pujante e os sítios são mais famosos em termos acadêmicos – assim como provavelmente existem/existiram em maior quantidade. Todos os sambaquis do Paraná foram localizados segundo as coordenadas providenciadas por Parellada e Neto (1994).

6.3.1.1 Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá

Para explicarmos como se deu o processo de ocupação do Estado do Paraná, teremos forçosamente que nos ater a estudos que promovem determinantes ecológicos como fatores fundamentais para esse tipo de evento – pois são os únicos já realizados com dito objetivo. Convém salientarmos que esta corrente de relação, predição e interpretação geomorfológica era usual na arqueologia nacional durante as décadas de 1950 em diante. Traçaremos, não obstante, breves e próprias sugestões dentro da perspectiva deste modelo, explorando-o um pouco mais.

A maior parte de nossa informação vem da Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá, visto que sete sítios estão presentes nesta região: Porto Maurício, Gomes, Saquarema, Godo, Guaraguaçu, Macedo e Rio São João²¹. É possível que um dos primeiros sítios a ter sido ocupado no litoral paranaense seja o Sambaqui do Ramal, com uma datação de 5040±90 anos antes do presente²². Outros sambaquis antigos, próximos ao do Ramal são o do Porto Maurício com cerca de 4760±80 anos (RAUTH, 1968) e o do Rio São João, com 4960±110 anos antes do presente (RAUTH, 1974b). José Wilson Rauth é o primeiro arqueólogo a

²⁰ Ao final do capítulo se apresenta uma tabela com as datações convencionais e demais informações existentes sobre cada datação utilizada.

²¹ Este sítio também será referido como São João apenas, sem que representem sambaquis diferentes.

²² Parellada (2006, p. 119) se refere a uma datação de 6540±105 A.P. enquanto LIMA (2000, p. 278), acrescenta outra de 5040±90 A.P. com amostras retiradas de profundidades desconhecidas. Ambas pesquisadoras se basearam em Garcia (1979), que por sua vez confirma a informação de Lima.

tentar questionar as evidências arqueológicas sobre a ocupação da região, a partir de uma perspectiva tecnológica. No seu trabalho sobre o sambaqui do Gomes, explica que suas pesquisas em outros sítios da região o permitiram deduzir que havia dois tipos de comportamentos antrópicos dos sambaquis. Segundo ele, estes dois contextos teriam ocorrido sob a forma de acúmulos conchíferos construídos com; *Ostrea sp.* e *Modiolus sp.*, associados com implementos líticos lascados (uni e bifaciais); e com *Anomalocardia brasiliiana* e implementos líticos polidos. Rauth nota que em alguns sítios, como o sambaqui do Gomes e do Rio São João, por exemplo, ambos contextos estão presentes, divididos estratigraficamente por uma camada de abandono (RAUTH, 1968). Contudo, análises posteriores da presença destes contextos não foram realizadas.

Ao analisarmos as datações mais antigas para os sambaquis da Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá, é possível perceber que os sambaquis mais antigos se situam no fundo interiorano da Baía, para oeste, ou na sua costa mais ao sul. A costa norte tem sua praia interrompida pela elevação súbita das formações montanhosas da Serra do Mar e na região não foram localizados sambaquis tão antigos. É possível que o início desta ocupação cultural, propriamente sambaquiana, tenha se dado a partir do litoral paulista através da navegação de cabotagem; ou contornando os esporões através de praias reveladas quando a Baía de Guaraqueçaba teve seu nível do mar rebaixado; ou por cabotagem intensiva Baía adentro e através do Estreito de Paranaguá, utilizando a Ilha do Mel como ponto estacionário para tal.

O interessante estudo de Wesley Hurt, realizado em 4 sambaquis de Santa Catarina, possui informações úteis para a compreensão do povoamento litorâneo paranaense que se aliam com estas questões geográficas. Hurt comenta que o aumento e recuo dos níveis do mar provoca mudanças na disponibilidade de fauna e flora relacionada aos sítios sambaquieiros. Os moluscos, elemento essencial da cultura e subsistência desta cultura, floresceriam mais intensamente durante certos momentos onde estuários rochosos seriam banhados por águas mais calmas do que as onde a maré bate mais continuamente, de mar aberto. As temperaturas teriam um efeito importante sobre o crescimento dos bancos de moluscos, visto que as espécies *Modiolus* e *Anomalocardia* preferem as águas mais quentes, com baixa movimentação marítima. As *Ostrea*, por sua vez, surgiriam em contextos salobros, ou seja, mangues surgidos do recesso marítimo, com baixo nível do mar e ausência

de maré (HURT, 1974, p. 8-9). Esta foi uma das estratégias encontradas por Rauth e Hurt para datar relativamente os sambaquis da Baía de Guaraqueçaba.

Depois, em um artigo com dados sobre os níveis do mar, Hurt gera 5 Períodos onde analisa a influência dos movimentos marítimos que tem especial interesse para nós, pois cita as publicações e escavações de Rauth da década de 1960 (RAUTH, 1960, 1968, 1969, HURT, 1974).

O Período I cobre um espaço de tempo de 18000 a 5800 anos antes do presente, nos quais os níveis do mar estariam cerca de 12 metros abaixo do nível atual, ao menos no Estado de Santa Catarina. Hurt, ao comentar Rauth, cita os sambaquis do Porto Maurício, São João e Godo, enquadrando-os no momento final do Período I, a partir de datações termoluminescentes obtidas de amostras conchíferas do sambaqui do Porto Maurício²³ (HURT, 1974, p. 17). A costa norte da Baía, se foi ocupada, provavelmente o foi durante este Período, mas o aumento e recuo dos níveis do mar nos Períodos posteriores, aliado aos movimentos intestinos da maré, deve ter destruído qualquer evidência de um contorno dos esporões da Serra do Mar por grupos sambaquieiros. A discussão revisiva dos níveis do mar proposta por Garcia considera a antiguidade dos sítios com ressalvas, pois novas curvas de nível do mar, geradas após os estudos de Rauth, atentam para a possibilidade destes sítios estarem abaixo do mar na época de sua datação (GARCIA, 1979, p. 10).

O Período II (5800-4800 anos antes do presente) é o chamado Ótimo Climático, onde as temperaturas sobem e o nível do mar se elevam a 2,5 metros acima do nível do mar atual, ampliando a área da Baía de Guaraqueçaba²⁴ e incentivando o desenvolvimento de fauna e flora marinha e terrestre (HURT, 1974). Neste Período, a construção dos sítios do Gomes e Godo é iniciada e é bastante plausível que mais sítios tenham sido construídos no mesmo momento – infelizmente as datações de sambaquis para o Estado do Paraná são muito escassas, mas durante a mesma época, começam a surgir vários sítios no litoral norte do Estado de Santa Catarina. Alguns sítios da Baía de Guaraqueçaba

²³Em Rauth (1974 p. 104, fig. 9), existe um quadro sinótico comparativo entre as datações de 10 sítios estudados pelo PRONAPA, incluindo o Sambaqui de Porto Mauricio. Segundo a fonte, duas amostras dataram 2590 ± 90 a. C. e 2810 ± 80 a. C. sem sabermos de qual profundidade foram extraídas. Parellada (2006, p. 119) e Lima (2000, p. 278), concordam com a datação de 6030±130 A.P. oriunda de profundidade ignorada – Prous (1992), a trata como dúvida.

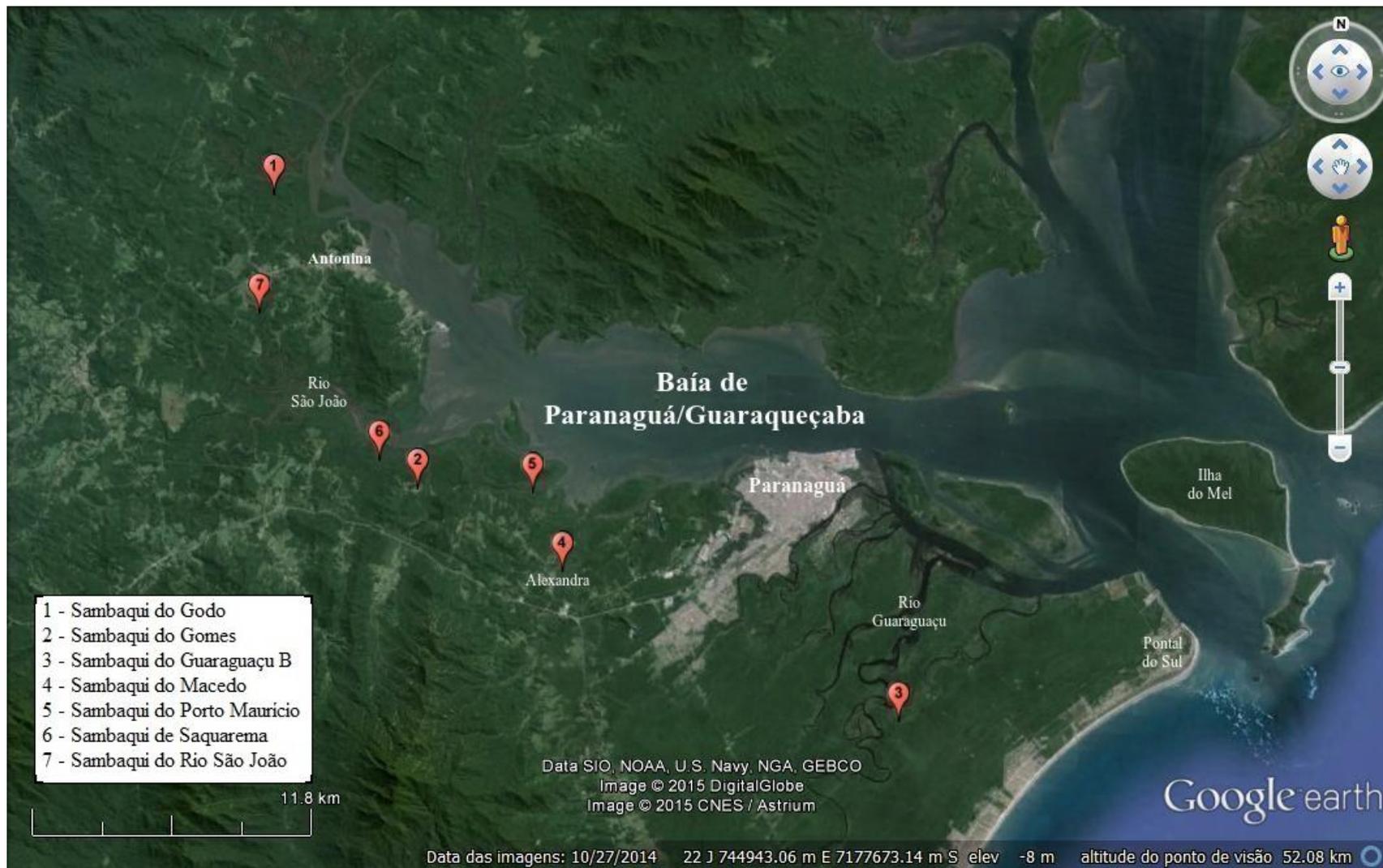
²⁴ Chamada de Paleobaía de Nhundiaquara por Rauth (1962).

tentativamente foram datados de modo relativo a partir de sua implantação em diques rochosos após as referências produzidas com o estudo dos sambaquis de Porto Maurício, Ramal e São João, (RAUTH, 1968) – contudo, após as análises revisionista sobre os níveis do mar de Caio del Rio Garcia (GARCIA, 1979)²⁵, tais contextualizações temporais devem ser estudadas caso a caso e não dispomos de espaço para tal aqui. Tal consideração se aplica aos outros Períodos de Hurt.

Durante os Períodos III (4800-4100 antes do presente) e IV (4100-3400) surgiram os sítios do Guaraguaçu, de Saquarema e do Macedo, os mais tardios de nossa análise no Paraná. A variação do nível do mar durante este grande intervalo alternou-se de 3,5 metros abaixo do nível atual no Período III, a até 3 metros acima no Período IV (HURT, 1974, p. 17-18). Isto provocou inicialmente um avanço da linha de praia para o interior e depois um recuo acentuado que deve ter causado o abandono de áreas ocupadas depois da retirada do mar. Durante os recuos, a formação de manguezais deve ter sido mais intensa, incentivando a coleta de recursos com caça ocasional. O aumento deve ter engolido estes manguezais “entulhando a Baía de Nhundiaquara” (RAUTH, 1968, p. 79) e forçado os moradores do litoral a depender mais da caça e de uma possível pesca estuarina. É difícil precisar os contornos exatos da Baía de Nhundiaquara durante os Períodos III e IV já que não existem estudos com os sítios relativamente datados implantados em um mapa. De qualquer modo, aliado ao surgimento intenso de sambaquis no litoral norte de Santa Catarina durante o Período III, supõe-se aqui que parte dos grupos sambaquieiros que ocupavam a Baía de Guaraqueçaba migraram para o sul em busca de estuários mais estáveis ao invés de se adaptar ao novo contexto climático e geográfico que ordenava a disponibilidade de mariscos estuarinos e/ou de mangue, e/ou pesca estuarina ou de alto mar. Considera-se também que sua experiência em cabotagem os auxiliasse a buscar moluscos em bancos mais distantes, e assim, os incitava em um reconhecimento do litoral – que depois seria efetivamente ocupado. A Figura 1 demonstra a situação dos sambaquis estudados na Baía de Paranaguá/Guaraqueçaba.

²⁵ Até a revisão de Garcia, as deduções altimétricas do nível do mar eram baseadas nos trabalhos do geólogo Rhodes Fairbridge, notadamente “The changing level of the sea”, de 1960, e “World sea level and climatic changes”, de 1962.

Figura 1 - Sambaquis da Baía de Paranaguá, no norte do Estado do Paraná.

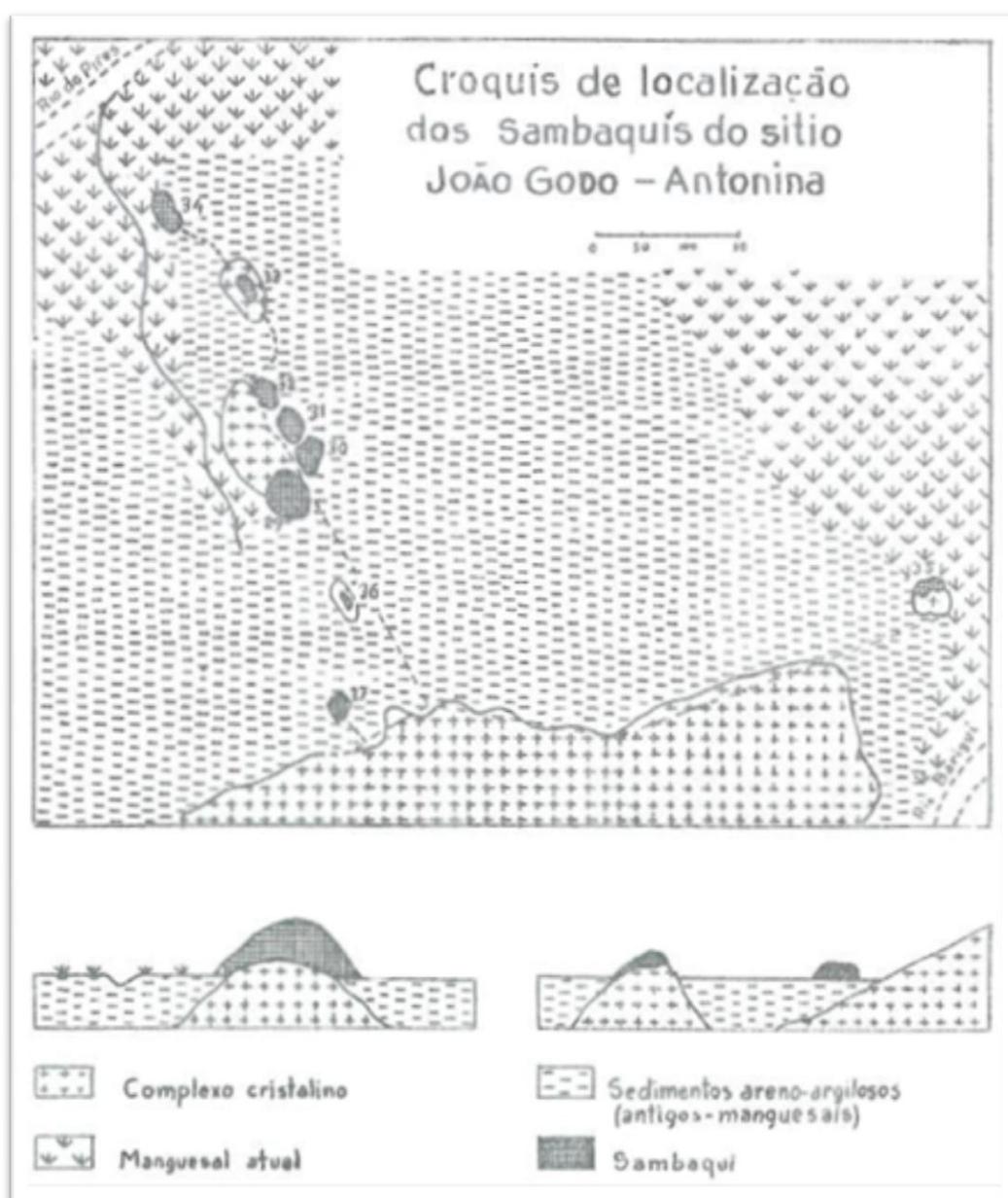


Fonte: Mapa gerado pelo autor através do software Google Earth.

6.3.1.1.1 Sambaqui do Godo

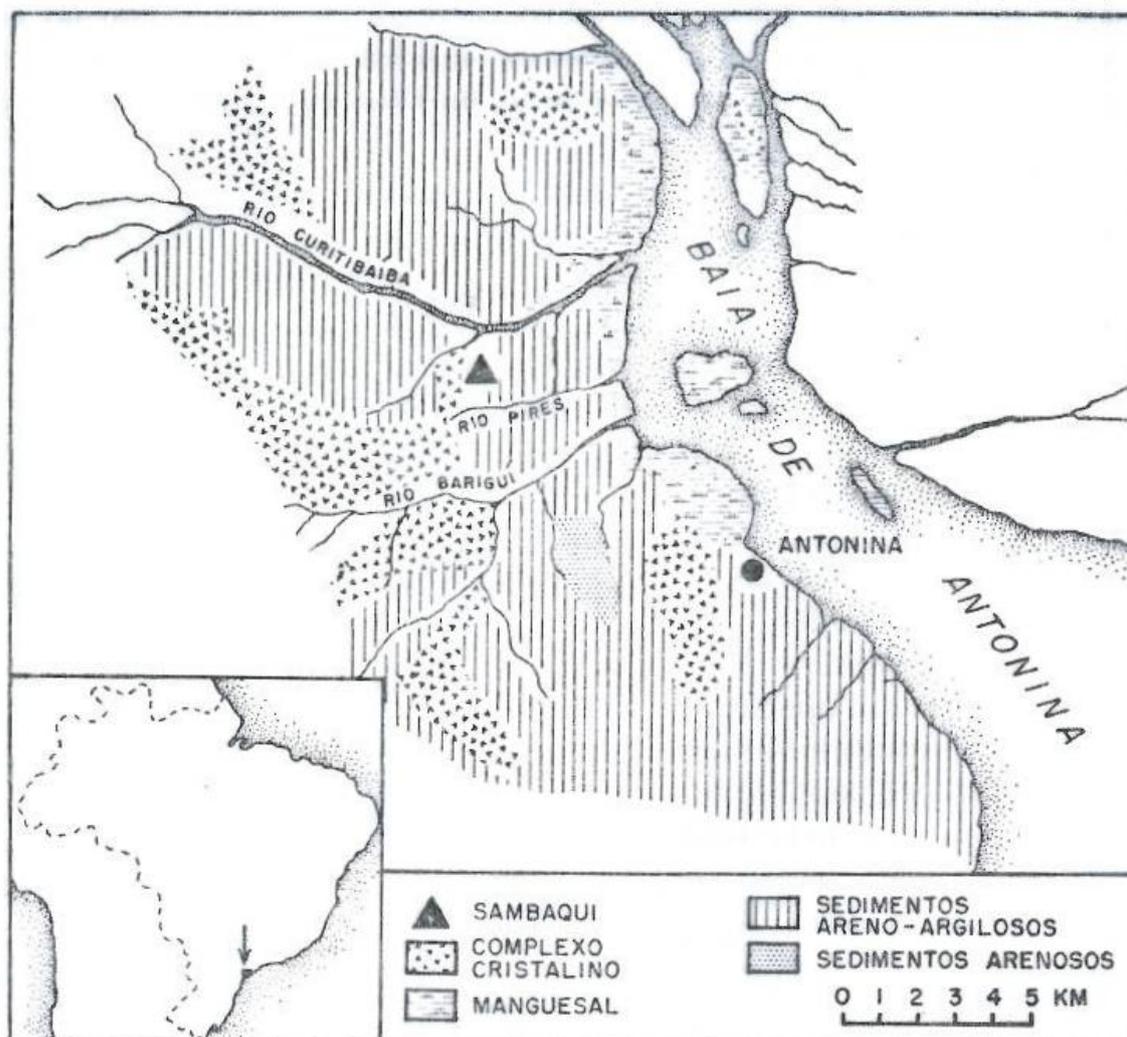
Bigarella (2011, p. 67) afirma que este sambaqui pertence a um complexo de nove sambaquis, dos quais apenas o que possui tamanho considerável foi escavado por José Wilson Rauth e publicado em 1969. Bigarella, ao levantar os sambaquis da região, lhe concedeu o número 29 (BIGARELLA, 2011, p. 69, Figura 2 e 3). Localizado dentro da carta topográfica do município de Antonina, nas coordenadas 25°24'27"S e 48°45'00"W, medindo 300 x 100 x 5m segundo Parellada e Neto (1994, p. 135).

Figura 2 - Planta de situação do Complexo de Sambaquis do Godo.



Fonte: BIGARELLA, 2011, p. 69.

Figura 3 - Situação do Sambaqui do Godo na Baía de Antonina.



Fonte: RAUTH, 1969, p. 78.

Estratigrafia

A estratigrafia do Sambaqui do Godo é simples e composta por apenas uma camada, identificada a partir de estratos múltiplos onde predomina a Ostra, com raras exceções de deposições de *Modiolus sp.* Ossos de mamíferos e de grandes peixes fizeram parte da descrição – assim como coquinhos calcinados. Foi observada a presença de níveis de cinzas com restos de alimentação. “Pequenas fogueiras circulares, cujos sinais ficaram plasmados nas camadas de conchas, [...] principalmente próximas aos sepultamentos humanos” (RAUTH, 1969, p. 81).

Uma camada húmica cobria o sítio e era relativamente espessa “[...] mais de 30cm em alguns quadros” (RAUTH, 1969, p. 81), povoada por raspadores e outras ferramentas antrópicas não especificadas. Maiores informações visuais sobre o sítio estão representadas nas Figuras 4 e 5.

Sepultamentos

No total, seis sepultamentos foram exumados do Sambaqui do Godo, sendo que cinco são descritos em mais detalhes. A descrição do sexto sepultamento, embora seja mais sucinta, nos dá informações suficientes para o considerarmos em um mesmo nível informativo que os melhor descritos.

Estavam todos próximos à superfície, partindo da camada húmica até – entre– 50 a 75cm de profundidade. Todos foram encontrados fletidos, sendo que um deles estava “em posição fletida vertical”; o que entendemos aqui como um indivíduo sentado. Dentre outras particularidades, haviam grandes blocos de pedras e a presença constante de covas escavadas para o repouso final dos falecidos. A intuição sugere que essas pedras tenham sido colocadas para marcar a Cova, assim, pertencendo a sua estrutura, mas como não temos maiores informações sobre estes contextos funerários, consideramos as mesmas como um tipo de Mobília Funerária dada a sua exclusividade. Há um caso de carbonização indireta dos ossos e junto com esse cadáver foi notado um acúmulo de conchas coletadas em praia aberta. Diferentes adornos foram localizados junto a três sepultamentos e uma dessas peças foi inumada sem ter seu orifício concluído (RAUTH, 1969, p. 86-88). Rauth também notou a presença de “pequenas fogueiras circulares, cujos sinais ficaram plasmados nas camadas de conchas, foram observadas, principalmente próximas aos sepultamentos humanos”, (RAUTH, 1969, p. 81). O ocre não foi utilizado em sepultamento, (RAUTH, 1969, p. 89-90). Uma sumarização das informações disponíveis sobre os sepultamentos pode ser encontrada na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Godo, datadas dos períodos 4835-4645 AP e 3110-2850 AP.

Categoria / Variável	Quantidade	Categoria / Variável	Quantidade
Cova	6	Adorno	3
Mobília Funerária	5	Adulto	3
Ocre	0	Criança	0
Estendido	0	Masculino	Não informado
Fletido	4	Feminino	Não informado
Combustão	1	Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1969)

Datações

Duas datações foram eleitas; a primeira foi 4740 ± 95 AP (SI-1029)²⁶, sem que a profundidade da amostra fosse determinada; a segunda foi 2980 ± 130 AP (SI-1026)²⁷, também sem profundidade. Adicionamos uma segunda datação pois o sambaqui não tinha uma camada de abandono visível (RAUTH, 1969, p. 80-81, ver Tabela 2), e a informação estratigráfica, em geral e dos sepultamentos, é ausente; logo, não sabemos sua procedência vertical e o quão próximos estão das datações. A diferença entre as duas datações é grande e sugere um momento de ausência humana no sítio, mas é impossível confirmar isto com os dados providenciados por Rauth (1969).

Tabela 2 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Godo, datadas dos períodos 4835-4645 AP e 3110-2850 AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada única	4835 – 4645 3110 – 2850	5	6	RAUTH (1969)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1969)

6.3.1.1.2 Sambaqui do Gomes

Localizado dentro da carta topográfica de Paranaguá, nas coordenadas $25^{\circ}30'59''S$ e $48^{\circ}41'23''W$, medindo $125 \times 55 \times 3$ m segundo Parellada e Neto (1994, p. 145). Bigarella (2011, p. 62) ilustra que “sua forma alongada e estrangulada sugere um sambaqui geminado”; no seu levantamento, o Sambaqui do Gomes é o número 11.

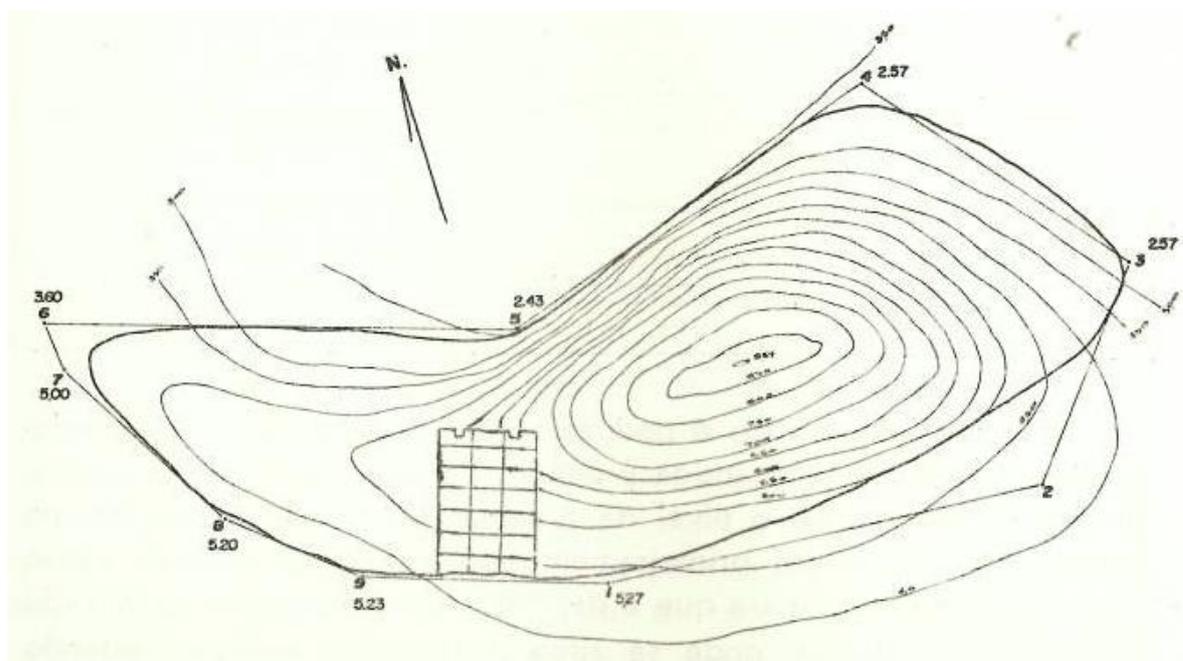
Estratigrafia

O Sambaqui do Gomes possui quatro camadas arqueológicas distintas e datações diferentes para duas destas camadas. Entre as duas camadas, existe um nível relacionado pelo autor como um período de desocupação do Sambaqui do Gomes. Sepultamentos estão vinculados, naturalmente, a uma dessas duas camadas; então, foram inseridos na montagem dos resultados de acordo com as suas respectivas datações, como será explicado posteriormente.

²⁶4835-4645 com variação calculada.

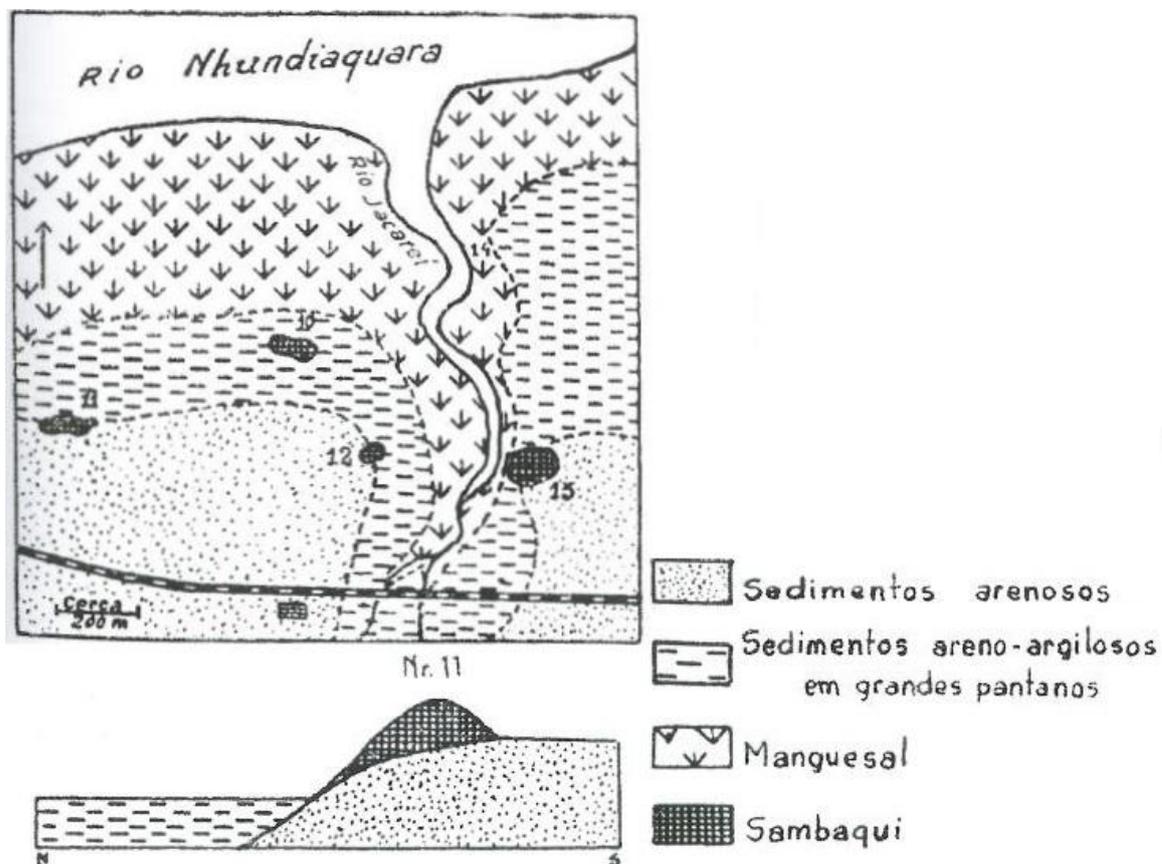
²⁷3110-2850 com variação calculada.

Figura 4 - Altimetria do Sambaqui do Gomes



Fonte: RAUTH, 1968, p. 16.

Figura 5 - Corte esquemático do Sambaqui do Gomes e planta de situação do sítio.



Nota: Observar a proximidade com o Sambaqui de Saquarema (nº10).

Fonte: Adaptado de Bigarella (2011, p. 63).

A Unidade A tinha Ostras como matriz majoritária, sendo a espécie misturada com *Anomalocardia brasiliiana* em menor quantidade. Um dos perfis revelou uma alternância entre esta composição e estratos de *Modiolus brasiliensis*; em direção à periferia do sítio. A Unidade iniciava por volta dos 25cm de profundidade e se estendia a até um metro.

A Unidade B possuía 25cm de espessura (1m a 1,25m de profundidade) e sua matriz principal era areno-argilosa, de coloração escurecida, transitando cromaticamente para o amarelo queimado. Conchas trituradas e cinzas também compunham a camada. O autor interpretou essa camada como um momento de abandono do sítio.

A Unidade C constituiu o sambaqui da profundidade de 1,26m a até 3 metros,

era formada exclusivamente por grossas camadas de Ostras, [...] [que] eram mais espessas, separadas uma da outra por estratos constituídos por *Modiolus brasiliensis* decompostos associados com material areno-argiloso e ossos de peixes decompostos(RAUTH, 1968, p. 25).

Também chamou a atenção de Rauth a presença de vários fragmentos de ossos de baleia encontrados nessa camada.

Sepultamentos

Na Unidade A, todos indivíduos estavam estendidos, permeando camadas desde a superfície – aflorando, em pelo menos três casos – até a profundidade máxima de 1m. Se trata de um cemitério peculiar: algumas ossadas repousavam em um leito constituído ou de ostras com *Modiolus brasiliensis*, ou de ostras com areia; as vezes os mortos foram cobertos com areia grossa, principalmente sobre o tronco e a cabeça. Três ossadas ainda foram tingidas com ocre “derramado”, outra foi acompanhada de um adorno e uma quinta segurava em sua mão um feixe de ossos de ave. Um indivíduo teve sua Cova perturbada por uma inumação posterior e o coveiro tardio depositou, junto ao novo morador do sítio uma tibia retirada do cadáver perturbado – um exemplo único nos dados pesquisados. Enfim, uma criança ainda foi depositada em meio as pedras de uma fogueira (RAUTH, 1968, p. 84-91).

A Unidade B abrigava o sono de três indivíduos entre profundidades de 1,5m a 1,75m. Dois estavam fletidos; a Cova de um destes dois foi preenchida com o mesmo material que cobria as sepulturas que o precederam, ostras e *Modiolus*. Uma camada de areia tapava apenas seu abdomen. Outro sepultamento da Camada A é

um indivíduo cuja deposição não pode ser averiguada pois suas pernas estão ausentes do resto do corpo. Rauth supõe uma instância de canibalismo (RAUTH, 1968, p. 59). No lugar delas, estavam pedras e seixos calcinados (os ossos restantes também o estavam) sem demais evidências funerárias (RAUTH, 1968. p. 90-91).

A partir da descrição de Rauth, consideramos difícil tratar o sepultamento com traços de antropofagia como tal. Segundo o autor, o suposto ato teria sido realizado “com a deposição das partes interessantes por sobre o amontoado de pedras incandescentes ocasionando a desarticulação dos membros através da ação do fogo e do calor” (RAUTH, 1968, p. 48). Em fato, acreditamos mais provável de se considerar a retirada das pernas um artifício ritual – tudo isto, por que não se encontraram tampouco, ossos humanos partidos junto da fogueira (EMPERAIRE E LAMING, 1956; WHITE, 2014). Apenas as pedras estavam no lugar das pernas. Assim, julgamos provável que a cova tenha sido preenchida com pedras logo após a retirada dos ossos das pernas. Se a bacia deste indivíduo, que não foi analisada em tal detalhe por Rauth, possuir marcas de corte isto indicaria certamente um ato antropofágico (UBELAKER, 1987, P. 106), – que consumiria e/ou aproveitaria o indivíduo até os ossos! De qualquer forma, a marca de corte também pode sinalizar para um descarne ritual ao invés de consumo (UBELAKER, 1987, P. 107). Se a queima foi forte o suficiente para destruir as articulações e separar os fêmures das bacias, o resto do esqueleto, especialmente a bacia, ostentariam evidências de calcinamento – o que nunca é mencionado no texto.

O total de indivíduos exumados é quinze, assim como o de indivíduos descritos. Fotos de alguns indivíduos podem ser encontradas na publicação referente a este sitio – consumiria muito espaço fazê-lo aqui. As Tabelas 3 e 4 apreciam as informações recolhidas.

Tabela 3 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Unidade A do Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	2
Mobília Funerária	10
Ocre	2
Estendido	7
Fletido	0

Combustão	4
Adorno	1
Adulto	7
Criança	3
Masculino	0
Feminino	1
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1968)

Tabela 4 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Unidade B do Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP

Categoria / Variável	Quantidade	Categoria / Variável	Quantidade
Cova	1	Adorno	0
Mobília Funerária	2	Adulto	3
Ocre	0	Criança	0
Estendido	0	Masculino	0
Fletido	2	Feminino	0
Combustão	2	Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1968)

Datação

Doze sepultamentos jaziam na camada superior (Camada A), estimada em 4490 ± 136 AP (P-540)²⁸, e três foram exumados da camada inferior (Camada B), erigida entre 4887 ± 64 AP (P-916)²⁹ (RAUTH, 1968, p. 44-45). A Tabela 5 demonstra os dados.

Tabela 5– Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Gomes, datadas dos períodos 4626-4354 e 4951-4823AP

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada A	4626 – 4354	12	12	RAUTH 1968)
ABANDONO				
Camada B	4951 – 4823	3	3	RAUTH (1968)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1968)

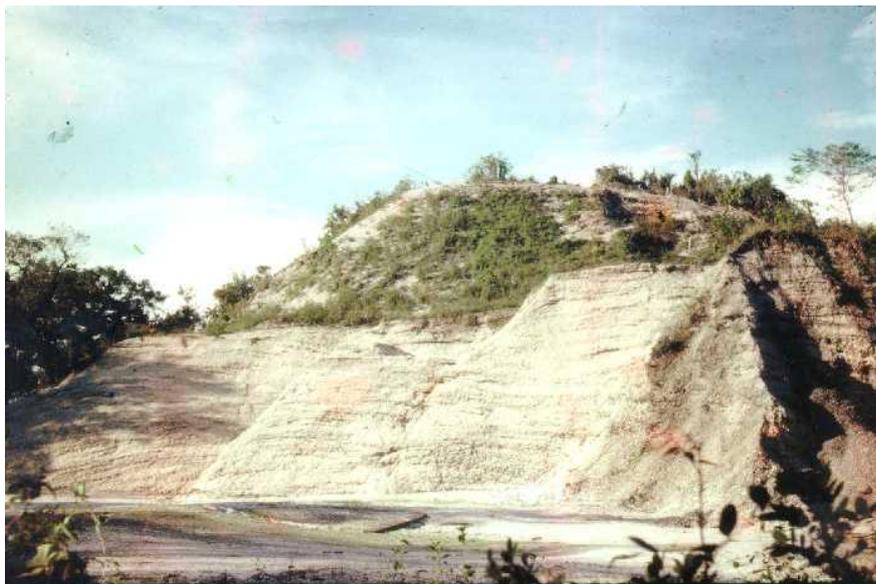
²⁸ 4626-4354 com variável calculada.

²⁹ 4951-4823 com variável calculada.

6.3.1.1.3 Sambaqui do Guaraguaçu B

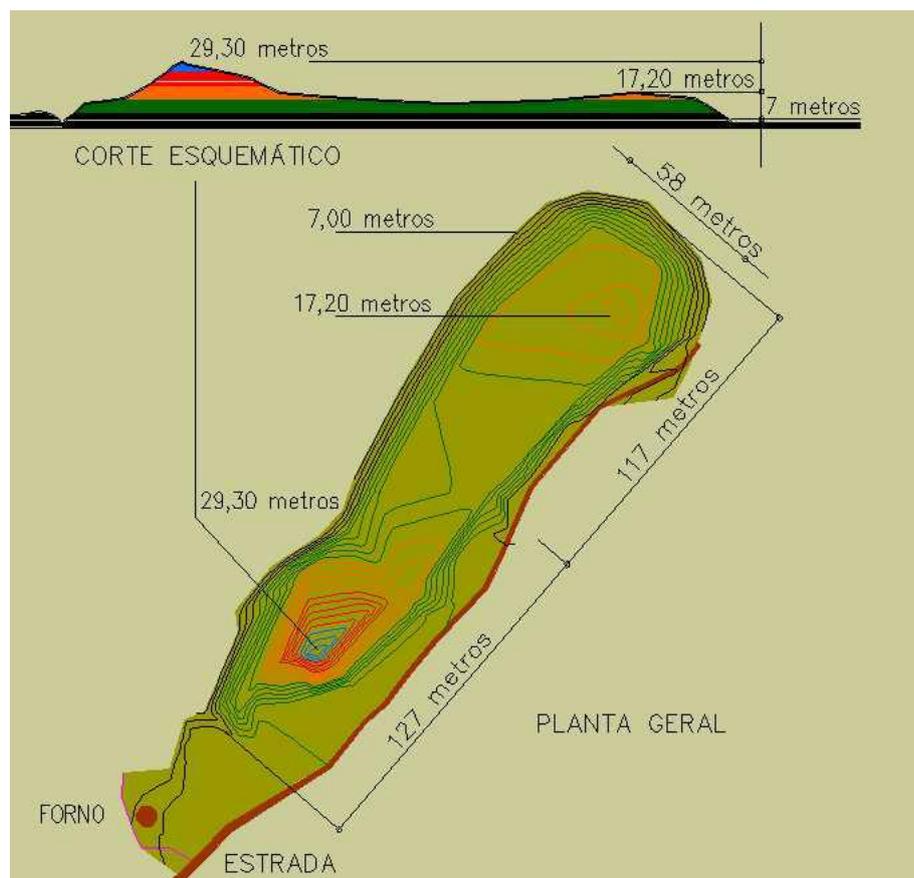
Localizado dentro da carta topográfica da Ilha do Mel, nas coordenadas 25°35'48"S e 48°28'12"W, medindo 300 x 50 x 21m segundo Parellada e Neto(1994, p. 147). Uma foto atual do sambaqui é a Figura 6, assim como sua topografia aproximada é a Figura 7.

Figura 6 - O Sambaqui do Guaraguaçu hoje, preservado após respeitadas as medidas de proteção.



Fonte: PARANÁ (a)

Figura 7 - Planta geral das cúpulas A (a menor) e B (a maior) do Sambaqui do Guaraguaçu.



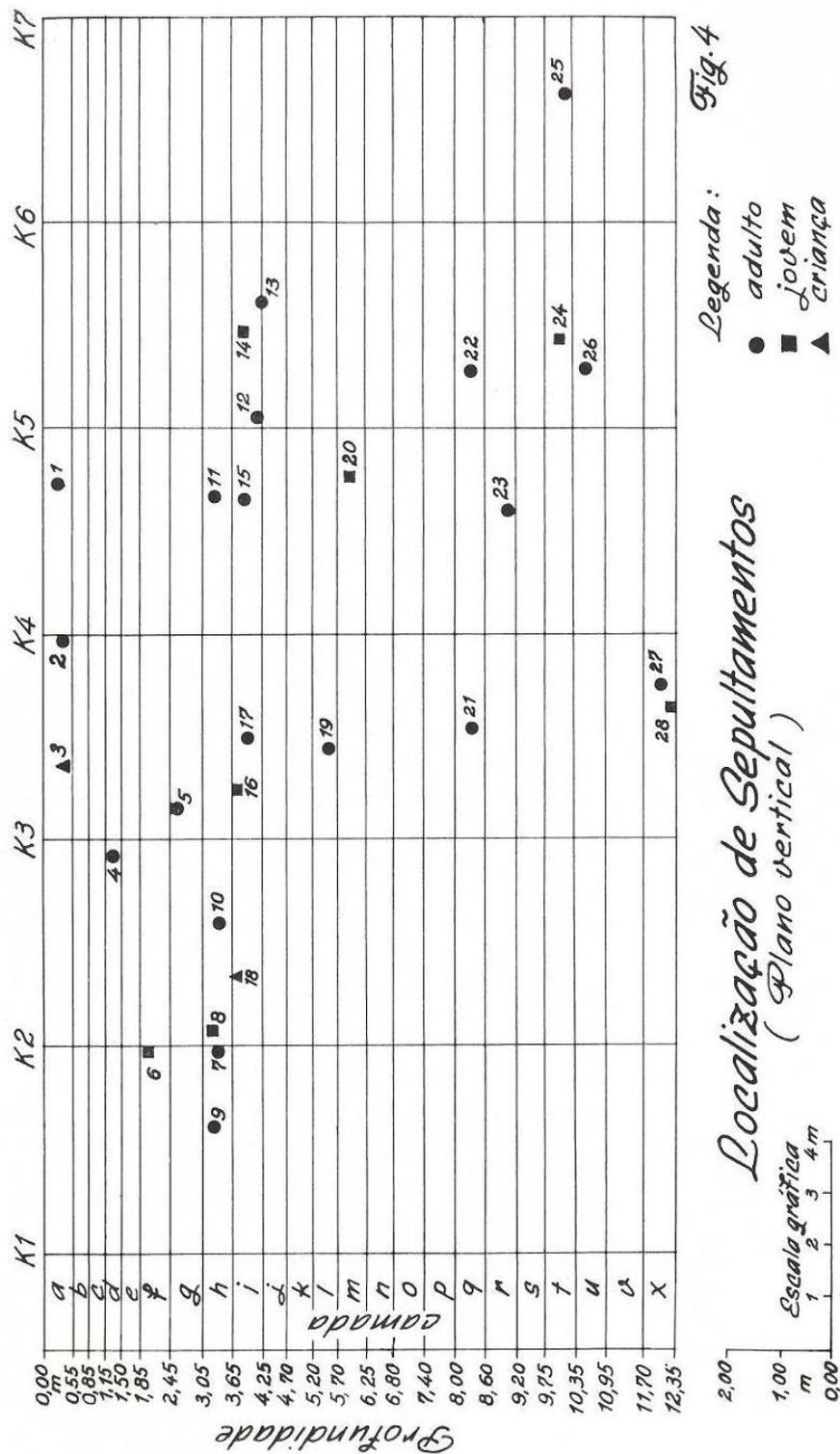
Fonte: PARANÁ (b)

Estratigrafia

O Sambaqui do Guaraguaçu B faz parte, como a nomenclatura sugere, de um complexo de construções conchíferas relatas umas às outras. Até o presente momento, três cúpulas são conhecidas, sendo que a maior é o Sambaqui do Guaraguaçu B, sobre o qual se apoia o Guaraguaçu A, constituindo um sítio geminado. As cúpulas, do ponto de vista dos sepultamentos, parecem culturalmente distintas – sem que possamos afirmar com certeza, visto que os sepultamentos da cúpula A não foram descritos em pormenores, apenas de modo geral.

A estratigrafia detalhada da cúpula melhor documentada, a B, é desconhecida. Os autores consultados focaram em outros aspectos do sítio e pouca informação sobre a matriz conchífera do sítio existe. No caso dos Sambaquis A e B, não foi descrita nenhuma camada de desocupação, e no Sambaqui de nosso interesse primeiro, o B, um gráfico localizando os sepultamentos de modo vertical é a única informação que temos a respeito da estratigrafia; o número de estratos identificados (ver Figura 8)(MENEZES; ANDREATTA, 1971, p. 14).

Figura 8 – Localização vertical dos sepultamentos do Sambaqui do Guaraguaçu



Sepultamentos

Um sepultamento foi exumado da cúpula C, mas não será acrescentado à base de dados por pertencer a uma cúpula não datada e distante das outras duas.

Já os sepultamentos da cúpula mais extensamente escavada e descrita, a cúpula B, revelam algumas peculiaridades interessantes. Os três primeiros sepultamentos exumados são representados apenas por fragmentos de ossos do crânio e outros ossos de pequeno tamanho, sendo que dois deles constituíam um contexto particular no qual existiam evidências de festim funerário e uma fogueira os dividia. Logo, este caso conta como Sepultamento Múltiplo e Secundário ao mesmo tempo. Outro indivíduo incompleto repousava sobre uma camada espessa de carvão e conchas, em decúbito lateral esquerdo – sua perna e braço esquerdos estavam ausentes e a descrição do sepultamento não especifica uma perturbação anterior à exumação do mesmo. Ossos ausentes puderam ser noticiados em outros dois casos. Um indivíduo teve como acompanhamento em sua viagem final uma quantidade desconhecida de argila amarela, incomum nos Sambaquis da análise, e, pelo menos em cinco casos, há evidências de festins mortuários e fogueiras acesas sobre uma camada de conchas muito próxima ao cadáver podem ser verificadas. Poucos indivíduos tiveram alguma Mobília Funerária ou Adornos (MENEZES; ANDREATTA, 1971, p. 5-12).

Quanto à população do sambaqui, Annete Laming afirma terem sido exumados mais de quarenta sepultamentos no Sambaqui do Guaraguaçu. A arqueóloga não especifica se estes foram exumados do cume “A” ou se representam um total dos cumes “A” e “B” (LAMING, 1960, p. 223). Há chances de se tratar de um total exumado até a publicação do documento, visto que Menezes (1968, p. 62) afirma que este total é maior. Um artigo dando foco para os Sepultamentos do Guaraguaçu “B”, cita que no sítio foi encontrado um total de trinta e nove sepultamentos (MENEZES; ANDREATTA, 1975, p. 153). Porém, devido ao fato de existirem onze esqueletos extremamente decompostos apenas vinte e oito foram descritos em detalhe. Entretanto, Andreatta (1968, p. 71) relata um total de 35 sepultamentos. Em virtude da numerosa e contraditória contagem, utilizaremos as descrições dos sepultamentos publicadas em Menezes e Andreatta (1971) e os totais de Menezes e Andreatta (1975). Os sessenta indivíduos exumados da cúpula A estão todos fletidos³⁰ (MENEZES; ANDREATTA, 1968, p. 28; MENEZES, 1972, p. 72), enquanto a cúpula B possui inumações estendidas e fletidas

³⁰ A cúpula A possui apenas datação relativa.

(MENEZES;ANDREATA, 1971, p. 13). A Tabela 6 demonstra os dados recolhidos desta forma.

Tabela 6 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Guaraguaçu B, datado do período de 4396-3860AP

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	18
Mobília Funerária	10
Ocre	6
Estendido	2
Fletido	19
Combustão	20
Adorno	2
Adulto	16
Criança	2
Masculino	11
Feminino	8
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Menezes e Andreatta (1968, 1971, 1975) e Rauth (1974b).

Datações

A datação da cúpula A é relativa: Menezes (1968, p. 72), afirma que o A é o mais antigo, logo a única datação disponível, 4128 ± 268 AP (Gsy-79)³¹ (LAMING, 1968, p. 94)(coletada da base do sambaqui B, ver Tabela 7), nos impede de utilizar seus sepultamentos nos totais populacionais, pois temos apenas uma noção aproximada do período de tempo no qual ele foi construído. Utilizaremos apenas os sepultamentos do sambaqui datado.

Uma terceira cúpula, aqui considerada como parte do Complexo do Guaraguaçu, escavada por José Wilson Rauth, é descrita de modo bastante detalhado em Rauth (1974). Todavia, é lícito salientar que corresponde a uma cúpula separada das já conhecidas A e B:

Fizemos neste trabalho referências das escavações que foram feitas no Sambaqui A-B, (Andreatta e Menezes – 1958 e 1960). O Sambaqui G.II, cremos devido a forte vegetação natural da região por ser menos elevado

³¹4396-3860 com variação calculada.

ficou despercebido e durante as nossas investigações preliminares, penetrando mata a dentro, porém, por sobre a sua superfície irregular atribuímos como um depósito que fora levantado num tempo pouco anterior ao Sambaqui Guaraguaçu –A-B (RAUTH, 1974, p. 32)

Tabela 7 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Guaraguaçu B, datado do período de 4396-3860AP

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Cúpula A	Indisponível	0	60	MENEZES; ANDREATA, 1968
Cúpula B	4396 – 3860	28	39	MENEZES; ANDREATA, 1971, 1975
Cúpula C	Indisponível	1	1	RAUTH (1974b)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Menezes e Andreatta (1968, 1971, 1975) e Rauth (1974b).

6.3.1.1.4 Sambaqui do Macedo

Localizado dentro da carta topográfica de Paranaguá, nas coordenadas 25°33'01"S e 48°37'19"W, medindo 55 x 34 x 8m segundo Parellada e Neto, (1994, p. 147). O levantamento de Bigarella o classifica como nº 52 (Bigarella, 2011, p. 75)

Estratigrafia

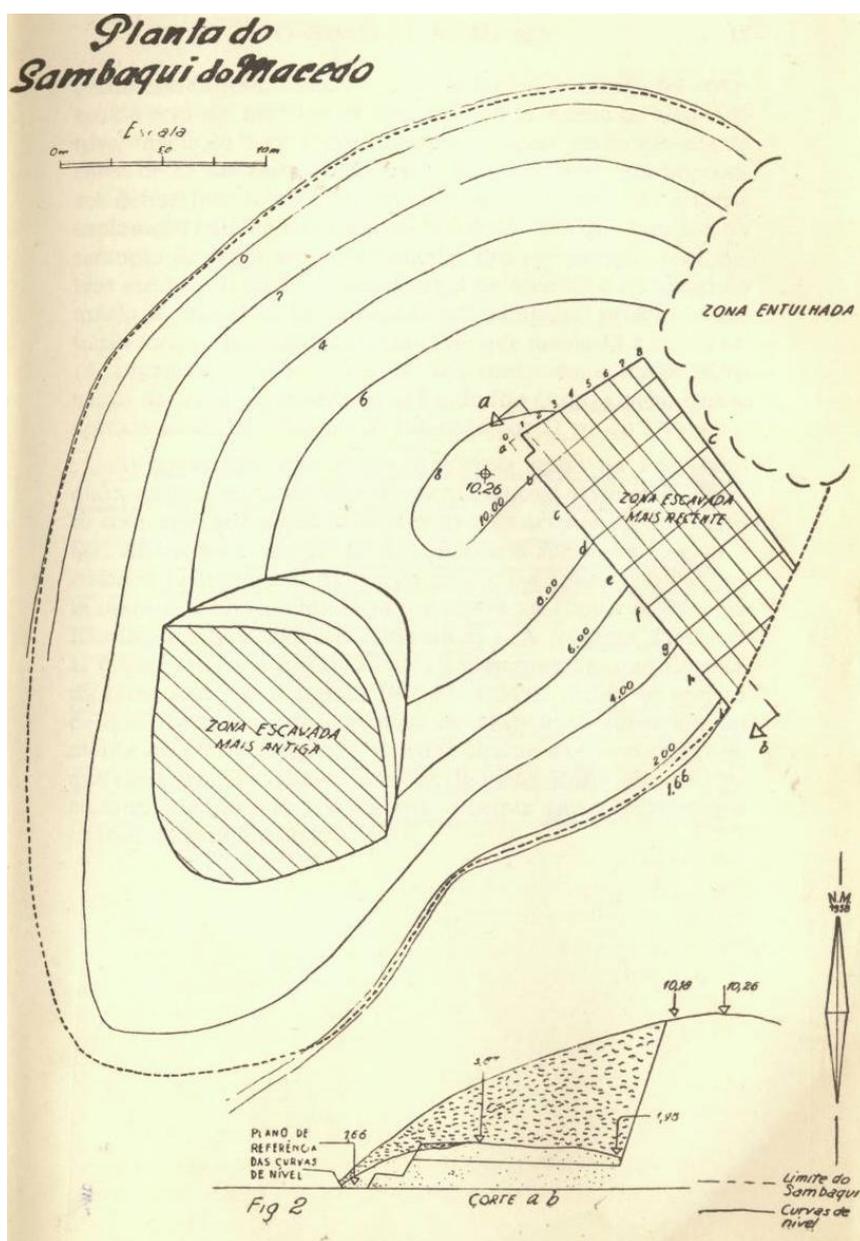
A estratigrafia do sítio foi caracterizada por uma complexidade dos estratos arqueológicos que forçou os autores a contemplar a descrição das camadas de modo diferente:

Porque não havia uma perfeita correspondência de espessura, conteúdo e número de estratos de uma seção do monte para outra, é necessário generalizar grandemente a descrição dessas várias camadas. Como consequência disso, a descrição abaixo pode ser considerada altamente arbitrária e não uma descrição detalhada, camada por camada, de cada estrato contido no monte (HURT; BLASI, 1960, p. 24).

Seis sepultamentos foram encontrados na profundidade de 0-50 centímetros o que corresponderia à descrição do Estrato I, nos níveis A, B e C; cujas profundidades se situam neste contexto.

O Estrato I-A era uma camada predominantemente húmica, variando de 10 a 15 centímetros de espessura. Castanho escurecida e negra, era pouco compactada e continha “impurezas”, conchas e muitos artefatos, provavelmente perturbados. Já havia sido utilizada como roça. A Figura 9 nos dá as dimensões altimétricas do sítio

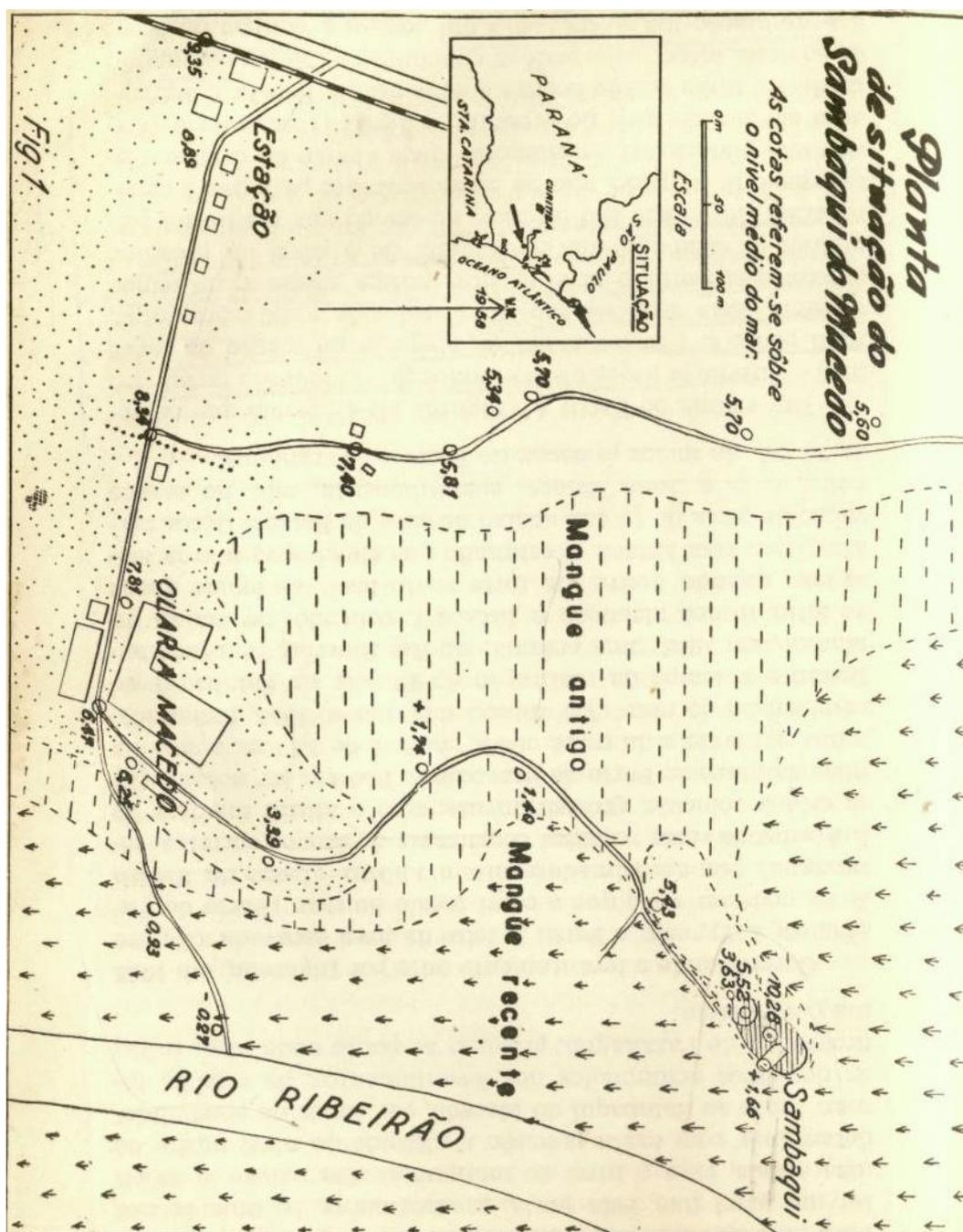
Figura 9 - Planta altimétrica do Sambaqui do Macedo.



e a Figura 10 introduz o contexto imediato do sambaqui.

Fonte: HURT; BLASI, 1960, p. 15.

Figura 10 - Planta de situação do Sambaqui do Macedo.



Fonte: HURT; BLASI, 1960, p. 16.

O Estrato I-B tinha uma espessura de 10-20 centímetros e uma coloração mais clara que o húmus superior. Era melhor consolidada também e a diferença visual entre estes dois primeiros estratos se dava gradualmente. Muitos artefatos foram encontrados neste Estrato.

O Estrato I-C era idêntico em espessura e área em relação as camadas mais recentes e se diferia das mesmas apenas pela maior presença de conchas.

O Estrato R se refere ao material que rolou das camadas superiores em direção a base do sítio. Um sepultamento foi encontrado nela, descontextualizado assim como outras evidências e ela, a camada, tinha cerca de um metro de espessura. Era composta por diversos tipos de sedimentos.

O Estrato D foi um grande estrato que abarcou uma multiplicidade de camadas. Formava a maior porção do total do sambaqui, principalmente na parte central, de onde começou a ser evidenciado. Ele era perfeitamente contínuo de modo vertical. Sua profundidade chegou a atingir 6,6 metros e ele era composto por camadas alternadas de *Modiolus brasiliensis* compactados, *Anomalocardia brasiliensis* soltas, estratos de cinzas e carvão, *Ostrea*, artefatos diversos em pedra principalmente, pinças de crustáceos, ossos de peixes, mamíferos e aves. Os ossos de peixes às vezes se acumulavam de forma a constituir estratos próprios de cerca de 1 centímetro de espessura em áreas de menos de 1 metro de comprimento. Os perfis não demonstraram uma correspondência perfeita entre si nesta camada. A cerâmica foi ausente de todo este complexo horizonte.

O Estrato X era uma camada de areia, argila e conchas avermelhadas que apareceu apenas em um dos perfis evidenciados. Variou de 5 para 50 centímetros de largura.

Os Estratos g-A e g-B eram arqueologicamente estéreis e se referem ao antigo paleossolo que serviu de base para a ereção do sambaqui.

Toda esta informação foi sintetizada das páginas 22-27 de Hurt e Blasi (1960).

Sepultamentos

Neste Sambaqui, pesquisado por Oldemar Blasi e Wesley Hurt, apesar da grande área escavada, poucos sepultamentos foram exumados, em um total de oito descrições. Destes, o mais notável era uma criança, tingida de ocre e ornada com um colar de 57 contas de conchas. Os outros indivíduos estavam malconservados, tinham deposição variável e o uso de Ocre e Móvel Funerária foi raro. No que pertence à localização vertical: “Ademais, seis dos oito enterramentos jaziam nos estratos superiores (0-50cm) e outros em camadas inferiores. Assim, o Enterramento nº 7 jazia entre 2 a 2,25 m. e o Enterramento n.º 8, entre 4,75 a 5 m” (HURT; BLASI, 1960, p. 24). A Tabela 8 resume as informações resultantes:

Tabela 8 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Macedo, datado dos períodos de 3416-3318, 3406-3308 e 3659-3559AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	4
Mobília Funerária	2
Ocre	4
Estendido	0
Fletido	5
Combustão	0
Adorno	1
Adulto	7
Criança	1
Masculino	4
Feminino	1
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Hurt e Blasi (1960, p. 24).

Datações

Oldemar Blasi publicou numerosas datações para este Sambaqui em várias profundidades e a sequencialidade delas comprova a evidência estratigráfica (BLASEI, 1963). Elas foram calibradas com duas curvas de nível, e como em Hurt, (1964); optamos por usar a curva de 5568 anos. As datações são 3367 ± 49 AP (P-485)³² (que chamaremos de Datação A), 3357 ± 49 AP (P-483)³³ (Datação B) e 3609 ± 50 AP (P-489)³⁴, (Datação C). Inserir o Sambaqui e seus sepultamentos na análise foi fácil pelo nível qualitativo das fontes primárias. Embora as Datações A e B sejam praticamente sobrepostas no tempo, se referem a profundidades e sepultamentos distintos; logo, se mantiveram dentro da análise. A Tabela 9 se encarrega de sumarizar esta interpretação:

Tabela 9 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Macedo, datado dos períodos de 3416-3318, 3406-3308 e 3659-3559AP

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Datação A (0-50cm)	3416-3318	6	6	HURT; BLASI, 1960

³² 3416-3318 com variação calculada.

³³ 3406-3308 com variação calculada.

³⁴ 3659-3559 com variação calculada.

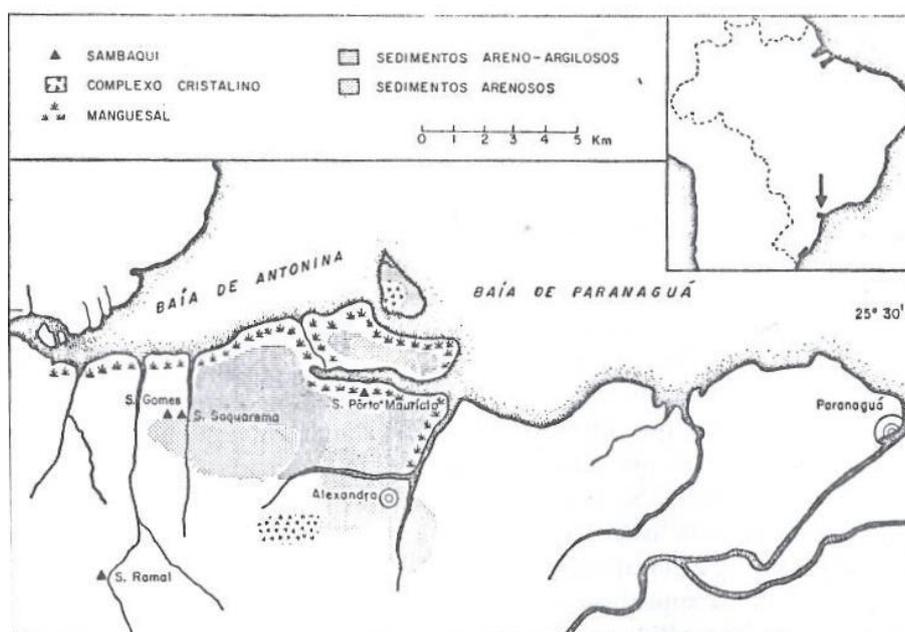
Datação B (2-2,25m)	3406-3308	1	1	HURT; BLASI, 1960
Datação C (4,75-5m)	3659-3559	1	1	HURT; BLASI, 1960

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Hurt e Blasi (1960, p. 24).

6.3.1.1.5 Sambaqui do Porto Maurício

Localizado dentro da carta topográfica de Paranaguá, nas coordenadas 25°31'13"S e 48°38'08"W, medindo 20 x 25 x 2,5m segundo Parellada e Neto, (1994, p. 145). O levantamento de Bigarella lhe concedeu o número 43 (BIGARELLA, 2011, p. 71, ver Figura 11).

Figura 11 - Situação do Sambaqui do Porto Maurício na Baía de Paranaguá.



Fonte: RAUTH, 1969, p. 49.

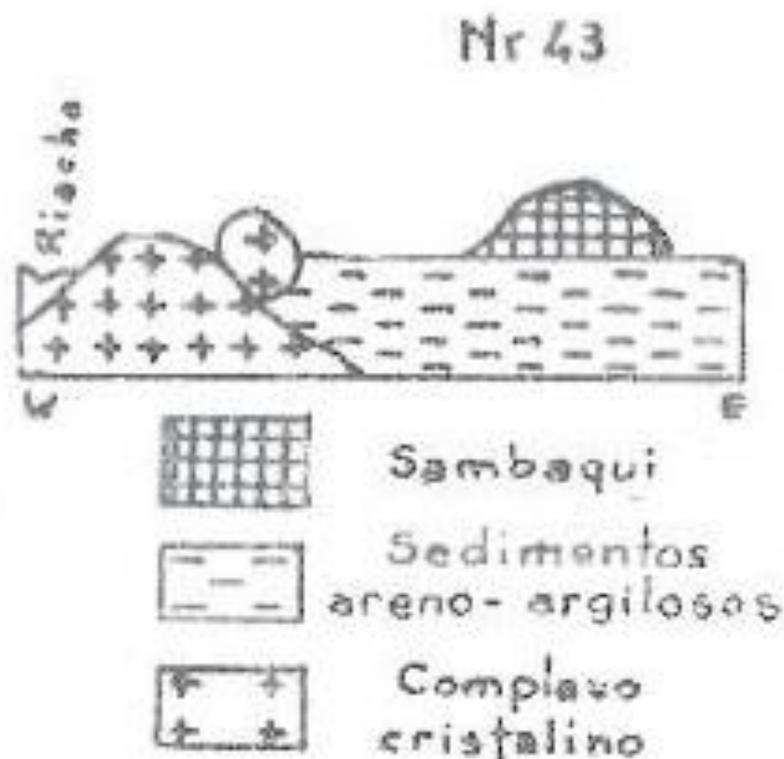
Estratigrafia

A descrição providenciada por Rauth (1969, p. 50), não é muito esclarecedora; sabe-se que duas camadas de ocupação, intercaladas por um momento de abandono, existem. A composição predominante de todos os estratos era de *Ostrea*, sendo que “na secção oeste do sambaqui foi mais ou menos distinta a presença de camadas estratificadas com *Anomalocardia brasiliana*” (RAUTH, 1969, p. 50). Ossos de peixes e animais terrestres e marinhos, assim como fogueiras circulares também compuseram comumente as ocupações (RAUTH, 1969).

No Sambaqui,

Na profundidade de 1m, uma espessa camada de cor escura, composta de argila associada com cinzas dividia o monte horizontalmente em toda a extensão. Provavelmente, essa camada evidencia um abandono temporário do sítio por parte de seus primitivos habitantes (BIGARELLA, 2011, p. 73)

Figura 12 - Croqui de um corte esquemático do Sambaqui do Porto Maurício.



Fonte: Adaptado de Bigarella (2011)

Por fim, as informações breves sobre a primeira ocupação se resumem à repetição da matriz conchífera de *Ostrea* e *Anomalocardias*; a discrepância desta ocupação se deve a blocos endurecidos de *Ostrea* – concrecionados pela ação do fogo e com a presença de cinzas e restos de cozinha. Rauth afirma que uma fogueira era excepcionalmente grande e que provavelmente todo o centro do sítio (o bloco escavado tinha 6m² e ainda se expandia) era alcançado pelo gargântuo bloco. Rauth supôs que a prática tinha como objetivo solidificar as conchas de modo a estabelecer uma base povoável (RAUTH, 1969). A Figura 12 experimenta um corte esquemático das camadas do sítio.

Sepultamentos

No Sambaqui do Porto Maurício há notícia de dezenove sepultamentos, apesar de nenhum estar descrito em pormenores. Rauth fornece informações sobre

as tumbas em geral que permitem que todos os sepultamentos entrem na análise com ao menos alguns atributos: “Nestes sepultamentos, além de ter evidências do uso de ocre [...]” e “Sempre ao redor dos esqueletos e por cima das camadas que os recobriam, notou-se sinais de fogueiras circulares” (RAUTH, 1967, p. 52). Embora o Sambaqui não possua nenhuma descrição detalhada, seu número médio de sepultamentos permite que seja aceito na lista de sítios pois é relativamente pouco significativo frente às populações dos outros sítios. Na camada superior, foram exumados quatorze indivíduos, e na inferior, cinco; como será exposto nas Tabelas 10 e 11.

Tabela 10 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Superior do Sambaqui do Porto Maurício, datado do período de 4720-4560AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	0
Mobília Funerária	14
Ocre	14
Estendido	14
Fletido	5
Combustão	14
Adorno	0
Adulto	0
Criança	0
Masculino	Não informado
Feminino	Não informado
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1967).

Tabela 11 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Inferior do Sambaqui do Porto Maurício, datado do período de 4840-4680AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	0
Mobília Funerária	11
Ocre	0
Estendido	5
Fletido	0
Combustão	0
Adorno	0
Adulto	0
Criança	0
Masculino	Não informado

Feminino	Não informado
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1967).

Datações

O sambaqui de Porto Maurício tem uma das datações mais antigas do Paraná, resultando em 6030 ± 130 AP (SI-509), que Prous considera um caso questionável (PROUS, 1992, p. 254). Contudo, o Sambaqui possui outras datações úteis a nossos objetivos. Como não temos a procedência estratigráfica dos exumados, optamos por utilizar as datações: 4760 ± 80 AP (SI-504)³⁵, oriunda dos primeiros 2m do sítio, aos quais pertencem os cinco indivíduos mais antigos; e a segunda, 4640 ± 80 AP (SI-508)³⁶, coletada a 25 cm de profundidade, contemporânea dos outros quatorze. As datações, dentre as consultadas, são as poucas que tem consonância com a profundidade de onde foram coletadas, mas mesmo assim há um momento de sobreposição temporal das datações que deixa os dois cemitérios contemporâneos. Neste caso, os dados das Práticas foram somados. Ver a Tabela 12 para constatar a organização dos dados.

Tabela 12 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Porto Maurício, datado dos períodos de 4720-4560 e 4840-4680AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Datação Superior (25cm)	4720-4560	0	14	RAUTH (1967)
		ABANDONO		
Datação Inferior (2m)	4840-4680	0	5	RAUTH (1967)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1967).

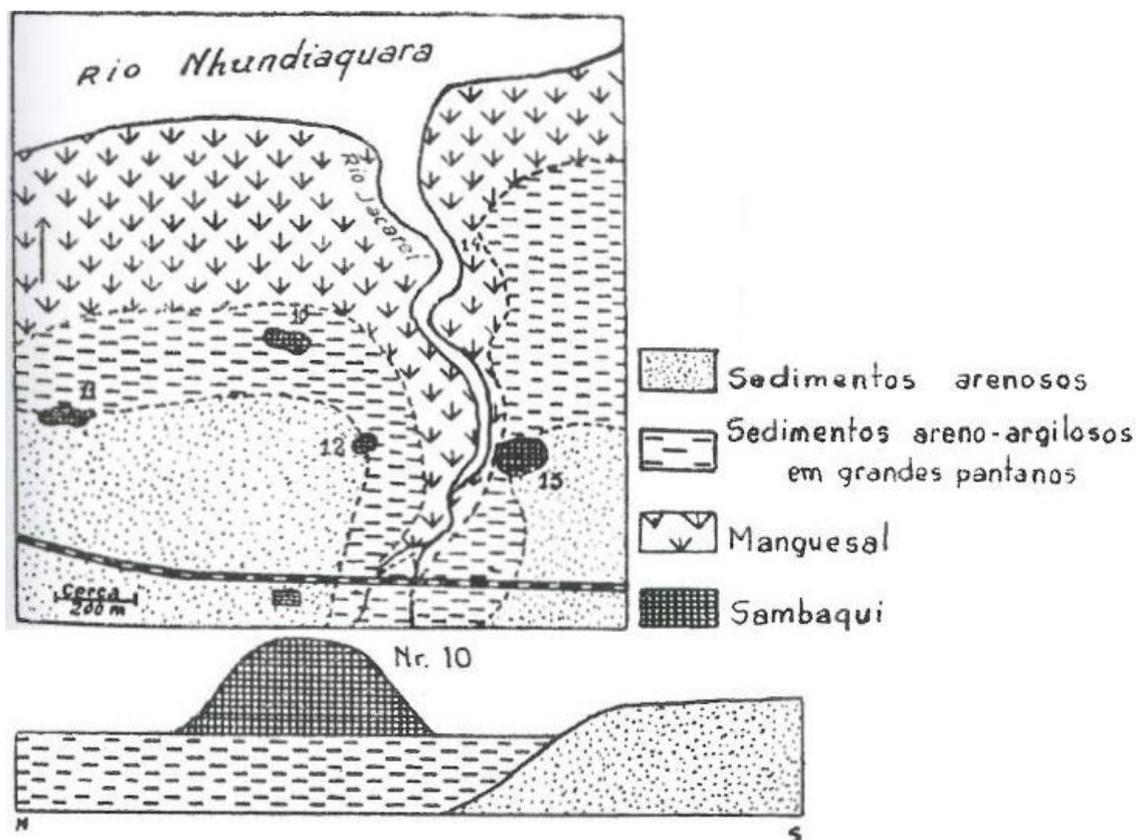
6.3.1.1.6 Sambaqui de Saquarema

³⁵4840-4680 calculada com variação.

³⁶4720-4560 calculada com variação.

Localizado dentro da carta topográfica de Paranaguá, nas coordenadas 25°30'33"S e 48°42'07"W, medindo 135 x 65 x 10,5m segundo Parellada e Neto, (1994, p. 145). Bigarella, ao numerá-lo, lhe concedeu o número 10 (BIGARELLA, 2011, p. 63). A Figura 13 contextualiza seus entornos na época de Bigarella.

Figura 13 - Croqui de situação do Sambaqui de Saquarema.



Fonte: Adaptado de Bigarella (2011, p. 63).

Estratigrafia

A estratigrafia do Sambaqui de Saquarema apresentada por Rauth (1962) é dividida em dois conjuntos: o de camadas superiores, onde a tafonomia foi mais presente, e as camadas inferiores, com conteúdo cultural intacto. As camadas inferiores foram divididas em “Unidades”, classificadas da letra A até E, e nelas foram encontrados todos os sepultamentos com o qual este sítio contribuiu.

A Unidade A mergulha do final da primeira e mais antiga camada húmica (15cm de profundidade) a até 4,25m de profundidade, partindo da superfície do sítio. A camada era composta por estratos de *Ostrea*, *Anomalocardia brasiliiana*, *Modiolus brasiliensis* e finas lentes de carvão e cinzas; todas as espécies e lentes intercaladas ao longo da Unidade (RAUTH, 1962, p. 17).

A Unidade B é um período de desocupação do Sambaqui de Saquarema. A profundidade era de 4,26m a um máximo de 4,75m. A compactação e a cor escura eram as características principais desta camada argilosa. *Anomalocardias* trituradas se misturavam ao sedimento principal. Foram frequentes os ossos de animais e as lascas de diabásio (RAUTH, 1962).

A Unidade C, última onde se encontrou sepultamentos, se projetava de 4,76m a 7m de profundidade. A única feição matrerial era composta por *Ostrea*, com um único e extenso filete horizontal de carvão. Rauth percebe que a presença de material lítico decresceu nesta camada (RAUTH, 1962).

A Unidade D não teve a presença de nenhuma *Ostrea*, e sim, de elementos constituídos a partir de *Modiolus* e *Anomalocardia*, alternados com lentes de carvão e cinzas. Dentre suas características, a matriz também apresentou ossos de peixe queimado e um gradual aumento na quantidade de material lítico (RAUTH, 1962).

Sepultamentos

Apesar do sítio possuir grandes proporções, o total de indivíduos exumados e descritos é oito. Dois indivíduos foram exumados da Unidade A, outros dois na Unidade B e as outras quatro ossadas eram oriundas da Unidade C. Destes, sete são crianças e o restante é uma mulher. Chama a atenção o fato de cinco adornos terem sido encontrados junto aos cadáveres de quatro crianças, incluindo um com uma adulta. Rauth não pôde escavar este sítio até o fim da profundidade da camada arqueológica (RAUTH, 1962, p. 17-33). O total das práticas será somado, pois os níveis deste sítio são arbitrários. As informações recolhidas estão na Tabela 13, abaixo.

Tabela 13 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Saquarema, datado dos períodos de 4139-4015 e 4382-4258AP.

Categoria / Variável	Quantidade	Categoria / Variável	Quantidade
Cova	3	Adorno	5
Mobília Funerária	2	Adulto	1
Ocre	2	Criança	7
Estendido	2	Masculino	0
Fletido	3	Feminino	1
Combustão	0	Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1962).

Datações

A Unidade A possui a datação 4077 ± 62 AP (P-586)³⁷. As amostras radiocarbônicas da Unidade C, produziram a datação de 4320 ± 62 AP (P-587)³⁸, (HURT, 1964, p. 29). Utilizamos a curva de meia vida do carbono de 5568 anos. Os sepultamentos encontrados na camada de abandono foram somados nas datações 4258 (variável menor da datação mais antiga) e 4139 (variável maior da datação mais recente), incorporando-os de modo realista no intervalo entre as duas datações escolhidas. As datações e a sua relação com a estratigrafia do sítio estão na Tabela 14

Tabela 14 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Saquarema, datado dos períodos de 4139-4015 e 4382-4258AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Unidade A	4139-4015	2	2	RAUTH (1962)
Unidade B (Abandono)	Indisponível	2	2	RAUTH (1962)
Unidade C	4382-4258	4	4	RAUTH (1962)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1962).

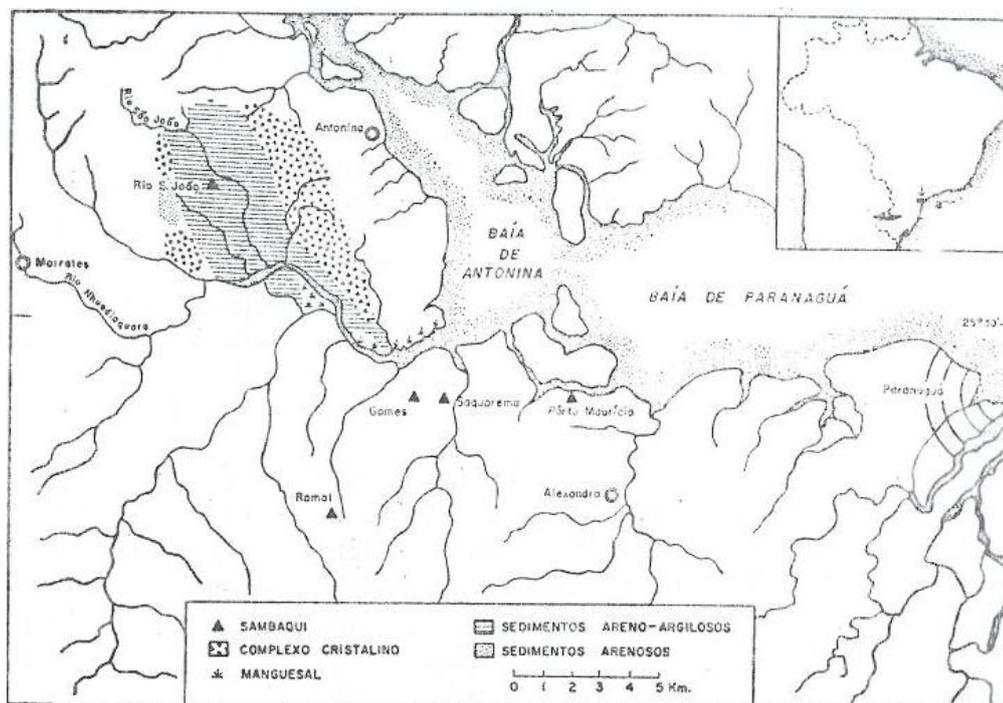
6.3.1.1.7 Sambaqui do Rio São João

Localizado dentro da carta topográfica de Morretes, nas coordenadas $25^{\circ}28'40''S$ e $48^{\circ}45'18''W$, medindo $35 \times 30 \times 2,5m$ (PARELLADA; NETO, 1994, p. 133). Bigarella numerou o sambaqui como nº 3 (BIGARELLA, 2011, p. 59, Figura 14).

³⁷4139-4015 com variação calculada.

³⁸4382-4258 com variação calculada.

Figura 14 - Situação do Sambaqui do Rio São João na Baía de Paranaguá.

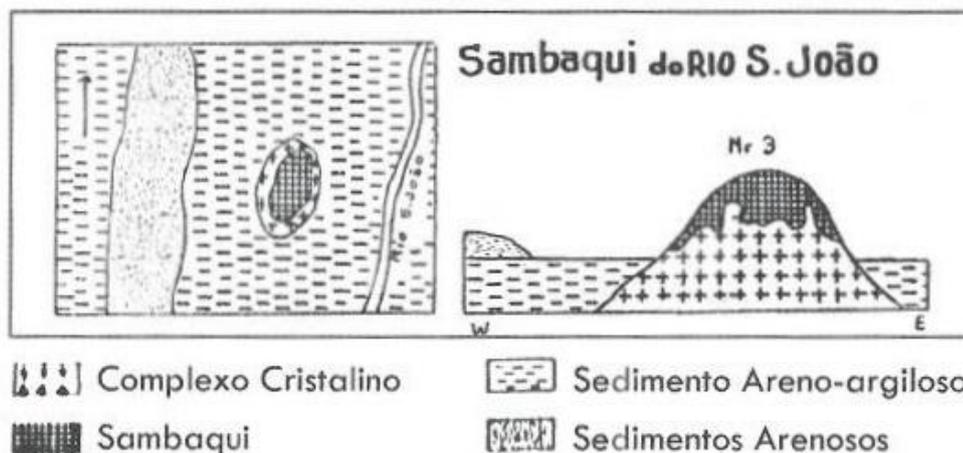


Fonte: RAUTH, 1969, p. 76.

Estratigrafia

Rauth (1969) descreve uma estratigrafia tripartite onde predomina a *Ostrea* nas camadas superiores e inferiores; a camada intermediária intercala as anteriores e é considerada um período de abandono do Sambaqui do Rio São João. A camada superior e a inferior não são tratadas e, na verdade, apenas se sabe de sua existência quando da análise do material lítico no artigo, que difere entre elas e é tratado através de tópicos específicos para ambas. Outras características relacionadas às camadas inferior e superior são: um bloco compactado de *Ostreas* pela ação do fogo, localizado na profundidade de 1m – camada inferior; presença rara de ossos de caçados e pescados e considerável número de artefatos líticos em ambas camadas (RAUTH, 1969, p.79-81). A Figura 15 oferece um croqui esquemático da estratigrafia do sítio.

Figura 15 - Croquis de situação e de corte esquemático do Sambaqui do Rio São João.



Fonte: Adaptado de Bigarella (2011, p. 61).

A camada intermediária possui a seguinte descrição:

Na profundidade de 50cm, foi descoberto uma camada de cor escura, a qual se inclinava abruptamente para o quadrante norte-leste – na direção leste. [...] Essa camada constituída de argila e cinzas estava associada com valvas de ostras, material esse que calcinado empresta-lhe uma extrema solidez, principalmente no centro. Possivelmente, essa camada venha a evidenciar uma desocupação humana mais ou menos prolongada do lugar (RAUTH, 1969, p.78).

Uma última feição estratigráfica é documentada em uma interrupção brusca, abaixo da camada escura no lado leste, dando lugar a uma matriz composta por *Modiolus brasiliensis*, lentes de carvão e fogueiras circulares (RAUTH, 1969).

Sepultamentos

Os sepultamentos exumados totalizam vinte e sete indivíduos, sendo que vinte e cinco “estavam localizados desde a camada humosa até o piso da camada escura [camada de abandono] e dezesseis deles pouco acima e no meio desta camada” (RAUTH, 1969, p. 82). Entendemos que ele se refere apenas à camada superior ao elencar os dezesseis indivíduos que cita; logo, supomos que haviam nove indivíduos na camada inferior e dezesseis na superior, após o abandono do sítio³⁹.

³⁹Consideramos a descrição de Rauth, no mínimo, dubitável. Ele pode estar se referindo à camada escura de abandono ao dizer que dezesseis indivíduos estavam “pouco acima e no meio desta camada”. Contudo, como ele notificou um abandono, já notado em suas experiências anteriores no Gomes, Porto Maurício e Saquarema, parece lícito afirmar que se trata realmente de uma camada de desocupação humana.

Apenas as tumbas com “oferendas ou tratamento especial” (RAUTH, 1969, p. 82), são mencionadas em seus pormenores, totalizando seis indivíduos descritos, mas há trechos referentes aos outros sepultamentos em geral: “[...] representam indivíduos em posição completamente fletida [...]” (RAUTH, 1969, p. 82), “Esses indivíduos, também, [...] foram cobertos por uma camada de argamassa, completamente calcinada, constituída de cinzas e ostras.” (RAUTH, 1969, p. 82), “[...] três pendentes confeccionados em pedra estavam presentes junto a sepultamentos humanos”(RAUTH, 1969, p. 84), “No Macedo foi notória junto às sepulturas a presença de ocre, ritual este completamente desconhecido dos povos que construíram o sambaqui do São João”(RAUTH, 1969, p. 82). A Tabela 15 realiza as quantificações necessárias para nossa pesquisa.

Tabela 15 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Superior do Sambaqui do Rio São João, datado do período de 4910-4710AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	1
Mobília Funerária	26
Ocre	4
Estendido	0
Fletido	25
Combustão	0
Adorno	1
Adulto	0
Criança	0
Masculino	Não informado
Feminino	Não informado
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1969).

Datações

Duas datações do Sambaqui do Rio São João foram publicadas em 1974, possuindo números de série (SI-1024) e (SI-1022)⁴⁰. A diferença entre as duas datações é de cerca de cem anos, o que torna tentador usar a datação mais antiga para os sepultamentos da camada inferior; mas, infelizmente, não existe qualquer informação sobre a origem das amostras. Uma terceira datação, com o número de série SI-1023, possui um valor que se comporta no intervalo entre as datações

⁴⁰ 4960 ± 110 e 4665 ± 90, respectivamente.

anteriores; assim, julgamos mais apropriado relativizarmos e considerarmos este espaço de tempo (4910-4710) como o período de ocupação do sítio, incluindo a desocupação. A datação é 4810 ± 100 AP (SI-1023). A Tabela 16 esquematiza as datações.

Tabela 16 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio São João, datado do período de 4910-4710AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada Superior	4910-4710	3	16	RAUTH (1969)
		ABANDONO		
Camada Inferior	4910-4710	3	9	RAUTH (1969)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Rauth (1969).

6.3.2 SAMBAQUIS DE SANTA CATARINA

Aqui, a cultura sambaqueira parece ter atingido um ápice populacional bastante significativo, a se julgar pelas descrições da variada e rica cultura material encontrada em esplendor jamais visto antes no litoral – associada com um advento na tecnologia óssea, multiplicação de sítios e aparente complexidade suposta a partir de funerais com elevado grau de elaboração individual (FOSSARI, 1985; LIMA, 2000; PROUS, 1977, 1992; TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; TIBURTIUS; BIGARELLA, I.; BIGARELLA J., 1954). As práticas funerárias são um reflexo (ou refletem?) dessa multiplicidade de formas dessa cultura que lograram se preservar até hoje.

Os esforços da égide pronapiana para uma cronologia do litoral catarinense se converteram, naturalmente, em delimitações de fases suportadas por caracteres técnico-tipológicos organizados entre si ao modelo evolutivo. Esta organização decorre do preparo de uma cronologia relativa necessária na época, já que poucas datações radiocarbônicas eram existentes para os sítios considerados. Demonstraremos via quadro as fases definidas para a região tentando organizar esta cronologia do mais antigo para o mais recente com o auxílio de datações realizadas posteriormente à fundação das fases; assim como elencando as (principais) características técnicas responsabilizadas pela constituição da fase propriamente dita. O quadro também elenca as colunas: “Tecnologia”, que se refere ao “nível” tecnológico empregado pela fase; “Sítios”, que elenca a quantidade e/ou

nomes dos sítios utilizados para contextualizar a fase, quando disponíveis; “Porção Geográfica”, que localiza espacialmente a fase em litoral norte, central e sul; “Datação Relativa”; proposta através do nível tecnológico, relações com cultura material similar em outros sítios e análise geomorfológica; “Datação Absoluta”, geralmente obtida em momento posterior ao da circunscrição da fase, para sítios tidos como pertencentes a ela e “Referência Primária”, que informa onde a fase foi publicada pela primeira vez, balizando-a em definitivo.

Observando o Quadro 1 podemos antever as conclusões de Walter Piazza e Anamaria Beck, principalmente da última. O aparecimento tardio de cerâmica indica que

os grupos portadores de cerâmica foram os últimos a chegarem ao litoral [sendo que] é possível, ou mesmo provável, que os grupos portadores de cerâmica de tradição não-tupiguarani tenham precedido grupos portadores de cerâmica da tradição tupiguarani (BECK, 2007, p. 265).

Chmyz se furta de exprimir quaisquer dinâmicas populacionais apresentando apenas um quadro sinótico com a sequência estabelecida das fases.

Deve ser lembrado, também, que as fases de Piazza foram delimitadas sem que o autor tivesse citado o trabalho de Beck. Prous e Piazza associam uma igualdade entre a fase Araquari e a fase Enseada, assim como as fases Saguacu, Saí e Acaraí são resultado de uma divisão da fase Morro do Ouro através de um critério malacológico (PROUS; PIAZZA, 1977, p. 30).

De qualquer forma, Anamaria Beck fundamentaria as proposições abraçadas pelos pesquisadores posteriores: a um grupo litorâneo autóctone, surge uma presença cultural (no passado interpretado como “um grupo portador”) sob a forma de uma tecnologia específica do fabrico de cerâmica; presença esta atestada pelas fases “superficiais” de alguns sambaquis. Este grupo teria “ocupado estes sítios, desenvolvendo então uma cultura material semelhante a dos sambaquis, baseada numa economia de pesca e coleta de moluscos”, (BECK, 1968, p. 97, 1970, p. 27). Seguindo-se a esta visita, haveria outra, evidenciada pela cerâmica Tupiguarani que descia em massa pelo litoral e pelo interior do continente, modificando mais uma vez o panorama da cultura material da região com um aumento de acampamentos e breves ocupações sobre alguns sambaquis.

Quadro 1 - Sistema cronológico relativo de fases arqueológicas para o litoral de Santa Catarina.

FASE	CARACTERÍSTICAS	TECNOLOGIA	SÍTIOS	PORÇÃO GEOGRÁFICA	DATAÇÃO RELATIVA	DATAÇÃO ABSOLUTA	REFERÊNCIA PRIMÁRIA
Morro do Ouro	Indústria lítica lascada simples, talhadores, raspadores e lascas. Líticos polidos elaborados, machados. Sepultamentos numerosos sempre fletidos, acompanhamento funerário, ocre (BECK, 1970, p. 25).	Pré-cerâmica	Morro do Ouro	Litoral Norte	“Mais antiga ocupação da área, com possível relacionamento com a fase Congonhas do litoral sul” (SIMÕES, 1972, p. 57).	Sítio Morro do Ouro: 4030 ± 40 (BANDEIRA, 2010)	BECK, 1970
Congonhas	Sambaquis de mais de 10m, indústria lítica com polimento refinado, machados, facas, tembetás, indústria lascada em talhadores e raspadores. Picoteamento. Artefatos de ossos e conchas praticamente limitados a sepultamentos. Ocre nos mortos. (BECK, 1970, p. 46-48, 62-63).	Pré-cerâmica	4 sítios Congonhas I, Carniça I, Carniça II, Cabeçuda	Litoral Sul	“Possível relacionamento com a fase Morro do Ouro” (SIMÕES, 1972, p. 27).	Sítio Congonhas I: 3270 ± 200 (PROUS; PIAZZA, 1977)	BECK, 1970
Saguaçu	“...dominância de <i>Modiolus brasiliensis</i> ”, “A (...) indústria lítica desta fase, com lascas somente” (PIAZZA, 1974, p. 56).	Pré-cerâmica	2 sambaquis	Litoral Norte	Por volta de 3000 a.C. (PIAZZA, 1974, p. 63).	Disponível?	PIAZZA, 1974

(CONTINUA)

Quadro 1 - Sistema cronológico relativo de fases arqueológicas para o litoral de Santa Catarina.

FASE	CARACTERÍSTICAS	TECNOLOGIA	SÍTIOS	PORÇÃO GEOGRÁFICA	DATAÇÃO RELATIVA	DATAÇÃO ABSOLUTA	REFERÊNCIA PRIMÁRIA
Saí	Enterramentos predominantemente estendidos, “A indústria lítica se caracteriza por batedores de núcleo e lascas”, (PIAZZA, 1974, p. 56) com presença de um zoólito antropomorfo em granito.	Pré-cerâmica	3 sambaquis	Litoral Norte	Por volta de 2000 a.C. (PIAZZA, 1974, p. 63).	Disponível?	PIAZZA, 1974
Acaraí	Enterramentos predominantemente estendidos, núcleos, lascas, polimento, semi-polimento, batedores de granito e quartzito, machados de diabásio e granito, quebra-coquinhos de granito, raspador de diabásio, zoólitos em granito (PIAZZA, 1974, p. 56).	Pré-cerâmica	50 sambaquis	Litoral Norte	Disponível?	“970 ± 100 a.C. (SI-226) a 270 ± 240 a.C. (SI-224)” (SIMÕES, 1972, p. 13) “para esta fase, nesta área geográfica”, (PIAZZA, 1974, p. 57).	PIAZZA, 1974
Ponta das Almas	Indústria lítica polida e semi-polida em machados. Sepultamentos em cova de argila, estendidos e duplos (BECK, 1970, p. 63).	Pré-cerâmica	1 sítio, Ponta das Almas	Litoral Central	Sítio datado.	4289 ± 400 AP a 2220 ± 250 AP (PIAZZA, 1966)	BECK, 1970

(CONTINUAÇÃO)

Quadro 1 - Sistema cronológico relativo de fases arqueológicas para o litoral de Santa Catarina.

FASE	CARACTERÍSTICAS	TECNOLOGIA	SÍTIOS	PORÇÃO GEOGRÁFICA	DATAÇÃO RELATIVA	DATAÇÃO ABSOLUTA	REFERÊNCIA PRIMÁRIA
Rio Lessa	Indústria lítica polida em machados retangulares, tembetás e plaquetas, machados lascados, lascas. Cerâmica preta, polida, lisa, simples. Artefatos ósseos, pontas duplas e dentes de seláquio perfurados (BECK, 1969, p. 164-166, 1970, p. 64).	Cerâmica, Tradição Itararé (BECK, 1969, p. 165).	1 sítio, Sambaqui do Rio Lessa	Litoral Central	Cerâmica similar aos sítios Base Aérea, Tapera, Rio Pinheiros, Itacoara, Prefeitura, Enseada I, Forte Marechal Luz e do interior, como Tradição Itararé (BECK, 1969, p. 167, grifo nosso).	Não disponível.	BECK, 1969
Enseada	Camadas superiores de sambaquis. Cerâmica lisa com leve engobo avermelhado (BECK, 1968, p. 96).	Cerâmica	Enseada I, Itacoara, Prefeitura de Araquari	Litoral Norte	“A.D. 1000 – cerâmica relacionada com a do sambaqui do Forte Marechal Luz, datado em A.D. 1070 ± 100 (M-1202)” (SIMÕES, 1972, p. 30).	3920 ± 40 (camada inferior sem cerâmica) a 1390 ± 40 (camada superior, cerâmica)(BANDEIRA, 2010).	BECK, 1968
Araquari	Camadas superiores de sambaquis, pesca majoritária, cerâmica com engobo vermelho e branco, tratamento plástico unglado ⁴¹ , polimento lítico, machados bifaciais, batedores e quebra-cocos em granito e diabásio (PIAZZA, 1974, p. 58).	Cerâmica, Tradição Itararé	4 sítios, Forte Marechal Luz	Litoral Norte	Mais recente que a fase Acaraí e mais antiga que a fase Araquari (PIAZZA, 1974, p. 63).	A.D. 1070 ± 100 (M-1202), Forte Marechal Luz (BRYAN, 1993).	PIAZZA, 1974

(CONTINUAÇÃO)

⁴¹ Não necessariamente todas as características são concomitantes na mesma peça.

Quadro 1 - Sistema cronológico relativo de fases arqueológicas para o litoral de Santa Catarina.

FASE	CARACTERÍSTICAS	TECNOLOGIA	SÍTIOS	PORÇÃO GEOGRÁFICA	DATAÇÃO RELATIVA	DATAÇÃO ABSOLUTA	REFERÊNCIA PRIMÁRIA
Pirai	Camadas superiores de sambaquis, tratamento plástico cerâmico simples, alisado, tratamento cromático com traços lineares e desenhos geométricos sobre branco ou vermelho, unglado, corrugado, serrungulado, ponteadado, artefatos em granito ou diabásio, machados bifaciais, batedores (CHMYZ, 1974, p. 59).	Cerâmica, “não Tupiguarani”(PIAZZA, 1974, p. 58).	2 sítios	Litoral Norte	Entre 1000 e 1500 A.D. (PIAZZA, 1974, p. 63).	Não disponível?	PIAZZA, 1974
Itapocu	Cerâmica corrugada, pintada (vermelho sobre branco), unglado, serrungulado e escovado, “Foi anotado, somente, um machado bifacial” (PIAZZA, 1974, p.60.)	Cerâmica, Tradição Tupiguarani	1 sítio	Litoral Norte	+1500 A.D. (PIAZZA, 1974, p. 63).	Não disponível	PIAZZA, 1974

(CONCLUSÃO)

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados de Bandeira (2010), Beck (1968, 1969, 1970), Bryan (1993), Chmyz (1974), Piazza (1966, 1974), Prous e Piazza (1977), e Simões (1972).

A nível geográfico, visando uma ocupação espacial, os litorais sul e norte rivalizam pela maior antiguidade inicial; sendo esta uma rivalidade vazia. A similitude das ferramentas líticas, do tamanho dos sítios e da presença de sepultamentos dos sambaquis, aliado à proximidade temporal existente entre as fases, demonstram que o litoral inteiro de Santa Catarina pululava de barcos de pesca e de pessoas recolhendo mariscos desde antes da faixa estabelecida pela arqueologia. A fase Ponta das Almas, definida pelo sítio homônimo, pré-cerâmico e quase contemporâneo (300 anos, variação calculada) da fase Congonhas encaixa-se entre as regiões tratadas, unindo o litoral. Embora a perspectiva histórico-culturalista tenha falhado em encontrar o início da ocupação da região, a situação temporal da chegada da tecnologia cerâmica e do surgimento de sítios conchíferos aliados a cerâmica Jê e implementos sambaquieiros de pesca é um mérito indubitável.

Tais resultados foram amparados nos anos posteriores de pesquisa na região. Dione Bandeira, em sua tese de doutoramento abordou a presença de cerâmica da Tradição Taquara (etnia Jê) na região da Baía da Babitonga estudando os sítios Enseada I, Tapera, Forte Marechal Luz, Base Aérea, Rio Pinheiros, Itacoara e Bupeva II. A mais antiga é a do sítio Enseada I (da fase Enseada) com a mesma datação apresentada no Quadro 1. Estes sítios teriam como principais características serem sítios rasos, não construídos sobre sambaquis antigos – pré-cerâmicos –, cerâmica associada estratigraficamente de modo integral e quase total ausência de anzóis (BANDEIRA, 2005, p. 175).

Adicionalmente, análises morfométricas de esqueletos oriundos indistintamente de sambaquis e concheiros cerâmicos revelaram a existência de dois grupos genéticos presentes em bolsões espalhados pelo Paraná e Santa Catarina – durante a incursão no litoral, teriam-se, inclusive, trocado mulheres entre os dois grupos (NEVES, 1988; OKUMURA, 2007).

Pela análise temporal de Hurt (1974, p. 17) o início da construção do sambaqui mais antigo (deste estudo) do litoral norte de Santa Catarina se encaixa dentro do Período III (4800-4100 antes do presente). O sambaqui do Cubatãozinho (4840-4680), portanto, teria sido construído durante um decréscimo de 3,5m no nível do mar – no mesmo período que Hurt supõe uma massiva desocupação da Baía de Nhundiaquara, mais ao norte. Assim, membros desta aqui suposta onda migratória, teriam iniciado a ocupação da Baía da Babitonga em continuidade direta com os

desalojamentos mais ao norte. Conta em favor desta hipótese a manutenção das espécies utilizadas para alimentação em ambas Baías.

Durante este mesmo Período, por volta de 4500, os níveis rapidamente subiram para os mesmos do Período anterior – cerca de 2,5m acima do nível atual do mar. As variações mais antigas para os sambaquis do Rio Pinheiros (4700-4460), no litoral norte, e Ponta das Almas (4689-3889), no litoral central, correspondem a esta ascensão. Enquanto a desocupação do sambaqui do Rio Pinheiros parece ocorrer em virtude desse aumento do nível do mar, a Baía de Nhundiaquara é reocupada pelo sambaqui do Gomes⁴² (HURT, 1974) e surge o Ponta das Almas, o que poderia corresponder a uma migração do litoral norte de Santa Catarina tanto para norte quanto para sul.

A chegada do Período IV (4100-3400 antes do presente) testemunha uma suave elevação do nível do mar de meio metro em relação ao período anterior, totalizando 3m acima do nível atual.

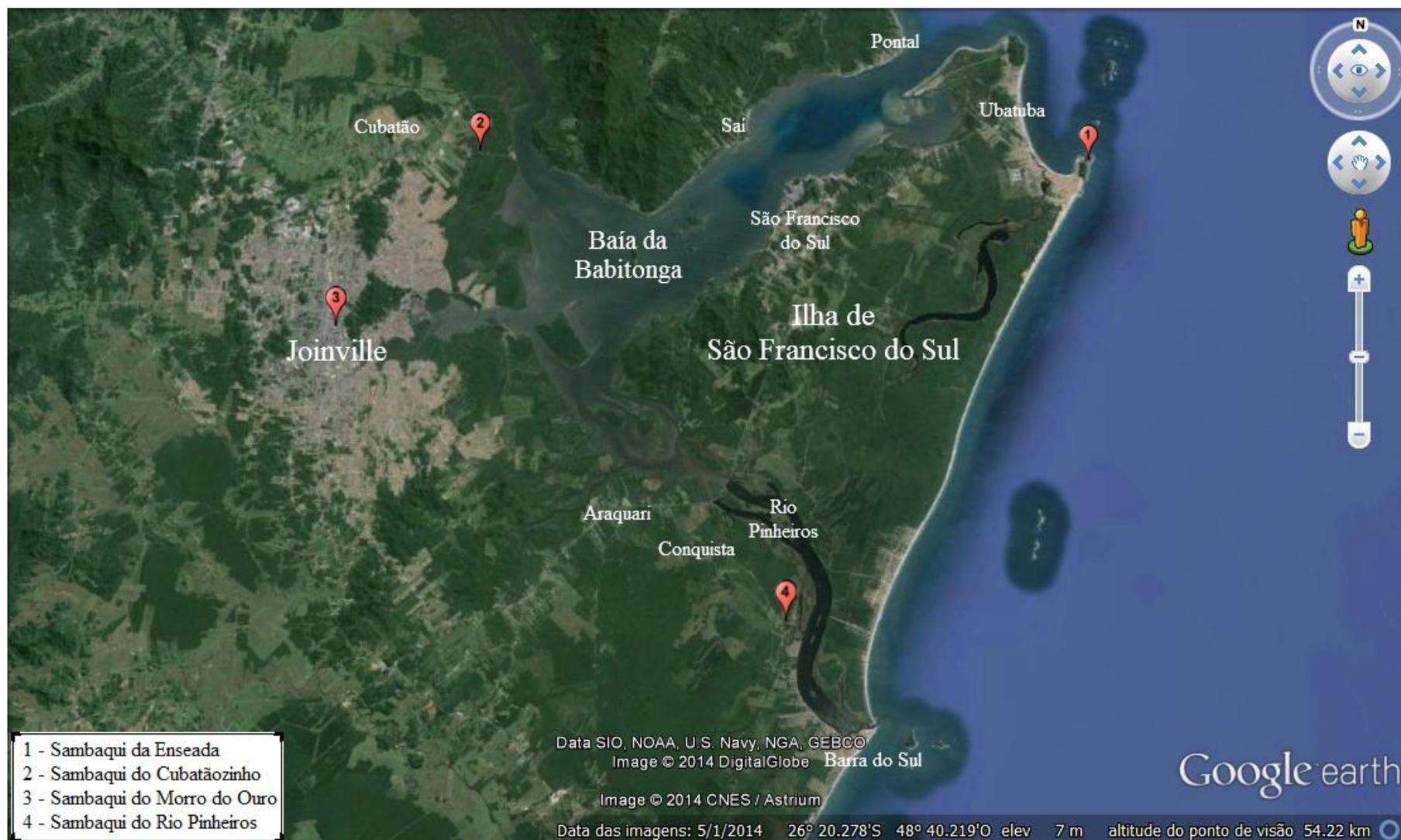
Judging by the radiocarbon dates that have been published from sambaquis, there it seems to have a heavy occupation of the southern coast of Brazil during this period. In addition to the probable increase in the number of sites, some of the largest shellmounds were begun in this period, for a rise in the sea level a great enlargement in the size of the interior tidal waterways would have taken place with the subsequent increase in the quantity of fish and shellfish (HURT, 1974, p. 18).

Realmente, os grandes sambaquis do Morro do Ouro e da Enseada começam a ser acumulados durante este momento propício, assim como prossegue a ocupação mais antiga do sambaqui de Ponta das Almas. O sambaqui de Guaraguaçu também é contemporâneo deste momento. Não sabemos de onde vem a população responsável pelo Morro do Ouro e Enseada, mas supõe-se que seja outro influxo do norte em direção ao sul. Ainda durante este período o Ponta das Almas é desocupado e reocupado, e surge o sambaqui de Congonhas, no litoral sul de Santa Catarina, assim como se inicia o sambaqui do Macedo no Paraná.

É interessante notarmos que a cerâmica é um elemento bastante tardio comparado com o surgimento de sambaquis e movimentos migratórios litorâneos. Embora provavelmente tenham existido influxos do interior para o litoral, o deslocamento de pessoas pelas praias parece constante e é entremeado pelo avanço e recuo do mar, assim como pela fundação e abandono de sítios.

⁴² E talvez o início da construção do sambaqui de Saquarema.

Figura 16 - Baía da Babitonga, Ilha de São Francisco do Sul e situação dos sambaquis.



Fonte: Mapa gerado pelo autor através do software Google Earth

6.3.2.1 Baía da Babitonga

A Baía da Babitonga possui alguns dos maiores sambaquis já estudados, mas, em nossa pesquisa, apenas quatro sítios foram elencados: os sambaquis da Enseada, Rio Pinheiros, Morro do Ouro e Cubatãozinho. A Figura 16 localiza estes sambaquis na microregião da Baía da Babitonga.

6.3.2.1.1 Sambaqui de Enseada

“O Sambaqui de Enseada I – SC LN 71 – está localizado ao Norte da Cidade de São Francisco do Sul, próximo à localidade de Enseada” (BECK, 2007, p. 209). O sambaqui foi escavado por Guilherme Tiburtius em 1964, (TIBURTIUS, 1996, p. 35), e Anamaria Beck, em 1970 e 1971 (BECK, 2007, p. 209).

Estratigrafia

A escavação de Tiburtius identificou duas ocupações: o Horizonte Cultural A, mais antigo e “considerado como o sambaqui propriamente dito”, (TIBURTIUS, 1996, p. 33); e o Horizonte Cultural C, mais recente e associado com cerâmica. O Horizonte C cobre totalmente o Horizonte A e também possui uma área maior (TIBURTIUS, 1996, p. 33-34). Consideraremos apenas o Horizonte A, visto que o C possui cerâmica.

A formação do amontoado deu-se através da acumulação em estratos de várias espécies de conchas, principalmente de berbigão (*Anomalocardia sp*), de dois tipos diferentes de ostras (*Ostrea sp*), de bacucu em grande quantidade (*Modiolus brasiliensis*) e de algumas outras poucas espécies. Apresenta extensas faixas de fogo – fogueiras são mais raras –, surpreendente quantidade de grandes ossos de baleia com sinais de queima, instrumentos de pedra e esqueletos em todas as camadas (TIBURTIUS, 1996, p. 33).

Anamaria Beck, realizou duas sondagens: uma no topo do sítio, atingindo a profundidade de três metros; e outra, ao sopé do sítio, que perfurou até um metro e meio de profundidade. Ela também identificou duas camadas – a primeira,

um sambaqui sujo, em que os bolsões de conchas de várias espécies de moluscos estavam mesclados com camadas de terra escura, ossos de peixes, mamíferos e aves [...] em que predominaram artefatos de ossos e cacos de recipientes de cerâmica (BECK, 2007, p. 210).

Como primeira camada a ser escavada, esta era, portanto, a mais recente.

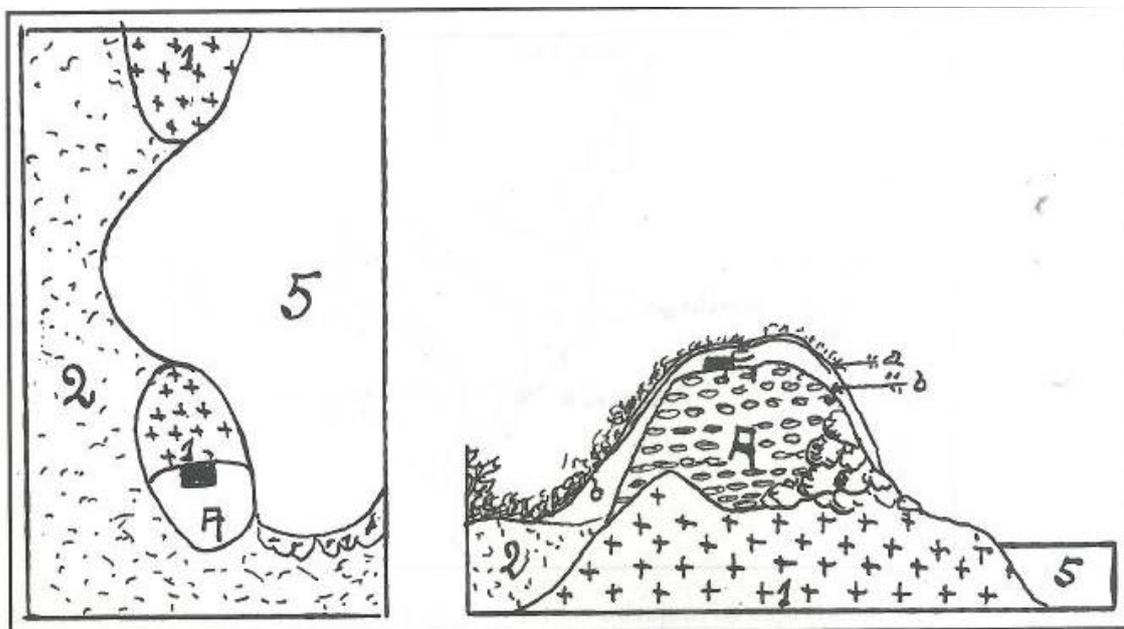
Uma segunda camada também foi identificada, de conchas mais embranquecidas e soltas, com restos de carvão e concreções de conchas. As duas estavam separadas por uma camada húmica cuja matriz conchífera era

representada majoritariamente por *Anomalocardia brasiliiana* e *Ostrea*. Essa matriz também era composta por “Estruturas compactas de conchas em decomposição, associadas a carvão e cinzas” (BECK, 2007, p. 210). A autora julga a solidificação destas estruturas com base em processos de combustão – talvez associado a óleo de baleia.

A discrepância entre a primeira e a segunda ocupação se situa nos achados cerâmicos e na presença de instrumentos ósseos aprimorados; os ritos funerários entre elas eram idênticos nestas páginas (BECK, 2007, p. 210-211), mas posteriormente ela reanalisou os dados e encontra discrepâncias (BECK, 2007, p. 252-253). A cerâmica encontrada “atingia uma profundidade de 1,5m, ou seja, a profundidade máxima que atingiu a segunda ocupação [...] Estava associada à indústria óssea e a sepultamentos com esqueletos fletidos em decúbito lateral” (BECKM, 2007, p. 233-234).

Consideraremos apenas os sepultamentos da primeira ocupação, como dentro do proposto – as Figura 17 e 18 são desenhos realizados por Tiburtius quando da sua escavação do sambaqui.

Figura 17 - Estratigrafia esquemática do Sambaqui de Enseada.



Fonte: TIBURTIUS, 2004, p. 32.

Sepultamentos

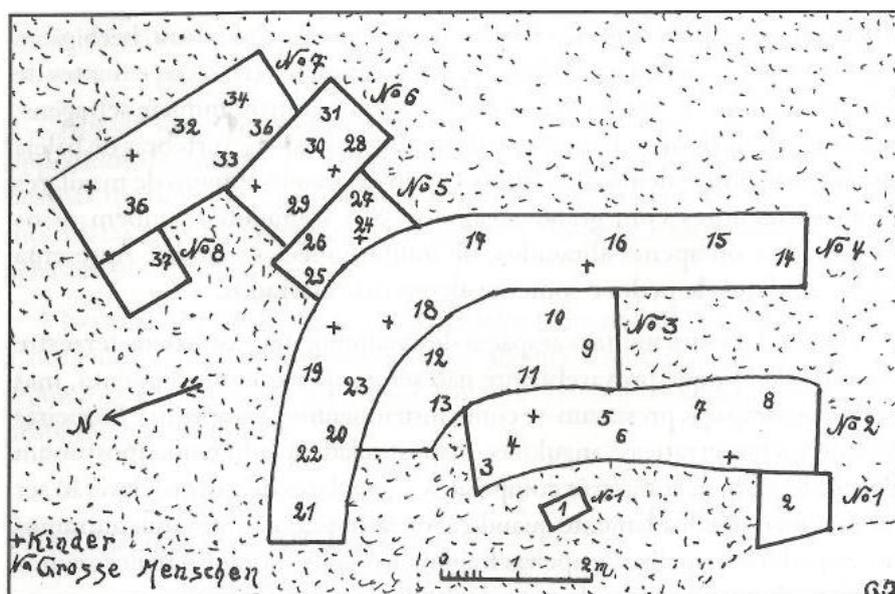
Tiburtius dedicou a maior parte de seu texto a descrever os achados do Horizonte mais recente, comentando a pobreza de evidências antrópicas como a má

conservação dos sepultamentos, o que o impediu de exumar ou descrever qualquer achado funerário que encontrasse (TIBURTIUS, 1996, p. 33-34). Beck teve mais sorte ao exumar e descrever vinte e três indivíduos das duas camadas (BECK, 2007, p. 238-250) e chega à seguinte conclusão:

Resumindo, vemos que os sepultamentos encontrados na escavação do Sambaqui de Enseada I [...] não são padronizados quanto à prática de costumes funerários. Estes podem ser agrupados em dois conjuntos, indicando origens culturais diversas, para os grupos que o praticaram, embora, como dissemos anteriormente, não consideremos a amostra satisfatória para afirmar definitivamente, a existência de correlação entre os últimos sepultamentos encontrados na Sondagem nº 1 [do início da ocupação ceramista] e os sepultamentos da Sondagem nº2. Neste caso, teríamos que admitir, então, a existência de um terceiro conjunto de sepultamentos, de características pouco padronizadas, mas evidentemente relacionados em vista das circunstâncias em que foram encontrados os sepultamentos da Sondagem nº 2 (BECK, 2007, p. 253-254).

No caso, como possuímos a profundidade aproximada, podemos tentar localizar os sepultamentos comparando a profundidade de seu achado, mas as variações típicas das camadas impedem que admitamos com segurança esse projeto. Beck, que escreveu depois de Tiburtius, não o cita e não pode fazer comparações entre as duas escavações. Também é provável que o setor onde Tiburtius escavou já estivesse totalmente demolido. Assim, consideraremos estes sepultamentos que flutuam verticalmente entre a primeira e segunda ocupação – entre 140 centímetros e 160 centímetros como uma espécie de “momento de transição cultural”, um nível arbitrário; duas crianças exumadas por Beck, não tem a profundidade definida e serão colocadas neste nível também, (BECK, 2007, p. 242). Logo, serão desconsiderados da análise.

Figura 18 - Escavações e Sepultamentos retirados do Sambaqui de Enseada por Guilherme Tiburtius.



Fonte: TIBURTIUS, 2004, p. 36.

Tabela 17 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Camada Inferior da Primeira Ocupação do Sambaqui da Enseada, datado do período de 3960-3880 AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	8
Mobília Funerária	7
Ocre	5
Estendido	4
Fletido	2
Combustão	2
Adorno	0
Adulto	7
Criança	1
Masculino	1
Feminino	0
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Beck (1969) e Tiburtius (1996).

Datações

Duas datações, encontradas em Bandeira, Oliveira e Steinbach (2010, p. 28) definem idades aproximadas para as duas ocupações: o sambaqui (3920 ± 40 AP)⁴³ é mais antigo que o povo ceramista do local (1390 ± 40 AP)⁴⁴ – naturalmente, utilizaremos apenas a datação do sambaqui para a análise. A Tabela 18, abaixo, organiza as datações junto aos seus respectivos estratos.

Tabela 18 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui da Enseada, datado dos períodos de 1430-1350 e 3960-3880AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Horizonte Cultural C (segunda ocupação)	1430-1350	48 (Tiburtius), 12 (Beck)	60	BECK (1969, p. 39-48); TIBURTIUS (1996, p.36-45)
Nível Arbitrário Intermediário	Indisponível	4	4	
Horizonte Cultural A (primeira ocupação)	3960-3880	8	8	BECK (1969, p. 39-48)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de BECK (1969) e TIBURTIUS (1996).

6.3.2.1.2 Sambaqui do Cubatãozinho

As poucas informações do Sambaqui do Cubatãozinho se devem, principalmente, ao fato de ter sido demolido em uma época prematura da pesquisa em Sambaquis (PIAZZA; PROUS, 1977, p. 85). Bigarella levantou o sítio e lhe concedeu o número 40, dentro de um levantamento específico para Santa Catarina (BIGARELLA, 2011, p. 145).

Estratigrafia

Eis o que foi documentado por Tiburtius e Bigarella (1960, p. 21-22), sobre as camadas que compunham aquele setor do sambaqui.

Camada 1 – Com uma espessura média de 2,6 metros, este conjunto de estratos representa o horizonte de ocupação mais antigo do perfil. Composta, em ordem de quantidade, por *Modiolus brasiliensis* em disposição compactada; faixas de argila acinzentada; conchas de *Anomalocardia brasiliana*, *Ostrea*; evidências de fogueiras, por vezes cerceadas por pedras; núcleos de ocre; restos de peixes de grande porte. Poucas evidências em pedra. Os esqueletos eram comuns, mas

⁴³3960-3880 com variável calculada.

⁴⁴1430-1350 com variável calculada.

sempre em avançada decomposição, impedindo que fossem estudados de qualquer forma.

Camada 2 – Composta majoritariamente por *Ostrea*, e fragmentos de rocha onde se agarraram as raízes dos moluscos. Restos de peixe, fogueiras e *Modiolus* eram outras manifestações estratigráficas. Não foram localizados sepultamentos ou evidências em pedra, osso ou moluscos.

Camada 3 – Fina camada de 10 centímetros de espessura; carvões e cinzas se misturam com *Ostrea*, *Anomalocardia* e *Modiolus*; em nível decrescente de quantidade.

Camada 4 – Estrato delgado que apresenta numerosos vestígios de fogo, cascas de [*Anomalocardia*] calcinadas e restos de peixe.

Camada 5 – Formada por cascas de [*Anomalocardia*] limpas e soltas.

Camada 6 – “A parte superior do sambaqui” (TIBURTIUS E BIGARELLA, 1960, p 22), com 40 centímetros de espessura é preta, arenosa de granulação fina com poucos restos de moluscos. Fogões com pedras formavam conjuntos que torna lamentável consultar este contexto tão pouco estudado. As pedras racharam com o fogo. Vestígios de cerâmica foram detectados de modo indistinto nesta camada (ver adiante).

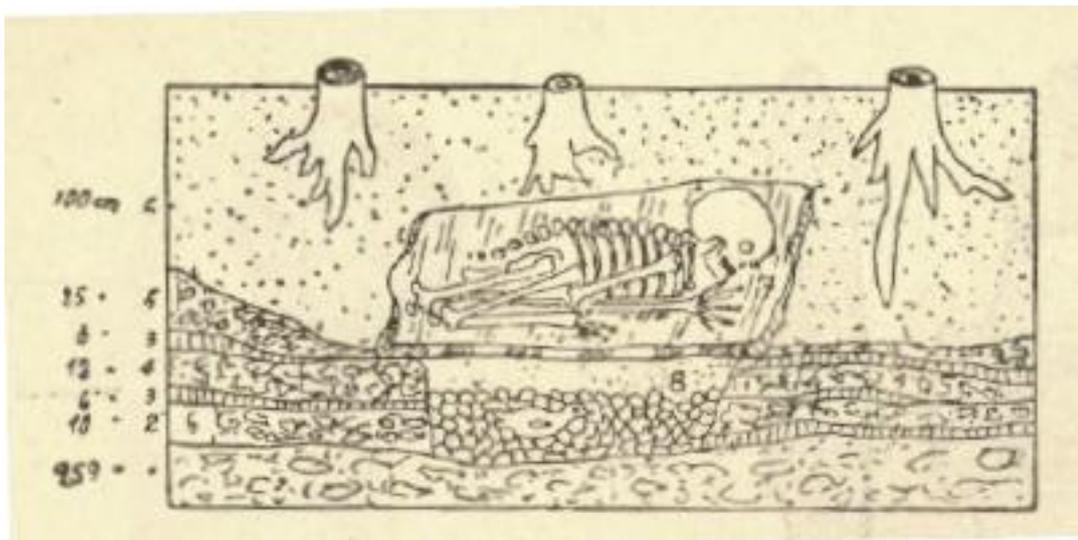
Sepultamento

Apenas um sepultamento, verdadeiro achado fortuito, estava em condições descritivas e se tratava de um indivíduo inumado com um zoólito e variada mobília funerária. Era um adulto fletido sobre seu lado esquerdo que estava em um caixão de ossos de baleia com evidências de corante vermelho. Abaixo dele, jazia o zoólito numa espécie de cova dupla, onde uma segunda cova para a escultura fora escavada a partir do solo da primeira, onde se inumou o adulto. O fundo desta segunda cova estava forrado com 124 seixos rolados sem evidência de uso individual. Ele foi desenhado por Tiburtius e a imagem corresponde a Figura 19.

Contudo, ele está localizado no início da última camada do sítio, que possui evidências de cerâmica não muito precisas, podendo ser intrusivas, de um estrato mais superficial ou pertencentes a toda Camada 6 (PIAZZA; PROUS, 1977, p. 85). Uma camada de abandono existe, a 5, abaixo da camada do sepultamento (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 21).

Como não existe certeza da associação deste sepultamento com a cerâmica (que também não é vinculada aos Jê nem aos Guarani), e visto que ele possui um zoólito, além de conexões com outros sepultamentos peculiares da análise, o consideraremos como informação. A Tabela sumarizante deste sítio é a de número 19, a seguir.

Figura 19 - Croqui do sepultamento e das camadas estratigráficas do extinto Sambaqui do Cubatãozinho.



Fonte: TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 49.

Tabela 19 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Cubatãozinho, datado do período de 4840-4680AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	1
Mobília Funerária	1
Ocre	1
Estendido	0
Fletido	1
Combustão	0
Adorno	1
Adulto	1
Criança	0
Masculino	Não informado
Feminino	Não informado

Múltiplo 0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Fossile (2014).

Datação

A datação (4760 ± 80 AP)⁴⁵(FOSSILE, 2014, p. 8), não possui informação de orientação vertical, logo, apenas sabemos que ela reflete um período de ocupação do sítio.

Tabela 20 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Cubatãozinho, datado do período de 4840-4680AP.

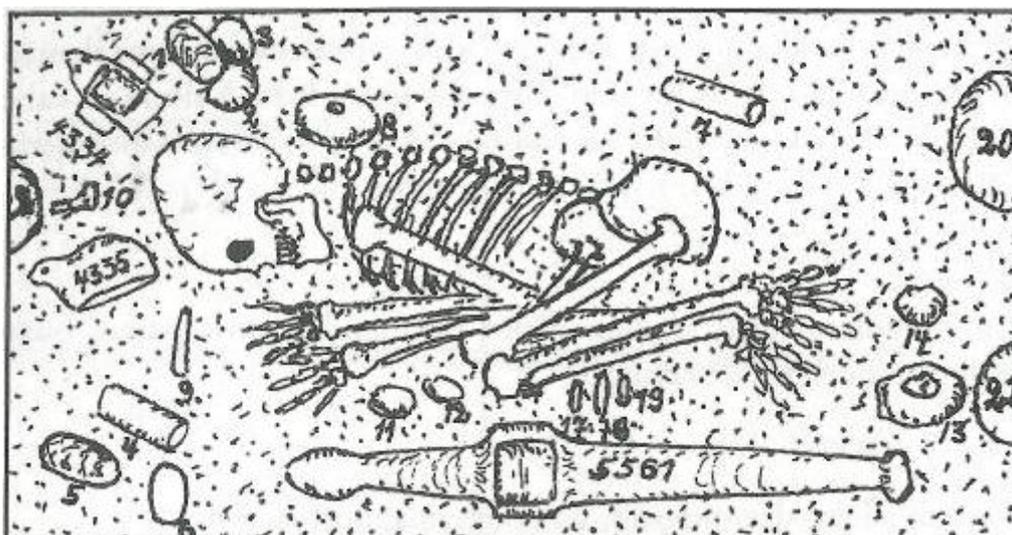
Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada 6	4840-4680	1	1+ ⁴⁶	FOSSILE (2014, p. 8)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Fossile (2014).

6.3.2.1.3 Sambaqui do Morro do Ouro

O Sambaqui do Morro do Ouro é, dentre os que restaram, um dos mais pujantes exemplos da cultura sambaquieira. Foi classificado por Bigarella em um levantamento específico para Santa Catarina como nº 41 (BIGARELLA, 2011, p. 145).

Figura 20 - Sepultamento altamente elaborado do Sambaqui do Morro do Ouro.



Nota: Três zoólitos podem ser percebidos entre a mobília funerária da tumba. Fonte: TIBURTIUS, 2004, p. 82.

⁴⁵ 4840 – 4680 com variável calculada.

⁴⁶ Há sepultamentos exumados, mas não descritos (TIBURTIUS E BIGARELLA, 1960).

Tiburtius escavou um setor em pleno processo de desmonte e afirma que teve muito trabalho para evidenciar uma estratigrafia ampla. Um dia, ao retornar ao sítio, percebeu que as camadas que limpou no dia anterior já haviam sido destruídas pelos operários responsáveis pelo desmonte desordenado do sítio. Isso encerrou seus trabalhos no Sambaqui e ele descreveu nove camadas estratigráficas, com pelo menos uma representando evidência de desocupação temporária do Sambaqui (TIBURTIUS, 1996, p. 77-79).

A camada mais antiga (Camada 1) revelada por Tiburtius,

[...] de 200 cm de espessura em toda a face leste, é de aspecto escuro, muitas vezes preto. Nenhuma das camadas superiores está tão fortemente impregnada de fino carvão vegetal e de grandes e extensas fogueiras misturadas com cinza e conchas calcinadas. [...] Foram encontrados ossos de peixes pequenos, parecidos com aqueles das atuais tainhas e paratis [...]; ossos de mamíferos; utensílios polidos de pedra totalmente lascada; esqueletos decompostos; muitos crânios (que foram colocados em segurança); cascas furadas de ostras; martelos de seixos; dois machados planos, polidos de todos os lados, bem como pedras corantes (TIBURTIUS, 1996, p. 77-78).

Na Camada 1 foi encontrado apenas um; suntuoso sepultamento, objeto de estudo da Figura 20, acima. Sete sepultamentos foram encontrados por Tiburtius na Camada 3, após um breve momento de abandono, caracterizado como Camada 2 (10 cm de espessura). A Camada 3 varia entre 2 e 3 metros de espessura. Ela tinha um aspecto escuro, favorecido por congregações de ossos e escamas de peixes, comparados aos da tainha. Conchas de “ostras, berbigão e bacucu” eram menos representativas. Mamíferos estiveram presentes, mas em escala muito menor. A indústria lítica foi variada, se utilizando de polimento e lascamento. Pedras de ocre, artefatos em ossos de baleia e mamíferos, dentes perfurados de anta, puma e mamíferos menores são exemplos do tipo de cultura material encontrada (TIBURTIUS, 1996, p. 77-78).

Após outro curto intervalo (Camada 4, 8 centímetros de espessura), a Camada 4 foi construída. Tiburtius exumou outros sete indivíduos desta camada.

Camada de 170 cm de espessura, como em outros sambaquis fartamente perpassada por fogueiras. Grandes quantidades de conchas calcinadas de berbigão, praticamente carbonizadas, só puderam ser retiradas com picareta. Interessantes foram as áreas de vários metros quadrados de coquinhos de palmeira, sem vestígios de fogo. Nestas, havia montes de cascas limpas de berbigão, à luz do dia era o mesmo que se encontra em outros sambaquis. Notável foi o achado de um bastão, além de alguns crânios em relativo bom estado. (TIBURTIUS, 1996, p. 78-79).

Por volta de quinze anos depois, Anamaria Beck realizou uma escavação ampla em um setor diferente do de Tiburtius (que já deveria estar totalmente destruído). Apesar de ser uma escavação mais ampla que a de seu antecessor, recuperou muito menos evidências arqueológicas (PIAZZA; PROUS, 1977, p. 87), embora tenha logrado exumar um bom número de indivíduos. A autora descreve três camadas, sendo que uma parece corroborar uma desocupação do sítio.

1ª – situada superiormente e por ordem cronológica, a mais recente, atingiu a profundidade de 3,15 metros, caracterizando-se por numerosos sepultamentos, artefatos líticos e estruturas de corante vermelho. Até a profundidade de 0,90 metros apresentou níveis compactos de argila, valvas de moluscos. A seguir os níveis tornaram-se sempre mais friáveis, constituídos por valvas de moluscos, apenas, quer em camadas quer em bolsões.

2ª – caracterizou-se por extrema pobreza, em relação aos achados arqueológicos. Poucos fragmentos líticos e restos ósseos de peixes constituíram os principais achados. Atingiu a profundidade de 5,50 metros. Apenas uma estrutura foi aí localizada e nenhum sepultamento.

3ª – estendendo-se até a base da trincheira, esta unidade se caracterizou por evidências marcadas de ocupação, revelando várias estruturas horizontais identificadas como solos de cabana e fogueiras; artefatos líticos e um sepultamento (S. 10) do qual foi localizado apenas o crânio, muito fragmentado. O perfil apresentou uma sucessão de camadas claras, formadas por valvas de moluscos, inteiras e fragmentadas, e de camadas escuras constituídas ora por argila escura, ora por carvão, cinzas e valvas de moluscos calcinadas (BECK, 2007, p. 154-155).

Sepultamentos

Doze ossadas foram exumadas e descritas, totalizando vinte e sete indivíduos no sítio. A estratigrafia das duas escavações apresenta similaridades, mas não podemos assegurar que ambas tenham pesquisado sobre as mesmas ocupações humanas do sítio. O sítio, pelas suas proporções, foi aproveitado industrialmente e acabou chamando a atenção de Guilherme Tiburtius, que recém havia se mudado para o litoral catarinense (TIBURTIUS, 1996, p. 24-26). O arqueólogo entusiasta proporcionou a primeira escavação arqueológica do sítio, sendo muito bem-sucedido e encontrando um bom número de peças e cadáveres: quinze indivíduos foram exumados e descritos, sendo que um deles estava sepultado com três zoólitos e uma miríade de objetos líticos (TIBURTIUS, 1996, p. 79-84); um sepultamento famoso na história da arqueologia em Sambaquis e um dos resquícios mais informativos sobre esse pretérito e extinto modo de pensar e agir. A Tabela 21 quantifica os totais obtidos de Variáveis para este sambaqui.

Tabela 21 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Morro do Ouro, datado do período de 4070-3990AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	1
Mobília Funerária	14
Ocre	8
Estendido	0
Fletido	23
Combustão	3
Adorno	4
Adulto	18
Criança	7
Masculino	0
Feminino	1
Múltiplo	6

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Tiburtius (1996) e Beck (2007).

Datação

A datação disponível do sambaqui (4030 ± 40 AP)⁴⁷ (BANDEIRA; OLIVEIRA; STEINBACH, 2010, p. 28) não possui orientação vertical a exemplo de outros sítios desta pesquisa e, como de praxe, a consideraremos como o período de atividade humana do sítio.

Tabela 22 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Morro do Ouro, datado do período de 4070-3990AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada 1	4070-3990	1	1+ ⁴⁸	TIBURTIUS (1996, p. 82)
Camada 3	4070-3990	7	7	
Camada 5	4070-3990	7	7	
1ª Camada	4070-3990	11	11	BECK (2007, p. 164)
3ª Camada	4070-3990	1	1	

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Tiburtius (1996) e Beck (2007).

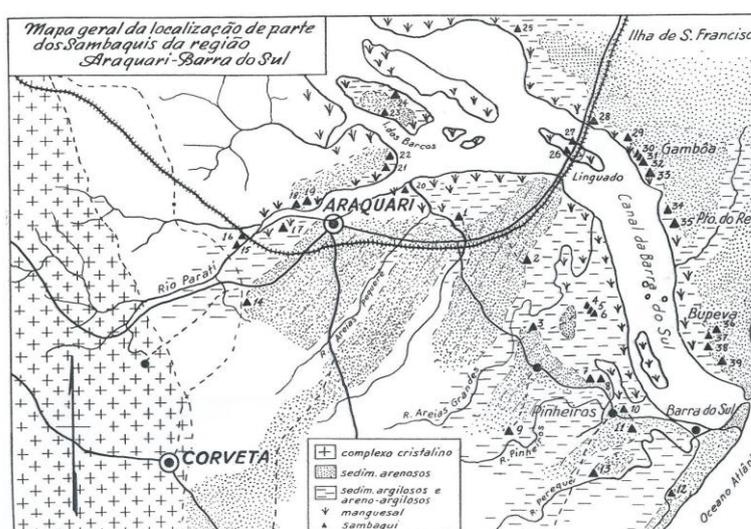
⁴⁷ 4070-3990 com variável calculada.

⁴⁸ Há sepultamentos exumados que não foram descritos (TIBURTIUS, 1996).

6.3.2.1.4 Sambaqui do Rio Pinheiros

Bigarella levantou este sambaqui como parte de seu projeto documentativo dos sambaquis de Santa Catarina. Na ocasião, recebeu o número 8, (TIBURTIUS; BIGARELLA I., BIGARELLA J., 1954, p. 141), e se localiza em Pinheiros, no caminho entre Araquari e Barra do Sul. A Figura 21 oferece a situação dos sambaquis da região, dentre eles, o Rio Pinheiros.

Figura 21- Situação dos Sambaquis da região de Araquari. O Sambaqui do Rio Pinheiros é o nº 8.



Fonte: TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 141.

Estratigrafia

Como fato comum para a época e região, os arqueólogos trabalharam sob as obras de demolição do sítio, o que prejudicou profundamente o estudo do mesmo. Não obstante, foram identificadas quatro camadas, nas quais três haviam sepultamentos. A camada 1, mais antiga, continha dois indivíduos, (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 152-154); a estratigrafia se resumiu na espessura de 3 metros; onde uma quase completa ausência de vestígios arqueológicos, foi caracterizada por uma grande quantidade de cinza e pequenos pedaços de carvão vegetal, com a presença de conchas (*Modiolus brasiliensis*) fortemente calcinadas (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 149-150).

A camada 2, possuía vinte e dois cadáveres, mas apenas vinte foram descritos, (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 173-179). Com a espessura de 2,80 metros, foi constituída primordialmente por *Anomalocardia brasiliensis* com estratos de lentes de carvão e cinzas e pequenas áreas de coloração

avermelhada que se julgou como áreas de processamento de núcleos de óxido de ferro. Ainda chama a atenção a descrição de “pequenas lentes de valvas de berbigão que se distinguem da massa conchífera circundante pela sua alvura excepcional” (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J.,1954, p. 150).

A camada 3 era estéril, “[...]não foram encontrados quaisquer objetos de interesse arqueológico, com exceção de fragmentos de pedras corantes e seixos rolados” (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J.,1954, p. 150); e a camada 4, continha doze indivíduos, mas apenas nove estavam em condições de estudo; ela possui indivíduos enterrados com cerâmica e a cerâmica é abundante no contexto desta camada (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J.,p. 184-195), logo, seus sepultamentos não foram computados e sua estratigrafia não foi revisada.

Os autores comentam que

de um modo geral, portanto, somos levados a concluir que o sambaqui foi erigido por agrupamentos humanos de, pelo menos, 3 culturas diferentes que, a julgar pela espessura das camadas, sucederam-se em intervalos de tempo relativamente longos(TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 196).

Sepultamentos

Embora um total de trinta e seis sepultamentos tenha sido atestado, as condições dos sepultamentos e da escavação em si impediram que todos fossem documentados com precisão, sendo apenas trinta e três descritos, dos quais vinte e dois eram de primeiro interesse.

Em grande número de sepultamentos [...] pode ser constatada a preocupação de um enterramento preparado, verificando-se, na estratigrafia, uma perturbação provocada pela escavação de uma cova para depositar o morto (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 174).

O ocre foi comumente utilizado, a orientação geográfica do eixo do corpo do cadáver não encontrou padrões consistentes – em um dos sepultamentos foram encontradas 91 pedras corantes e o único sepultamento duplo foi apresentado como duas crianças apontadas para direções diferentes, dentro da mesma cova (TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J., 1954, p. 175). Na Tabela 23 residem as informações das Variáveis recolhidas neste sítio.

Tabela 23 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio Pinheiros, datado do período de 4700-4460AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	2
Mobília Funerária	6
Ocre	12
Estendido	2
Fletido	12
Combustão	3
Adorno	5
Adulto	8
Criança	7
Masculino	Não informado
Feminino	Não informado
Múltiplo	2

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Tiburtius, Bigarella I. e Bigarella J.(1954).

Datação

André Prous e Walter Piazza (1977, p. 82), coletaram amostras para datação da base central do sítio (4580 ± 120 AP)⁴⁹ e da periferia do sambaqui em um testemunho intacto (3850 ± 140 AP). Como a segunda não pode ser associada a nenhuma camada, ocupação ou sepultamento em especial, consideraremos apenas a mais antiga para a análise, sem excluir a outra datação no momento de concatenarmos os dados, como demonstramos na Tabela 24, abaixo.

Tabela 24 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui do Rio Pinheiros, datado do período de 4700-4460AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada 1	4700-4460	2	2	TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J. (1969, p. 152-154)
Camada 2	4700-4460	20	22	TIBURTIUS; BIGARELLA I.;

⁴⁹4700-4460 com variação calculada.

				BIGARELLA J. (1969, p. 173-179)
				TIBURTIUS; BIGARELLA I.; BIGARELLA J. (1969, p. 193-195)
Camada 4	4700-4460	9	12	
CAMADA 3 (ABANDONO)				

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Tiburtius, Bigarella I. e Bigarella J. (1969).

6.3.2.2 Ilha de Santa Catarina

A ilha de Santa Catarina contribui para a pesquisa com apenas um sítio, o Ponta das Almas, a ser discutido agora.

6.3.2.2.1 Sambaqui de Ponta das Almas

O padre jesuíta Alfredo Rohr, em esforço prolífico no estudo e defesa dos Sambaquis, dedicou algumas linhas à descrição mais aproximada da morfologia do sítio, como um monte de seis a oito metros de altura que descende, por sobre a elevação natural no qual se apoia, em direção a uma pequena planície mais rasa; uma área total de 60 metros de diâmetro (ROHR, 1960, p. 8). Prous e Piazza (1977, p. 92), informam que outros montes de conchas existiam por perto, sendo que o escavado é o maior. O sítio se localiza na Ilha de Santa Catarina, dentro da área do município de Florianópolis (BECK, 2007, p. 123).

Estratigrafia

O sambaqui possui três camadas estratigráficas que ocupam uma situação especial na literatura, e possui uma espessura de 1,5 metro (BECK, 2007, p. 131).

Na Sondagem nº 3 a estratigrafia revelou a dupla ocupação ocorrida no local. Tal fato foi confirmado pelo tratamento diferencial dado aos mortos pelos dois grupos [...]. Porém, embora houvesse elementos comprobatórios dessa dupla ocupação do sítio, em períodos diferentes, os meios de subsistência não sofreram mudanças, mostrando-se idênticas as características quanto aos remanescentes de fauna encontrados. [...] No Sambaqui de Ponta das Almas [...] encontramos carapaças das espécies *Anomalocardia brasiliiana* (berbigão) e *Ostrea sp.*, além de lentes com conchas fragmentadas de *Mytilus perna* (mariscos). Esta última espécie ocorre ainda em abundância na área e mesmo no costão sobre o qual o Sambaqui está localizado e que o limita parcialmente (BECK, 2007, p. 131).

O próximo subtítulo trará maiores esclarecimentos.

Sepultamentos

O Sambaqui de Ponta das Almas foi alvo de escavações em três instâncias: a primeira vez, pelo Professor Walter Piazza, que resultou em uma breve publicação

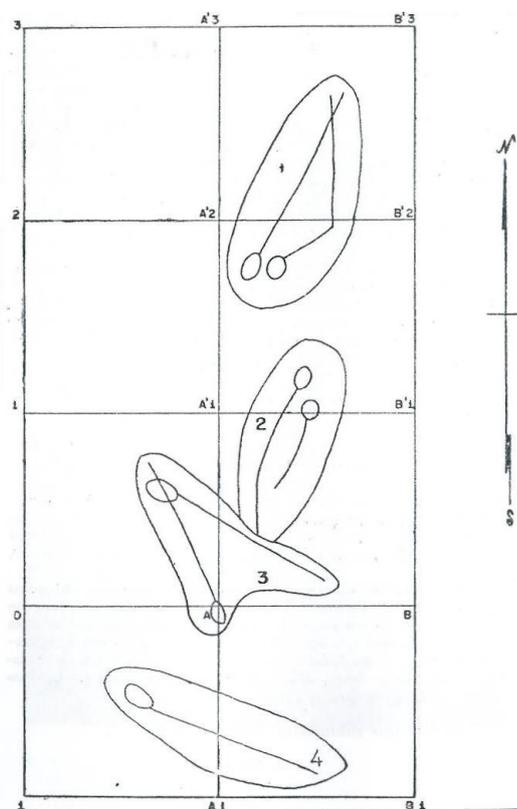
onde sete ossadas foram exumadas e superficialmente descritas (PIAZZA, 1966, p. 14); e a segunda, por Anamaria Beck como parte de sua tese de doutorado, localizou mais quatro sepultamentos; a última, promovida pelo arqueólogo estadunidense Wesley Hurt, logrou exumar quatro indivíduos (BECK, 2007, p. 141-144). O total de indivíduos exumados e descritos é quinze. Os sepultamentos da segunda ocupação eram fletidos e associados a “fossas culinárias” (BECK, 2007, p. 146); já o grupo que habitou o local pela primeira vez, preferia estender seus mortos próximos a pequenas fossas forradas de argila não cozida (BECK, 2007, p. 146-147), similares às encontradas no Sambaqui do Forte Marechal Luz (BRYAN, 1993, p. 83), e aproximada epistemologicamente da tampa de argila crua de um sepultamento duplo de Matinhos (CHMYZ I.; SGANZERLA; CHMYZ J., 2004, p. 21) e outros exemplos similares de covas forradas de argila, do Sambaqui do Rio Tavares (ROHR, 1960, p. 20).

Adicionalmente, seis sepultamentos eram duplos, múltiplos; e nove, individuais. Do total, dois indivíduos eram crianças. Um sepultamento múltiplo era constituído pelas ossadas de dois indivíduos adultos orientados de modo oposto um ao outro (BECK, 2007, p. 144-145, ver Figura 22).

Beck chega a conclusão que as práticas funerárias melhor exemplificam as duas ocupações (ver Tabelas 26 e 27) que construíram o sítio:

Concluindo, podemos resumir a ocupação do Sambaqui de Ponta das Almas [...] como efetuada por dois grupos distintos. A primeira ocupação teria ocorrido sobre a parte superior do pontão de pedras, de formação cristalina e dela seriam remanescentes os sepultamentos estendidos aos quais estariam associados às pequenas fossas de argila concrecionada. A segunda ocupação teria ocorrido na parte Sul do montículo, o que está perfeitamente evidenciado no perfil stratigráfico sendo este segundo grupo portador de artefatos confeccionados com técnica de alisamento e polimento além de suas práticas funerárias serem distintas. Os esqueletos estavam em posição fletida e pequenas “fossas culinárias, [...], estavam a eles associadas (BECK, 2007, p. 149).

Figura 22 -Croqui esquemático dos Sepultamentos exumados por Piazza no Sambaqui de Ponta das Almas.



Fonte: PIAZZA, 1966, p. 14.

Tabela 25 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Ocupação Superior do Sambaqui de Ponta das Almas, datado do período de 3720-3520AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	1
Mobília Funerária	0
Ocre	8
Estendido	11
Fletido	0
Combustão	1
Adorno	0
Adulto	10
Criança	1
Masculino	3
Feminino	4
Múltiplo	6

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Piazza (1966) e Beck (2007).

Tabela 26 - Caracterização das práticas funerárias encontradas na Ocupação Inferior do Sambaqui de Ponta das Almas, datado do período de 4689-3889AP.

Categoria / Variável	Quantidade
-----------------------------	-------------------

Cova	2
Mobília Funerária	1
Ocre	1
Estendido	1
Fletido	1
Combustão	0
Adorno	0
Adulto	0
Criança	0
Masculino	0
Feminino	0
Múltiplo	0

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Beck (2007).

Datações

Duas datações deste sítio exemplificam um caso de inversão estratigráfica: a mais antiga 4289 ± 400 AP (SI-222)⁵⁰, carvões da Camada I, foram retiradas de uma camada superior à datação 3620 ± 100 AP (I-2627)⁵¹, produzida por conchas perturbadas pela antiga ação marítima, oriundas da Camada II. Piazza considera que a Camada I

ao apresentar datações mais recentes faz-nos considerar o material como descido do topo do sítio arqueológico [e] o encontro de duas datações divergentes do mesmo setor, de posições invertidas na estratificação, é indicador de uma possível perturbação do local (PIAZZA, 1966, p. 18)

Hurtressalta que “since the surface of this site is characterized by intrusive graves which may have churned up materials from lower levels” (HURT, 1970, p. 10). Logo, visto que o sítio possui duas ocupações, utilizaremos ambas datações, corrigindo a inversão estratigráfica, muito embora não possamos localizar os sepultamentos verticalmente no sítio. Assim, eles entram na análise em ambas datações, auxiliando a lidar com a ausência da informação de sua procedência estratigráfica. A Tabela 27 resume estas informações sobre a temporalidade do sítio.

⁵⁰ 4689-3889 com variação calculada.

⁵¹ 3720-3520 com variação calculada.

Tabela 27 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Ponta das Almas, datado dos períodos de 4689-3889 e 3720-3520AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Camada I (última ocupação)	3720-3520 (corrigido)	7 (Piazza), 4 (Beck), 2 (Hurt)	14	PIAZZA (1966, p. 14-16); BECK (2007, p.136-144)
Camada II (primeira ocupação)	4689-3889 (corrigido)	2 (Hurt)	2	BECK (2008, p. 136-144)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Piazza (1966) e Beck (2007).

6.3.2.3 Litoral Sul de Santa Catarina

Embora o Litoral Sul conte com sambaquis de grande porte, apenas o Sambaqui de Congonhas I foi incorporado a nossa pesquisa.

6.3.2.3.1 Sambaqui de Congonhas I

Localizado na região de Laguna, quando escavado, por Anamaria Beck, em 1966, a estrutura original do sítio já havia sido afetada a ponto de apenas um quarto do seu total estar preservado. Os relictos mensuravam 100 metros de comprimento, 10 metros de largura e 5,25 metros de altura à época da escavação (BECK, 1969, p. 39).

Sepultamentos

22 indivíduos foram encontrados por Anamaria Beck e suas informações fúnebres estão discriminadas na Tabela 28, a seguir.

Tabela 28 - Caracterização das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Congonhas I, datado do período de 3470-3070AP.

Categoria / Variável	Quantidade
Cova	3
Mobília Funerária	4
Ocre	14
Estendido	18
Fletido	4
Combustão	1
Adorno	6
Adulto	10
Criança	11

Masculino	0
Feminino	3
Múltiplo	7

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Beck (1969).

Estratigrafia

Duas sondagens foram escavadas a partir da área de extração de conchas, a primeira atingindo 6,20m de profundidade e a segunda, 4,50m. As paredes reveladas pela escavação permitiram a identificação de quatro distinções estratigráficas que abrigavam um total de vinte e dois indivíduos descritos e úteis a esta pesquisa. A Unidade Estratigráfica III, possui um panorama peculiar em relação às outras camadas do sambaqui, que a autora caracteriza como um momento de abandono (BECK, 2004, p. 94). A Unidade Estratigráfica II se mostrou a mais populada por ossadas e foi constituída por argila, húmus, carvão e conchas, possuindo uma coloração bastante enegrecida.

A Unidade Estratigráfica I teve uma espessura entre 140 a 240 cm, com marcantes traços de perturbação radicular e seus estratos eram intercruzamentos de faixas de *Anomalocardia brasiliana*, areia e húmus, alternando com camadas de *Modiolus brasiliensis* e argila, valvas de moluscos fragmentadas e argila, bolsões de *Anomalocardia*, níveis de cinza, lentes de carvão, bolsões de *Ostrea*, com grande compactação de todos estratos. A cor geral era cinza claro (BECK, 2004, p. 92).

A segunda Unidade Estratigráfica,

[...] diferiu, totalmente, da anterior. Dividindo o Sambaqui horizontalmente, em duas partes, com espessura variável de 130 a 250 como era formada por uma única camada, constituída de argila, húmus, valvas de moluscos (*Anomalocardia*, *Modiolus* e *Ostrea*). A coloração era escura, quase preta e camadas delgadas de argila e *Anomalocardia*, de coloração clara e, ainda, níveis de carvão, introduziram-se a partir da parte superior. Quanto ao conteúdo arqueológico caracterizou-se por numerosos sepultamentos (BECK, 2004, p. 93).

A Unidade Estratigráfica III tem espessura variável entre 200 e 220 centímetros e é composta por estreitos estratos, claros e escuros, em alternância, de *Anomalocardia brasiliana* e areia (claro) e carvão, cinzas, e os mesmos elementos anteriores. Outras manifestações são camadas de carvão e cinzas, bolsões de *Anomalocardia* e lentes de carvão (BECK, 2004).

Por fim, a última e mais antiga Unidade Estratigráfica foi dividida em três aspectos:

A primeira camada da unidade IV era constituída por areia e valvas de moluscos fragmentadas e roladas, onde se introduziam várias lentes de carvão, que aparecem na camada seguinte, formada por areia e valvas de moluscos inteiras. A terceira camada é composta por areia e as conchas começam a se tornar raras. Nessa camada foi encontrado um sepultamento, cuja posição diferiu completamente dos sepultamentos localizados nas demais unidades (BECK, 2004, p. 93).

Localizar os sepultamentos verticalmente se mostrou um problema pois a autora associou as exumações com a superfície do sítio; já a estratigrafia foi documentada principalmente pela sua espessura, que foi bastante variável. Apenas na sua dissertação ela clarifica parcialmente a situação:

No que se refere à ocorrência no Sambaqui, os sepultamentos foram realizados, em sua maior parte, entre 250 e 350 cm de profundidade, em camada de coloração escura, onde foi observada a ocorrência de grande quantidade de areia e humus e quase ausência de conchas (BECK, 2004, p. 117).

Deste modo, sabemos que ela se refere à Unidade Estratigráfica II, cuja descrição matricial é idêntica. Logo, todos sepultamentos descritos como pertencentes a profundidade declarada, serão pertencentes à Unidade Estratigráfica II. Sabemos que seis são oriundos da Unidade I (BECK, 2004, p. 92).

Datações

Por fim, uma amostra de um testemunho restante do processo de demolição, vinculado à primeira ocupação humana do sambaqui foi datado por Prous e Piazza (1977), resultando em 3270 ±200 AP⁵² (3470-3040). A Tabela 29 ilustra o posicionamento da datação frente as outras ocupações do sambaqui.

Tabela 29 - Resumo quantitativo das práticas funerárias encontradas no Sambaqui de Congonhas I, datado do período de 3470-3070AP.

Camada	Datação (AP)	Número de descrições	Número de exumações	Fonte principal
Unidade Estratigráfica I	Indisponível	6	6	BECK (1969, p. 39-48)
Unidade Estratigráfica II	Indisponível	10	10	BECK (1969, p. 39-48)
Unidade Estratigráfica III	Indisponível	4	4	BECK (1969, p. 39-48)
Unidade Estratigráfica IV	3470-3070	1	1	BECK (1969, p. 39-48)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados de Beck (1969).

⁵² 3470-3070 com variação calculada.

6.3.3 DATAÇÕES: QUADRO REVISADO

Consideramos agora as datações radiocarbônicas disponíveis para cada um dos sítios elencados. Para isso, foi construído o Quadro 2 de todas as datações utilizadas, resultado de uma pesquisa na bibliografia relacionada. As datações utilizadas neste trabalho existem sob diferentes níveis de qualidade informativa e por isso o Quadro 2 se sustenta com as seguintes colunas: Sítio, Datação, Profundidade, Calibragem, Tipo de Amostra, Número de Série e Referência. A fonte original de uma datação costumeiramente não fornece muitas dessas informações, o que nos força a dar mais credibilidade para as amostras melhor descritas do ponto de vista técnico. Assim, apresentamos as datações que julgamos mais sólidas, dentre as disponíveis; as presentes nas fontes primárias sendo geralmente as mais confiáveis.

Para facilitar a visualização da ocupação no tempo e espaço, foram construídos dois Gráficos (verificar Gráficos 1 e 2), divididos por Períodos. A divisão se deu pela quebra de continuidade entre as datações 3870 e 3720, onde nenhum cemitério da pesquisa está ativo. As quebras prosseguem, menores, entre os poucos sítios do segundo Período.

Quadro 2 - Relação dos sítios utilizados.

SÍTIO	DATAÇÃO	PROFUNDIDADE	CALIBRAGEM	TIPO DE AMOSTRA	Nº DE SÉRIE	REFERÊNCIA
Congonhas I	3270 ± 200	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	PROUS; PIAZZA, 1977, p. 101.
Cubatãozinho	4760 ± 80	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	FOSSILE, 2014, p.
Godó	4740 ± 95	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	SI-1029	RAUTH, 1974a, p. 104.
Godó	2980 ± 130	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	SI-1026	RAUTH, 1974b
Gomes	4490 ± 136	Unidade A	Indeterminado	Carvões	P-540	RAUTH, 1968, p. 44.
Gomes	4887 ± 64	“Níveis inferiores do sambaqui”	Indeterminado	Carvões	P-916	RAUTH, 1969a, p. 86.
Guaraguaçu B	4128 ± 268	Couche IX à la base de l’amas de coquilles B”	Indeterminado	Carvões	Gsy-79	LAMING-EMPERAIRE, 1968, p. 94.
Enseada I	3920 ± 40	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	BANDEIRA, 2010, p. 28
Macedo	3409 ± 58	0,75 cm-1m, 1m-1,25m	Meia vida em 5568	Carvões	P-482	BLASI, 1963, Quadro I.
Macedo	3357 ± 49	1,25m-1,50m, 1,50m-1,75m, 1,75-2m, 2m-2,25m	Meia vida em 5568	Carvões	P-483	BLASI, 1963, Quadro I.
Macedo	3609 ± 50	4,75m-5m, 5m-5,25m, 5,25-5,50m	Meia vida em 5568	Carvões	P-489	BLASI, 1963, Quadro I.

(CONTINUA)

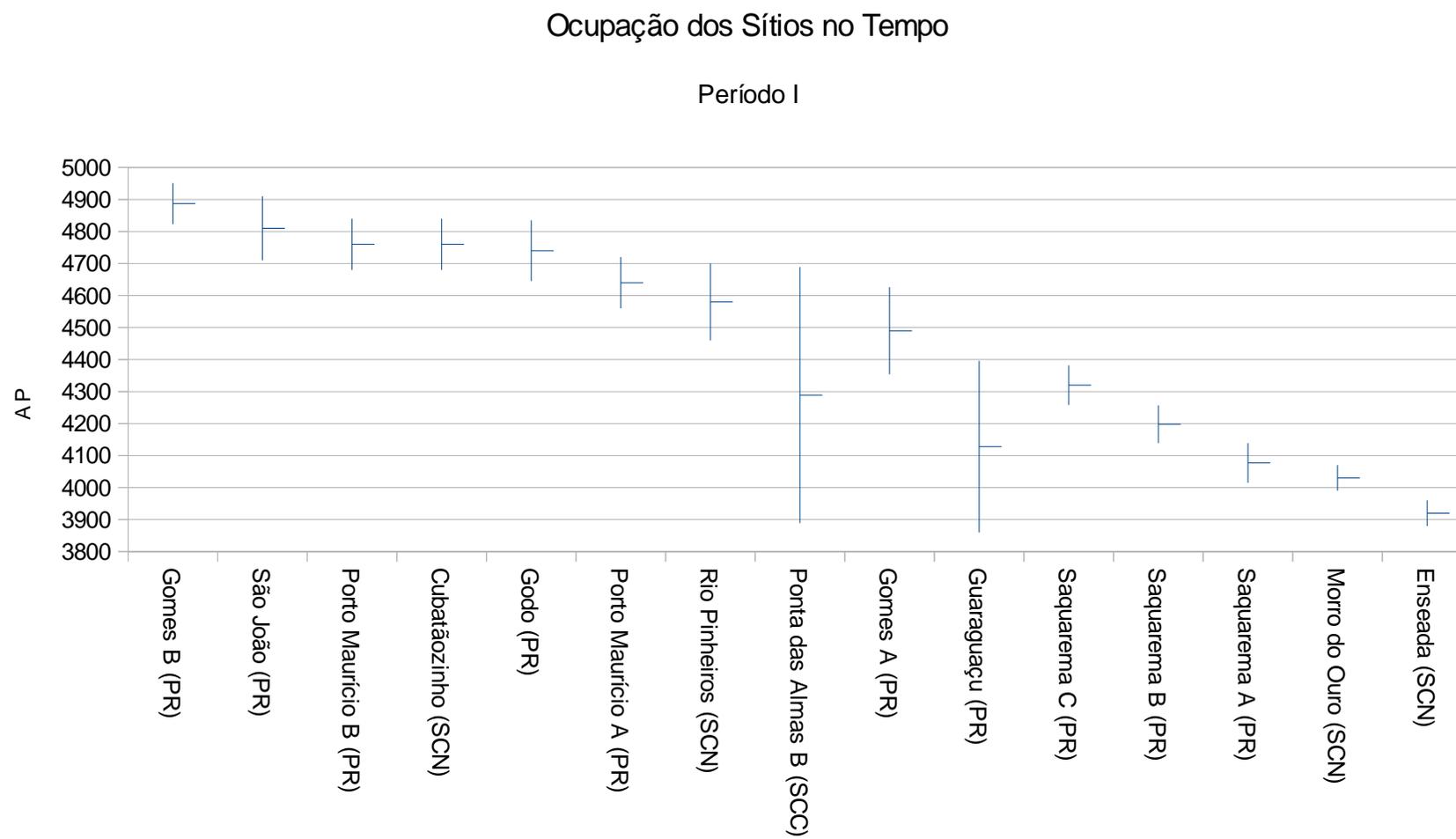
Quadro 2 - Relação dos sítios utilizados.

SÍTIO	DATAÇÃO	PROFUNDIDADE	CALIBRAGEM	TIPO DE AMOSTRA	Nº DE SÉRIE	REFERÊNCIA
Matinhos	2750 ± 250	“...amostra da base do sambaqui...”	Indeterminado	Indeterminado	LACIVID/SP	CHMYZ I.; SGANZERLA; CHMYZ J., 2003, p. 48.
Morro do Ouro	4030 ± 40	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	BANDEIRA; OLIVEIRA; STEINBACH, 2010, p. 28.
Porto Maurício	4760 ± 80	2m	Indeterminado	Indeterminado	SI-508	RAUTH, 1968, p. 44.
Porto Maurício	4640 ± 80	0,25cm	Indeterminado	Indeterminado	SI-504	RAUTH, 1968, p. 44.
Ponta das Almas	4289 ± 400	“Sample N° 4” (HURT, 1974), “Camada I” (PIAZZA, 1966)	Indeterminado	Carvões	Si-222	PIAZZA, 1966
Ponta das Almas	3620 ± 100	“Shells from underlying wave cut beach” (HURT, 1974)	Indeterminado	Conchas	I-2627	HURT, 1974
Rio Pinheiros	4580 ± 120	“provenient de ce que reste de la base du site en sa partie centrale (quelques centimetres d'épaisseur)	Indeterminado	“coquilles”	“Université de Bahia”	PROUS, 1977, p. 82
Rio São João	4810 ± 100	Indeterminado	Indeterminado	Indeterminado	SI-1023	GARCIA, 1979, p. 23.
Saquarema	4320 ± 62	6,8m	Meia vida em 5568	Carvões	P-587	HURT, 1964, p. 29.
Saquarema	4077 ± 62	2m	Meia vida em 5568	Carvões	P-586	HURT, 1964, p. 29.

(CONCLUSÃO)

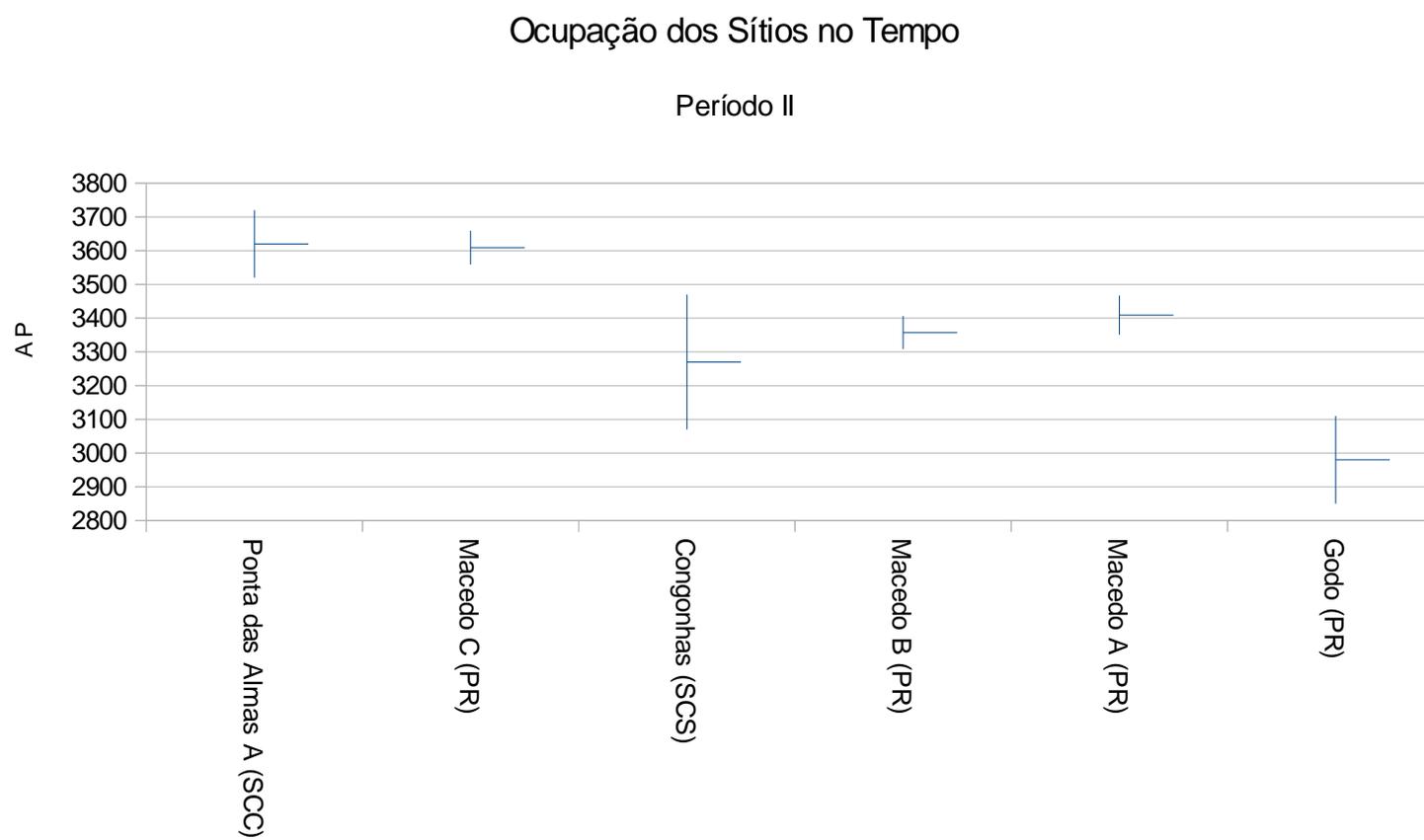
Fonte: elaborado pelo autor, com base em dados de Bandeira (2010); Fossile (2014); Laming-Emperaire (1968); Oliveira e Steinbach (2010); Blasi (1963); Chmyz I., Sganzerla e Chmyz J. (2003); Garcia (1979); Hurt (1964,1974); Piazza, (1966); Prous (1977); Prous e Piazza (1977); Rauth (1968, 1969a, 1974a, 1974b).

Gráfico 1 - Ocupações dos sítios do Período I, situadas no tempo.



Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Ocupações do Período II, situadas no tempo.



Fonte: elaborado pelo autor.

6.4 Construindo uma Cronologia das Práticas Mortuárias dos Sambaquis

As Variáveis e Categorias dos indivíduos de cada sítio, após consideração analítica com as classificações recém explicadas, foram consideradas e somadas para cada sítio. Para tanto consultou-se as fontes primárias. O objetivo de organizar e contabilizar as variáveis propõe uma análise estatística multivariada, de forma a observar as aproximações entre as populações estudadas e aferir aproximações entre elas. Para tanto, antes era necessário reconstruir e montar o panorama das práticas funerárias dos sambaquis ao longo do tempo de modo a obter um maior discernimento na distribuição espacial e temporal das pessoas e representações culturais da morte.

A linha do tempo foi projetada de modo a expor a mudança demográfica e populacional da cultura sambaqueira no tempo. As variáveis e categorias compiladas foram distribuídas como linhas no software Excel Word. No mesmo programa, constando como colunas, estão as datações disponíveis para cada sítio; calculadas em suas variações mínimas e máximas e organizadas da esquerda para a direita, em ordem crescente. O gráfico selecionado para demonstrar foi o de colunas cheias, cujas medidas foram alteradas para que as cores de cada Variável ao longo do tempo se tocassem; de modo similar às camadas de um complexo, mas curioso, perfil estratigráfico escrito como uma página de livro, que será apresentado na sequencia.

A lacuna existente no gráfico, referente a um momento de 140 anos, permitiu a divisão da linha do tempo em duas partes: o Período I (4970 a 3860 AP) e o Período II (3720 a 2850 AP). O hiato existe devido a ausência de cemitérios datados nessa faixa de tempo - mas o panorama cultural litoral, como dissemos, está apenas minimamente representado pelo nosso total de sítios. Os totais das práticas funerárias dos dois Períodos e os da linha do tempo como um todo estão representados individualmente para cada Variável em considerações posteriores. Deve-se salientar que a linha do tempo foca na história das variáveis e que as categorias serão analisadas em maior pormenor, mais adiante.

O intervalo existente entre as datações 3860 e 3720 antes do presente dividiu o resultado final em dois grandes períodos: o primeiro, de 4970 a 3860, que chamaremos “Período I”, correspondente a 1110 anos; e o segundo, o “Período II”, de 3720 a 2850, com 870 anos; resultando em 1980 anos. O intervalo divisor tem estes totais, e o total absoluto de anos, representando médias estimadas a partir das possíveis variações das datações utilizadas. As Categorias Masculino e Feminino foram excluídas destas imagens por sua baixa quantidade numérica que torna sua representação irrelevante do ponto de vista gráfico (ver Gráficos 3 e 4).

A visualização das práticas funerárias em forma de linha do tempo nos permite compreender o desenrolar e as persistências destas práticas no espaço de tempo selecionado. É possível verificar as quantidades e, conseqüentemente, a popularidade de determinadas práticas umas as outras, criando um sugestivo panorama de interrelação entre elas. Isto será devidamente aprofundado e tratado no decorrer da pesquisa.

Logo, depois da geração das linhas do tempo dos Períodos I e II, evidenciou-se uma necessidade de selecionar cruzamentos das Variáveis, frente ao número de possibilidades: doze Variáveis possibilitam 144 cruzamentos (considerando Masculino e Feminino). Assim, tentamos cruzar as faixas etárias e os gêneros biológicos com as Variáveis acima; tentando explorar as diferentes perspectivas das populações dos dois Períodos, das Categorias e das Variáveis, calculando cada situação por período e apresentando as linhas do tempo e demonstrações gráficas necessárias para cada um deles.

7 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS

*Unbroken ground in the boneyard
Lightning purifies in strike
Fire consecrates the rest
Birthrise of the graven image*

(Birthrise of The Graven Image– Varathron)

Neste momento do trabalho é chegada a hora de refinar os dados produzidos: ou seja, de exumar os indivíduos das suas tumbas e questionar-lhes sobre seus contextos mortuários. Para tanto, distribuimos a análise em quatro momentos:

O primeiro momento trata especificamente das Variáveis, caso a caso, entrando em pormenores dos Períodos e regiões geográficas, como já comentado anteriormente. Para cada Variável serão apresentados seis gráficos em forma de *pizza*, dois para cada Período mais dois apresentando uma generalização da linha do tempo. Cada gráfico de Variável foi montado cruzando o total de Adultos, Crianças, Homens e Mulheres biológicos e casos não atribuídos onde tal Variável é presente. Uma breve nota sublinha estes gráficos, explicando sua leitura.

Ao fim da análise dos seis gráficos de cada Variável, outro subtítulo, “Considerações”, aborda outra perspectiva quantitativa e ilustra o segundo momento: cada tópico que discorre sobre o gráfico da Variável calcula a percentagem final da Variável a partir dos totais populacionais de cada Período; e depois infere o percentual de cada Faixa Etária e Gênero Biológico frente ao total da Variável para cada Período delimitado. Deste modo, é possível apreender qual a representatividade das Variáveis para cada Faixa Etária e Gênero Biológico. Ou seja, enquanto os gráficos do primeiro momento representam a análise “Total da Variável x Categorias” – os gráficos das “Considerações” avaliam “População Total do Período I/II x Variável x Faixa Etária/Gênero Biológico”.

O terceiro momento versa sobre as Categorias, apresentando gráficos que pretendem demonstrar a representatividade de cada Variável dentro do total de cada Categoria (Faixas Etárias e Gêneros Biológicos); ou seja, o cálculo será realizado a partir da inversão da equação anterior: “Total das Categorias x Variável”. Assim, confrontar-se-ão os totais absolutos do segundo momento com a relevância percentual de acordo com cada total das Categorias, possibilitando uma dupla perspectiva sobre a presença desta ou daquela Variável dentro de cada Categoria.

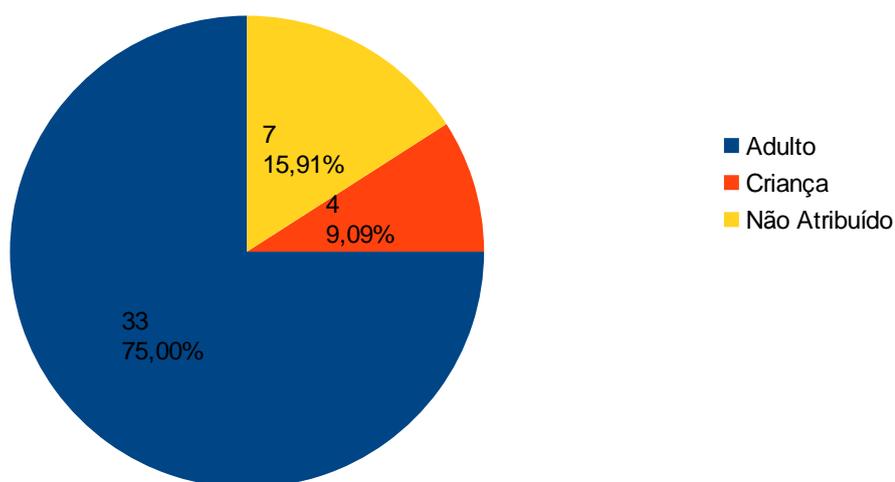
O quarto e último momento apresenta a localização geográfica quantitativa das Variáveis; uma por Período, sob a forma de tabelas simples.

7.1 Cova

7.1.1 PERÍODO I

7.1.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 3 - Distribuição de covas por faixa etária no Período I.

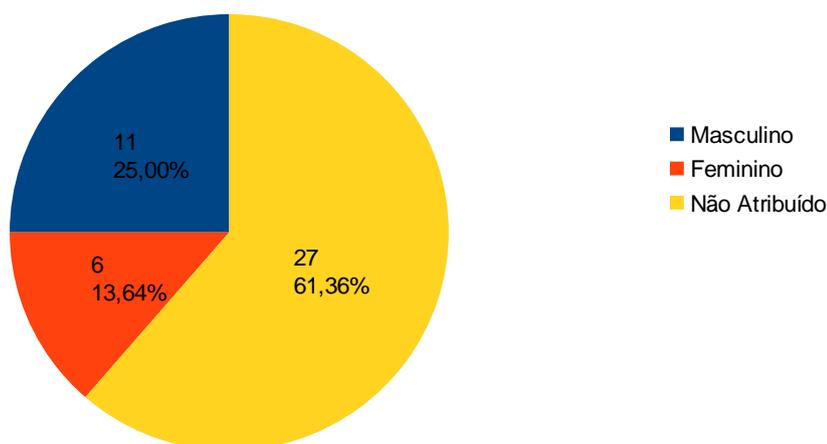


Fonte: elaborado pelo autor

A cova neste Período está diretamente vinculada com a quantidade de sepultamentos para cada faixa etária. Embora esta relação seja prejudicada pelo problema da verificação de covas por parte das fontes primárias, é possível verificar uma esmagadora maioria de covas dedicadas a indivíduos adultos – mas, de forma geral, esta conclusão é dúbia dadas as considerações acima. De qualquer forma, é possível verificar uma baixa mortalidade infantil e uma população de quantidade considerável no Gráfico 5.

7.1.1.2 Gêneros Biológicos

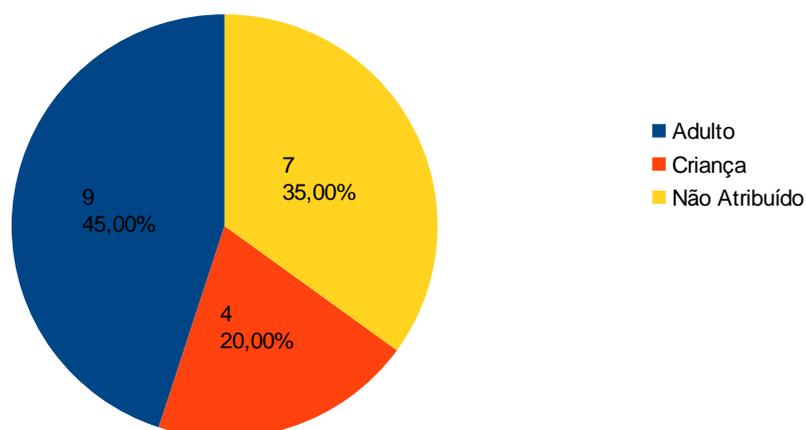
Homens biológicos parecem mais inclinados a serem inumados em covas durante o Período I, mas em virtude do alto número de casos não atribuídos é impossível determinar se havia uma preferência neste sentido ou não. Observar o Gráfico 6.

Gráfico 4 - Distribuição de covas por gêneros biológicos no Período I.

Fonte: elaborado pelo autor.

7.1.2 PERÍODO II

7.1.2.1 Faixas Etárias

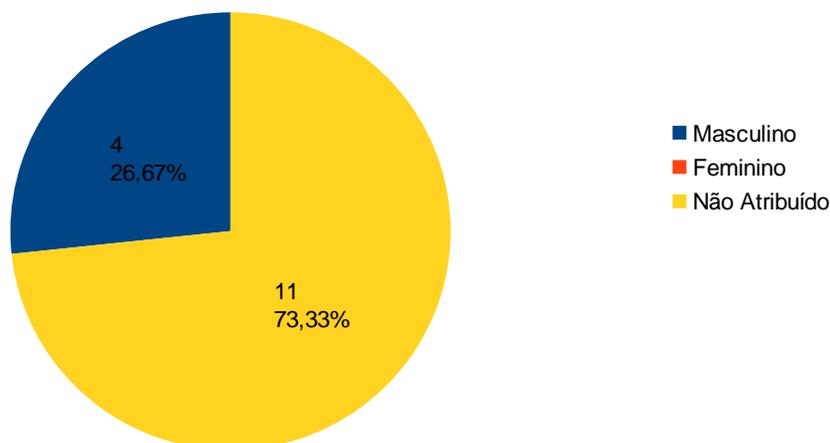
Gráfico 5 - Distribuição de covas por faixa etária no Período II.

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo Período apresenta uma diferença de quase 50% no uso de covas para adultos e crianças, com um número de covas não atribuídas ainda superior à quantidade de crianças. É possível que, uma vez mais, o número de indivíduos para as duas faixas etárias seja bastante diferente e mascarado pelo número de covas não atribuídas, conforme revela o Gráfico 7.

7.1.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 6 - Distribuição de covas por gêneros biológicos no Período II.



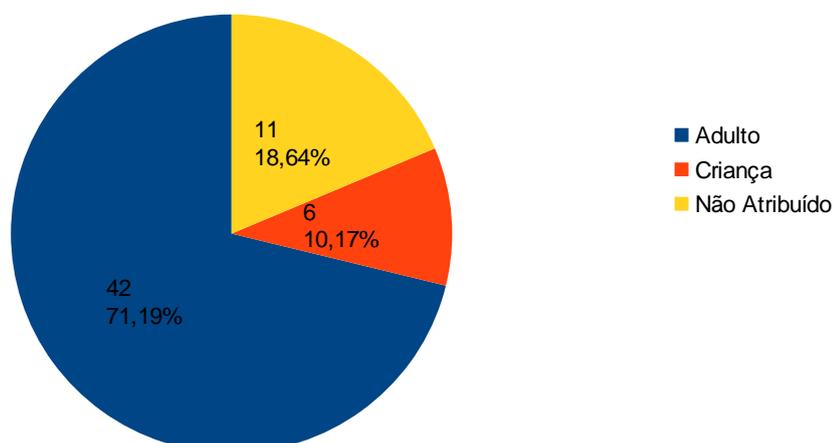
Fonte: elaborado pelo autor.

A ausência de casos femininos nas covas do Período II é um dado incompleto; certamente devem existir mulheres dentro dos casos não atribuídos e a sua ausência, em grande parte, se deve ao nível de conservação dos esqueletos à época de sua exumação. A população masculina, acrescentando aos problemas deste gráfico, é mais de duas vezes inferior aos casos não atribuídos, o que dificulta qualquer inferência minimamente satisfatória do uso de covas para os gêneros biológicos no segundo Período. Este gráfico, o de número oitavo, de forma geral, oferece dados dúbios.

7.1.3 AMBOS PERÍODOS

7.1.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 7 - Distribuição das covas por faixa etária, ao longo dos dois períodos.

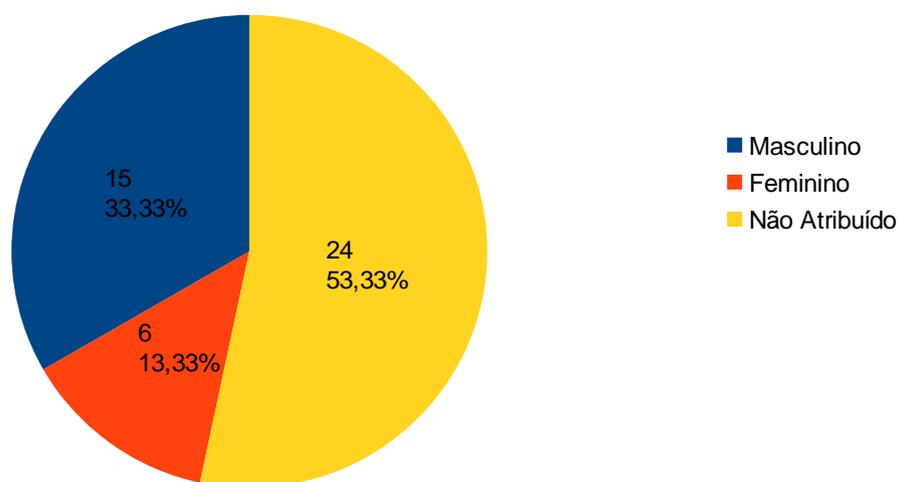


Fonte: elaborado pelo autor.

A soma das covas dos dois Períodos salienta uma diferença gritante entre as populações adultas e de crianças; que, devido a uma baixa representatividade de covas não atribuídas a qualquer faixa etária, ajuda a inferir uma baixa mortalidade infantil, em termos gerais. O Gráfico 9 ilustra esta relação.

7.1.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 8 - Distribuição das covas por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.



Fonte: elaborado pelo autor.

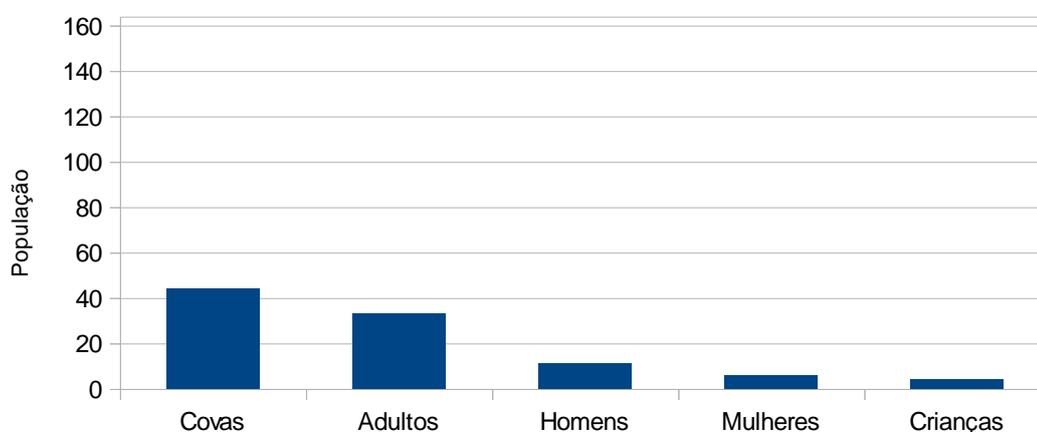
O panorama anterior, contudo, não se estende para os gêneros biológicos – a soma para os dois Períodos, mesmo quando somando os dois gêneros, não supera a quantidade de casos não atribuídos. A diferença direta entre um e outro, sugere uma preferência por homens biológicos serem mais inumados do que as mulheres biológicas. Esta informação, contanto, ainda é subordinada ao nível qualitativo da amostra *in loco*, repetidamente reiterado como baixo, como mostrado no Gráfico 10, acima.

7.1.4 CONSIDERAÇÕES

Como a cova não foi necessariamente observada em todos os sítios escavados, a relevância de sua presença ou ausência é questionável. Também não existem relatos sobre outros tipos de inumação em Sambaquis; é possível que covas tenham sido providenciadas na grande maioria dos casos aqui tratados, mas não documentadas por motivos já expostos. As covas infantis geralmente eram fossas culinárias aproveitadas como tal (RAUTH, 1968; MENEZES; ANDREATTA,

1974).26,8% das pessoas deste Período estavam sepultados em covas(44 Covas neste espaço temporal); destas, 20,1% eram adultos (33 pessoas) e apenas 2,4% eram crianças (4 pessoas) –os infantes estavam em fossas culinárias reaproveitadas; em um contexto funerário carente de intencionalidade. Homens biológicos representavam 6,7% do total populacional (11 pessoas) e mulheres biológicas, 3,6% (6 pessoas). Este panorama numérico corresponde ao conteúdo do Gráfico 11.

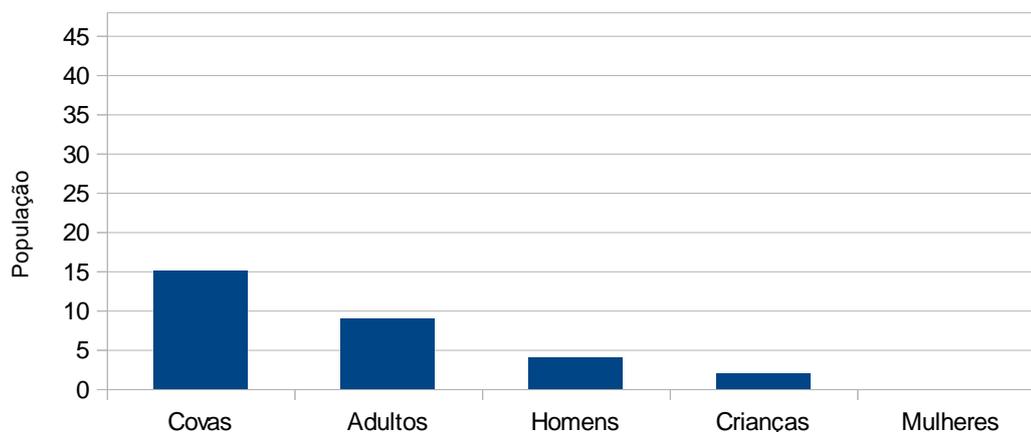
Gráfico 9 - Relação de População do Período I x covas x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

No Período II, apenas 15 covas foram registradas, totalizando 31,2% dos sepultamentos realizados durante este intervalo. A diferença entre adultos (18,7% do total de pessoas do Período, ou, 9 pessoas) e crianças diminuiu um pouco (4% do total de covas, ou, 2 infantes). Já a diferenciação entre homens e mulheres biológicas pode ser tomada como presente de modo provisório – nenhuma mulher foi inumada em covas, enquanto 8,3 % (4 indivíduos) dos homens foi. Isto está representado no Gráfico 12.

Gráfico 10 - Relação de População do Período II x Covas x Categorias



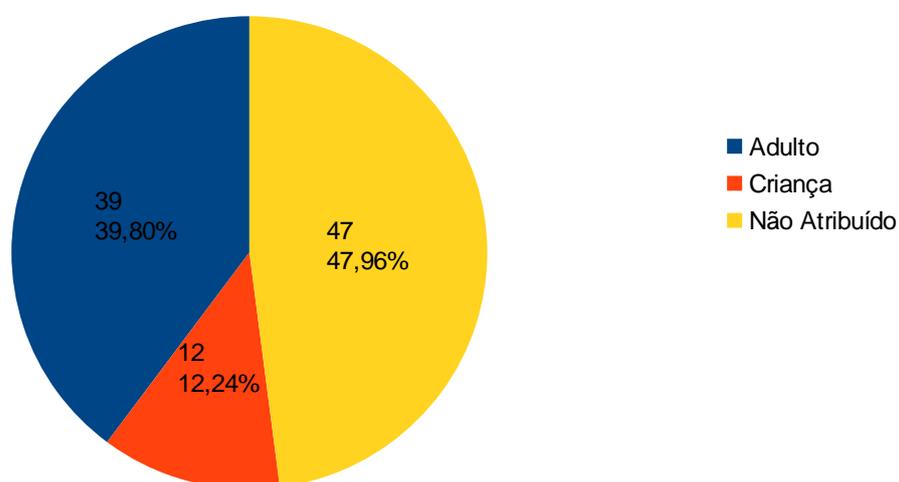
Fonte: elaborado pelo autor.

7.2 Mobília Funerária

7.2.1 PERÍODO I

7.2.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 11 - Distribuição de mobília funerária por faixa etária, no Período I.



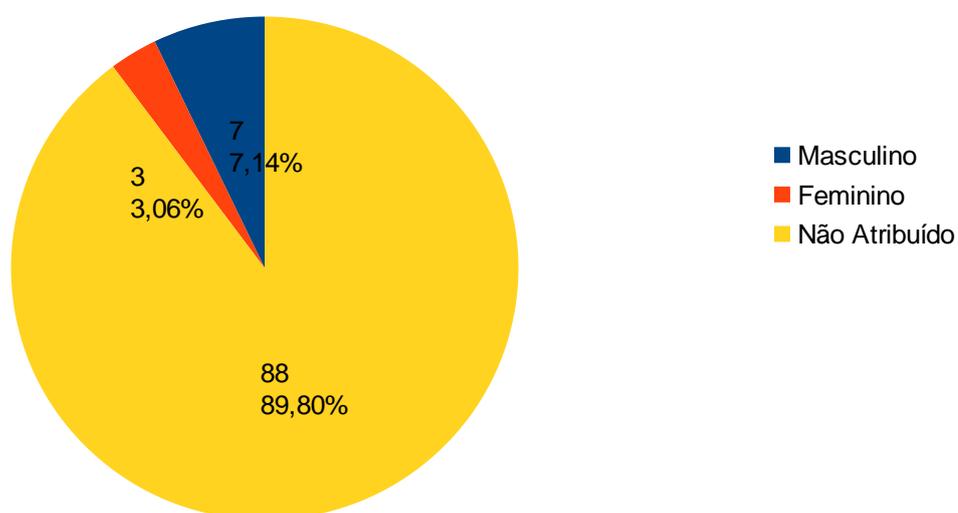
Fonte: elaborado pelo autor.

A mobília funerária neste Período está claramente associada com adultos, o que passa que nas tumbas infantis é um trato raro. Infelizmente, o alto número de amostras não atribuídas impede que uma segurança absoluta exista para afirmarmos uma diferenciação entre as faixas etárias em relação a mobília funerária; embora isto permaneça como uma possibilidade. Consultar o Gráfico 13, acima.

7.2.1.2 Gêneros Biológicos

A diferenciação da deposição de mobília funerária junto aos diferentes gêneros biológicos apresenta uma maioria para os homens, enquanto as mulheres representam quase metade do total masculino. A alta incidência de mobílias não atribuídas, contanto, nos impede de atestar uma equidade ou diferenciação definitiva neste Período, como pode ser visualizado no Gráfico 14.

Gráfico 12 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, no Período I.

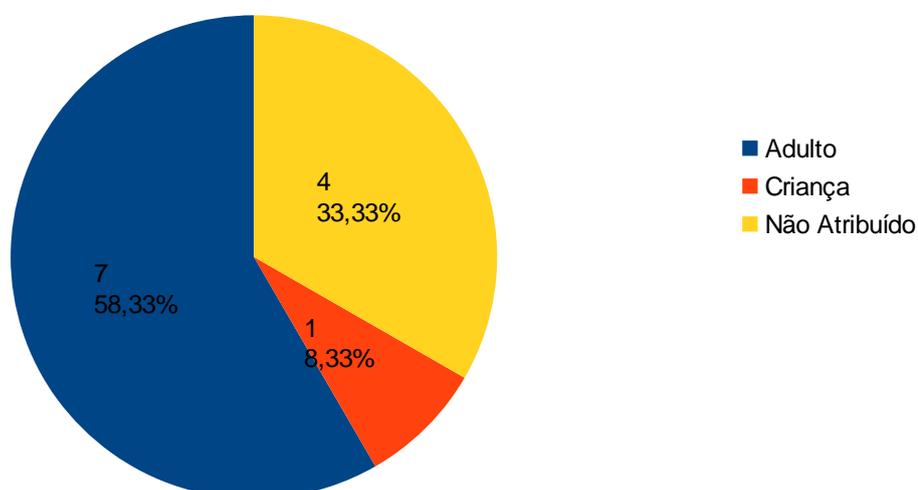


Fonte: elaborado pelo autor.

7.2.2 PERÍODO II

7.2.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 13 - Distribuição de mobília funerária por faixa etária, no Período II.

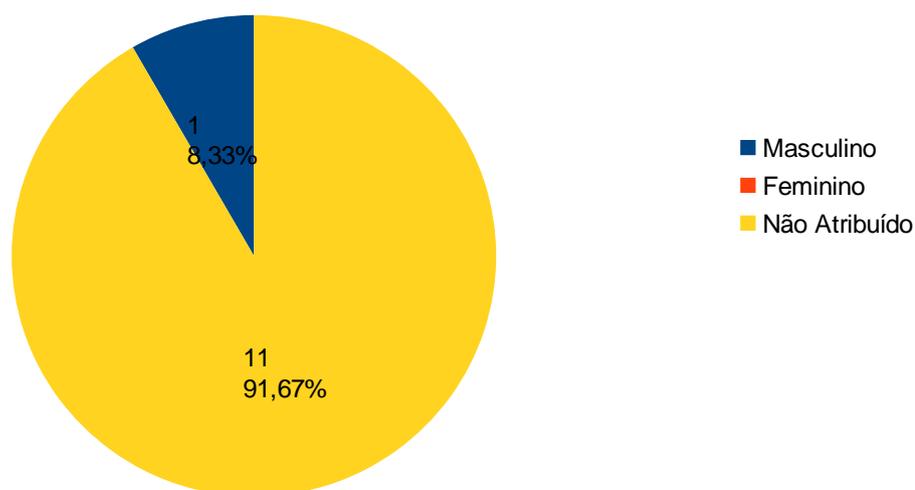


Fonte: elaborado pelo autor.

O Período II (ver Gráfico 15) confirma as práticas do primeiro Período: a mobília funerária é um trato típico de sepultamentos adultos; e para os infantes, excepcional.

7.2.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 14 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, no Período II.



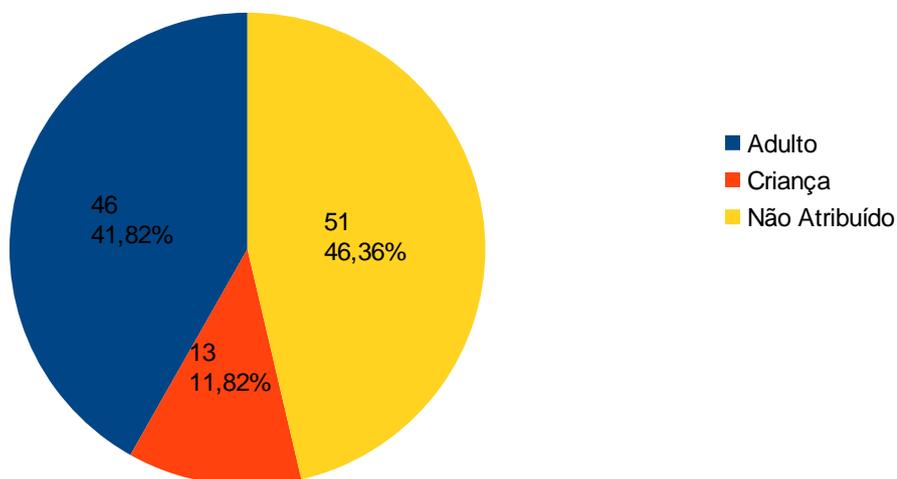
Fonte: elaborado pelo autor.

A ausência de mulheres neste gráfico se deve às considerações já realizadas sobre sexagem – estas são reiteradas na representação masculina neste Gráfico (o de número 16): apenas um indivíduo em contraste com onze casos não atribuídos.

7.2.3 AMBOS PERÍODOS

7.2.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 15 - Distribuição da mobília funerária por faixa etária, ao longo dos dois períodos.

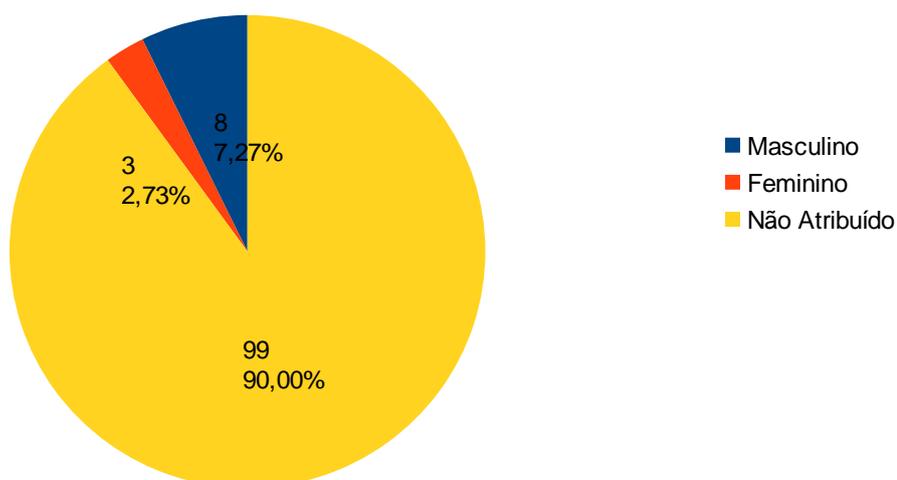


Fonte: elaborado pelo autor.

O total de adultos sepultados com mobília funerária é quatro vezes superior ao de crianças, confirmando uma espécie de padrão nos sepultamentos em sambaquis; conforme o Gráfico 17.

7.2.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 16 - Distribuição de mobília funerária por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.



Fonte: elaborado pelo autor.

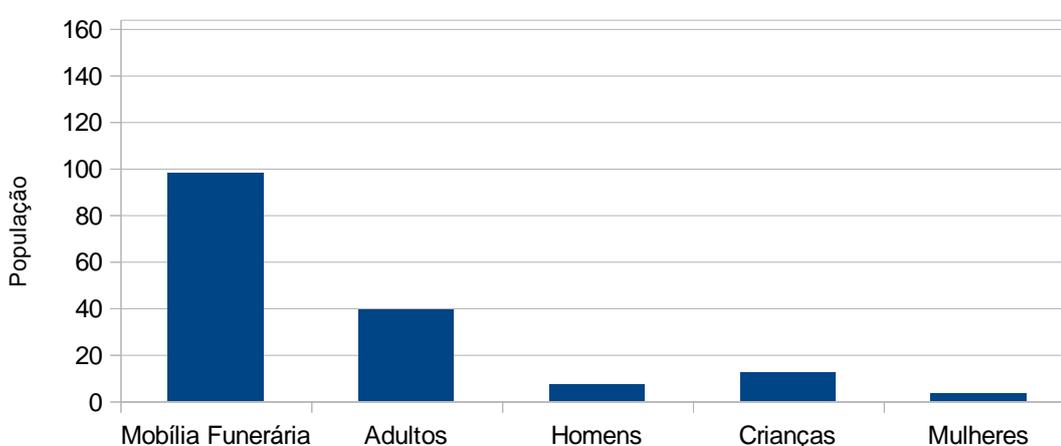
A mobília funerária quando analisada com gêneros biológicos oferece um fator muito baixo de análise, como explica o Gráfico 18. Como apenas uma minoria

de indivíduos foi sexada e a quantidade de mobílias funerárias (pela própria delimitação do conceito aqui utilizado) é alta, resultou neste gráfico por demais discrepante para ser útil. Apenas a maioria dos casos de mobílias funerárias junto a cadáveres do gênero biológico masculino frente aos casos femininos – fator que se repete nos gráficos anteriores – sugere uma diferença que não pode ser determinada com exatidão.

7.2.4 CONSIDERAÇÕES

No Período I, a mobília funerária soma 59,7% do total de pessoas sepultadas na época – 98 casos. As faixas etárias estão representadas dentro deste total com 27,3% de adultos (39 pessoas) e 7,3% de crianças. Homens e mulheres biológicos, como será recorrente neste momento da análise, respondem por baixas frações do total populacional do Período – 4,2% são homens biológicos (7 pessoas) e apenas 1,8% são mulheres biológicas. O Gráfico 19, abaixo, dá forma a estas relações.

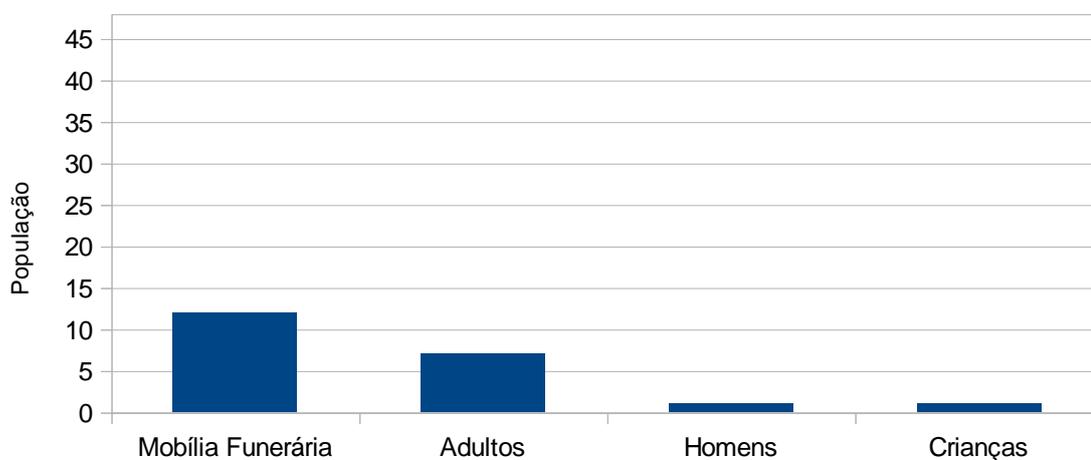
Gráfico 17 - Relação de População do Período I x mobília funerária x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

A mobília funerária do segundo Período (ver Gráfico 20) perfaz exatos 25% do total de pessoas sepultadas, com 12 casos. A distribuição se dá em 7 covas de adultos (14,5% do total populacional), 2% de crianças (1 infante) e 2% de homens biológicos (1 pessoa). Nenhuma mulher biológica deste Período foi agraciada com a prática.

Gráfico 18 - Relação de População do Período II x mobília funerária x categorias.



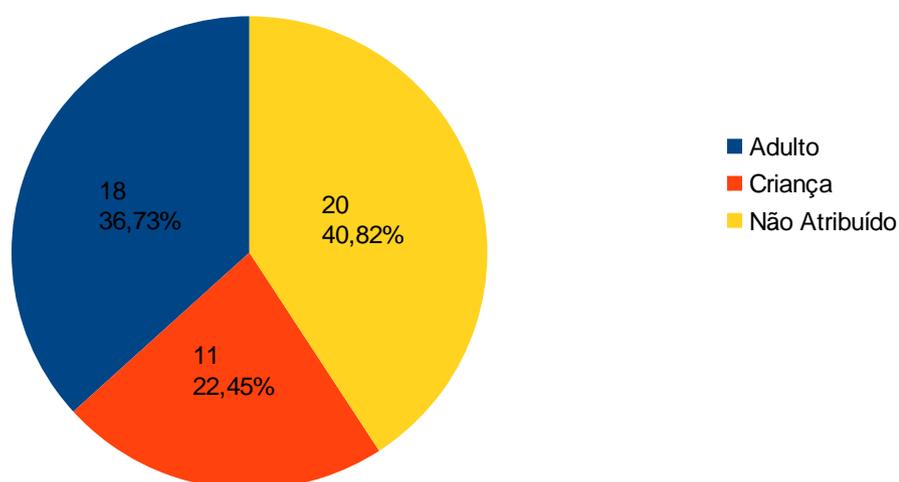
Fonte: elaborado pelo autor.

7.3 Ocre

7.3.1 PERÍODO I

7.3.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 19 - Distribuição de ocre por faixas etárias, no Período I.

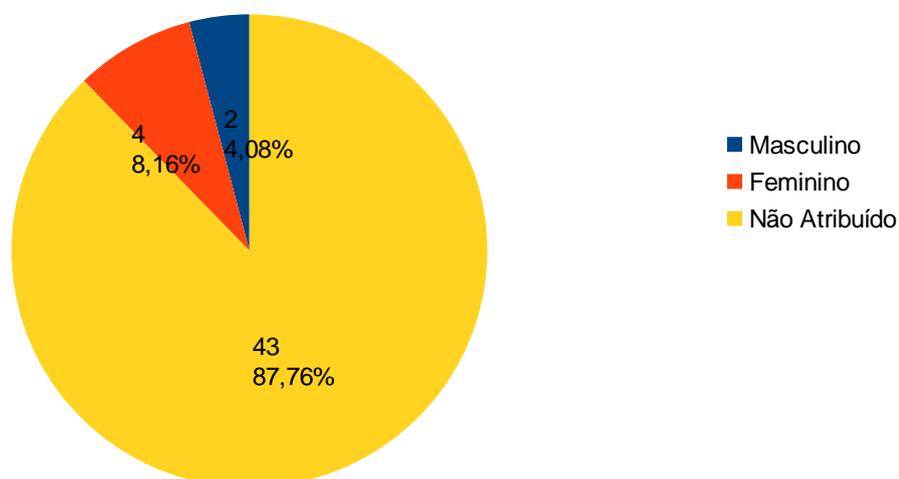


Fonte: elaborado pelo autor.

O ocre foi administrado de forma majoritária em indivíduos adultos, mas este tratamento não parecia ser exclusivo, visto que um número considerável de crianças também foi agraciado, segundo o Gráfico 21.

7.3.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 20 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, no Período I.



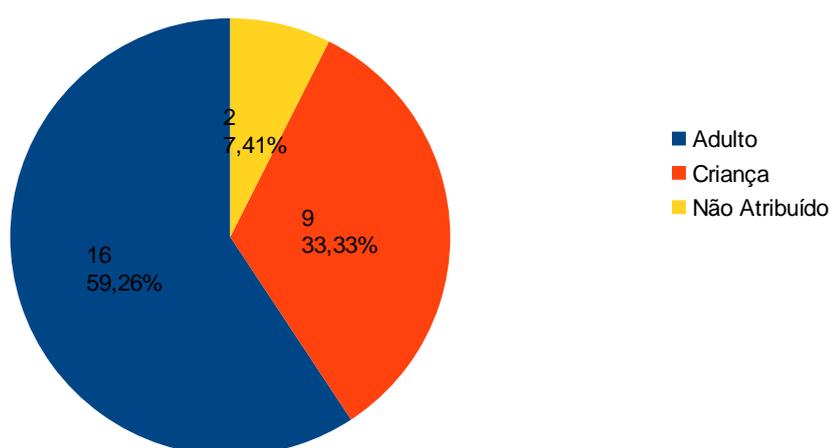
Fonte: elaborado pelo autor.

Mais uma vez a minoria de indivíduos sexados, quando comparados com valores muito superiores, inibe a interpretação adequada do Gráfico, neste caso, o de número 22. A diferença entre os dois sexos biológicos, contanto, é pequena.

7.3.2 PERÍODO II

7.3.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 21 - Distribuição de ocre por faixas etárias, no Período II.



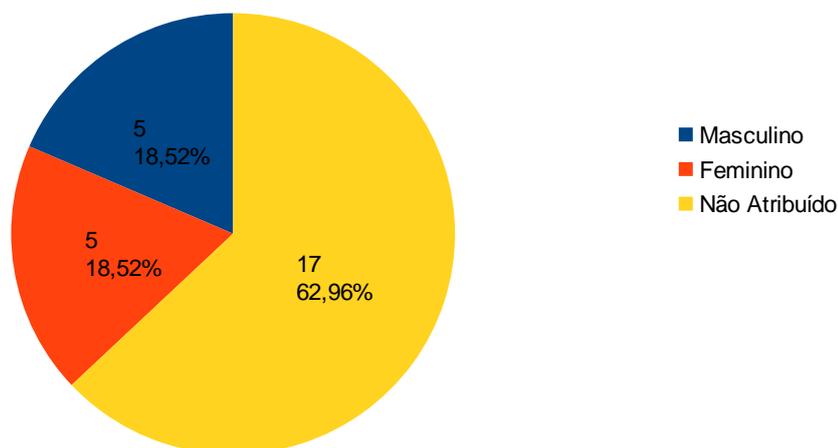
Fonte: elaborado pelo autor.

No Período II há uma evidente preferência pelo uso do Ocre em sepultamentos de Adultos, conquanto ainda para as Crianças, não seja de todo uma exceção o uso do

corante. O baixo número de uso de ocre não atribuído não compensa esta diferença, como demonstra o Gráfico 23.

7.3.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 22 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, no Período II.



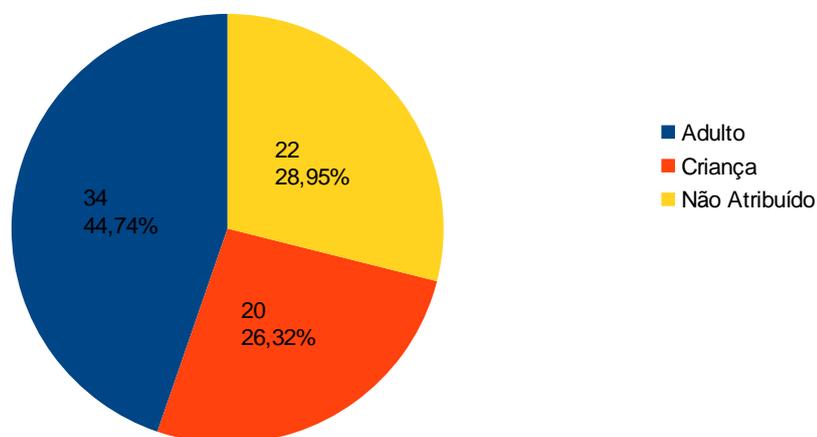
Fonte: elaborado pelo autor.

Mulheres e homens biológicos recebem exatamente a mesma quantidade de ocre no segundo Período. Embora exista uma generosa fatia dedicada a indivíduos não atribuídos, podemos dizer que neste momento, há uma igualdade no uso do ocre para os dois sexos biológicos, conforme revela o Gráfico 24.

7.3.3 AMBOS PERÍODOS

7.3.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 23 - Distribuição de ocre por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.

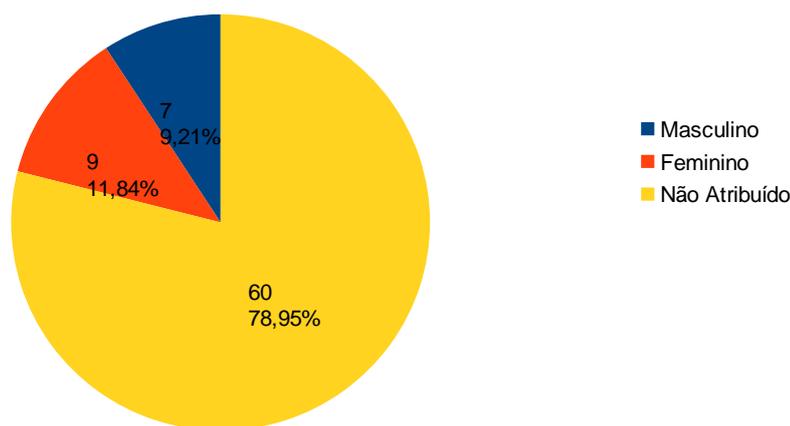


Fonte: elaborado pelo autor.

O ocre parece ser um trato funerário mais comum aos sepultamentos adultos, com uma parcela considerável de crianças que receberam o pigmento também; em ambos Períodos. O Gráfico 25 ilustra esta leitura.

7.3.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 24 - Distribuição de ocre por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.



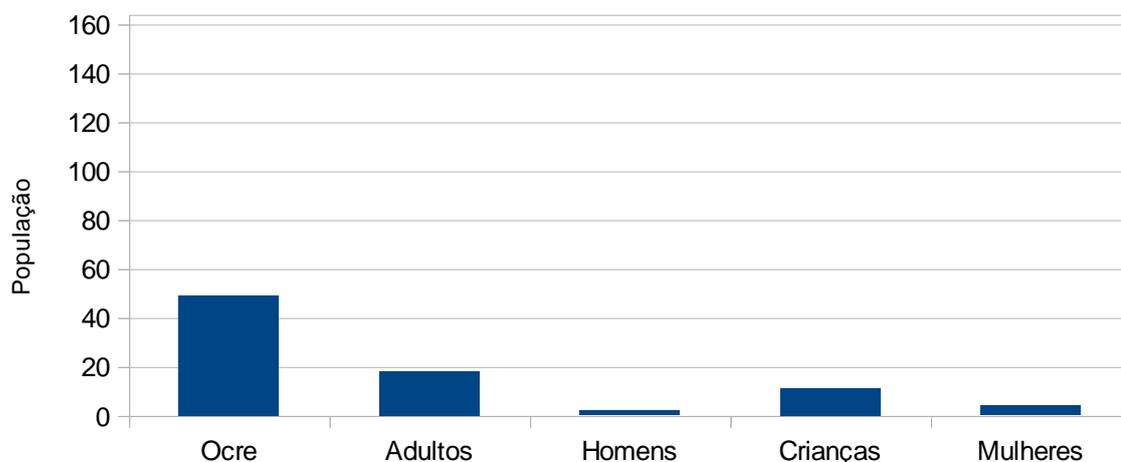
Fonte: elaborado pelo autor.

Embora as mulheres estejam ligeiramente melhor situadas em relação ao uso de ocre no total dos dois Períodos, a grande quantidade de casos não atribuídos nos auxilia a considerar uma razoável igualdade entre os dois gêneros biológicos, conforme o Gráfico 26.

7.3.4 CONSIDERAÇÕES

No Primeiro Período, o ocre foi utilizado em 29,8% (49 usos) do total de sepultamentos realizados durante o intervalo de tempo citado. A tintura está presente junto aos cadáveres de 18 adultos (10,9% do total de exumados do Período), 11 crianças (6,7%), 4 mulheres biológicas (2,4%) e 2 homens biológicos (1,2%), como pode ser observado no Gráfico 27.

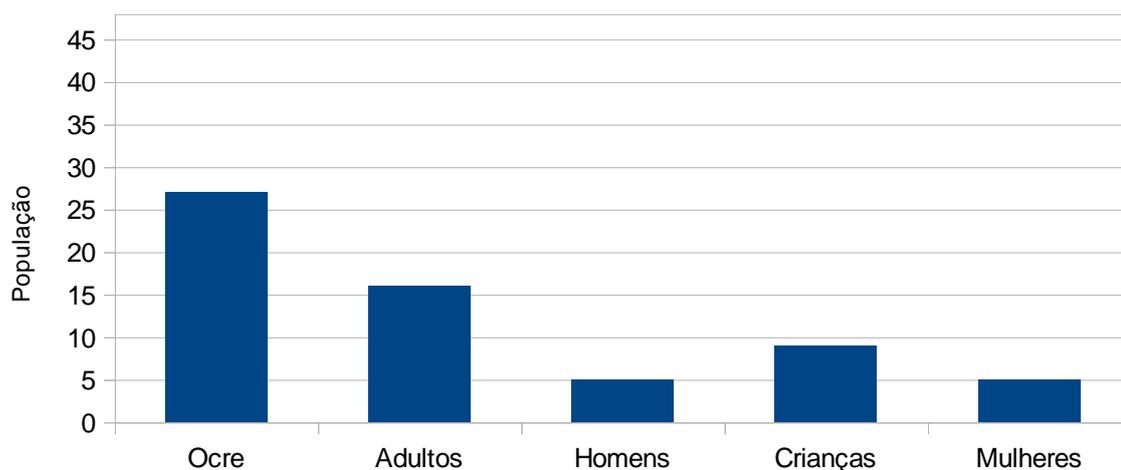
Gráfico 25 - Relação de População do Período I x ocre x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo Período teve o ocre em 56,2% do total de contextos funerários escavados, demonstrando um aumento interessante em relação ao primeiro intervalo. 33,3% dos usos do pigmento eram adultos (16 pessoas), 18,7% eram crianças (9 pessoas), 10,4% eram homens biológicos (5 casos); respondendo pela mesma quantidade de sua contraparte biológica, as mulheres. O Gráfico 28, abaixo, retrata estas relações.

Gráfico 26 - Relação de População do Período II x ocre x categorias.



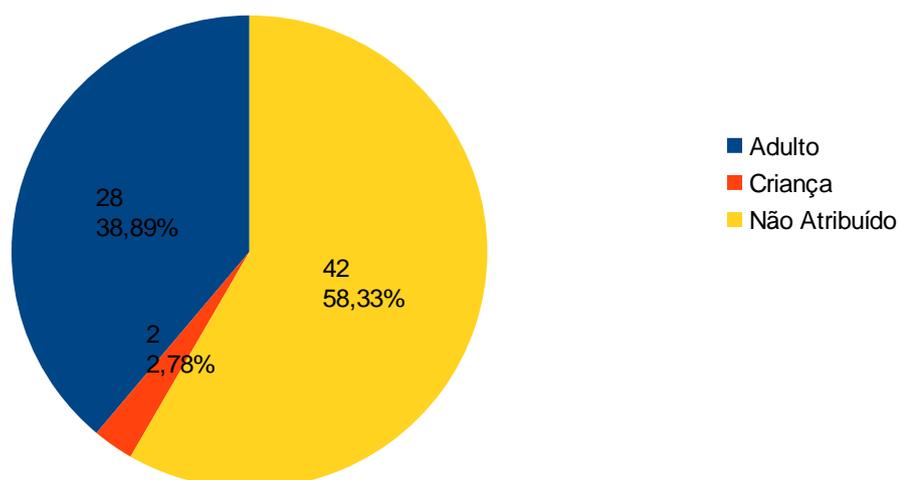
Fonte: elaborado pelo autor.

7.4 Combustão

7.4.1 PERÍODO I

7.4.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 27 - Distribuição de combustão por faixas etárias, no Período I.

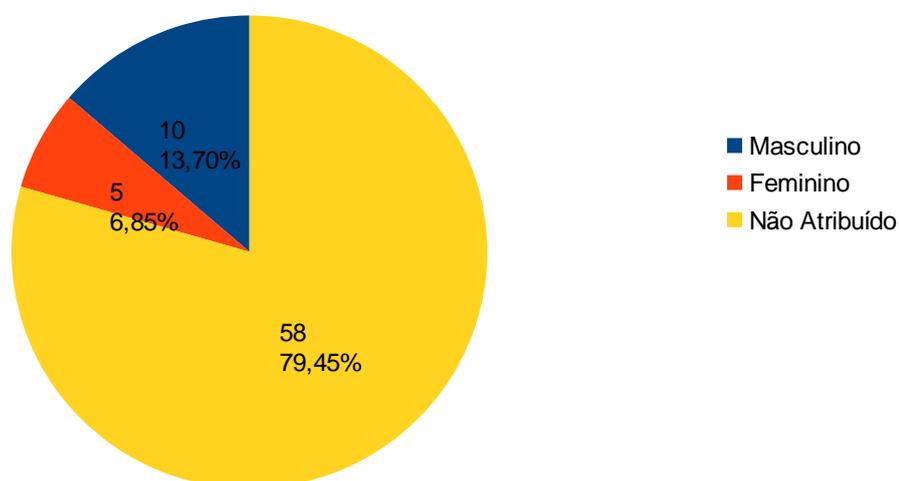


Fonte: elaborado pelo autor.

Embora a maior fatia do gráfico seja representada por indivíduos não atribuídos a nenhuma faixa etária, a grandemaioria de corpos com evidências de queima é de adultos, como está no Gráfico 29. As crianças foram sepultadas em covas culinárias – utilizadas para preparar alimentos (e aproveitadas como cova?).

7.4.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 28 - Distribuição de combustão por gêneros biológicos, no Período I.



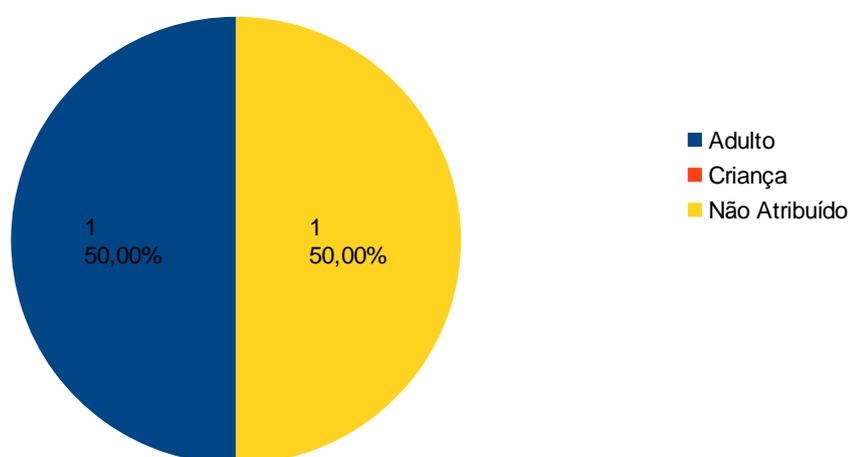
Fonte: elaborado pelo autor.

O grande número de não atribuídos se repete neste Período, no tocante aos gêneros biológicos (ver Gráfico 30). Entretanto, a maioria de indivíduos biologicamente masculinos associados a evidências de combustão é o dobro de casos biologicamente femininos – o que provoca uma sugestão de diferenciação entre os gêneros biológicos que ainda não pode ser confirmada.

7.4.2 PERÍODO II

7.4.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 29 - Distribuição de combustão por faixas etárias, no Período II.

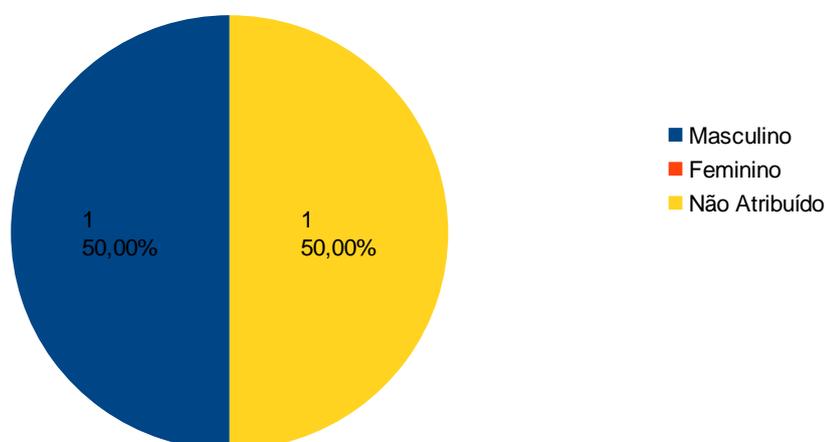


Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 31, acima demonstrado, embora com baixa representatividade numérica perante o total de indivíduos do Período, atesta que combustão era um trato certamente vinculado com Adultose possivelmente também vinculado a Crianças.

7.4.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 30 - Distribuição de combustão por gêneros biológicos, no Período II.



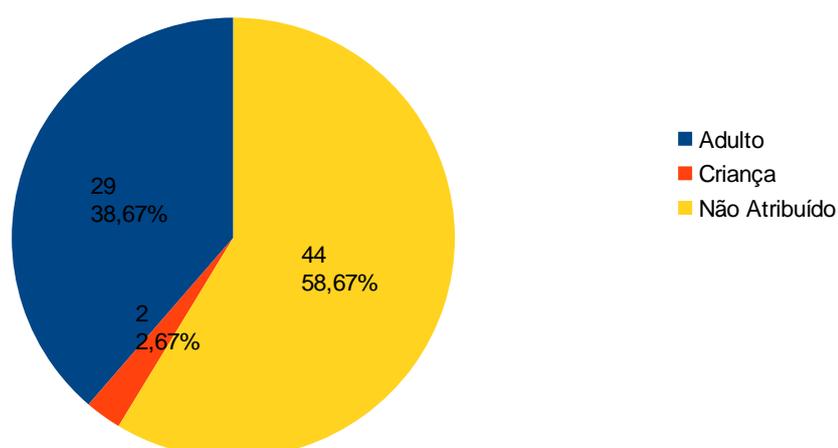
Fonte: elaborado pelo autor.

Similarmente ao gráfico anterior, este gráfico, de número 32, possui baixa representatividade numérica – mas, neste caso, não podemos garantir que combustão seja uma prática relacionada ao gênero biológico masculino pois a representatividade de adultos frente a crianças é muito discrepante.

7.4.3 AMBOS PERÍODOS

7.4.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 31 - Distribuição de combustão por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.

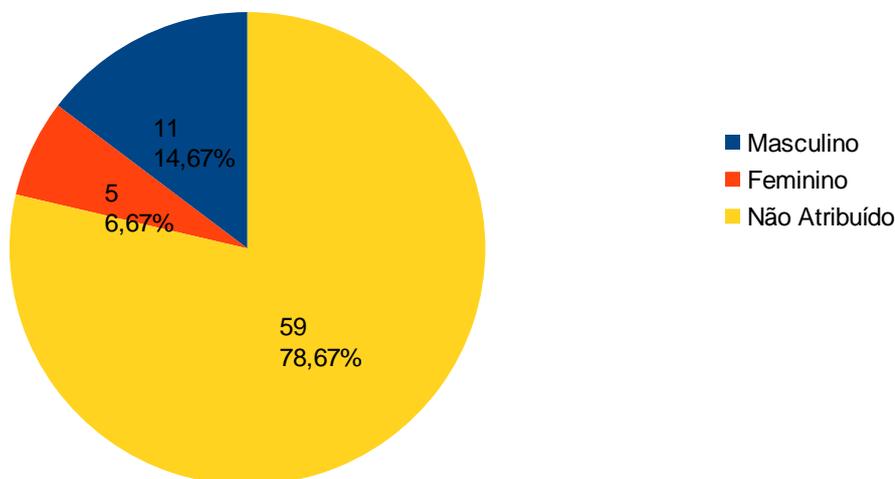


Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 33 totaliza os exemplos anteriores permite uma elucidação em relação aos funerais nos sambaquis: a combustão era, definitivamente, uma convenção etária adulta.

7.4.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 32 - Distribuição de Combustão por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.



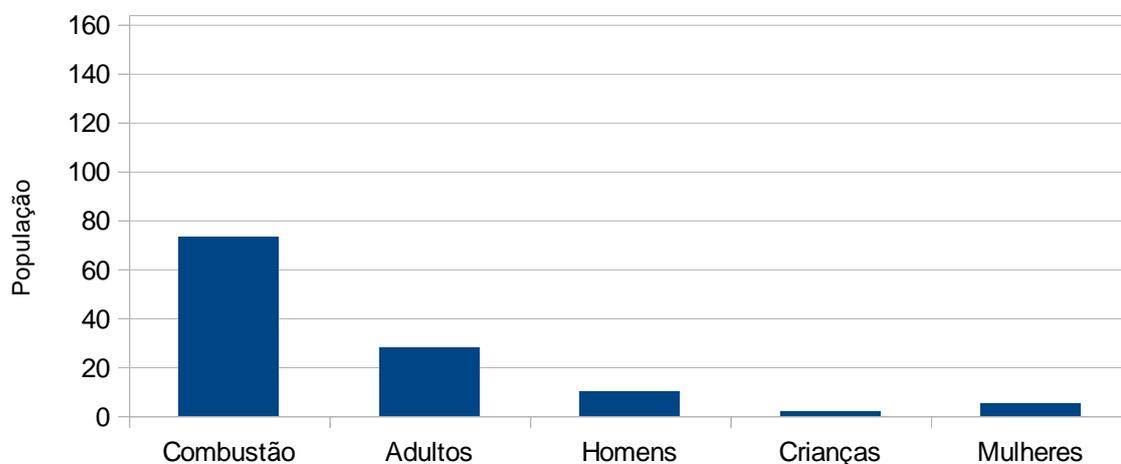
Fonte: elaborado pelo autor.

Com relação aos gêneros biológicos, o impasse se mantém sobre considerar a combustão como um trato especificamente masculino. Embora a diferença entre os dois gêneros biológicos seja considerável, como visível no Gráfico 34; a quantidade de indivíduos não atribuídos não permite que tal assertiva seja precisa – ou mesmo possível.

7.4.4 CONSIDERAÇÕES

No Período I a combustão parece uma prática mais ou menos disseminada com 44,5% de representatividade na população total do Período. Os adultos são a maior fatia a ser relacionados com evidências de combustão, com 17% do total de pessoas enterradas do Período (28 indivíduos). A eles seguem-se os homens biológicos, com 6% (10 indivíduos), as mulheres biológicas, com 3% (5 indivíduos) e as crianças, com 1,2% (2 indivíduos), conforme ordenado pelo Gráfico 35, a seguir.

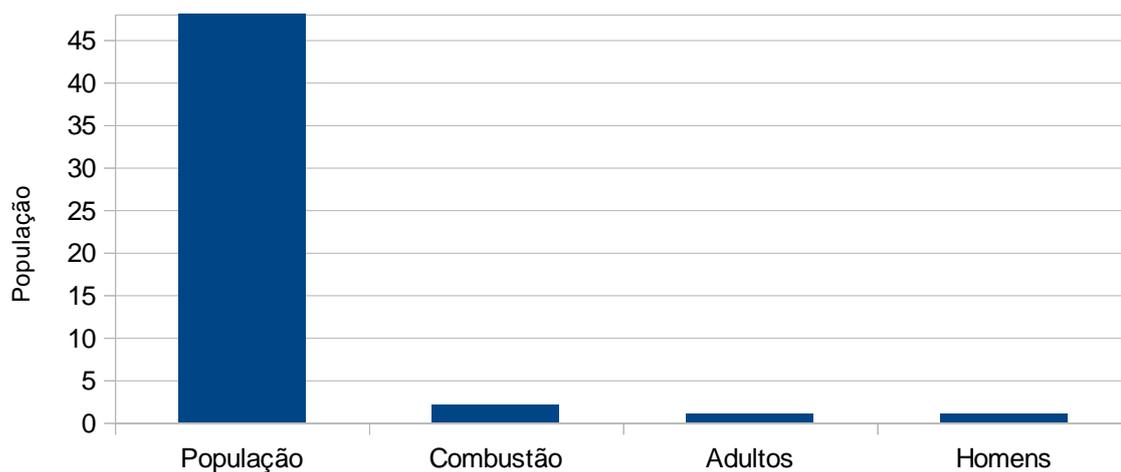
Gráfico 33 - Relação de População do Período I x combustão x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

Durante o segundo Período a prática de combustão entra em um agravado estado de descenso, correspondendo a apenas 4,1% do total da população da época (apenas um caso no Paraná e outro em Santa Catarina). Um adulto e um homem biológico (2% do total populacional, cada um) foram associados ao então raro trato. O Gráfico 36 aborda estas relações.

Gráfico 34 - Relação de População do Período II x combustão x categorias.



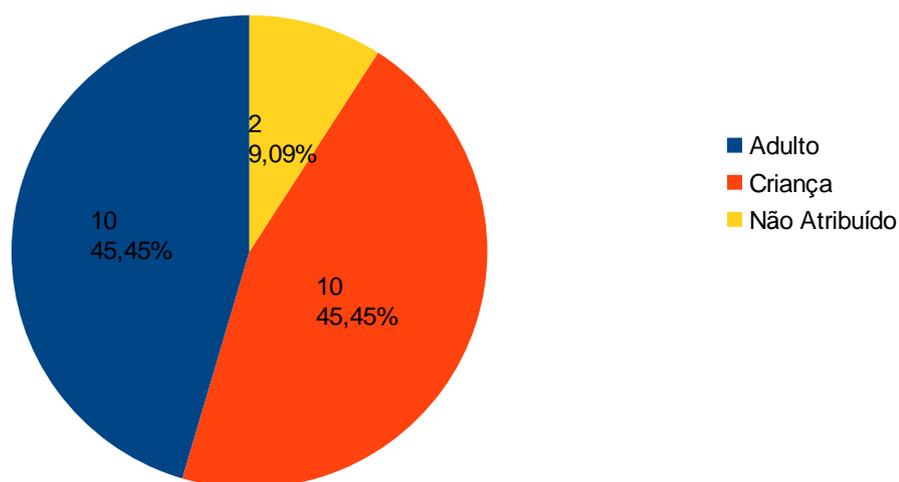
Fonte: elaborado pelo autor.

7.5 Adorno

7.5.1 PERÍODO I

7.5.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 35 - Distribuição de adorno por faixas etárias, no Período I.

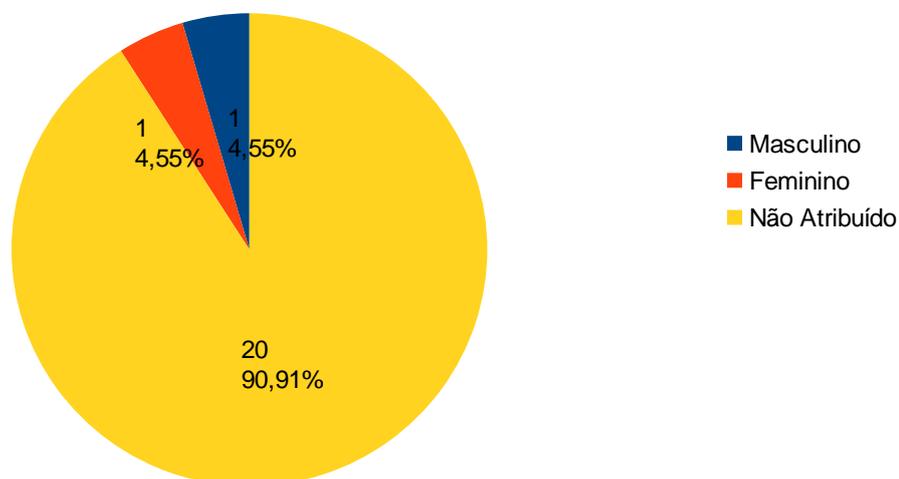


Fonte: elaborado pelo autor.

A baixa quantidade de casos não atribuídos no Gráfico 37 é um auxiliar na hipótese de que o uso de adornos era quantitativamente igual entre as faixas etárias apreciadas neste Período. Contudo, nas Considerações adiante trataremos em detalhe essa teoria.

7.5.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 36 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, no Período I.



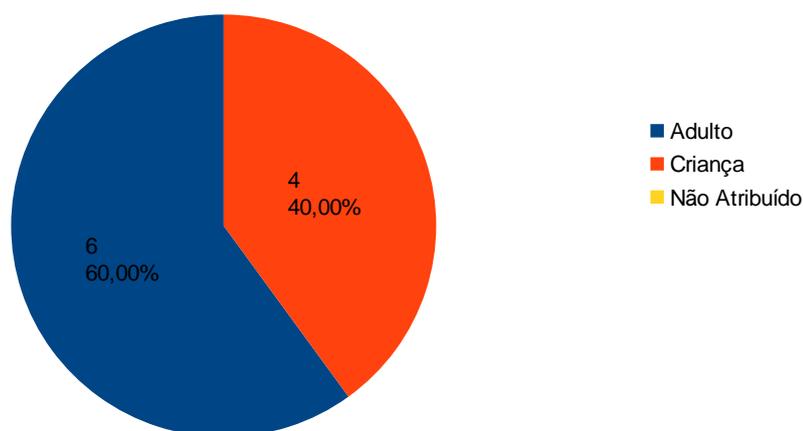
Fonte: elaborado pelo autor.

Os valores iguais entre os gêneros biológicos masculino e feminino, que, tentativamente, poderiam ser pensados dentro da igualdade quantitativa, são dificultados pelo alto número de casos não atribuídos presentes no Gráfico 38. Não há segurança em se afirmar ou igualdade, ou diferenciação aqui.

7.5.2 PERÍODO II

7.5.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 37 - Distribuição de adorno por faixas etárias, no Período II.

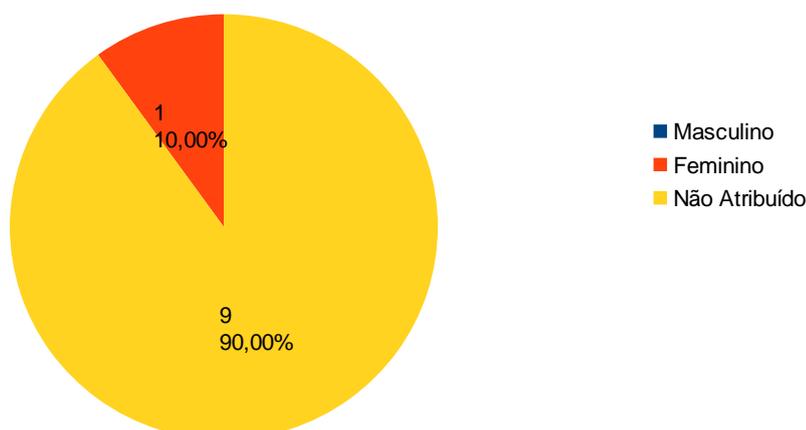


Fonte: elaborado pelo autor.

No Período II, como representado no Gráfico 39, há a indução de uma preferência do uso de adorno em sepultados adultos, do que em relação a crianças, que não ficam muito atrás. A aparente diferença será tratada em detalhe nas Considerações para os adornos, mais adiante.

7.5.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 38 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, no Período II.



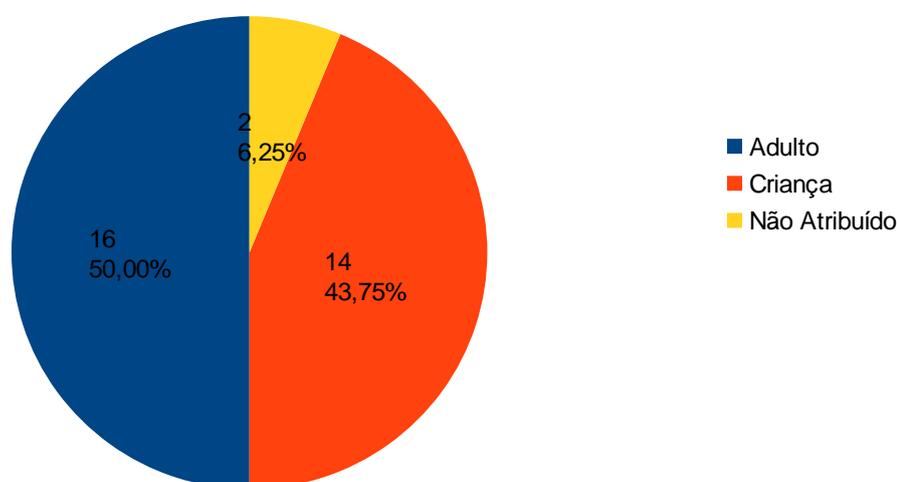
Fonte: elaborado pelo autor.

Uma suave preferência do uso de adornos em sepultamentos de indivíduos biológicos femininos é eludida pelo gráfico. A ausência do gênero biológico oposto não contribui para esta leitura, contudo – assim é possível afirmar apenas que a prática existia entre as mulheres biológicas deste Período, segundo o Gráfico 40.

7.5.3 AMBOS PERÍODOS

7.5.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 39 - Distribuição de adorno por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.



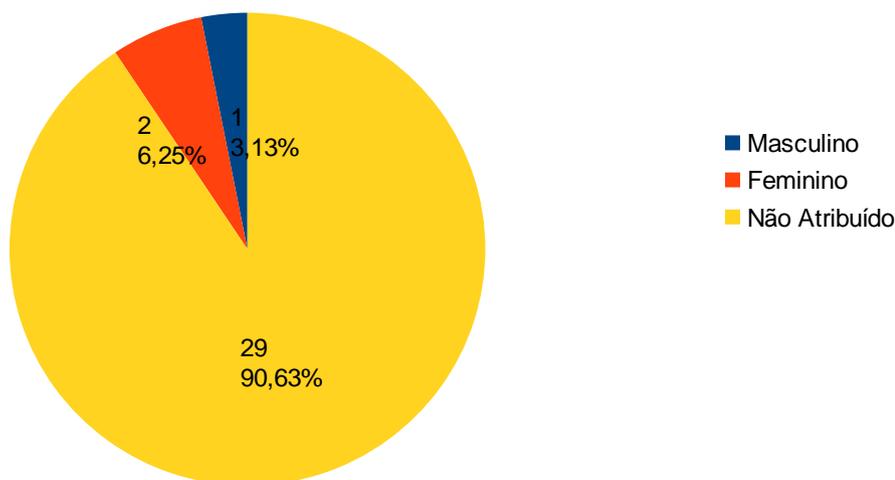
Fonte: elaborado pelo autor.

Um panorama praticamente idêntico ao do gráfico de faixas etárias do Período I se repete aqui; uma aparente diferenciação baseada na maior quantidade de adornos junto a adultos, se insinua com pouca superioridade numérica. A influência possível dos casos não atribuídos, poderia, contanto, equilibrar esse panorama, como demonstra o Gráfico 41. De modo geral, é difícil considerar uma diferenciação como um fato dado com apenas esta perspectiva.

7.5.3.2 Gêneros Biológicos

A leve inclinação para um favorecimento do gênero biológico feminino no tocante a adornos é dificultada pela esmagadora maioria não identificável de casos não atribuídos a este ou aquele gênero, segundo o Gráfico 42.

Gráfico 40 - Distribuição de adorno por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.

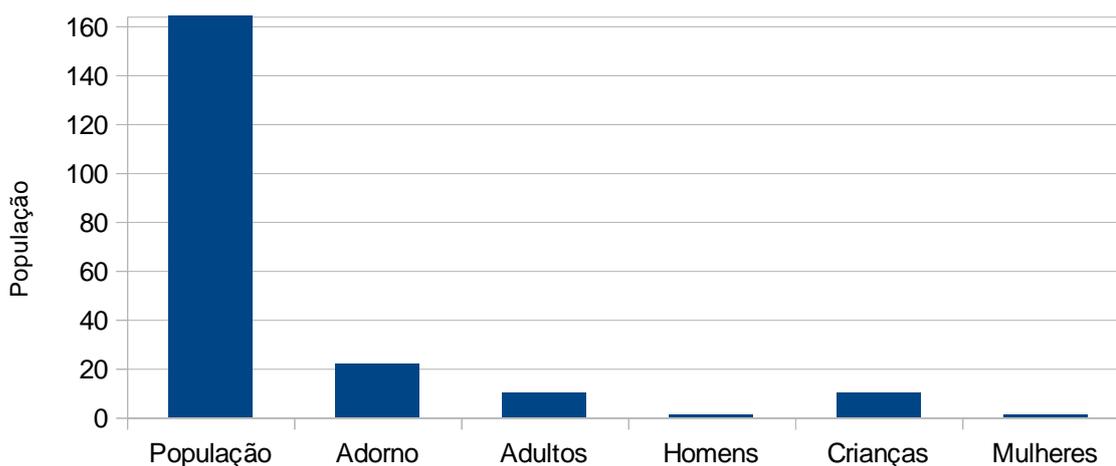


Fonte: elaborado pelo autor.

7.5.4 CONSIDERAÇÕES

Os adornos do primeiro Período, o mais populado, são escassos, totalizando 22 peças que contam por 13,4% dos sepultados do Período. Estas peças estavam associadas a 10 adultos e crianças (6% para cada categoria, frente ao total de pessoas do Período) e a um homem e uma mulher biológica (0,6%). O Gráfico 43 ilustra esta escalação.

Gráfico 41 - Relação de População do Período I x combustão x categorias.

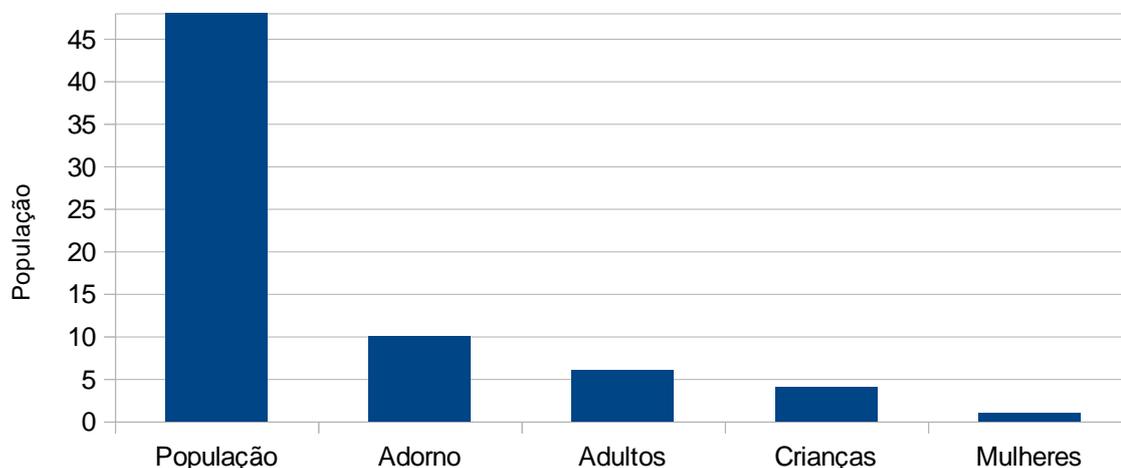


Fonte: elaborado pelo autor.

O Período II teve uma presença maior de adornos, com 20,8% de indivíduos ornados com as peças. Destes, 12,5% eram adultos (10 casos), 8,3% eram crianças e 2% era uma única mulher biológica. O Gráfico 44 demonstra estas porcentagens

gradativamente. Homens biológicos não foram documentados com adornos neste Período.

Gráfico 42 - Relação de População do Período II x combustão x categorias.



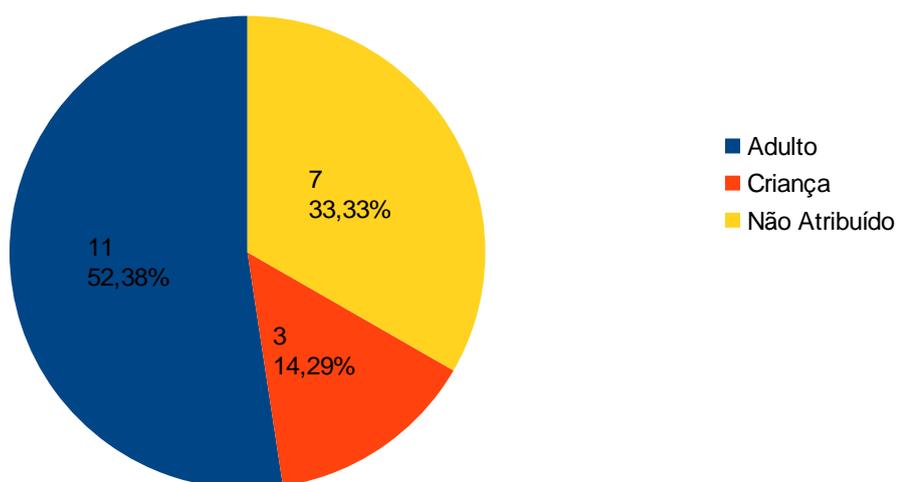
Fonte: elaborado pelo autor.

7.6 Estendido

7.6.1 PERÍODO I

7.6.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 43 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, no Período I.



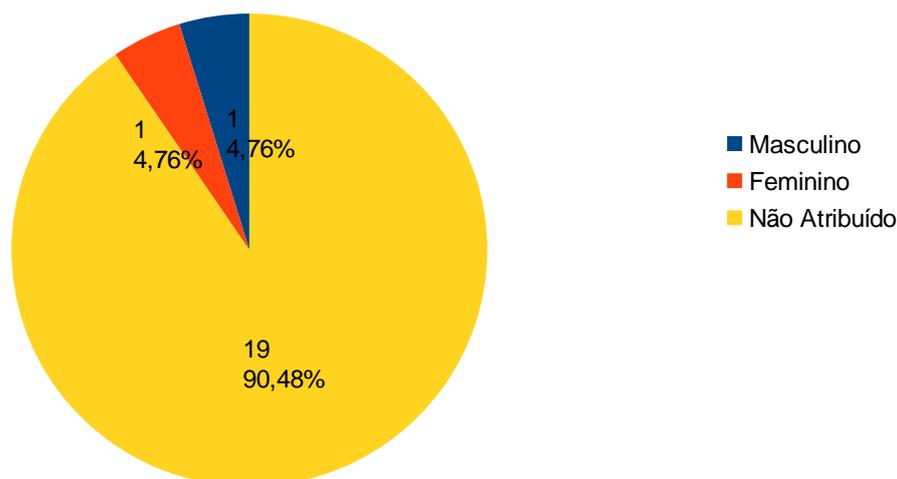
Fonte: elaborado pelo autor.

No modo de deposição estendido, durante o primeiro Período, podemos inferir que, preferencialmente, os adultos eram sepultados de tal forma. As crianças

parecem representar casos excepcionais – mesmo somando-se todos os casos não atribuídos às crianças, elas não superariam os adultos estendidos. O Gráfico 45 resume estas relações.

7.6.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 44 - Distribuição da variável Estendido por gêneros biológicos, no Período I.



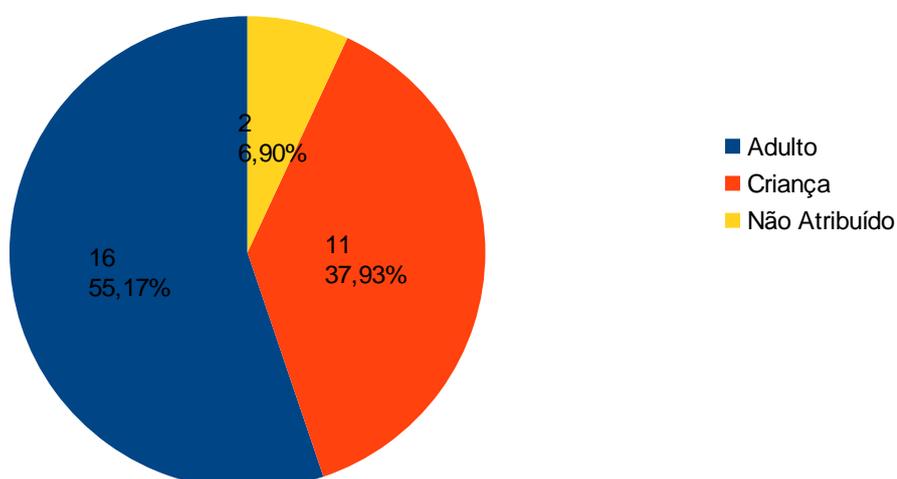
Fonte: elaborado pelo autor.

Não é possível inferir igualdade ou desigualdade a respeito dos gêneros biológicos masculino e feminino por causa do alto valor de casos não atribuídos, segundo o Gráfico 46.

7.6.2 PERÍODO II

7.6.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 45 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, no Período II.

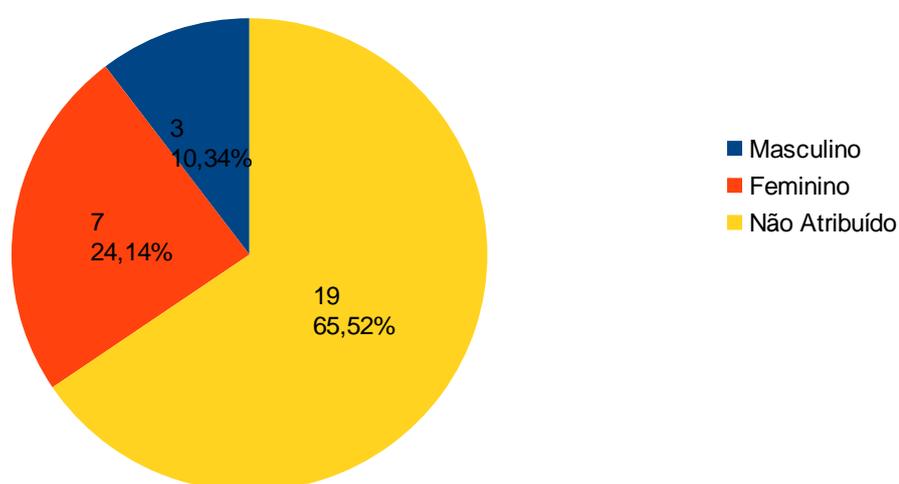


Fonte: elaborado pelo autor.

No Período II a prática de deposição estendida parece se popularizar, com aumentos de casos tanto dos adultos e das crianças, como conta o Gráfico 47. Contudo, desta vez, há uma menor diferença entre os adultos e crianças do que no Período precedente. Os casos não atribuídos ainda não suficientes para equalizar a distribuição deste modo de deposição.

7.6.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 46 - Distribuição da variável estendido por gêneros biológicos, no Período II.



Fonte: elaborado pelo autor.

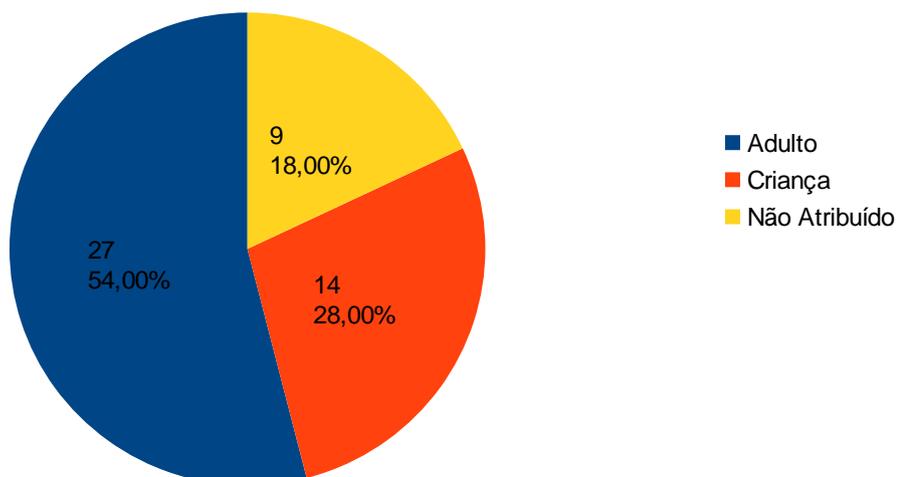
No Gráfico 48, o modo de deposição estendido indica estar associado preferencialmente com o gênero biológico feminino, segundo o gráfico acima. A quantidade de indivíduos deste gênero é mais do que o dobro de sua contraparte masculina. Mais uma vez, a delimitação segura é dificultada pelo alto valor de casos não atribuídos.

7.6.3 AMBOS PERÍODOS

7.6.3.1 Faixas Etárias

O total de casos estendidos para os Períodos I e II indica uma evidente predisposição para coexistir em contexto com adultos; embora ele não seja infrequente entre crianças – o Gráfico 49 tem todas as informações. Os casos não atribuídos são minoritários e não interferem de modo decisivo na maior quantidade de adultos.

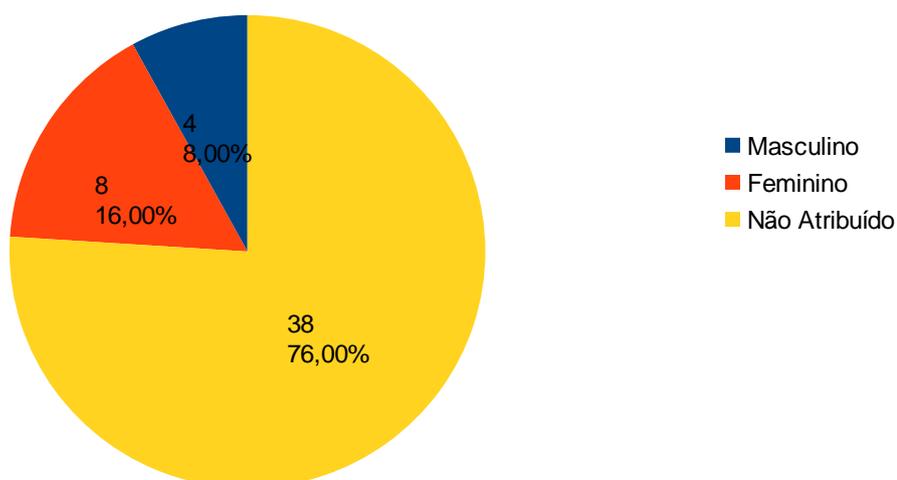
Gráfico 47 - Distribuição da variável estendido por faixas etárias, ao longo dos dois Períodos.



Fonte: elaborado pelo autor.

7.6.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 48 - Distribuição de variável estendido, ao longo dos dois períodos.



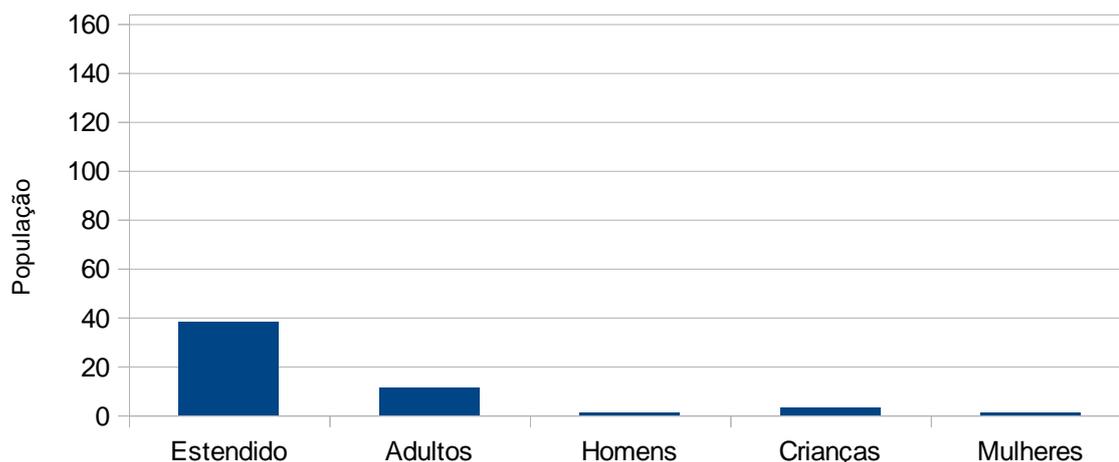
Fonte: elaborado pelo autor.

Embora os casos não atribuídos constituam o grosso desta demonstração gráfica, é possível estabelecer uma relação - ainda que tênue - entre os dois gêneros biológicos. As pessoas biologicamente femininas representam o dobro das biologicamente masculinas (pelo que é elaborado no Gráfico 50), o que pode ser considerado, tentativamente, como subsequente dentro dos casos não atribuídos, estabelecendo-se assim, uma noção para uma diferenciação entre os dois gêneros.

7.6.4 CONSIDERAÇÕES

O primeiro Período, Gráfico 51, possui cerca de 23,1% da sua população em deposição Estendida (38 casos); sendo que 6,7% são adultos (11 casos), 1,8% são crianças (3 casos) e 0,6% são homens e mulheres biológicos (1 caso cada).

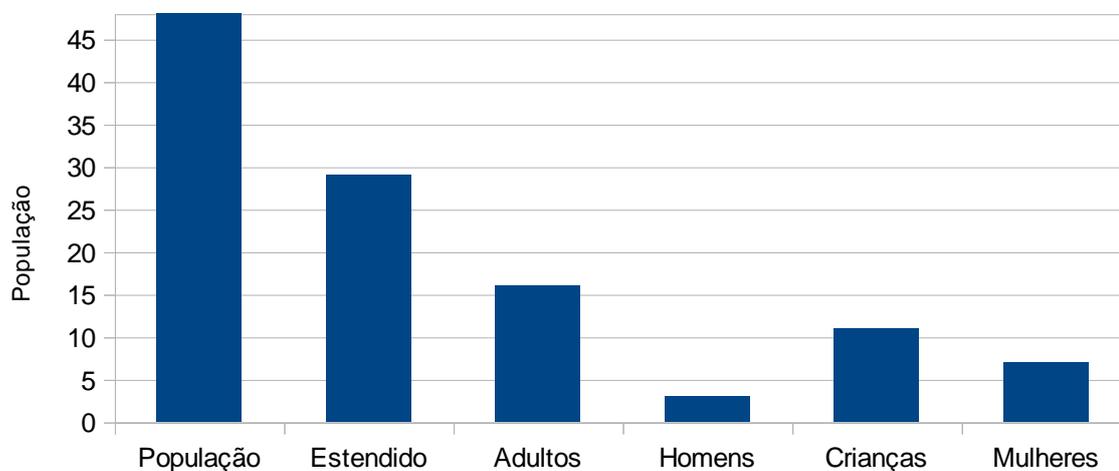
Gráfico 49 - Relação de População do Período I x estendido x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

Durante o Período II a prática estendida dos cadáveres aumenta para 60,4%, assim como a quantidade de adultos (33,3% do total populacional do Período, 16 casos), crianças (22,9%, 11 casos), homens biológicos (6,2%, 3 casos) e mulheres biológicas (14,5%, 7 casos). O Gráfico 52, abaixo, ilustra esta situação.

Gráfico 50 - Relação de População do Período II x estendido x categorias.



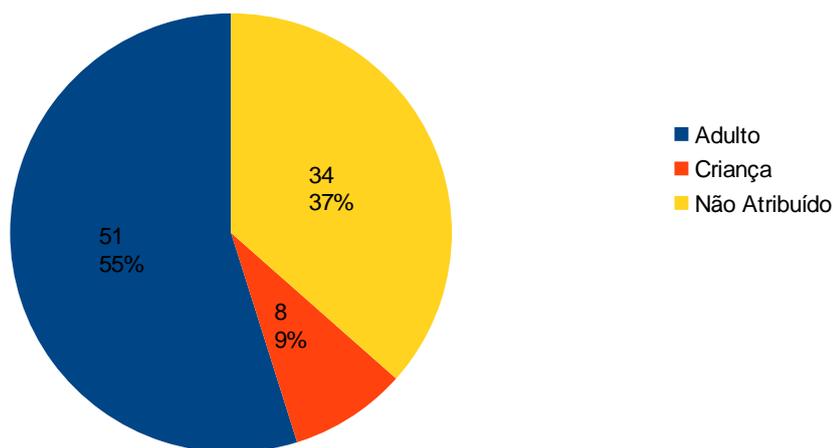
Fonte: elaborado pelo autor.

7.7 Fletido

7.7.1 PERÍODO I

7.7.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 51 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, no Período I.

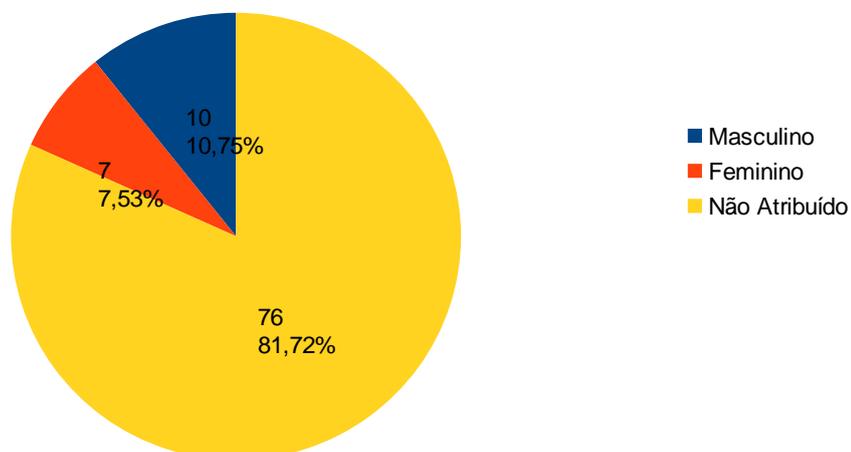


Fonte: elaborado pelo autor.

A prática de deposição fletida, no primeiro intervalo, é majoritariamente dedicada aos adultos, com raras exceções para crianças, segundo o Gráfico 53. Uma boa parcela se restringe a casos não atribuídos, sem que somados com a quantidade infantil, supere os casos adultos.

7.7.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 52 - Distribuição da variável fletido por gêneros biológicos, no Período I.



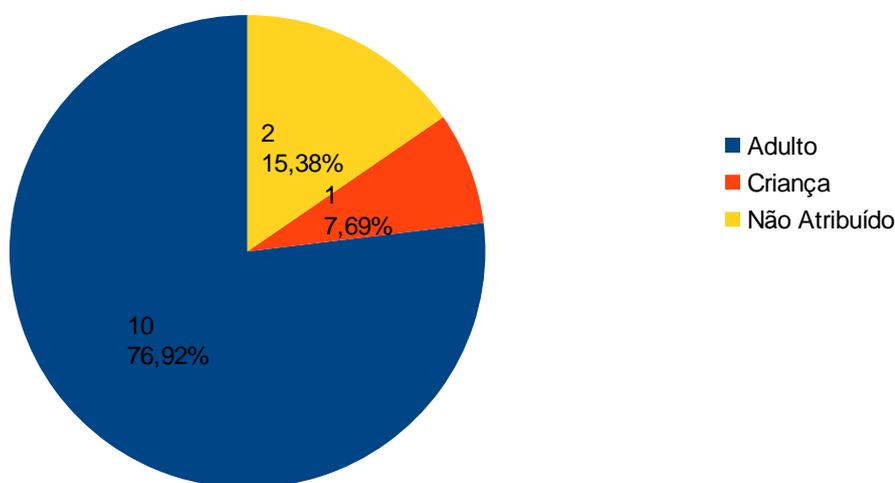
Fonte: elaborado pelo autor.

Uma leve predominância de homens biológicos em relação às mulheres biológicas se faz presente neste gráfico, o de número 54. Contudo, similarmente às outras ilustrações dos gêneros biológicos, a quantidade muito superior de casos não atribuídos não possibilita que uma preferência em prol de um gênero biológico ou outro possa ser estabelecida.

7.7.2 PERÍODO II

7.7.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 53 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, no Período II.

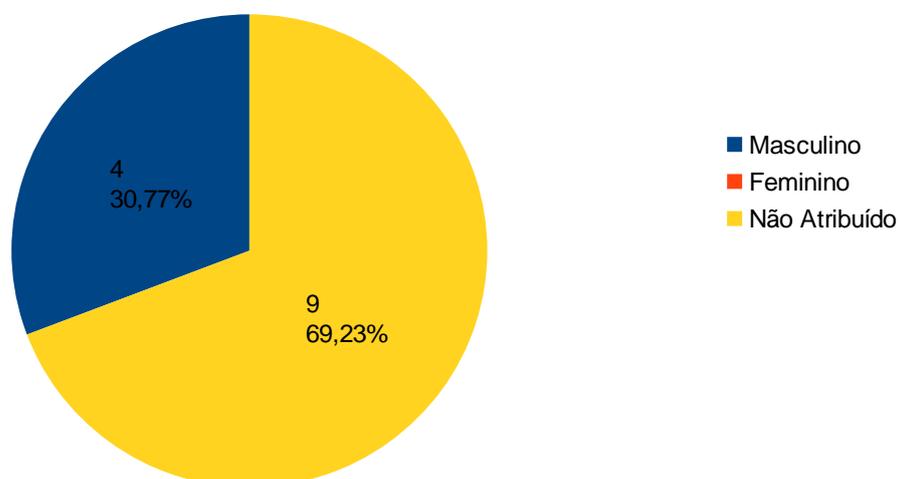


Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo Período observa e confirma a simpatia pela prática de deposição fletida em relação aos adultos. Desta vez, há ainda menos crianças associadas ao modo de deposição – o que poderia ser interpretado como um crescimento da associação entre a vida adulta e a morte em posição fetal. O Gráfico 55 retrata este contexto.

7.7.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 54 - Distribuição da variável fletido por gêneros biológicos, no Período II.



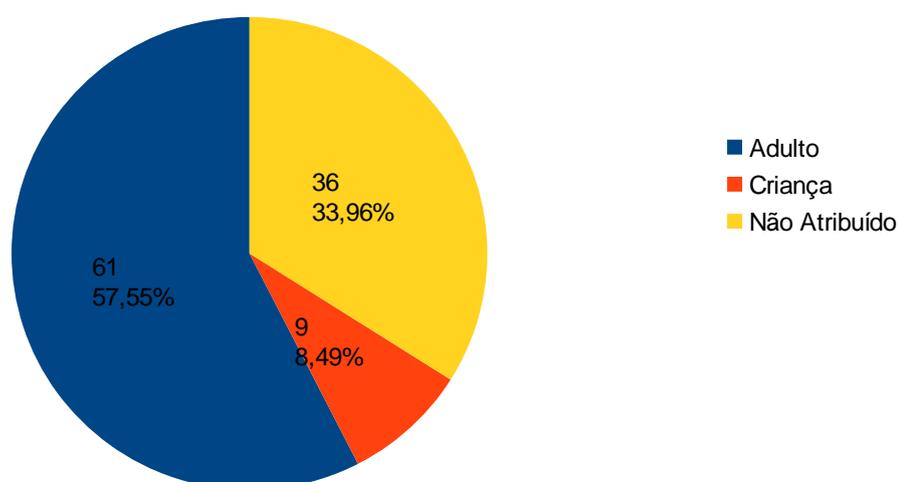
Fonte: elaborado pelo autor.

A insinuação produzida no primeiro Período sobre uma diferenciação dos gêneros biológicos através do modo de deposição fletido se fortalece com uma total ausência de mulheres biológicas associadas a esta prática no segundo tempo, como evidenciado pelo Gráfico 56.

7.7.3 AMBOS PERÍODOS

7.7.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 55 - Distribuição da variável fletido por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.

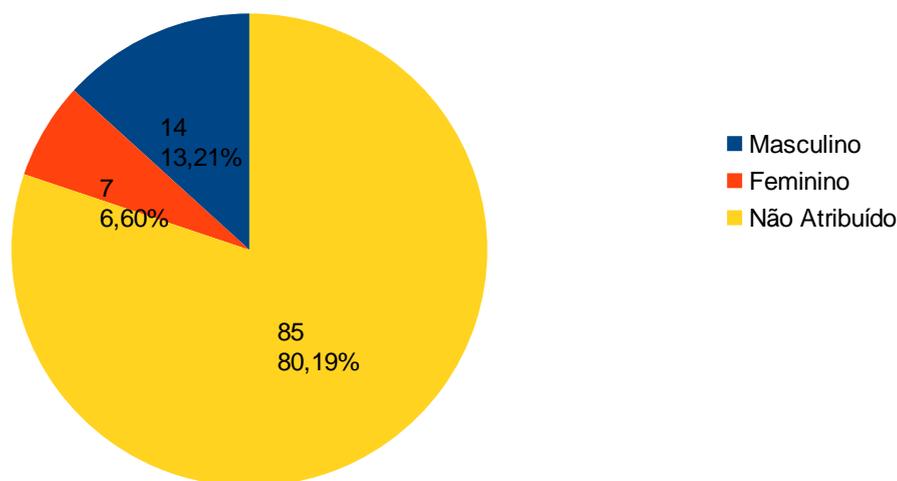


Fonte: elaborado pelo autor.

Este gráfico, o número 59, ilustra o que parece ser um tratamento funerário específico para adultos: a deposição fletida. Embora posteriormente tomará curso o cruzamento das variáveis com o total das categorias, é pouco provável que haja uma reversão deste quadro devido às grandes diferenças entre os valores de adultos e crianças neste gráfico.

7.7.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 56 - Distribuição da variável Fletido por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.



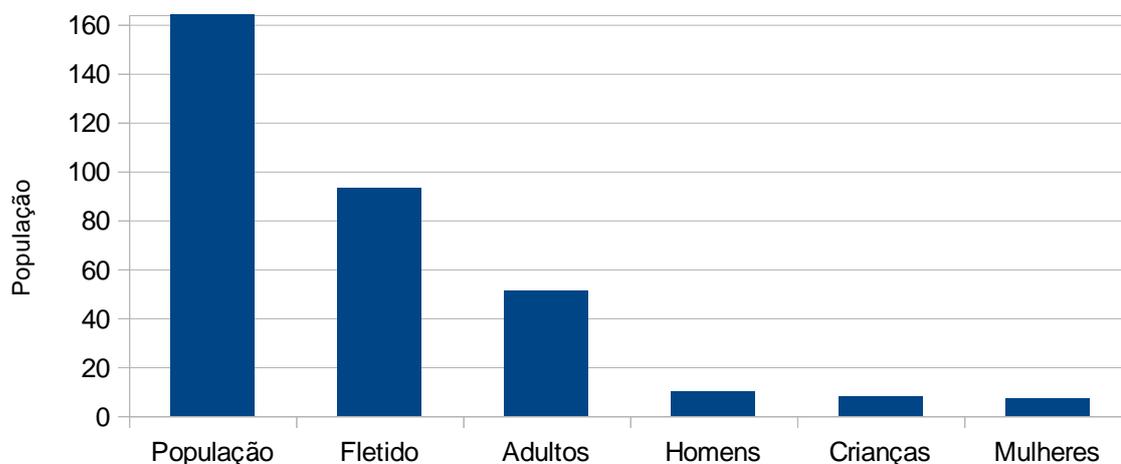
Fonte: elaborado pelo autor.

Os homens biológicos representam o dobro das mulheres biológicas neste gráfico, o que sugere uma inclinação fletida para os sepultamentos masculinos. Contudo, o grande número de casos não atribuídos mascara uma possível inversão deste quadro. A *grosso modo*, a prática parece estar relacionada com um dos gêneros, sem que essa posição seja sólida ou inquestionável nos sítios analisados. No Gráfico 58, pode-se apreciar esta conclusão.

7.7.4 CONSIDERAÇÕES

De todas as pessoas falecidas e enterradas durante o primeiro Período de nosso estudo, 56,7% (93 indivíduos) foram sepultados de modo fletido (vide Gráfico 59). Os adultos correspondem a uma fatia de 31% de todos os mortos do primeiro Período – as crianças, 4,8% (8 indivíduos), os homens biológicos, 6% (10 indivíduos) e as mulheres biológicas, 4,2% (7 indivíduos).

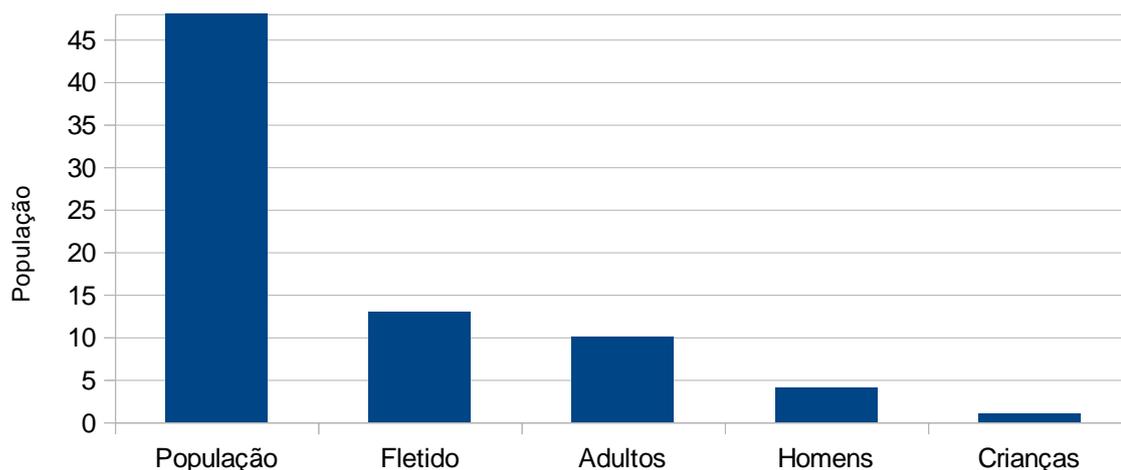
Gráfico 57 - Relação de População do Período I x fletido x categorias.



Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo Período (vide Gráfico 60) observa uma redução geral no uso da prática fletida; do total de pessoas do Período, 27%, ou 13 pessoas, foram registradas na posição fetal. Os adultos perfazem 20% do total de casos do Período, ou 10 pessoas; crianças correspondem a 4,8%, ou uma pessoa; homens biológicos, por 8,3%, ou 4 pessoas. Mulheres biológicas aparentemente não foram fletidas neste Período.

Gráfico 58 - Relação de População do Período II x fletido x categorias.



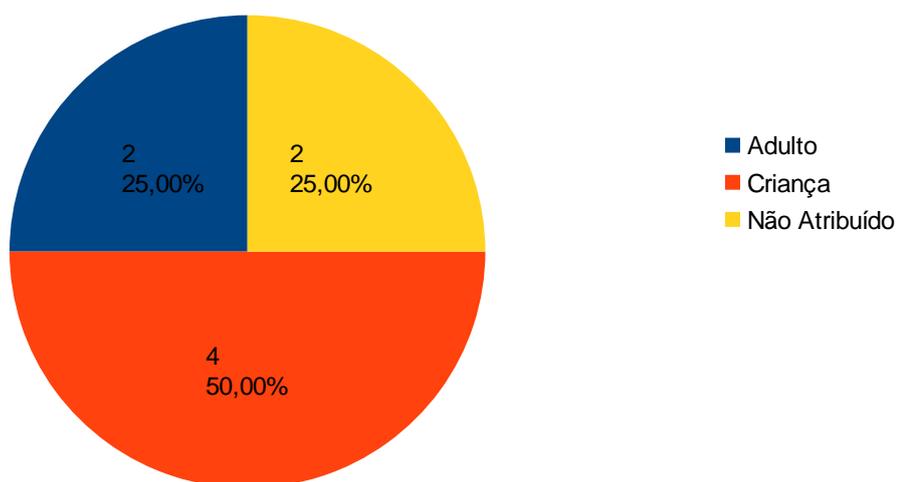
Fonte: elaborado pelo autor.

7.8 Múltiplo

7.8.1 PERÍODO I

7.8.1.1 Faixas Etárias

Gráfico 59 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, no Período I.

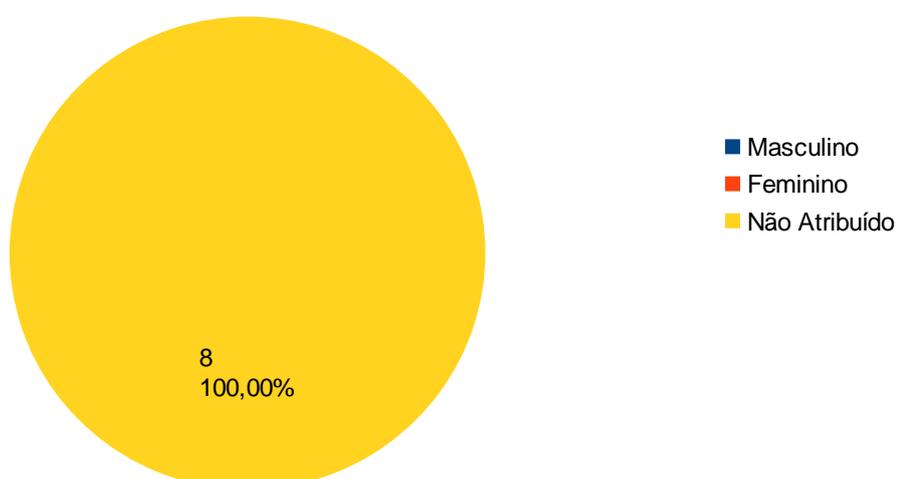


Fonte: elaborado pelo autor.

Os poucos sepultamentos múltiplos no Período I ilustram uma situação onde crianças parecem ser mais inseridas neste contexto do que pessoas adultas (ver Gráfico 61).

7.8.1.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 60 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, no Período I.



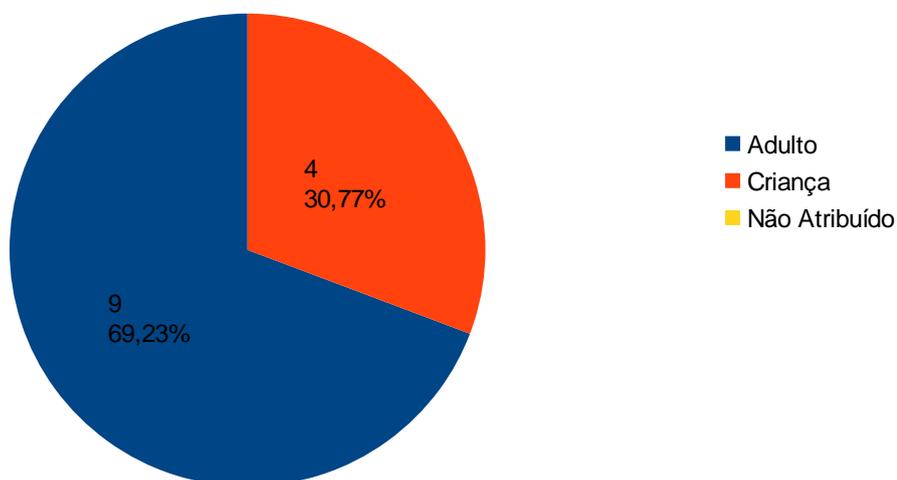
Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 62 dificilmente trará alguma luz para o que já foi levantado.

7.8.2 PERÍODO II

7.8.2.1 Faixas Etárias

Gráfico 61 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, no Período II.

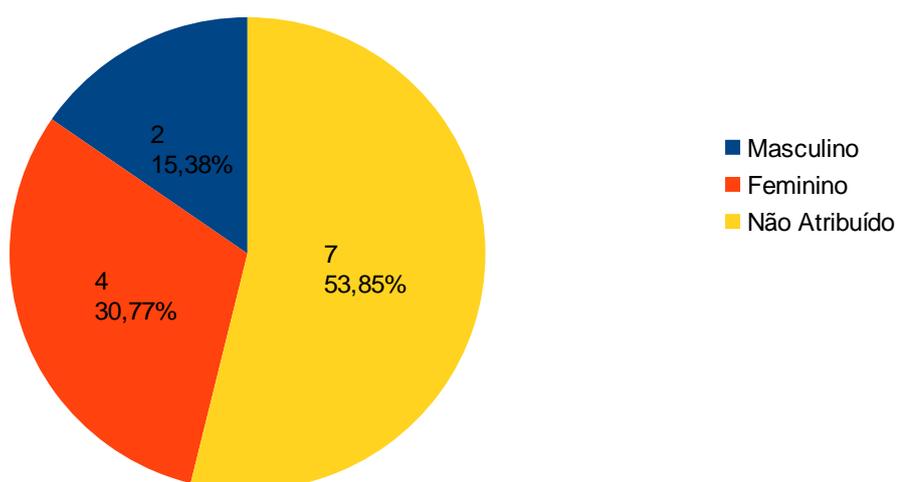


Fonte: elaborado pelo autor.

O Período II parece representar uma inversão do demonstrado no primeiro Período, com uma maioria indiscutível de adultos em sepultamentos múltiplos frente a indivíduos juvenis, conforme revela o Gráfico 63.

7.8.2.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 62 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, no Período II.



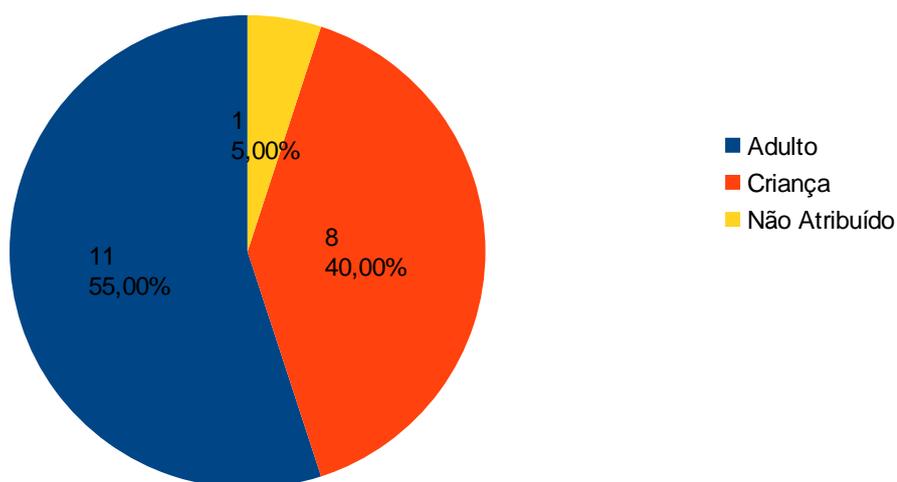
Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 64 oferece uma estreita margem de favorecimento da inclusão preferencial de adultos frente a crianças no segundo Período. Os casos não atribuídos, mais uma vez, ocultam uma possível mudança neste panorama.

7.8.3 AMBOS PERÍODOS

7.8.3.1 Faixas Etárias

Gráfico 63 - Distribuição da variável múltiplo por faixas etárias, ao longo dos dois períodos.

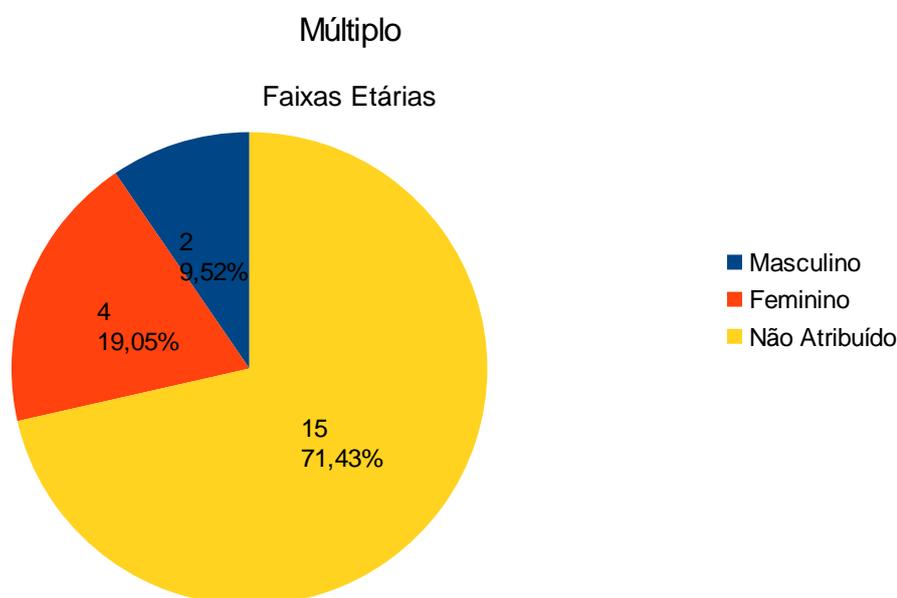


Fonte: elaborado pelo autor.

O total somado da linha do tempo apresenta uma suave maioria para os indivíduos adultos frente as crianças – com os casos não atribuídos sendo incapazes de modificar o que ocorre, se o único caso hipoteticamente fosse uma criança. O Gráfico 65 demonstra estes dados.

7.8.3.2 Gêneros Biológicos

Gráfico 64 - Distribuição da variável múltiplo por gêneros biológicos, ao longo dos dois períodos.

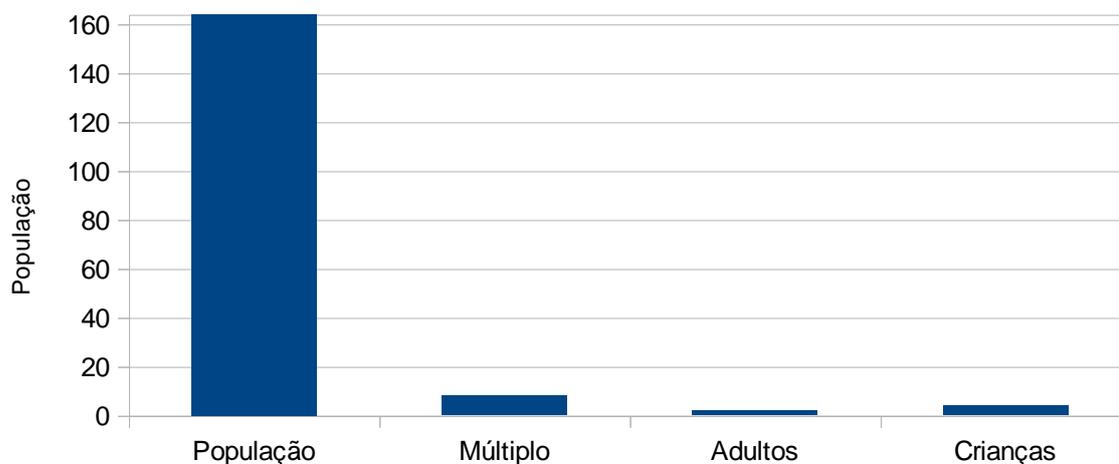


Fonte: elaborado pelo autor.

As mulheres biológicas parecem ser mais suscetíveis do que os homens biológicos de ser incluídas em um sepultamento múltiplo pelo que o Gráfico 66 acima revela. Mais uma vez, os casos não atribuídos poderiam alterar esse parecer, contudo.

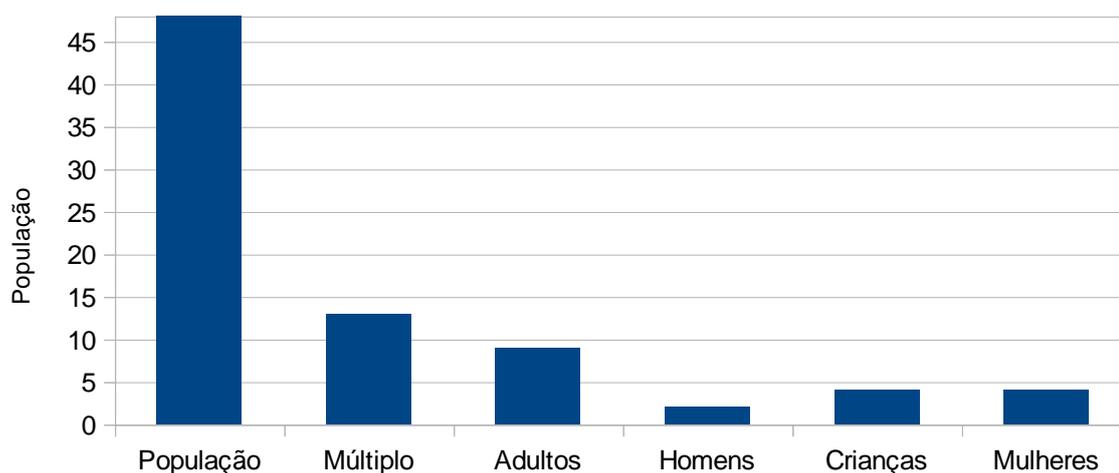
7.9 Considerações

A prática de se sepultar conjuntamente mais de um indivíduo na mesma cova foi raramente realizada nos sambaquis da análise. 4,8% do total da população do primeiro Período (8 casos) foram assim inumados. 1,2% desse mesmo total correspondiam a adultos e a crianças, com dois casos cada. Não há dados para os gêneros biológicos neste Período, como mostra o Gráfico 67.

Gráfico 65 - Relação de População do Período I x Múltiplo x Categorias.

Fonte: elaborado pelo autor.

O segundo Período, que pode ser visualizado no Gráfico 68, observa um aumento no uso da prática – 22,9% do total da população do segundo Período (11 casos) foi assim inumada. 14,5% eram adultos (7 pessoas), 2,4% eram crianças, com o mesmo valor se referindo as mulheres biológicas também (4 casos cada). Os homens biológicos contaram com 1,2% do total da população, com apenas 2 casos.

Gráfico 66 - Relação de População do Período II x Múltiplo x Categorias.

Fonte: elaborado pelo autor.

8 ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Aqui devemos tentar observar a representabilidade de cada Variável dentro do total de cada categoria. Exemplifiquemos com um caso anteriormente visto: por mais que adultos tenham sido mais adornados, ao se comparar percentualmente com o número de crianças adornadas, a relação se inverte. Assim, podemos suscitar, de forma mais segura, quaisquer possíveis diferenciações culturais existentes entre as categorias, uso das variáveis e distribuição geográfica das mesmas. Lembrando que o cálculo é realizado tendo as categorias como base total (100%) e que mais de uma variável é presente por indivíduo, com cada indivíduo contando pelo menos uma presença de qualquer variável ou categoria.

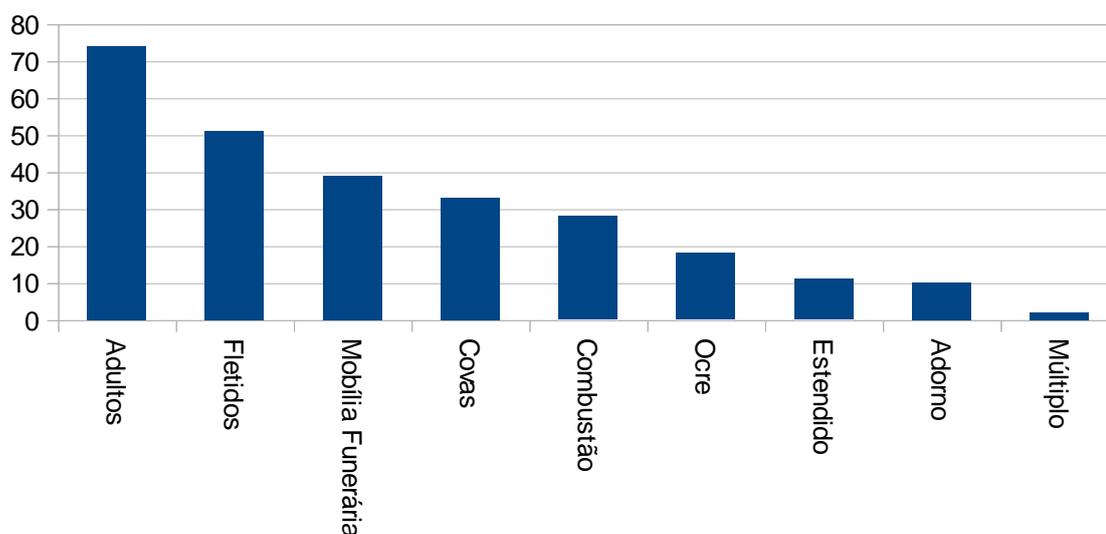
8.1 Faixas Etárias

Os indivíduos cujas faixas etárias conseguiram ser determinadas correspondem a 67,9% (144 pessoas) do total de indivíduos compilados por este trabalho.

8.1.1 PERÍODO I

Durante o Período I, o total de adultos foi 74; destes, 51 estavam fletidos (68,9%), 39 possuíam mobília funerária (52,7%), 33 estavam em covas (44,5%), 28 apresentavam marcas de combustão (37,8%), 18 estavam tingidos de ocre (24,3%), 11 foram inumados de modo estendido (14,8%), 10 usavam adornos (13,5%) e apenas 2 faziam parte de uma sepultura plural (2,7%). Isto está visualmente demonstrado no Gráfico 69 e na Tabela 30.

Gráfico 67 - População total e por variável da categoria adulto, Período I.



Fonte: elaborado pelo autor.

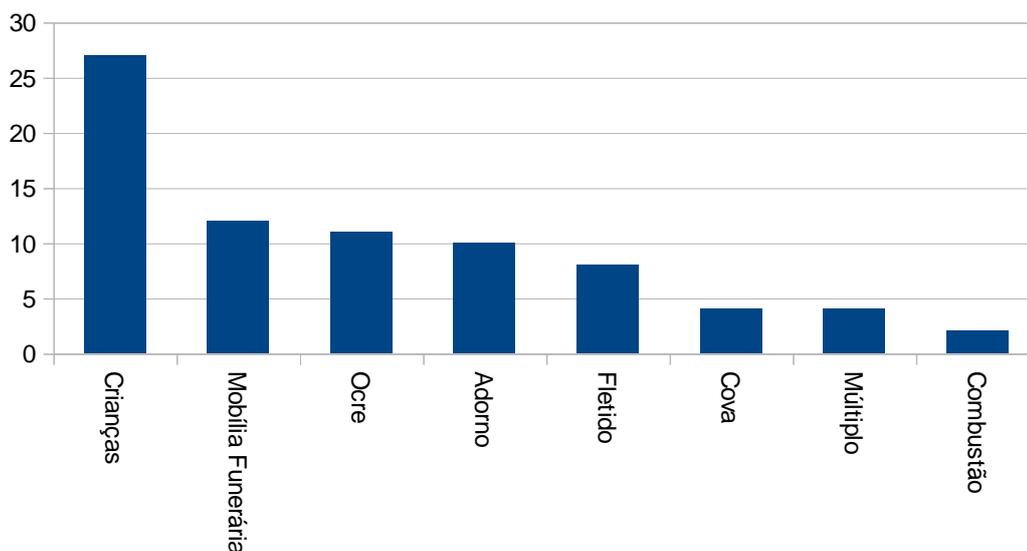
Tabela 30 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria adulto, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.

Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	74	100
Cova	33	44,5
Móvel Funerária	39	52,7
Ocre	18	24,3
Combustão	28	27,8
Adorno	10	13,5
Estendido	11	14,8
Fletido	51	68,9
Múltiplo	2	2,7

Fonte: elaborado pelo autor.

As crianças contabilizavam 27 indivíduos durante o Período I, segundo o Gráfico 69, – por volta de um terço do total de adultos. 12 crianças (44,4% do total de crianças do Período) mantinham consigo móvel funerária, 11 estavam avermelhadas pela aplicação de ocre (40,7%) e 10 estavam adornadas (37%). 8 infantes foram enterrados de modo fletido (29,6%) e 4 foram sepultadas em covas como parte de sepultamentos múltiplos (14,8% para cada variável). Apenas 2 tinham evidências de queima (7,4%), talvez uma relação acidental. Tudo isto pode ser checado no Gráfico 70 e na Tabela 31.

Gráfico 68 - População total e por variável da categoria criança, Período I.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 31- Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria criança, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.

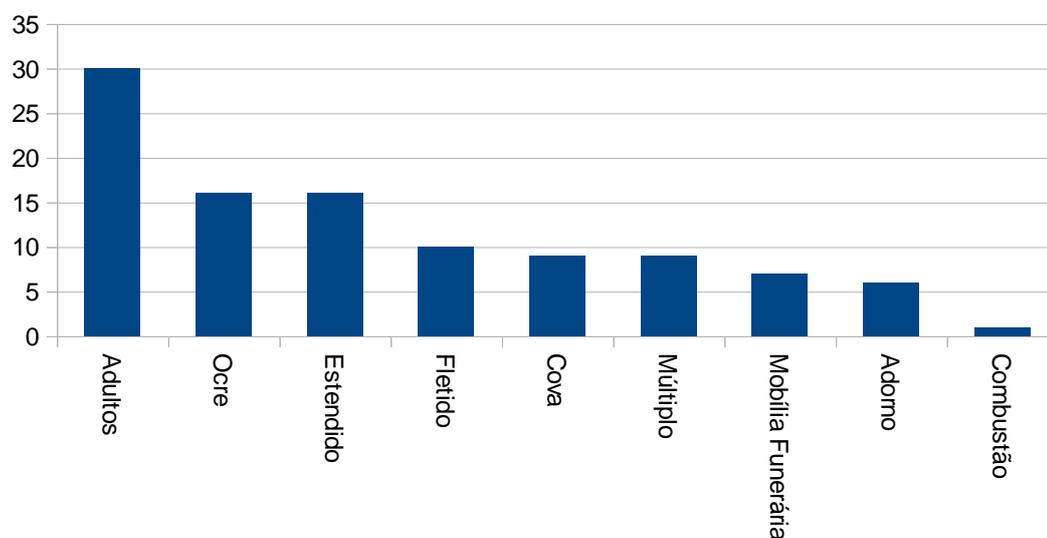
Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	27	100
Cova	4	14,8
Móvel Funerária	12	44,4
Ocre	11	40,7
Combustão	2	7,4
Adorno	10	37
Estendido	3	11,1
Fletido	8	29,6
Múltiplo	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

8.1.2 PERÍODO II

Dos 30 adultos contabilizados no segundo Período, houveram 16 evidências para a presença de pigmento ocre e para deposição em modo estendido (53,3% para cada Variável). 10 estavam fletidos (33,3%), 9 pertenciam a covas e a sepultamentos múltiplos (30% para cada variável), 7 possuíam algum tipo de móvel funerária (23,3%), 6 ostentavam adornos (20%) e apenas 1 estava associado a combustão (3,3%). Isto está demonstrado no Gráfico 71 e na Tabela 32.

Gráfico 69 - População total e por variável da categoria adulto, Período II.



Fonte: elaborado pelo autor.

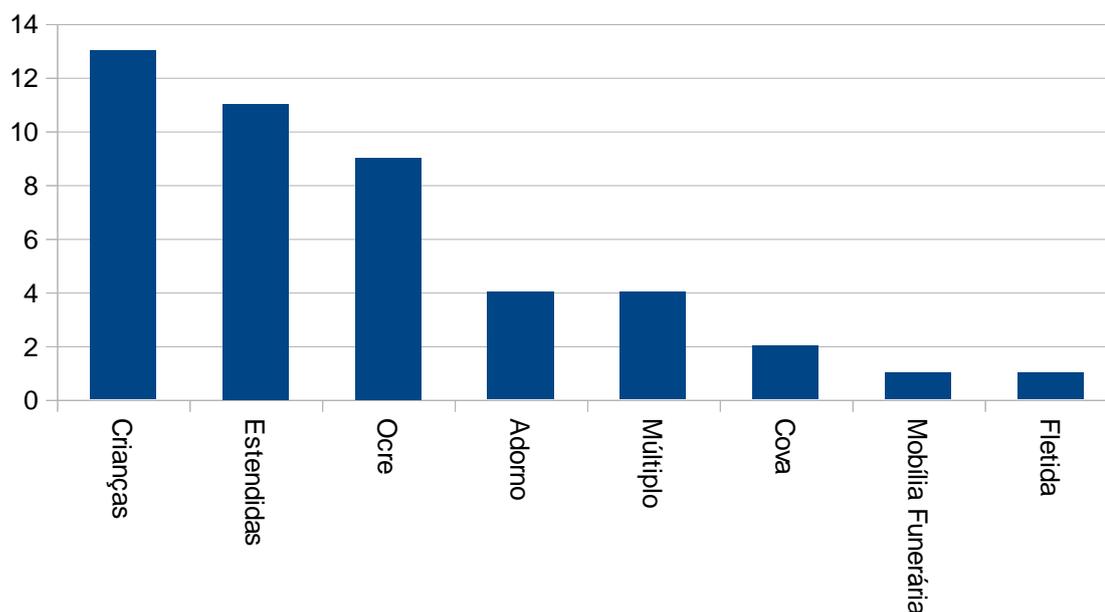
Tabela 32 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria adulto, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.

Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	30	100
Cova	8	30
Móvel Funerária	7	23,3
Ocre	16	53,3
Combustão	1	3,3
Adorno	6	20
Estendido	16	53,3
Fletido	10	33,3
Múltiplo	9	30

Fonte: elaborado pelo autor.

As crianças do segundo período somaram 13. Deste total, 11 estavam estendidas (84,6%), 9 estavam com ocre (69,2%), 4 com adorno e/ou em sepultamentos plurais (30,7% cada variável), 2 em covas (15,3%), 1 com móvel funerária e/ou fletida (7,6%) e nenhum caso relacionado a combustão (ver Gráfico 72 e Tabela 33).

Gráfico 70 - População total e por variável da categoria crianças, Período II.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 33- Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a Categoria Criança, nos Sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.

Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	13	100
Cova	2	15,3
Mobília Funerária	1	7,6
Ocre	9	69,2
Combustão	0	0
Adorno	4	30,7
Estendido	11	84,6
Fletido	1	7,6
Múltiplo	4	30,7

Fonte: elaborado pelo autor.

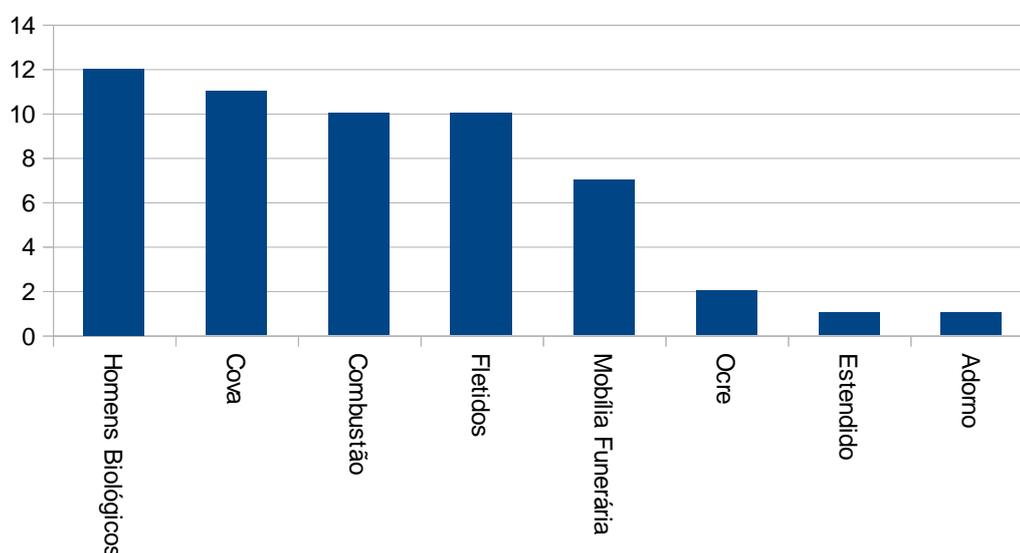
8.2 Gêneros Biológicos

Reitera-se que a presença dos gêneros biológicos é bastante reduzida frente ao número total de sepultamentos para cada Período. No total, a quantidade de pessoas devidamente sexadas totaliza apenas 17,9% (38 pessoas) de todos os sepultados deste trabalho.

8.2.1 PERÍODO I

Dos 12 homens biológicos que foram sepultados neste Período, 11 (91,6%) estavam em covas, 10 apresentavam traços de combustão e o mesmo valor se aplica para a quantidade de fletidos (83,3% para cada variável). 7 (58,3%) estavam acompanhados por mobília funerária e 2 (16,6%) por ocre. Um indivíduo estendido e um adorno também foram documentados (8,3%). Não foram noticiados homens em sepultamentos múltiplos neste Período. Estas informações contam no Gráfico 73 e na Tabela 34, logo adiante.

Gráfico 71 - População total e por variável da categoria homens biológicos, Período I.



Fonte: elaborado pelo autor.

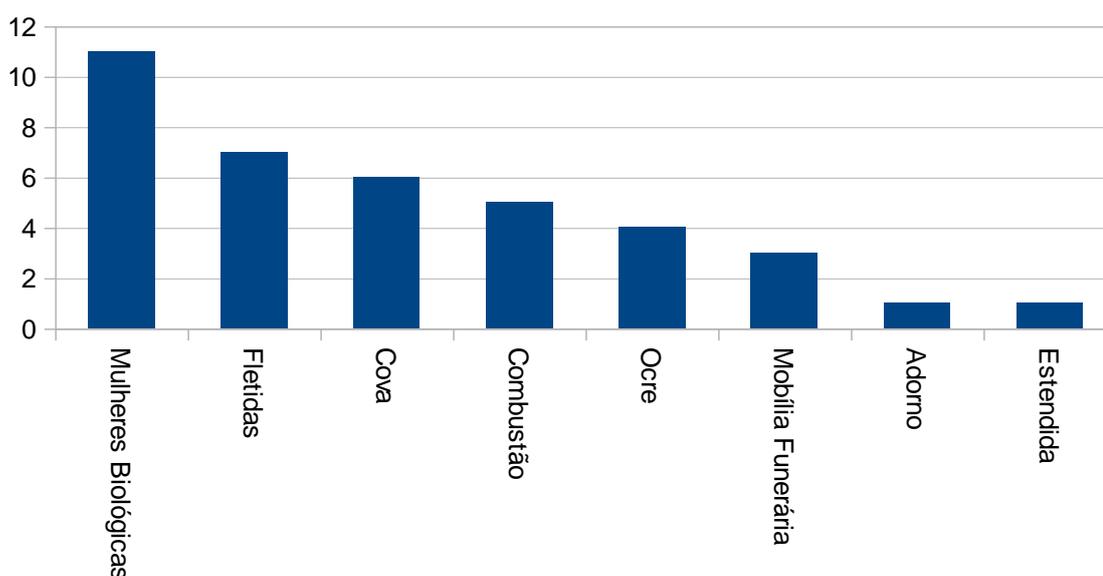
Tabela 34 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria homens biológicos, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.

Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	12	100
Cova	11	91,6
Mobília Funerária	7	58,3
Ocre	2	16,6
Combustão	10	83,3
Adorno	1	8,3
Estendido	1	8,3
Fletido	10	83,3
Múltiplo	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

As mulheres biológicas do Período I totalizam 11 pessoas. Destas, 7 estavam fletidas (63,3%), 6 estavam em covas (54,5%), 5 tinham traços de combustão (45,4%), 4 estavam relacionadas ao ocre (36,3%), 3 possuíam mobília funerária (27,2%), 1 possuía adorno e outra estava estendida (9% para cada variável). Nenhuma mulher foi associada a sepultamentos coletivos neste Período. Consulte Gráfico 74 e Tabela 35.

Gráfico 72 - População total e por variável da Categoria Mulheres Biológicas, Período I.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 35 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria mulheres biológicas, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I.

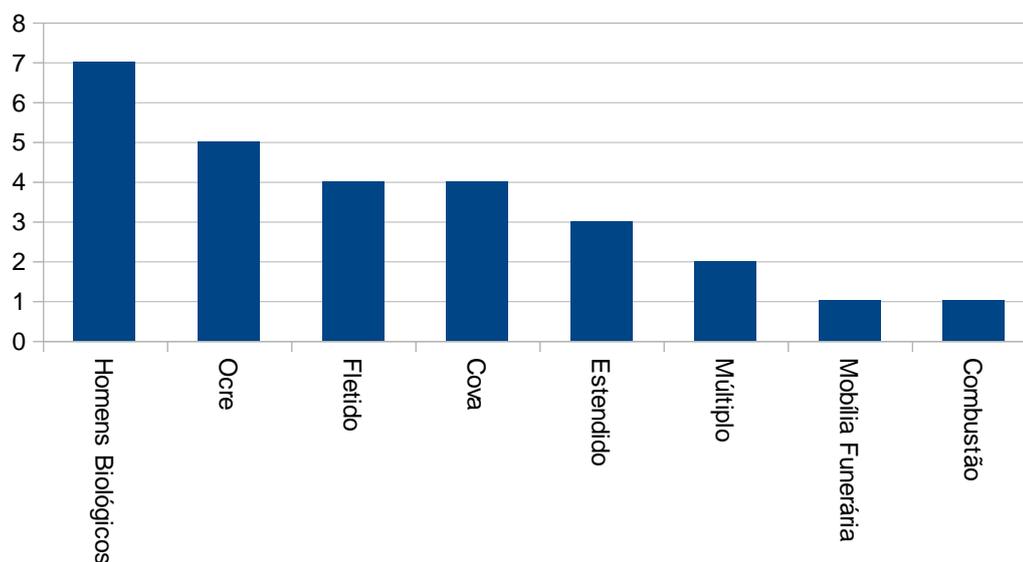
Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	11	100
Cova	6	54,5
Mobília Funerária	3	27,2
Ocre	4	36,3
Combustão	5	45,4
Adorno	1	9
Estendido	1	9
Fletido	7	63,3
Múltiplo	0	0

Fonte: elaborado pelo autor.

8.2.2 PERÍODO II

No Período II, segundo o Gráfico 75 e a Tabela 36, 7 homens foram documentados. Destes, 5 estavam associados ao ocre (71,4%), 4 foram sepultados em cova e 4 foram depositados em modo fletido (57,1% para cada variável) – já 3 foram estendidos (42,8%) - e 2 pertenciam a sepultamentos múltiplos (28,5%), 1 possuía mobília funerária e outro foi associado ao processo de combustão (14,2% para cada variável). Adornos não foram detectados juntos a sepultamentos de homens biológicos neste Período.

Gráfico 73 - População total e por variável da categoria homens biológicos, Período II.



Fonte: elaborado pelo autor

Tabela 36 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria homens biológicos, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.

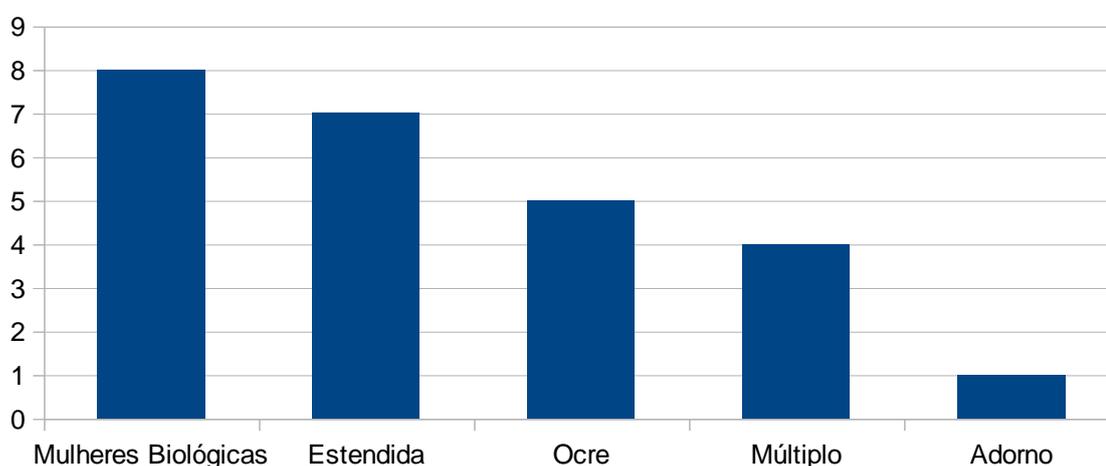
Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	7	100
Cova	4	57,1
Mobília Funerária	1	14,2
Ocre	5	71,4
Combustão	1	14,2
Adorno	0	0
Estendido	3	42,8
Fletido	4	57,1

Múltiplo	2	28,5
----------	---	------

Fonte: elaborado pelo autor.

Em relação às mulheres biológicas do segundo Período, um total de 8 pessoas que pertencem a essa distinção foram identificadas. A grande maioria – 7 casos - estava em posição estendida (87,5%), enquanto 5 tiveram ocre depositado junto a si (62,5%). 4 pertenciam a exéquias múltiplas (50%) e apenas 1 portava adorno (12,5%). Não houveram covas, mobílias funerárias, queimase deposições fletidas nas pessoas deste gênero biológico, neste Período, segundo consta no Gráfico 76 e na Tabela 37.

Gráfico 74 - População total e por variável da categoria mulheres biológicas, Período II.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 37 - Distribuição quantitativa de ocorrências das variáveis consideradas, para a categoria mulheres biológicas, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período II.

Variável	Quantidade absoluta	Quantidade relativa (%)
Total	8	100
Cova	0	0
Mobília Funerária	0	0
Ocre	5	62,5
Combustão	0	0
Adorno	1	12,5
Estendido	7	87,5
Fletido	0	0
Múltiplo	4	50

Fonte: elaborado pelo autor.

9 DISCUSSÃO GERAL DOS DADOS

*My body breathed me in and seems to mock me, fair
The light is identic, no surprises there
see myself, finally, my body, a glare
Is body relevant? Is it flesh the ending?*

(Behind the Curtain – Emptiness)

É chegado o momento de finalizar e registrar os resultados obtidos nesta pesquisa. Após a avaliação, classificação e organização dos dados computados em tabelas, mapas e gráficos diversos que exploram as possibilidades de demonstração e desenvolvimento das amostras.

Avaliaremos, primeiramente, a linha do tempo produzida e as variações das práticas mortuárias ao longo do tempo nas regiões estudadas. Seguiremo-lhe passo a passo, fundando e abandonando os sambaquis, ocupando e reocupando a costa, conforme ela se desenrola.

Isso nos dará base para o passo seguinte – o estudo aprofundado das dinâmicas de nossas variáveis, umas frente às outras e frente às categorias de faixa etária e gênero biológico. Assim, colocaremos em transparência as relações entre elas e, conforme já observado, fundamentaremos a existência de padrões, de programas mortuários parciais para o espaço e tempo considerados.

9.1 Linha do Tempo

Este tópico versa sobre a linha do tempo produzida e lhe propõe uma leitura que se desenvolve sob a temática da ocupação costeira do litoral paranaense e catarinense. Em se tratando de tal análise, se torna necessária a explicação e grifagem dos principais problemas encontrados na seleção de dados, preparo e apreciação dos mesmos durante a avaliação dos resultados. Nenhum programa específico para isso foi construído de antemão – ao contrário, procurou-se dar à crítica e aos resultados o mesmo espaço; pois eles se ressaltam mais um diante do outro do que como em considerações separadas, onde a ordem dos fatores direciona o produto. Nosso produto, porém, responde por si mesmo; não importa em qual profundidade do texto tratássemos dos problema e ajustes necessários para tornar plausível esta linha do tempo. A grosso modo, eles ainda se comportavam e

se situavam na mesma posição que estavam antes do início da redação deste trabalho: fora dele. O pouco de arbitrariedade que foi possível amputar de todo este trabalho foi feito dessa forma. Esperamos que este pequeno traço de organicidade e paradoxo seja recebido com a naturalidade do velho exemplo que disserta melhor sobre determinado tópico muito tempo depois que o debate já se encerrou. Eis nosso pequeno desabafo.

Em fato, dado o grande número de sítios que já foi presente na costa, esta pesquisa nada mais realiza do que agremiar dentro de um pequeno conjunto de delimitações, algumas poucas publicações que possuem as feições requeridas para figurar aqui. Como se já não poucos sítios tivessem restado da dilapidação ignorante e corrente ao longo de cinco séculos e como se as próprias requisições desta pesquisa já não fossem restritivas o suficiente, é necessário compreender quais pedras a mais o barco leva e quanto de piche se usou para calafetar os vazamentos.

Para a construção de uma linha do tempo, se predizia continuidade temporal e, para uma construção de uma linha do tempo sobre práticas mortuárias se necessitava de uma descrição pormenorizada dos sepultamentos individualmente ou que oferecesse, ao menos, os principais traços sobre o ritual funerário dos construtores e moradores dos sambaquis. Aliado ao que havia sido produzido, principalmente dentro das décadas de 1960-1970, a paisagem parecia desoladora dado que as descrições dos sepultamentos, tão necessárias, às vezes se limitavam a contornos gerais sobre um comportamento fúnebre generalizado para este ou aquele sítio (Porto Maurício, Rio São João). Mais frustrante ainda era a constatação de que a publicação era aprofundada nestes termos, mas que o sítio carecia de uma datação (o Sambaqui do Araújo) (ORSSICH, 1977) ou cuja datação ficou muito além do disposto nesta linha do tempo, (Matinhos⁵³, Forte Marechal Luz⁵⁴) onde se prezou pela continuidade, dinâmica e mudança das práticas funerárias. Outra questão foi a conformação das amostras de acordo com a quantidade de publicações adequadas que existiam na bibliografia. A maior parte das pesquisas se realizou no Paraná, onde José Wilson Rauth foi o maior interessado na questão dos sambaquis até hoje

⁵³ O sambaqui foi escavado em duas ocasiões que revelaram duas ocupações diferentes; uma vez por Fernandes (1954) e Chmyz, Sganzerla e Sganzerla, (2003). Apenas a escavação mais recente, de Igor Chmyz, datou o sítio em 2750 ± 250 (LACIVID). Muito recente para dar continuidade à nossa linha do tempo.

⁵⁴ Muitos sepultamentos foram escavados no sambaqui do Forte Marechal Luz, mas eles se referem as camadas mais recentes, que não ocuparam espaço neste trabalho (BRYAN, 1993).

e responde pela autoria da maior parte dos documentos consultados. Em Santa Catarina, não obstante a fama dos maiores sambaquis do mundo e da constante escolha da região como foco de numerosos volumes de pesquisas, pouquíssimas possuíam descrição dos sepultamentos e datação. No caso do sambaqui do Morro do Ouro (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960; TIBURTIUS, 2004; BANDEIRA, 2004) e do sambaqui de Congonhas (BECK, 2007), as datações surgiram muitos anos após as escavações⁵⁵ e muitos outros sítios como o sambaqui da Carniça, foram arrasados logo depois do trabalho de campo; sua localização no tempo só é possível de modo relativo. Essas considerações todas se revelaram conforme os sambaquis eram arrolados para a linha do tempo e algumas experiências anteriores os abraçam de modo provisório, dentro das possibilidades (POMPEU, 2010) até que se pudesse produzir o resultado gráfico recém demonstrado.

Mesmo os sítios aceitos e incorporados a este esforço, por vezes, tiveram que ter datações selecionadas de forma a relatar do jeito mais adequado possível sua relação com os sepultamentos dos sítios.

Passados mais de 40 anos desde a descoberta das datas, o Sambaqui de Porto Maurício (datação mais antiga: 6030 ± 130 AP) e o Sambaqui do Ramal (6540 ± 105 AP) antecederem nossa linha do tempo na Baía de Guaraqueçaba, a principal região de nosso estudo. Contudo, no caso do Porto Maurício, conforme já explicado durante a apresentação do sítio, a falta de origem vertical da amostra, a sua antiguidade posta em dúvida (PROUS, 1992; GARCIA, 1979, p. 20) e a disponibilidade de outras datações mais bem localizadas e diretamente vinculadas a nossa linha do tempo permitiram uma adaptação do sítio às nossas necessidades. O sambaqui do Ramal, contudo, não foi elencado por não possuir datações que pudessem ser enquadradas dentro da continuidade da linha do tempo; mas que demonstram a antiguidade da presença humana – e suas respectivas festas fúnebres - no litoral antes do início de nosso estudo.

Ainda assim, os resultados finais permitiram uma multiplicidade de roteiros de leitura que urgiam por uma organização e simplicidade de redação e incorporação.

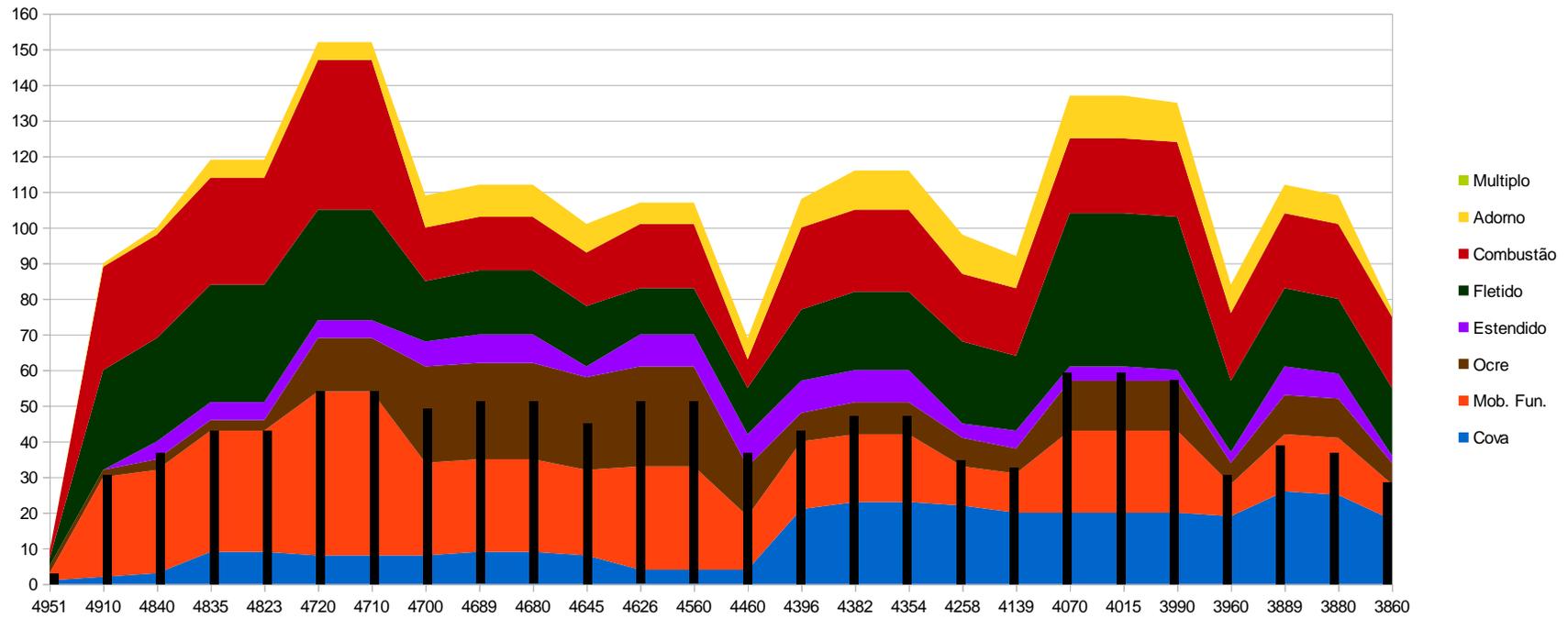
⁵⁵ Embora a datação radiocarbônica de Libby tenha sido inventada na década de 1950, até recentemente não existiam laboratórios no Brasil, os resultados as vezes eram bastante inacurados (como a famosa datação do Sambaqui de Maratúá de 7327 ± 1300) ou pela precariedade do cálculo ou da coleta das amostras.

Deste modo, para facilitar a leitura da linha do tempo, já a havíamos dividido em dois grandes Períodos que remetiam a quebra da continuidade temporal, ocorrida entre 3860 e 3720. Como os dois Períodos possuíam tamanhos muito diferentes (o Período I foi construído com 26 datas, enquanto que apenas 13 datas constituem o Período II), optamos por dividir o Período I em três Intervalos. O primeiro Intervalo (Intervalo Rio São João) foi selecionado em um momento curto, cujo limite foi definido para nos informarmos a respeito do panorama das práticas mortuárias já que elas eram praticadas desde antes do começo da linha do tempo. No Intervalo II (Intervalo Rio Pinheiros) se demonstra o espaço entre as datações 4720 e 4460; e o Intervalo III (Intervalo Guaraguaçu/Morro do Ouro), trata sobre as práticas mortuárias entre 4396 e 3860. Eles foram nomeados a partir dos sítios que mais demonstraram sua influência no registro seja por quantidade ou por qualidade de sua informação.

Durante a leitura, acompanham Quadros que demonstram a presença e representatividade das variáveis funerárias dentro dos sítios. Vermelho significa ausência ou desaparecimento de uma prática em determinado sítio. Verde significa presença e/ou estabilidade de determinada prática; e laranja simboliza um decréscimo no uso da prática ou a presença dela em quantidades imprecisas ou minoritárias.

9.1.1 PERÍODO I (4970-3860)

Gráfico 77 - Linha do Tempo, Período I.



Fonte: elaborado pelo autor

9.1.1.1 Intervalo I – Rio São João (4951-4923)

A primeira datação, em ordem de antiguidade, é a que naturalmente inaugura o começo de nossa linha do tempo. Se trata da fundação do primeiro Sambaqui do Gomes, na Baía de Guaraqueçaba, no Paraná em 4970 AP⁵⁶ cujas manifestações funerárias ainda são pouco numerosas – com apenas 3 indivíduos. Esta quantidade eleva-se repentinamente conforme outros sítios vão surgindo: o sambaqui São João em 4910 adiciona 27 pessoas à nossa demografia e o marcador temporal seguinte, 4840, localiza a fundação de mais dois sítios; o sambaqui de Cubatãozinho e a primeira ocupação do sambaqui do Porto Maurício, elevando o total de pessoas para 36. No final deste pequeno estabelecimento do panorama cemiterial na região estudada, ainda surge o sambaqui do Godo, em 4835, atingindo um pequeno ápice populacional que dura até 4823, com 42 pessoas.

O panorama mortuário neste momento já é bem interessante. O sambaqui do Cubatãozinho, com seu único sepultamento, demonstra que as populações litorâneas que já habitavam a região antes do início da linha do tempo já realizavam inumações complexas, com um simbolismo estabelecido. O indivíduo do Cubatãozinho é um adulto, em uma cova preparada com ossos de baleia, um sub-nível e um zóolito (no sub-nível abaixo), ocre e uma grande quantidade de mobília

⁵⁶ Realizaremos a leitura da linha do tempo utilizando as variações calculadas, já que elas são as referências da dita linha.

funerária. Assim, zóolitos não apenas estavam vinculados a contextos funerários, como já estavam sendo fabricados já nesse passado remoto. Ele representa, pela conjunção de tantas variáveis, portanto, um modelo de sepultamento “ideal” ou “corrente” dentro do contexto tafonômico possível da arqueologia – ou seja, sem o registro da palavra oral e de evidências destruídas pelo tempo – e pela raridade de sua descoberta.

As práticas mortuárias dos outros sítios demonstram diferentes níveis de aproximação para este sepultamento. Na Baía de Guaraqueçaba, o sambaqui de São João responde por uma grande quantidade de indivíduos e tratos fúnebres. Quase todos seus enterramentos estavam em posição fletida, acompanhados de mobília funerária e sinais de combustão associada ao rito. Um caso ainda foi detectado em cova e adornado. Fora o ocre e o zoólito, as pessoas da Baía da Babitonga e da Baía de Guaraqueçaba parecem compartilhar muitos traços entre seus tratamentos mortuários. A primeira ocupação do sambaqui de Porto Maurício, também em Guaraqueçaba, contudo, teve uma presença mais pontual, com 5 indivíduos estendidos e apenas um caso de mobília funerária e se distancia bem mais do que seu vizinho mais próximo. Devido ao princípio da deposição de cadáveres estendidos, consideramos isto e a ausência de mobília funerária como o Modelo Porto Maurício. Outra ocupação pequena, a camada mais antiga do sambaqui do Gomes, sepultou indivíduos fletidos, em covas mobiliadas com evidências de combustão. Um suspeito caso de canibalismo é oriundo deste sítio: um homem que no lugar das pernas foram colocados vários pequenos seixos com evidência de queima. Um moquém humano, talvez?⁵⁷ De qualquer forma, os sepultamentos do local possuem um nível maior de proximidade com o sambaqui do Rio São João e com o Cubatãozinho do que o sambaqui do Porto Maurício. O sambaqui do Godo, também pode ser identificado com o primeiro sítio pelo uso de covas, adornos e deposição fletida.

Quadro 3 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4951-4923 (mais antigos da esquerda para a direita).

	Gomes B	Rio São João	Cubatãozinho	Porto Maurício B	Godo
Cova					
Mobília Funerária					

⁵⁷ Mais informações na descrição do sambaqui do Gomes.

Ocre					
Combustão					
Adorno					
Estendido					
Fletido					
Múltiplo					

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. Fonte: elaborado pelo autor.

Este primeiro momento, avaliado presencialmente no Quadro 3, comprova que uma grande variedade de técnicas e complexidade simbólica era presente no litoral há mais de 5000 anos antes do presente. Os sepultamentos já eram compostos a partir de um elaborado programa mortuário que permitia a conformação de diversas modalidades de enterramento: desde uma simples inumação estendida a até um abrigo funerário cuidadosamente construído e decorado, com um pequeno “cofre” onde se guardava um zoólito. A maior discrepância parece estar relacionada com o padrão estendido de sepultamento, frente ao modelo fletido. Embora tenhamos tentado estabelecer o sambaqui de Cubatãozinho como lastro para uma “escola” de práticas funerárias, é importante notar como os sítios vinculados a este lastro (Gomes B, São João, Godo), se identificam pelo não uso do ocre com relação uns aos outros, mas não com relação ao seu lastro. Os dois extremos, Cubatãozinho e Porto Maurício B, ainda se conectam pelo não uso de combustão, prática corrente entre os outros sítios do período, embora seja inadequado compará-los apenas pela ausência de um trato funerário.

As relações entre os grupos da região parecem emanar, indiretamente, através das práticas funerárias. Um grupo, mais numeroso, que ocupou os sítios do Rio São João, Gomes B e Godo, possivelmente autóctone ou mais antigo e cuja identificação entre si é mais coesa; outro grupo, Cubatãozinho, cuja quantidade é desconhecida mas longe do irrelevante, com práticas funerárias mais complexas que o primeiro com o qual provavelmente entrou em contato um pouco mais do que superficial; e o terceiro grupo, Porto Maurício B, muito pouco numeroso, com práticas funerárias bastante distintas em comportamento e complexidade dos outros dois e, talvez, originário de outra região litorânea. O diálogo entre os grupos Gomes/São João/Godo e as pessoas da Baía mais ao sul, nos permite supor que eles partilharam um código simbólico funerário similar e que isso ocorreu devido a

um contato mais intenso e contínuo⁵⁸. Já o grupo Porto Maurício, parece um grupo recém chegado ou de passagem pela região, que possui pouco contato com os dois primeiros grupos. A principal diferença entre as práticas mortuárias está no modo de deposição, ou fletido ou estendido – é possível também falar em distintas complexidades materiais dos sepultamentos.

De Masi realiza uma aproximação com relação aos modos de deposição estendido e fletido:

Nota-se, então, que os dois padrões existem ao longo do litoral do Paraná e Santa Catarina, ocorrem paralelamente e são definidos para cada ocupação. Persistem mesmo nos níveis cerâmicos. Quando há dois padrões em um sítio, como no Saquarema, Toral 51 (pré-cerâmicos) e na Enseada I (pré-cerâmico e cerâmico), trata-se de duas ocupações diferentes (DE MASI, 1992, p. 213).

A seguir, ele elenca uma série de sítios que possuem as ditas variáveis, apontando como prática mais antiga, a estendida.

9.1.1.2 Intervalo 2 – Rio Pinheiros (4720-4460)

Neste panorama, a população da região da Baía de Guaraqueçaba começa a receber um influxo numérico cada vez maior com a sobreposição temporal das datações superiores e inferiores com a fundação da segunda ocupação do sambaqui de Porto Maurício, em 4720 AP. Contudo, há a certeza de que se tratam de ocupações distintas em virtude da camada estéril que as separa; o paradigma funerário com relação a sua primeira ocupação mudou sensivelmente. Os sepultamentos da camada mais recente do sambaqui totalizaram 14 pessoas “alguns em posição de decúbito dorsal e outros tendo as pernas ligeiramente fletidas” (RAUTH, 1967, p. 50), com ocre, mobília funerária e evidências de combustão em todas covas. O primeiro ápice populacional é atingido, com 53 pessoas sepultadas nos cemitérios ativos à época. A ligação das duas ocupações do sambaqui do Porto Maurício não é apenas espacial, dado o fato de que alguns indivíduos se mantiveram estendidos, embora a mobília funerária aumentasse em quantidade e a combustão também, traços típicos do grupo Gomes B/São João/Godo. A persistência do modo de deposição, depois da adoção de muita mobília funerária, ocre e combustão dos grupos vizinhos, pode representar um indicativo de que este era um costume mais enraizado na norma mortuária em

⁵⁸ Por mar? A viagem por terra seria muito mais difícil e longa (por volta de 100km de distância entre as duas baías).

ambas populações do Porto Maurício – um trato diferencial frente à modificação já ocorrida pela influência dos citados três sambaquis o que comprova sua influência simbólica e possivelmente sócio-estrutural na região da Baía de Babitonga e de Guaraqueçaba⁵⁹. Deve ser notado que a primeira ocupação do Gomes termina logo antes da segunda ocupação do Porto Maurício, em 4823, o que pode significar um influxo direto de um sítio para o outro e da transculturação entre os grupos; muito embora as mobílias funerárias do Gomes e Porto Maurício sejam tipologicamente diferentes entre si.

Esta paisagem se manteria estável até o abandono do sambaqui do Rio São João, em 4710, em Guaraqueçaba, e da construção do sambaqui do Rio Pinheiros, em 4700, na Babitonga. Isto mudaria o eixo populacional principal da Baía de Guaraqueçaba para a Baía da Babitonga. A fundação da primeira ocupação do sambaqui de Ponta das Almas, no litoral central catarinense, contribuiria pouco para mudar esta estabilidade que perduraria até a segunda ocupação do sambaqui do Gomes, em 4626 com uma população que variou entre 53 e 44 pessoas em toda a faixa estudada.

O sambaqui do Rio Pinheiros parece surgir como uma resposta ao (talvez contemporâneo⁶⁰) sambaqui do Rio São João: peso demográfico similar e práticas funerárias correlatas entre os sítios provocam uma aproximação entre ambos sugestiva de uma síntese das práticas do, doravante, Modelo Gomes B⁶¹, e do Cubatãozinho; com muito mais indivíduos fletidos do que estendidos, ocre recorrente e baixa quantidade de mobília funerária. Sepultamentos complexos em geral continuariam pertencendo exclusivamente a Baía da Babitonga, contudo: duas crianças depositadas estendidas (as únicas), cobertas de ocre e em posições opostas foram encontradas no Rio Pinheiros. Assim, reclamamos uma continuidade das práticas vinculadas ao modo de deposição fletido, que depreende do conjunto sintético de referências fúnebres do Grupo Gomes e do Cubatãozinho na direção norte para sul. A prática de referência estendido é distribuída de modo desigual

⁵⁹ Lembrando que entre elas existe a Baía de Matinhos.

⁶⁰ Poucas datações de localidade estratigráfica indireta.

⁶¹ Decidimos chamar de “Modelo Gomes B” o conjunto de práticas mortuárias composto inicialmente pelo uso comum do modo de deposição fletido e de mobília funerária em todas categorias, combustão específica para adultos, mulheres biológicas recebem menos mobílias funerárias do que homens biológicos e crianças, preferência do uso do ocre e adorno em crianças. Este Modelo era o mais popular entre os anos de 4951 a até 4626, quando sofre mudanças estruturais. Ver adiante, Tentativa de identificação de padrões funerários entre as categorias, por Período.

entre a segunda ocupação do Porto Maurício e a primeira do Ponta das Almas (que também enterra fletido), em espaços geográficos muito distantes entre si. Talvez isto possa representar, ou a presença de grupos do interior, cujas práticas seriam similares de modo geral e que poderiam descer sazonalmente da serra em pontos específicos; ou de um fluxo populacional costeiro numeroso e constantemente em movimento via cabotagem ou a pé.

A primeira ocupação do sambaqui de Porto Maurício, o sambaqui do Godo e o sambaqui do Cubatãozinho são abandonados por volta de 4645, e a segunda fase de construção do sambaqui do Gomes tem início logo em seguida, por volta de 4626, o que reduz o número de cemitérios ativos no momento mas aumenta o contingente populacional de 44 para 50. Isto em muito se deve à baixa quantidade de sepultamentos documentados para o Cubatãozinho, muito embora o sambaqui do Godo e do Porto Maurício B sejam numericamente pouco representados. O eixo populacional volta-se novamente para a Baía de Guaraqueçaba, o que nos leva a reforçar a possibilidade de contato constante entre as pessoas de Guaraqueçaba e Babitonga.

Quadro 4 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4720-4460 (mais antigos da esquerda para a direita).

	Porto Maurício B	Cubatãozinho	Godo	Porto Maurício A	Rio Pinheiros	Ponta das Almas B	Gomes A
Cova							
Mobília Funerária					↓		
Ocre							
Combustão							
Adorno							
Estendido				???	↓		
Fletido				???			
Múltiplo							

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. ↓ = baixa representatividade numérica. ??? = quantidade bruta imprecisa. Fonte: elaborado pelo autor.

O surgimento do Gomes A pode demonstrar o capítulo final de um processo de sincretismo entre o grupo “intrusivo” do Porto Maurício B e o cânone fúnebre do Modelo Gomes, já que o Gomes A mantém todos os traços “tradicionais”, menos pelo modo de deposição estendido. Somado a isso, mais uma vez fica em evidência

a alternância de ocupações entre as diferentes ocupações do sambaqui do Porto Maurício e do Gomes, que parecem mesclar-se no tocante das práticas funerárias e cujas ocupações iniciam quando a de sua contraparte se conclui. Enquanto a segunda ocupação do Porto Maurício inumou tanto no modo fletido quanto no modo estendido, a presença de ocre, grande quantidade de mobília funerária e evidências de combustão propõem um contato pouco interrompido e orientado pelo modo diferencial de deposição. Até um certo ponto, mobília funerária, ocre e combustão parecem práticas mais “negociáveis” e fluidas, enquanto que os modos de deposição são mais resistentes às mudanças, sendo que já se passaram quase 500 anos de sepultamentos no litoral. A associação de crianças a ocre e adornos tampouco muda, reveleando uma notória resiliência. Supomos que os modos de deposição estendido e fletido podem representar alguma espécie de protótipo para uma exploração simbólica e cosmológica da morte, como visto por estas pessoas, e que tal corpo de sinais está aliado a outras variáveis que necessitam de maior desenvolvimento próprio para propor relações mais estáveis nessa investigação.

Deste modo, o panorama dos programas mortuários na região, neste momento, é um pouco confuso, como pode se verificar no Quadro 4, acima. O modelo mais ou menos unificado do Modelo Gomes B parece começar a se desestruturar, visto que os modos de deposição estão se alternando e contrapondo com os outros tipos de variáveis, que já eram pouco coesas por si só. Parece estar surgindo uma regionalização da Baía de Guaraqueçaba, que iniciou sutilmente com o Porto Maurício B e se mesclou com um conjunto ritualístico que já era uma síntese entre os sítios das duas Baías. Agora, as práticas mortuárias do sambaqui do Rio Pinheiros, ainda que similares aos de seus vizinhos em Guaraqueçaba, parecem se isolar enquanto o atrito cultural mais ao norte se intensifica e dirige seus mortos para novos rumos. Consideramos que isso se deve ao estabelecimento de um padrão funerário que chamaremos de Modelo Gomes A, dado que o surgimento deste conjunto de relações entre variáveis se deu primeiro nos sepultados deste sambaqui e se mostrou consistente em outros sítios, ao longo do tempo.

Ao final deste momento, que culmina com o abandono do sambaqui do Rio Pinheiros em 4460, apenas a segunda ocupação do Gomes e a primeira de Ponta das Almas contam como cemitérios ativos em nossa análise, mas é provável que o litoral continuasse movimentado como sempre esteve.

9.1.1.3 Intervalo 3 – Guaraguaçu/Morro do Ouro (4396-3860)

Este momento é marcado pela fundação de um sambaqui de grande importância, o sambaqui de Guaraguaçu, na Baía da Babitonga, em 4396. O eixo demográfico da população enterrada se mudou, mais uma vez, para Guaraqueçaba. As pessoas sepultadas no Guaraguaçu possuíam alguma mobília funerária e ocre, com total predominância de fletidos e evidências de combustão e dois raros adornos, englobando todas as características do Grupo Gomes, ainda que com menor representação de ocre e mobília funerária. Portanto, o Guaraguaçu foi possivelmente erigido por descendentes do Grupo Gomes. Próximo alguns quilômetros do Guaraguaçu, foi acumulado o sambaqui de Saquarema, o único especializado em sepultamentos infantis (mas não limitado a). O Saquarema, construído em 4382 com ausência de combustão e baixo ocre, parece também vinculado ao Grupo Gomes – é possível que combustão e ocre, portanto, constituam uma maior parte no universo simbólico adulto do que no universo juvenil dentro do Grupo Gomes. No Guaraguaçu algumas pessoas foram enterradas de modo curioso, indicando formas minoritárias de materialização ritual como membros amputados (sem evidências de antropofagia) e sepultamentos de crânios, simples e em par; assim como decapitações. É impossível de reconhecer o porquê dessas variações, embora desconfiemos que exista algum tipo de categorização entre elas que depende menos do seu desenrolar no tempo do que de suas associações com variáveis já definidas. De qualquer forma, o Guaraguaçu reforça a ideia de uma alternância ou de correntes de práticas mortuárias que se puxam de lá para cá entre as baías, seguindo alguma força que talvez esteja vinculada ao avanço e recuo das margens de praia, de subsistência, ou que de todo ainda ignoramos. Se no primeiro intervalo do Período I, o modelo majoritário de sepultamento consistia em um compartilhamento simbólico parcial, mas intenso, principalmente das características funerárias do sambaqui do Rio São João e do Cubatãozinho; no segundo, por sua vez, veria o abandono desses maiores cemitérios e o início do sambaqui do Rio Pinheiros, na Babitonga – como se as pessoas efetivamente estivessem se deslocando entre as duas baías. O segundo retorno a Guaraqueçaba, portanto, marca um divisor de águas, pois sítios das duas baías estão habitados e parecem compartilhar opiniões e ideias com mais frequência do que antes.

Existe uma estabilidade na linha do tempo entre os anos de 4382 a 4139 que é formada pelas 3 datações do sambaqui de Saquarema onde a Baía da Babitonga

não possui sítios datados – felizmente, isto dura apenas até a datação seguinte, 4070, quando é criado o sambaqui do Morro do Ouro. O Morro do Ouro representa o maior ápice atingido pela demografia, com 58 indivíduos sepultados; um quarto do total de sepultamentos analisados. A indústria lítica e óssea encontrada no sítio e junto aos sepultamentos é de qualidade aprimorada e os sepultamentos complexos com práticas especiais ressurgem.

Um cemitério especializado e dois gigantes mausoléus indicam que a prática de sepultamento em sambaquis entre as duas baías era disseminada e que elas conformavam modelos sócio culturais muito similares, ainda que díspares quando postos em listas simples de presença e ausência, como mostrado no Quadro 5. A única diferença entre os padrões fúnebres (todos derivados do antigo modelo fletido, combustão, mobília funerária, Grupo Gomes) e o início da redução das evidências de combustão no Morro do Ouro. Porém, um dos dois casos que ocorreram no sítio está vinculado a um sepultamento riquíssimo; mais elaborado e preparado que o de Cubatãozinho. Se trata de um indivíduo muito velho, com variada indústria fúnebre em pedra polida e lascada – com especial atenção para a presença de ossos de baleia como caixão, disseminação completa do ocre e 3 zoólitos. A combustão foi associada pelo autor em relação a três pequenas escavações realizadas dentro da cova que continham restos de peixe e cascas de *Ostrea*, com casos perfurados entre elas. Isso possivelmente possa caracterizar um banquete funerário, mas as informações não são muito precisas, (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960, p. 18). É importante salientar que outros grandes sambaquis também estão ativos na Babitonga, como o Conquista⁶² e o Praia Grande⁶³.

Acreditamos que a grande popularidade e oportunidades de injunção social que as práticas funerárias atingiram neste momento permite propor a hipótese, aliada ao subsequente desenvolvimento de práticas mortuárias mais especializadas, de um afinamento dos agentes sociais que passam a se debruçar tanto às disposições políticas tanto quanto com questões mitológicas diante da morte de um de si (KUJIT, 1996; HODDER, 1995). Essa proposição terá de ser analisada em outro espaço.

⁶² 4070 ± 220 AP, Prous e Piazza, 1977.

⁶³ 3850 ± 200 AP Martin et all, 1988.

Quadro 5 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 4396-3860 (mais antigos da esquerda para a direita).

	Ponta das Almas B	Gomes A	Guaraguaçu	Saquarema	Morro do Ouro	Enseada
Cova						
Mobília Funerária						
Ocre				↓		
Combustão					↓	↓
Adorno						
Estendido			↓			
Fletido						↓
Múltiplo						

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. ↓ = baixa representatividade numérica. ??? = quantidade bruta imprecisa. Fonte: elaborado pelo autor.

O abandono completo do Saquarema em 3990, dentro desta perspectiva, pode apontar para uma mudança (ou quiçá uma disputa) no eixo de influência política da Baía de Guaraqueçaba para a Baía da Babitonga – somado ao fato da criação do sambaqui de Enseada, no sul, em 3960. A presença de fragmentos de zoólitos no sambaqui da Conquista e de Guaraguaçu (GOMES, 2012) pode representar evidências dessa tensão, assim como o próprio sepultamento altamente elaborado do Morro do Ouro. No sambaqui de Enseada, apenas 8 indivíduos foram sepultados na camada mais antiga (a camada superior, cerâmica, é muito recente para nos interessar) – o que não produz uma grande variação na população; mas informa de que a prática estendida não foi de todo abandonada e ainda possui algum papel importante (necessário?) em um contexto ritual disseminado que optou por desenvolver e associar independentemente as formas estabelecidas pelo Grupo Gomes há pelo menos 600 anos.

A diversidade de métodos de sepultamento derivados de variantes do Grupo Gomes pode sugerir uma interrelação intensa entre as pessoas que compartilhavam muitas características deste corpus simbólico mortuário. Isto pode ter levado a diferenciações sociais cuja dinâmica e natureza ainda não é possível precisar, mas que teriam especial relação com estes tratos funerários que expressam um certo tipo de interdependência interna e necessidade funcional entre si – não obstante, até que possamos explorar as funções estruturais da prática de deposição fletida e

estendida durante este Período, a análise da presença de sambaquis fica bastante restrita. Trataremos com mais afinco essa abordagem no fechamento deste capítulo.

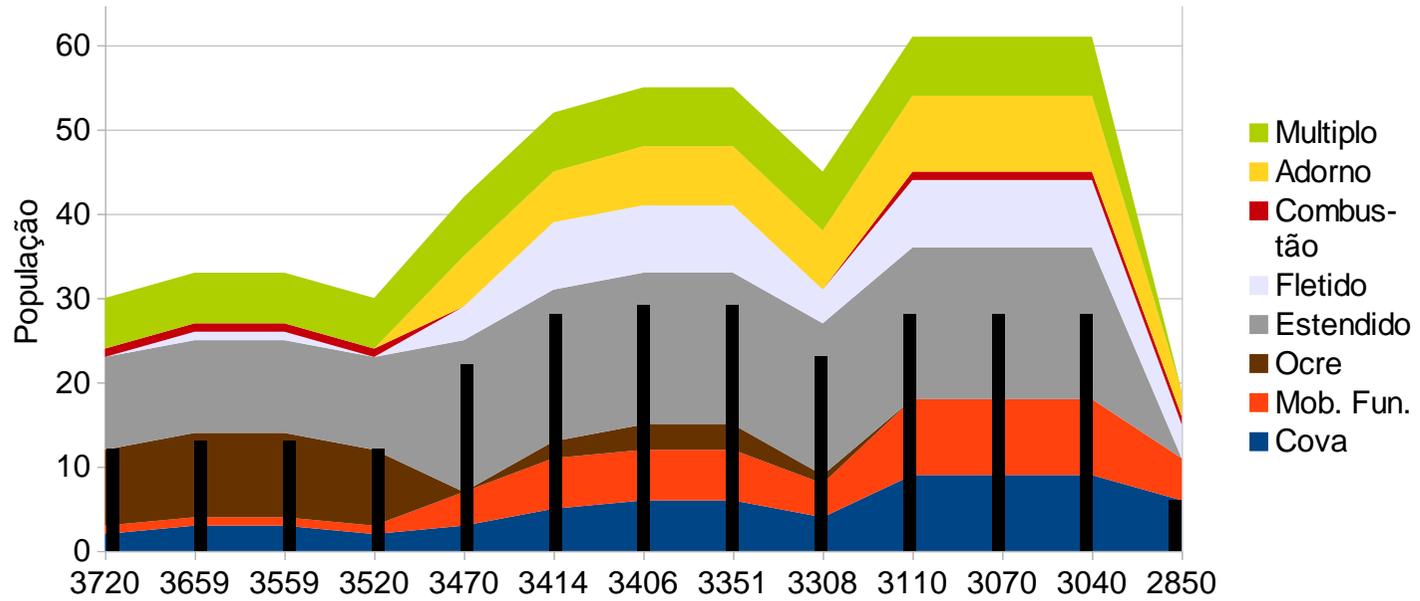
As grandes diferenças entre as práticas mortuárias das baías neste momento se resumem a presença de sepultamentos muito elaborados e suntuosos na Babitonga e a segregação de inumações infantis em cemitério especializado em Guaraqueçaba.

Indiferentemente desta presunção ser próxima do fato ocorrido ou não; o que sabemos é que em pouco tempo, os sítios da Babitonga que dispomos teriam sido abandonados – Morro do Ouro em 3990 e Enseada em 3880. O Guaraguaçu ainda perduraria até 3860 e o Ponta das Almas B, alheio e isolado a nossas elucubrações sociais, seria extinto em 3889. A súbita desocupação de ambas baías pode estar relacionada com um aumento no nível do mar de até 3m acima do atual, no Período IV de Hurt (1974, p. 17-18). Esta explicação, contudo, se afirma apenas aos sítios da Babitonga, mais próximos da linha do mar; o Guaraguaçu, que dependia muito mais dos manguezais salobros mais continentais, foi abandonado durante a mesma época, de igual modo. A constante mudança e nomadismo desses povos costeiros sambaquieiros em busca de novos bancos de conchas teria sido um adversário ou um aliado nestas questões políticas, (que visivelmente possuíam regionalismos claros no tocante das suas práticas funerárias)? Embora a migração pareça ser uma questão resolvida, o Grupo Gomes tenta acompanhar isso no campo sócioespacial e, aparentemente, precisa de auxílio por parte de seus portadores e/ou praticantes para se adaptar a diferentes questões específicas das relações sociais entre os sambaquis de cada Baía (“os outros” ou “quase nós”), e em relações internas (“nós”). Assim, concordamos com as “fácies” e regionalizações nos sambaquis (SERRANO, 1963; PROUS, 1977, 1992; LIMA, 2000) dado que nos encontramos com pelo menos duas composições sociais representadas pelos padrões estendido e fletido; em volta do qual flutuam e transicionam as outras variáveis. Desenvolveremos melhor este argumento no fechamento deste capítulo.

De qualquer jeito, nossa linha do tempo prossegue e subitamente cai em um vácuo onde nada conhecemos, encerrando o Período I.

9.1.2 PERÍODO II (3720-2850)

Gráfico 75 - Linha do Tempo, Período II.



Fonte: Elaborado pelo autor

O segundo Período se inicia após uma lacuna de 140 anos, entre 3720 e 2850. No tocante das práticas mortuárias, não temos nenhuma informação. Piorando a situação, parece haver um maior número de datações no Período I, e conseqüentemente, de sítios também, o que torna o Período II populacionalmente inferior em número, dando a aparência de que o litoral paranaense tenha sido quase desocupado. Não obstante, isto não parece ser verdade dada a grande quantidade de sítios da região (GOTTARDI; PARELLADA, 1988).

Tal inferência está além do nosso alcance no momento – fato é que apenas 4 sambaquis estão ativos entre os anos de 3720 e 2850 nas regiões estudadas. Um destes sítios, inclusive, pode não estar diretamente associado ao Período II⁶⁴. Isto, somado a mudança de espacialidade e a quebra na continuidade da linha do tempo nos força a ressaltar que ambos Períodos são fracamente conectados e que análises devem ser feitas em separado, individualmente. Pontos de contato entre eles devem ser sondados com cautela.

Após a ruptura na linha do tempo, a construção de sítios cemitérios é retomada em 3720 no litoral central catarinense, com a fundação da ocupação mais recente do sambaqui de Ponta das Almas. Em contraste com sua ocupação anterior, há um aumento declarado na população e uma afiliação principal ao modo de deposição estendido, quase consonante com a situação dos primeiros sepultamentos desse tipo, surgidos no Porto Maurício, em 4840, quase mil anos atrás. Isto mostra uma continuidade da prática de enterramento estendida que escapou da nossa linha do tempo por algum motivo, mas que perdurou nos litorais mais meridionais enquanto a prática fletida se circunscrevia nas baías da Babitonga e Guaraqueçaba. A diferença crucial que nos impede de realizar uma associação direta entre Porto Maurício e Ponta das Almas A é o início de sepultamentos múltiplos em Santa Catarina – uma novidade que já surge com força, dado que metade dos 12 inumados em Ponta das Almas está neste contexto fúnebre.

O início da construção do sambaqui do Macedo, na baía de Guaraqueçaba, se dá em 3659. Embora o sítio não possua camadas de abandono, as datações se

⁶⁴ O sambaqui do Godo, cuja posição peculiar com relação a suas datações pode ser revisitada na descrição do sítio.

referem a 3 profundidades distintas, e o nível mais superior não se conecta temporalmente aos dois inferiores. Assim mesmo, pela conformidade estratigráfica, o analisaremos como uma ocupação única e contínua. Sendo o único cemitério de Guaraqueçaba ainda ativo, deveríamos esperar uma sequência das práticas do Grupo Gomes, mas o que ocorre é uma forma muito mais própria e associada com o contexto formativo que daria origem este conjunto de práticas mortuárias: mais especialmente com a segunda ocupação do Porto Maurício, que já começa a apresentar elementos de sincretismo entre o fletido, o estendido e as variáveis originalmente ligadas a cada um dos modos de deposição. Não sabemos se essas práticas, tanto representadas parcialmente no Macedo e no Ponta das Almas, que ficaram mil anos ausentes da linha do tempo, não se restringiram a outras regiões geográficas e ali se desenvolveram enquanto as datações disponíveis revelavam apenas o panorama de Guaraqueçaba. Esta opinião deve ser comparada, todavia, com a grande distância entre os dois sítios – o que pode indicar que o estendido teria sido contemporâneo e conterrâneo do modo fletido, sem que tivesse sido representado nas amostras anteriores. O Quadro 6 retrata o panorama fúnebre do Período.

Quadro 6 - Relação das práticas funerárias entre os anos de 3720-2850 (mais antigos da esquerda para a direita).

	Ponta das Almas A	Macedo	Congonhas	Godo
Cova	Verde	Verde	Laranja	Verde
Mobília Funerária	↓ Vermelho	↓ Laranja	↓ Vermelho	Verde
Ocre	Verde	Verde	Verde	Vermelho
Combustão	Vermelho	Vermelho	Vermelho	Verde
Adorno	Vermelho	↓ Laranja	Verde	Verde
Estendido	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho
Fletido	Vermelho	Verde	↓ Laranja	Verde
Múltiplo	Verde	Vermelho	Verde	Vermelho

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. ↓ = baixa representatividade numérica. ??? = quantidade bruta imprecisa. Fonte: elaborado pelo autor.

O sambaqui de Congonhas parece um sítio similar ao Saquarema: com alto número de sepultamentos infantis e considerável quantidade de mulheres biológicas, únicos casos efetivamente sexados morfologicamente. Erigido em 3470, no sul da costa catarinense, seu *corpus* de práticas funerárias é mais afiliado com a ocupação

contemporânea do sambaqui de Ponta das Almas – principalmente nos casos estendidos, sepultamentos múltiplos e uso do ocre. A ideia mais evidente é uma continuidade simples da prática, do litoral central para o sul de Santa Catarina, dado que o Ponta das Almas é abandonado na datação imediatamente anterior a do surgimento do Congonhas: 3520. A população atinge um ápice demográfico em 3406, com 29 indivíduos – 6 em Guaraqueçaba e 22 indivíduos no litoral sul catarinense. Não temos informações para o centro e o norte de Santa Catarina no momento. O Macedo é finalmente desocupado em 3308 e o segundo aparecimento do Godo ocorre na datação seguinte, em 3110. A proximidade das práticas funerárias do Godo com modelos antigos de sepultamento nos permite exercitar a relativização da datação mais recente do sítio – que deveria não estar associada com os mortos do sambaqui, portanto. A ocupação do sambaqui, portanto, pode sugerir uma decadência no processo de construção de sambaquis cemitérios corporativos em Guaraqueçaba, mas a escassez de evidências torna qualquer orientação digna de dúvida.

O Período II se encerra com o abandono do Congonhas em 3040 e do Godo, em 2850, efetivamente finalizando nossa leitura da linha do tempo.

9.2 Variáveis

9.2.1 COVA

A análise das covas está condicionada às questões apresentadas durante a delimitação da variável; logo, é provável que os resultados encontrados não se comportem dentro do mesmo espectro de proximidade frente a outras variáveis de mais simples aproximação. Ou seja, a cova representa uma variável que reflete de modo tangencial o seu próprio uso durante a construção dos sambaquis e inumação dos cadáveres. Por vezes, é possível noticiar a adaptação de covas a partir de fossas culinárias (MENEZES; ANDREATTA, 1971; RAUTH, 1968), mas, no todo compilado das amostras, ela se manifesta em 27% do total de sepultamentos.

É interessante notar, contudo, que durante toda a linha do tempo, existe uma preferência clara pelo uso da prática junto a adultos –no Período I, 44,5% dos adultos estavam em covas, enquanto apenas 14,8% das crianças foi enterrada de modo similar. No segundo Período, 30% dos adultos e 14% das crianças foi sepultada em covas, o que apresenta uma queda para os adultos e uma imobilidade para os mais jovens. Sob uma perspectiva materialista simples, a abertura de covas

deveria ser um processo trabalhoso; a dedicação de esforço para a necessidade de se inumar o cadáver, portanto, era preferida para corpos maiores, talvez com um processo de decomposição mais perceptível.

As covas, neste primeiro Período, parecem estar mais vinculadas à Baía de Guaraqueçaba, com mais do que o dobro de casos do que no todo do Estado de Santa Catarina - principalmente no sambaqui do Guaraguaçu. No segundo Período a diferença se estabelece no dobro exato, mantendo a mesma relação entre as Baías: 10 casos em Guaraqueçaba e 5 entre o litoral central de Santa Catarina e a Baía da Babitonga.

A diferenciação do uso da cova entre os gêneros biológicos é, por sua vez, subordinada ao fato de que homens e mulheres biológicos são tecnicamente adultos. Auxilia a embaçar ainda mais o panorama proposto na busca de um tratamento particular para cada gênero a baixíssima quantidade de casos de sexagem positiva para ambas possibilidades. O contraste entre homens (91,6%) e mulheres biológicos (54,5%) do primeiro Período é, provavelmente, distorcido demais e alheio a uma diferenciação real – é necessário o suporte de uma discrepância presente em outras variáveis a serem analisadas para que se possa promover essa postulação com algum nível de segurança. A diferenciação grosseira entre os gêneros biológicos do segundo Período auxilia uma solidificação ainda maior desta desconfiança: 57,1% dos homens biológicos foi inumado em covas; e nenhuma mulher o foi.

9.2.2 MOBÍLIA FUNERÁRIA

A mobília funerária foi a variável mais comum da análise, estando presente em cerca de 50% dos sepultamentos, totalizando 110 casos.

Durante o primeiro Período, a mobília funerária era um traço mais recorrente das tumbas, sendo depositadas tais oferendas em 59,7% dos casos (98 unidades). Muito desse total se deve à presença do sambaqui do Rio São João, que possuía 26 indivíduos com mobília funerária e, praticamente, mais nenhuma outra informação. Pouco mais da metade de adultos do mesmo Período (52,7%, 39 pessoas) foram vinculadas a mobília funerária, enquanto 44,4% (12 crianças) foram associadas a esta prática. Em ambos casos, mobília funerária é a variável mais associada tanto a pessoas adultas ou a infantes, o que nos leva a inferir que era uma prática comum

quando da necessidade de conjurar materialmente este rito de passagem, configurando um padrão mortuário no primeiro Período, principalmente.

Tanto na Baía de Guaraqueçaba quanto na Baía da Babitonga a presença de mobília funerária durante o primeiro momento é facilmente identificável. Já no segundo Período, a prática se torna subitamente difusa, surgindo em caráter exclusivo ao litoral central e sul de Santa Catarina. O sambaqui do Godo, devido a questões da localização vertical de suas duas datações, aparece em ambos os Períodos e responde pelas suas respectivas mobílias funerárias⁶⁵. Nos sítios de ambos litorais, salvo na Baía da Babitonga, neste Período, a presença de mobília funerária demonstra ser uma marca de exceção e circunstancialidade, sem que, contudo, possamos apontar seus motivos ou objetivos. Esta mudança súbita de um Período para o outro é um dos questionamentos suscitados aqui.

A distribuição de mobílias funerárias entre os gêneros biológicos no primeiro Período sob a forma de uma preferência por um ou outro gênero é mais simples de aferir. 58,3% dos homens biológicos (7 pessoas) e 27,2% das mulheres biológicas (3 pessoas) do Período I tiveram a presença de mobília funerária. Mesmo com as dificuldades atribuídas para o estabelecimento da variável e de sua documentação, cremos que é possível afirmar uma preferência geral das mobílias funerárias junto a sepultamentos de indivíduos biologicamente masculinos, pois a diferença da presença da prática entre os dois gêneros é mais do que o dobro.

O segundo Período observa uma importante queda no uso da prática, atestando uma mudança significativa no padrão, que deixa de ser o mais comum, totalizando exatos 25% de todos os mortos, apenas 12 casos – a popularidade da prática caiu pela metade.

23,3% dos adultos do segundo Período, 7 pessoas, receberam mobília funerária, enquanto apenas 1 criança (7,6%) foi relacionada a esta atividade. Em suma, embora ainda exista uma preferência dos adultos frente a crianças no uso de mobílias no segundo Período, a diminuição da prática é evidente. Entre os adultos e crianças do Período I, mobília funerária era a variável mais comum; já no segundo Período, o uso entre os adultos caiu para o 4º lugar. Já o uso entre as crianças do

⁶⁵ O que nos leva a crer, por indução, de que os sepultamentos deste sítio pertençam a camada de datação com a datação mais antiga; e, que é possível que a camada superior, com a datação mais recente, não possui sepultamentos.

Período II pode ser considerado um caso de exceção literalmente pois se resume a um único caso, sendo a prática funerária menos popular da dita faixa etária.

A definição da popularidade da mobília funerária entre homens e mulheres biológicos do segundo Período encara uma baixíssima representatividade da prática em ambos gêneros. 1 homem (14%) e nenhuma mulher foi associada à prática. Como o total de homens biológicos deste Período foi 7 e o de mulheres foi 8, não podemos afirmar que exista uma preferência clara e sustentável numericamente do uso de mobília funerária em sepultamentos de homens frente ao de mulheres.

Assim, durante o primeiro Período, tanto a morte de crianças quanto adultos está relacionada com mobílias funerárias e a presença da prática às duas idades é recorrente – panorama este que muda no segundo momento com um afrouxamento desta ligação ao universo adulto e um rompimento praticamente total com o cenário funerário infantil.

Já os gêneros biológicos do Período I parecem sugerir uma precedência do uso de mobílias funerárias em ritos de indivíduos biologicamente masculinos em prol de sepultamentos de pessoas biologicamente femininas. A continuidade desta relação não pode ser comprovada ou negada pela baixa representatividade numérica das amostras no Período II, contudo.

Mesmo apesar da ampla definição sobre o que configura a presença de mobília funerária, os resultados encontrados parecem alimentar a ideia de que o uso ou ausência de mobília funerária corresponde a um padrão funerário intencional nos dois Períodos. Para que se possa aprofundar nas questões do uso de objetos considerados aqui como mobília funerária, é preciso desmembrar esta variável nas tipologias mais utilizadas na arqueologia, de forma a aumentar a procura por relações entre determinado tipo de objetos e deposição e outras características materiais dos funerais.

9.2.3 OCRE

O ocre é rotineiramente vinculado a sepultamentos em sambaquis e era o único padrão funerário a ser reconhecido anteriormente (DUARTE, 1968; LIMA, 2000; PROUS, 1992; ORSSICH, 1977). Contudo do total de sepultamentos compilados para este trabalho, apenas 35,8% (76 casos) foram noticiados. Durante o Período I, o ocre é presente em 29,8% de todas as sepulturas – 25 indivíduos na Baía da Babitonga e 24 na Baía de Guaraqueçaba totalizam 49 casos, apresentando

uma igualdade na distribuição da prática. No Período II, 56,2% das pessoas sepultadas estava associada ao ocre – principalmente no litoral central e sul de Santa Catarina, mudando completamente o eixo de sua popularidade para o Sul.

24,3% dos adultos do Período I (18 casos) e 40,7% das crianças (11 indivíduos) estavam relacionados ao ocre. O ocre, neste momento, parece mais vinculado às sepulturas infantis do que às sepulturas adultas: dentre as práticas funerárias mais associadas às crianças do Período I, o ocre é a segunda mais cotada, enquanto para os adultos é a quinta colocada. Já no Período II, os adultos parecem muito mais identificados com o ocre, com 53,3% de casos. E o prestígio das crianças com relação ao ocre apenas aumenta, com 69,2% (9 pessoas) do total sendo assim sepultadas. Se durante o primeiro Período as crianças já eram vinculadas ao ocre e o adultos apenas em raros casos, no segundo Período há uma generalização da prática entre as faixas etárias

Entre homens e mulheres biológicos do Período I o ocre parece comprovar a preferência infantil, visto que a caracterização dos gêneros biológicos das amostras eleitas só foi possível em indivíduos adultos. 2 homens (16,6%) e 4 mulheres (36,3% do total do período) possuíam ocre. No segundo Período, não obstante, o ocre passa a propender para os sepultamentos de homens biológicos com presença em 71,4% dos casos (5 pessoas); muito embora as mulheres biológicas experimentem também uma rápida ascensão da popularidade da prática entre suas tumbas com 62,5% dos casos (5 pessoas). A análise dos gêneros biológicos associado ao ocre parece ecoar com o decréscimo, também abrupto, de um momento para o outro, para a Mobília Funerária. Poderíamos até mesmo dizer que ela se torna o aspecto mortuário mais comum para as regiões estudadas, em prol de seu sucessor. Deste modo, de forma representativa, o ocre ascende – de uma posição dedicada ao universo infantil – para um maior nível de utilização e simbolismo fúnebre ao longo desta faixa de ocupação litorânea, em todas as faixas etárias e gêneros biológicos.

9.2.4 COMBUSTÃO

É interessante notar que dos 73 casos noticiados nesta época, apenas 3 se situam dentro da região de Joinville (Sambaqui do Morro do Ouro) e 2 na região da Ilha de Santa Catarina – é uma prática muito mais típica dos sítios da Baía de Guaratuba, mais antigos. Ela também está claramente associada com as pessoas adultas: 37,8% do total de adultos do Período I possuem evidências de combustão;

enquanto apenas 7,4% crianças do mesmo momento se associam a este mesmo tipo de evidência. Neste primeiro momento também surge um estímulo a se considerar a combustão como uma prática mais associada ao gênero biológico masculino (10 casos – 83,3% do total da população biologicamente masculina) do que com o feminino (5 casos – 45,4% do total da população biologicamente feminina). A alta porcentagem dos homens biológicos ligados a traços de combustão reforça essa hipótese – sem que, contudo se possa delimitar com segurança essa possibilidade por causa do alto número de casos de combustão não atribuídos a um gênero ou outro; e porque o percentual de casos femininos tampouco é desprezível, somando quase metade do total da população de mulheres biológicas do Período I.

As diferenciações entre gêneros biológicos e faixas etárias parecem se desestruturar, auxiliadas pela baixa popularidade da prática durante o segundo Período. Um adulto foi identificado junto a evidências de combustão (meros 3,3% do total de Adultos do Período) e um indivíduo biologicamente masculino (14,2% do total da população biológica referente). Crianças e mulheres biológicas não foram identificados em contextos que apresentassem traços de combustão. A quase ausência da prática neste segundo momento indica seu efetivo desaparecimento das regiões estudadas.

Deste modo, é possível inferir que a prática da combustão era uma prática predominante na região da Baía de Guaratuba, sendo também presente, mas excepcional, na Baía de São Francisco, Joinville. Considerações a respeito do estudo de Daniela Klokler, que estuda os restos de festins funerários (aqui tratados dentro da Combustão) do Sambaqui de Jaboticabeira II serão realizados no próximo capítulo.

9.2.5 ADORNO

Esta variável possui a segunda menor representatividade de todas, com apenas 15% do total de indivíduos sepultados sendo associados a estas peças. A constante baixa popularidade destas relações torna possível a suposição de um contexto especial de deposição. Não sabemos qual seria este contexto, com o pouco que pode ser realizado aqui.

O Período I, em se abordando a questão dos adornos na evidência material funerária das duas faixas etárias, apresenta gráficos que eludem a um sutil favorecimento – com uma possível interpretação de igualdade - de adultos (50% do

total de adornos do Período) em relação às crianças (43,7% do total de adornos do Período). Contudo, para confirmarmos este panorama, se torna necessário verificar a presença destas peças junto a população de cada faixa etária neste Período. Diante dos resultados – 37% do total de crianças da época foi adornada; contra 13,5% de adultos – somos obrigados a reverter esta ideia e advogar uma preferência para a deposição de adornos em sepultamentos infantis. Em fato, durante os anos que compõem o Período I, há uma marcada relação de adornos e a idade infantil: o adorno fica em terceiro lugar na preferência para sepultamentos infantis, enquanto para adultos, homens e mulheres biológicos, ele aparece em raras ocasiões, sendo a última ou penúltima preferência para estas categorias.

A geografia de distribuição destas peças neste momento do passado é representada por 5 infantes no Paraná (Guaraguaçu, 1 criança; Saquarema, 4 crianças) e 5 infantes em Santa Catarina (Morro do Ouro, 3 crianças; Rio Pinheiros, 2 crianças); inferindo-se assim, uma certa homogeneização no uso espacial – a nível macro – destas peças. Adicionalmente, a 13,4% da população total do Período foi o adorno dedicado como oferenda mortuária. Os gêneros biológicos, contanto, apresentam muito menos espaço para manobra. O alto número de casos não atribuídos aleija qualquer interpretação; seja para sugerir uma igualdade, seja para propor uma diferenciação.

O Período II vê uma pequena popularização no uso de adornos em relação ao Período anterior: 20,8% das pessoas adentraram seus túmulos acompanhados das ditas peças. 20% dos adultos e 30,7% das crianças do Período estavam em contexto com adornos; uma redução da deposição junto a crianças e um aumento junto a adultos. A preferência do adorno frente a outras variáveis se mantém – em terceiro lugar para as crianças e último ou penúltimo para as categorias restante.

A geografia desta distribuição, contanto, é peculiar: 4 indivíduos nos sambaquis do Godo e do Macedo, na Baía de Guaratuba e 6 no sambaqui de Congonhas, no distante litoral sul do Estado Catarinense.

A avaliação dos adornos junto aos gêneros biológicos, porém, permanece obscurecida pelo alto número de casos não atribuídos e quaisquer inferências esbarram nessa cegueira. Estes resultados permitem o surgimento da hipótese de que a deposição de adorno corresponde a um processo de longa duração⁶⁶ onde

⁶⁶ Nos termos de Braudel (1950)

passa, cada vez mais, a se identificar com o mundo fúnebre das crianças; ao passo que também não é estranho, mas tampouco recorrente, entre os adultos.

9.2.6 ESTENDIDO

A popularidade do modo de deposição Estendido é variável entre o primeiro e o segundo Períodos. Durante o primeiro quartel, adultos estendidos contabilizavam 6,7% (11 indivíduos) do total de pessoas sepultadas nos sítios analisados, enquanto que as crianças somavam apenas 1,8% (3 indivíduos) do mesmo total. O próprio modo estendido de depositar o cadáver na tumba responde por 23,1% do total de sepultados desta época (38 indivíduos). A clara diferença entre a quantidade de adultos e crianças não é suficiente para notar que, na verdade, o modo de deposição estendido era minoritário no primeiro Período, como o contraste com o total populacional da época comprova – ausente entre as crianças e uma das últimas escolhas entre os adultos.

Os gêneros biológicos do Período I são muito pouco numerosos (1 caso biológico feminino e 1 masculino) para que se possa inferir diferenciação ou não, no contraste entre os casos não atribuídos e atribuídos.

O Período II assiste a um aumento considerável no uso deste tipo de posicionamento mortuário, que passa a representar 60,4% do total de indivíduos inumados neste intervalo. Deste total (29 pessoas), 55,1% eram adultos (16 pessoas) e 37,9% eram crianças (11 pessoas). O incremento é acompanhado de um esboço de popularização no uso da prática que parece favorecer os adultos, mas acompanha um grande crescimento junto aos casos infantis: 84,6% delas passou a ser sepultada estendida. Já os gêneros biológicos do Período II, quando relacionados a esta prática, sugerem uma preferência maior em depositar as mulheres biológicas (7 casos, 24,1% do total de estendidos) do que os homens biológicos (3 casos, 10,3% do total) de forma estendida – mas isto deve ser relativizado, visto que muitos casos não atribuídos possam ocultar um panorama totalmente diferente deste e a representatividade numérica

Os gêneros biológicos dos dois Períodos, a despeito de severamente limitados em poucas amostras estendidas devido à abundante quantidade de casos não atribuídos, podem suscitar uma branda diferenciação que favorece o gênero biológico feminino – que é o dobro da sua contraparte masculina. De qualquer forma, a prática de deposição do cadáver em modo estendido parece estar

associada com as mudanças súbitas da ascensão e decréscimo das práticas anteriores – aparentemente com a popularização do uso do ocre, o que pode significar que ambas variáveis estariam relacionadas de alguma forma.

9.2.7 FLETIDO

Exata metade do total (106 pessoas) de casos analisados neste trabalho foi enterrada de modo fletido.

A prática era bastante popular no primeiro Período com 57% de presença. Era a variável mais comum entre os adultos, com 68,9% (51 indivíduos) do total tendo sido sepultado desta forma. 29,6% das crianças foi assim sepultada também (8 crianças), o que nos permite dizer que a preferência corrente era que o sepultamento de adultos fosse dessa forma, mas que não era incomum entre os casos juvenis.

Em relação aos gêneros biológicos do Período I, pode-se dizer que as mulheres biológicas possuíam uma relação especial com o modo de deposição fletido, pois 63,6% destes casos foram assim exumados (7 pessoas). Entre as mulheres biológicas, o modo de deposição fletido foi a variável que mais apareceu. Entre os homens, a prática também era a mais popular, já que 83,3% dos homens biológicos do Período estava enterrado desta forma.

A distribuição espacial, neste primeiro momento, era mais ou menos igual tanto na Baía de Guaraqueçaba quanto na Baía da Babitonga, com uma presença ocasional no litoral central de Santa Catarina.

No segundo Período, a prática perde bastante espaço para o modo de deposição estendido: apenas 27% das pessoas então sepultadas (13 casos), estão fletidos. Os casos são restritos ao litoral sul de Santa Catarina e a Baía de Guaraqueçaba.

10 adultos estavam Fletidos (33,3%) no segundo Período e apenas uma crianças foi assim sepultada neste momento (7,6%). Isto evidencia uma distanciação do modo fletido e do tema infantil, visto que todos os sepultamentos parecem mudar seu modo de deposição de um Período para o outro.

A variável fletida, contudo, parece marcar definitivamente uma distinção de gênero que passa a ocorrer no segundo Período. Enquanto os homens biológicos parecem se dividir entre a posição fletida e estendida (57,1% dos casos fletidos e o restante, estendido), nenhuma mulher biológica foi enterrada de modo fletido. Se

para os homens não havia uma preferência clara entre um tipo de deposição e outro, para as mulheres da época, a prática estendida parece um traço marcante.

A mudança brusca sobre o uso da variável entre os dois Períodos e as conclusões que já atingimos, nos faz relacionar esta prática com os padrões funerários antigos de combustão e mobília funerária que eram populares e decaíram ou desapareceram nas regiões e épocas do segundo momento.

9.2.8 MÚLTIPLO

Esta é a variável menos representativa da pesquisa: 9,9% dos casos foram enterrados coletivamente em uma cova só (21 pessoas).

Durante o primeiro Período a prática é ilustrada por casos que exemplificam uma sólida exceção do programa mortuário popular. 8 pessoas foram assim sepultadas (4,8% do total de inumados da época), sabidamente na Baía da Babitonga, no sambaqui do Morro do Ouro (6 casos) e do Rio Pinheiros (2 crianças em uma mesma cova) – um hábito bem localizado temporal e espacialmente. O curioso é que, destes, apenas 2 são adultos e 6 são crianças – caracterizando uma necessidade de agrupamento das crianças com adultos ou outras crianças perante a morte. Nenhum dos adultos foi sexado.

Durante o segundo Período a prática começa a se tornar mais difundida, com 27% das pessoas estando em covas coletivas. Do total de adultos, 30% passam a ser enterrados acompanhados de outras pessoas (9 casos). As crianças se mantêm praticamente na mesma situação, com 30,7% de seu total (4 casos) presente em sepultamentos múltiplos. Metade absoluta das mulheres biológicas (4 pessoas) e 28,5% dos homens biológicos (2 pessoas) se situa no contexto acima, mas devido aos problemas de sexagem já reiterados diversas vezes ao longo do texto, só podemos apontar para uma chance de identificarmos uma distinção de gênero a partir desta prática. Talvez, se aliada às questões trazidas à tona pelos modos de deposição fletido e estendido, seja possível sugerir uma diferenciação que começa a surgir, ou se estabelece, a partir do início do segundo Período. Neste segundo momento, os sepultamentos múltiplos são praticamente ausentes da Baía de Guaraqueçaba e da Baía da Babitonga, sendo representados por amostras do litoral central e sul de Santa Catarina.

9.3 Categorias

O estudo dos resultados obtidos para as Categorias pode ser efetuado em dois níveis de profundidade: no caso, por questões de espaço, nos limitaremos a apenas cobrir as representatividades e flutuações nas presenças das variáveis junto a cada categoria. O mais adequado seria tentar decompor algumas variáveis e continuar esta associação em busca do que pertence ou não ao mundo adulto e ao infantil; ao mundo do homem e da mulher biológico. De qualquer forma, as informações produzidas por si só já geram bastante discussão e acreditamos necessário compor o contexto funerário de cada categoria, antes de adentrarmos em pormenores e vicissitudes que quiçá existem dentro dessas tumbas. As tabelas consultivas foram produzidas com base na representatividade de cada variável para o total de pessoas adultas, crianças, homens biológicos e mulheres biológicas.

9.3.1 FAIXAS ETÁRIAS

Os adultos constituem a base quantitativa de nossa pesquisa (além de abranger os gêneros biológicos) e o desenrolar dos vínculos das variáveis a esta categoria muito representa o desenvolvimento integral da linha do tempo como um todo.

Segundo a Tabela 38, a deposição de adultos em covas durante o primeiro Período não parece vinculada em especial a nenhuma outra condição sinérgica com outra variável, com a geografia ou com a faixa etária – principalmente por causa da qualidade das publicações a respeito desse trato. No segundo Período pode ser notado um suave decréscimo no uso da prática.

A mobília funerária é um traço específico do Período I tanto para as faixas etárias quanto para os gêneros biológicos. O que muda no seu uso é a distribuição para cada uma das categorias. Na categoria adulto, quase metade das pessoas estava acompanhada de mobílias funerárias que resistiram à ação do tempo durante o Período I, ou seja, principalmente na região das baías de Guaraqueçaba e Babitonga. No segundo momento há uma queda noticiável em mais de 50% do total anterior, claramente restringindo a mobília funerária de adultos (e em geral) a Guaraqueçaba.

O ocre parece vinculado a apenas alguns sepultamentos adultos pela sua baixa, mas perceptível presença, em um quarto dos casos – a distinção parece ocorrer entre as faixas etárias também, já que os adultos receberam menos ocre que

as crianças neste momento. Em ambos casos, contanto, a deposição não é majoritária, ainda que representativa – excluindo a possibilidade do ocre ser um demarcador de idade independente de outras relações. Sabemos que o ocre ganha uma popularidade súbita no segundo Período em um aparente contraste com mobília funerária, possivelmente ligado à localização geográfica das amostras em cada Período.

A combustão é outro traço típico do Período I; mas, esta sim, é exclusiva para adultos, ainda que utilizada em determinados contextos. No segundo Período, a presença da evidência praticamente desaparece dos ritos mortuários.

O adorno decididamente é uma presença minoritária entre os adultos no primeiro Período, estando muito mais vinculado a sua faixa etária contrapartite. Uma leve ascensão da prática junto a adultos ocorre no Período II.

As práticas estendido e fletido, como já notado, são referências entre o primeiro e segundo Períodos. A alternância do modo de deposição, portanto, não parece diretamente associada a esta faixa etária. No segundo Período, além de subitamente estarem sendo enterrados muito mais adultos estendidos, há o surgimento de sepulturas coletivas, que passam a representar um terço do total de adultos do Período.

Os dois casos múltiplos se referem a dois sepultamentos onde um adulto foi enterrado com uma criança, no sambaqui do Morro do Ouro. São os únicos do Período I. Algum tempo depois, a prática se disseminaria em todas as categorias.

Tabela 38 - Análise da variação das práticas funerárias entre os adultos ao longo do tempo, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).

Variável	Ocorrência percentual da prática em relação ao total de adultos (%)		
	Período I	Varição	Período II
Cova	44,5	Declínio	30
Mobília Funerária	52,7	Declínio	23,3
Ocre	24,3	Ascensão	53,3
Combustão	37,8	Declínio	3,3
Adorno	13,5	Ascensão	20
Estendido	14,8	Ascensão	53,3
Fletido	68,9	Declínio	33,3
Múltiplo	2,7	Ascensão	30

Fonte: elaborado pelo autor.

Entre as crianças, a cova nunca pareceu um fator determinante para os ritos mortuários, tendo uma estabilidade entre os dois Períodos, conforme a Tabela 39. Já a mobília funerária, como de praxe, se comporta como o esperado nas duas divisões temporais; sensível representação no Período I e quase desaparecimento no Período II. Em relação aos adultos, crianças receberam quase a mesma quantidade de mobília funerária.

Os dois casos de combustão associados a crianças no Período I parecem representar formas indiretas de ligação da prática aos corpos. Um caso é um crânio (apenas) próximo a uma fogueira no Guaraguaçu; o outro é o uso de uma fogueira como local sepultamento. Apenas no primeiro caso a dúvida ainda persiste, embora o trato seja vinculado a idade adulta em geral. No segundo Período não foram registradas crianças associadas a combustão.

O adorno está mais presente em sepultamentos infantis no Período I do que em qualquer outro momento da análise. Mesmo que o Período seguinte possua uma suave queda em todas as categorias, ainda existe em um terço dos sepultamentos infantis demonstrando a continuidade do uso de adornos como uma preferência infantil.

Curiosamente, a diferença entre os modos de deposição estendido e fletido é pequena e pouco representativa entre as crianças no Período I. Contudo, uma maioria de casos fletidos é detectável, mantendo a prática como referencial em épocas mais antigas. Apenas no Período II as crianças seriam mais facilmente associadas ao estendido – isto pode ter ocorrido devido ao baixo grau de conservação dos restos esqueléticos de infantes, mais frágeis às intempéries. Porém, a população desta faixa etária é menor no segundo Período e mesmo assim mantém uma identificação ao estendido quantitativamente e representativamente muito mais clara que no Período I.

As crianças eram os indivíduos mais sepultadas em covas coletivas no Período I e este panorama parece se fortalecer no Período II, onde há um aumento de mais de 50% nos casos de crianças enterradas coletivamente. Parece haver uma noção de que algumas crianças não podiam ser inumadas em solidão –com a necessidade de o acompanhamento de algum adulto.

Tabela 39 - Análise da variação das práticas funerárias entre as crianças ao longo do tempo, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).

Variável	Ocorrência percentual da prática em relação ao total de crianças (%)		
	Período I	Variação	Período II
Cova	14,8	Ascensão*	15,3
Mobília Funerária	44,4	Declínio	7,6
Ocre	40,7	Ascensão	69,2
Combustão	7,4	Declínio**	0
Adorno	37	Declínio	30,7
Estendido	11,1	Ascensão	84,6
Fletido	29,6	Declínio	7,6
Múltiplo	14,8	Ascensão	30,7

* É possível considerar esta variação como praticamente estável.

**A associação de evidências de Combustão junto a estes (2) indivíduos pode ter sido acidental.
Fonte: elaborado pelo autor.

9.3.2 GÊNEROS BIOLÓGICOS

As reconstituições de padrão funerário para os gêneros biológicos são as tentativas mais frágeis realizadas, visto que a quantidade de esqueletos sexados foi extremamente baixa. Não obstante, a procura por relações entre os gêneros biológicos e variáveis produziu alguns resultados interessantes que podem ser associados entre si, apesar dos empecilhos. Ver Tabela 40.

A cova entre o gênero biológico masculino foi a variável mais representada de todas em ambos Períodos, mas principalmente no Período I. No segundo momento, há um decréscimo substancial – vinculado ao nível descritivo das fontes primárias, provavelmente.

Como modelo de referência dos ritos funerários do primeiro Período, a mobília funerária aparece com força entre os homens, sendo a presença mais numerosa da variável entre todas as categorias. No segundo Período, contudo, vê seus números se reduzirem grandemente, como parte da tônica das exéquias no Período II.

Inicialmente pouco associados ao ocre, os homens vêem um aumento na deposição do pigmento de um Período para o outro; que passa a ser mais representativo no Período II do que a mobília funerária era no Período I – o que incita a ideia de uma alternância e antagonismo entre as duas variáveis. Ainda analisaremos melhor esta relação.

A combustão era um traço aparentemente restrito aos anos mais antigos da análise e vinculado especialmente à vida adulta. Assim, as sepulturas de homens biológicos associadas a evidências de combustão representam um padrão claro, sendo exceção a ausência da prática nos ritos fúnebres da categoria. O segundo momento, mais caracterizado pela presença de outras variáveis, observa uma redução significativa da prática para um estágio de aparente subordinação a outros ritos e circunstâncias ou ao abandono gradual da mesma.

O adorno nunca foi um objeto típico das tumbas de homens biológicos. No primeiro momento, parece que apenas alguns poucos foram agraciados devido a motivos que nos escapam por hora. No segundo momento, a relação antagônica se estabelece, revelando uma total ausência de adornos junto a homens biológicos e nas covas do Período em geral.

Raros homens biológicos também foram estendidos no Período I, uma época onde a preferência era depositar os mortos em posição fetal. Como variável majoritária do Período II, este caráter se inverte, apresentando um grande crescimento, ainda que não totalmente disseminado.

Os homens fletidos aparecem com propriedade em ambos Períodos, muito embora o traço seja preferencial da época antiga. Nos anos recentes, há a mudança de hábitos para o estendido, que parece encontrar resistência de muitos casos fletidos, ainda majoritários. Isso se deve a localidade das amostras e quantidade das mesmas. No Período II, a repetição das amostras do sambaqui do Godo e da presença do Macedo, somado aos casos fletidos no sul de Santa Catarina (quantitativamente pouco numéricos, portanto, excepcionais) nos permite dizer que as regiões e modos de deposição mortuária estavam bem delimitados e que a nossa análise deve pesar isto.

Por fim, como típico do Período II, há a disseminação de sepultamentos coletivos, praticamente ausentes do Período I, que passam a abrigar, também, corpos biologicamente masculinos.

Tabela 40 - Análise da variação das práticas funerárias entre os homens biológicos ao longo do tempo, nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).

Variável	Ocorrência percentual da prática em relação ao total de homens biológicos (%)		
	Período I	Variação	Período II
Cova	91,6	Declínio	57,1
Mobília Funerária	58,3	Declínio	14,2
Ocre	16,6	Ascensão	71,4
Combustão	83,3	Declínio	14,2
Adorno	8,3	Declínio	0
Estendido	8,3	Ascensão	42,8
Fletido	83,3	Declínio	57,1
Múltiplo	0	Ascensão	28,5

Fonte: elaborado pelo autor.

Em contraste com os homens biológicos, as mulheres parecem menos vinculadas a covas, mas esta ainda é uma prática recorrente entre os casos estudados. No Período II, nenhuma mulher biológica foi identificada como proveniente de uma cova e suspeitamos dessa informação pelo mesmo motivo explicado no tocante aos homens biológicos. Estas informações estão sumarizadas na Tabela 41.

Poucas mulheres receberam mobília funerária no Período I, visto que a prática era vulgar na época. Talvez elas estivessem mais associadas a trançados e cestos de coleta de conchas⁶⁷ que não se preservaram em contraste aos homens biológicos. De qualquer forma, a deposição de mobílias funerárias pouco sujeitas a decomposição cessa no Período II.

Fora as crianças, as mulheres são as pessoas que mais recebem ocre no Período I, ainda que apenas em um terço dos casos. Embora não tenhamos opinião formada sobre o porquê dessa relação do ocre com a infância e o gênero feminino, é evidente que há algum vínculo entre as categorias. No segundo momento, os sepulcros femininos são mais carregados do material corante, mas menos representativos nesta questão do que as covas masculinas, que superam os casos femininos percentualmente.

Como no Período I a combustão era uma prática típica, a alta presença da evidência não é surpresa entre as mulheres biológicas. Quase metade das mulheres

⁶⁷ Sem que isso represente uma proposição nossa sobre os papéis de gênero nesta sociedade.

foi associada a queima. O desaparecimento da prática no segundo momento é caracterizável pela sua ausência junto às pessoas deste gênero biológico.

Adornos foram distribuídos de modo igual entre as mulheres biológicas do Período I e II. Contudo, como apenas dois casos foram verificados, o uso de adorno junto a mulheres biológicas se reveste de excepcionalidade.

No Período I, a grande maioria das mulheres foi depositada em seus túmulos de forma fletida, com pouquíssimos casos estendidos. No Período II, como esperado, a paisagem se inverte, com total ausência de casos fletidos entre as mulheres biológicas e uma conseqüente predominância do estendido.

Por fim, a prática de sepultamento coletivo, além de quase inexistente no Período I (sem casos entre as mulheres), também tem seu uso disseminado no segundo Período, especialmente com as mulheres.

Tabela 41 -Análise da variação das práticas funerárias entre as mulheres biológicas ao longo do tempo. nos sambaquis contemplados pelo estudo - Período I (4970-3860AP) e Período II (3720-2850AP).

Variável	Ocorrência percentual da prática em relação ao total de mulheres biológicas (%)		
	Período I	Varição	Período II
Cova	54,5%	Declínio	0%
Mobília Funerária	27,2%	Declínio	0%
Ocre	36,3%	Ascensão	62,5%
Combustão	45,4%	Declínio	0%
Adorno	9%	Estabilidade*	12,5%
Estendido	9%	Ascensão	87,5%
Fletido	63,6%	Declínio	0%
Múltiplo	0%	Ascensão	50%

*Um indivíduo adornado em ambos Períodos.
Fonte: elaborado pelo autor.

9.4 Tentativa de identificação de padrões funerários entre as Categorias, por Período.

Após a revisão das variáveis junto às categorias, é necessário sugerir, enfim, um modelo de práticas funerárias para cada categoria, segundo sua localização geográfica e Período. As relações truncadas que essas propriedades possuem entre si serão sintetizadas e expostas de forma gráfica na esperança de tornar mais claras estas relações.

Assim, um Quadro, o de número 7, foi construído a partir das informações obtidas para as Tabelas acima. Naturalmente, corresponde a uma aproximação e serve apenas para caracterizar os padrões funerários e sua relevância para cada categoria ao longo do espaço de tempo considerado. Utilizamos 3 cores para ilustrar esta caracterização e dinâmica. Verde foi relacionado ao aumento e/ou popularização do uso da prática entre o gênero biológico e a faixa etária, configurando o estabelecimento de um padrão. O laranja foi adotado para identificar uma estabilidade da prática de um Período para o outro, quando a variável teve um aumento ou decréscimo pouco relevante. O vermelho foi utilizado quando uma prática tem um decréscimo acentuado e começa a se desincorporar do programa mortuário de determinado gênero biológico ou faixa etária.

Como as variáveis do Período I não possuem precedentes para avaliarmos o seu aumento, estabilidade ou declínio, setas foram postas ao lado dos valores do Período II. No caso de variações percentuais cujos valores simples são idênticos, um sinal de igualdade foi posto ao lado do percentual; por exemplo, o adorno entre as mulheres teve um caso em ambos Períodos – seu aumento percentual no Período II não quer necessariamente dizer que mais mulheres foram adornadas. Devido ao baixo nível de qualidade das informações primárias relacionadas às covas, nenhum sinal marca as variações. A tabela permite visualizar, assim, quais práticas estão ganhando momento, quais estão desaparecendo e quais representam padrões funerários.

Quadro 7 - Modelo gráfico de dinâmica mortuária das regiões e períodos estudados.

	Período I (4970-3860)				Período II (3720-2850)			
	Homens	Mulheres	Adultos	Crianças	Homens	Mulheres	Adultos	Crianças
Cova	91,6%	54,5%	44,5%	14,8%	57,1%	0%	30%	15,3%
Mob. Fun.	58,3%	27,2%	52,7%	44,4%	14,2%↓	0%↓	23,3%↓	7,6%↓
Ocre	16,6%	36,3%	24,3%	40,7%	71,4%↑	62,5%↑	53,3%↑	69,2%↑
Combustão	83,3%	45,4%	37,8%	7,4%	14,2%↓	0%↓	3,3%↓	0%↓
Adorno	8,3%	9%	13,5%	37%	0%↓	12,5% =	20%↑	30,7%↓
Estendido	8,3%	9%	14,8%	11,1%	42,8%↑	87,5%↑	53,3%↑	84,6%↑
Fletido	83,3%	63,6%	68,9%	29,6%	57,1%↓ ⁶⁸	0%↓	33,3%↓	7,6%↓
Múltiplo	0%	0%	2,7%	14,8%	28,5%↑	50%↑	30%↑	30,7%↑

⁶⁸ Embora ainda seja muito representativo, a diferença do crescimento do estendido com a queda no fletido nos induz a considerar o estendido como modo mais popular (verde) e o fletido como em descenso (laranja).

Fonte: elaborado pelo autor.

Deste modo, podemos esboçar, em tentativa, os padrões mortuários de homens, mulheres e crianças para os sambaquis das regiões estudadas. A divisão por Períodos, como já ressaltado anteriormente, nos permite situar estes modelos no espaço dado a disponibilidade de datações de cada região.

O Período I, representado majoritariamente por sítios da Baía de Guaraqueçaba e da Baía da Babitonga, possui como principal variável típica o modo de deposição fletido. A esta variável, como satélites em diferentes escalas de proximidade, parecem se associar naturalmente a prática da combustão, utilizada apenas em adultos; e a comum prática de uso de mobília funerária em todas as covas (menos junto das mulheres; apenas uma minoria delas possui mobília funerária no sambaqui do Guaraguaçu)⁶⁹. O ocre parece ocupar uma esfera de influência mais profunda dentro da estrutura e específica deste momento, sendo associado a um terço das mulheres biológicas – um uso restrito – e possuindo uma certa recorrência entre as crianças, rivalizando com a popularidade de mobília funerária entre as mesmas. Adornos junto a adultos em geral são casos raros; já, entre os infantes, chegam a até um pouco mais de um terço do total – porque só algumas receberam adorno? Sepulturas coletivas sempre envolvem crianças neste momento.

A distribuição dessas associações se dá como modo fletido de deposição sendo um modelo disseminado entre a Baía de Guaraqueçaba e da Babitonga na época. A mobília funerária também é encontrada em ambas baías de modo mais ou menos disseminado, sempre junto ao fletido (menos no Enseada, sítio tardio) e especialmente entre homens e crianças. Mulheres só começarão a ser associadas mais tardiamente (Gomes A, 1 caso), embora isto já pudesse estar acontecendo nos primeiros anos do Período I. A combustão tem origem, dentro do delimitado pela linha do tempo, no Paraná (Gomes B), embora lá também residissem pessoas cujos ritos mortuários não possuíam tal componente (Porto Maurício B). Sua presença, contudo, é muito mais vinculada a Baía de Guaraqueçaba, sendo secundária na Babitonga.

⁶⁹ É necessário salientar que a sexagem de indivíduos só pode ser feita no Guaraguaçu – outros sambaquis contam com um caso apenas de indivíduo sexado, muito pouco útil para análise.

O ocre está associado ao mundo das mulheres e crianças: enquanto as primeiras crianças com ocre aparecem primeiro no Gomes A (1 caso), seguindo-se Rio Pinheiros (5), Guaraguaçu (1), Saquarema (2, um com adorno também) e Morro do Ouro (3 casos); as mulheres avermelhadas aparecem no Guaraguaçu primeiro (2 casos), Saquarema (1 caso, com adorno) e Morro do Ouro (1). A precedência do ocre junto a crianças é possivelmente originária na Babitonga, mas a associação de mulheres biológicas a este trato surge em Guaraqueçaba.

O adorno junto a crianças também tem sua primeira aparição no Guaraguaçu (1 caso), durante o Intervalo II – Rio Pinheiros e há comparência da prática, de modo numericamente limitado, nos sambaquis de Saquarema (4), Morro do Ouro (3) e Rio Pinheiros (2).

É possível perceber que há o surgimento de associações específicas entre as variáveis em determinado momento do Período I. Enquanto a prática fletida, ligada com uma presença paralela, mas minoritária, da combustão e do ocre é o modelo mais popular do Intervalo I; as crianças parecem ser os indivíduos cujo ritual é mais aprofundado, com uso preferencial de adornos e ocre (e abstenção total de combustão). É a este conjunto de evidências funerárias que damos o nome de Modelo Gomes B, portanto: combustão e padrão de deposição disseminada entre adultos, ocre e adorno preferenciais para crianças, mulheres biológicas recebem menos mobília funerária do que homens biológicos e crianças.

Esse panorama começa a mudar com o surgimento do Guaraguaçu, em 4396, que inaugura o surgimento da associação de mulheres com ocre e com a construção de cemitérios especializados em sepultamentos infantis (Saquarema). A partir da fundação do Morro do Ouro em 4070, o Modelo Gomes B começa a se fragmentar em sua práxis, morfologia e distribuição geográfica.

Em Guaraqueçaba, foca-se em uma segregação das crianças e um desenvolvimento dos funerais de pessoas biologicamente femininas; na Babitonga, por sua vez, parece-se reiterar o pertencimento de adornos a crianças – em uma diferenciação em respeito a seus vizinhos imediatos no tocante a estes funerais. Também na Babitonga há o uso de zoólitos em sepultamentos, com o caso do sambaqui do Cubatãozinho. Infelizmente, dada a raridade deste tipo de contexto, não podemos precisar sua contingência temporal; e dado seu segundo aparecimento no sambaqui de Morro do Ouro, consideramos esta prática típica da Babitonga. Chamaremos estas divisões de Modelo Guaraguaçu e Modelo Morro do

Ourodado seus principais proponentes e as apresentaremos graficamente como Quadro 8.

Quadro 8 - Padrões funerários para crianças e homens e mulheres biológicas do Período I.

	Mulheres Biológicas	Homens Biológicos	Crianças
1º Fletido	Verde	Verde	Verde
2º Móvel Funerária	Laranja	Verde	Verde
3º Combustão	Verde	Verde	Vermelho
4º Ocre	Laranja	Vermelho	Laranja
5º Adorno	Vermelho	Vermelho	Verde
6º Múltiplo	Vermelho	Vermelho	Vermelho ↓

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. ↓ = de um a três casos Fonte: elaborado pelo autor.

Após o interregno de 140 anos dos quais não temos informações funerárias, surge no litoral central o sambaqui de Ponta das Almas. Suas práticas mortuárias são similares com as do Modelo Porto Maurício, coincidindo com o modo de deposição estendido, ocre, poucos adornos; mas quase sem uso de combustão. Sepultamentos múltiplos surgem com força e passam a representar um terço do total de sepultamentos. O desenrolar das práticas para crianças, homens e mulheres biológicas do segundo Período é o Quadro 9.

O sul de Santa Catarina aparece na análise com o sambaqui de Congonhas. Nele se firma o padrão típico presente no Ponta das Almas (que é abandonado na datação anterior), mas com uma divisão mais igualitária; assim como no modo de deposição estendido, o ocre se populariza em todas as categorias. Sepultamentos múltiplos também ganham notoriedade e a preferência entre mulheres biológicas e crianças; ao passo que entre os homens é apenas incomum, mas também presente. O adorno se torna incomum entre as categorias, e desaparece junto aos homens biológicos. Os sítios que utilizaram este modelo (Modelo Congonhas) são o Congonhas e o Ponta das Almas A.

A população responsável pelos sepultamentos no sambaqui do Macedo, em Guaraqueçaba, utilizou um programa funerário distinto do Modelo Congonhas e mais similar ao Modelo Gomes B, com distribuição de alguma mobília funerária e em modo de deposição fletido. Pelo baixo número de sepultamentos e isolamento

geográfico do núcleo populacional do Período II, sua presença apenas nos auxilia a deduzir outros sambaquis cemitérios maiores que ele, ainda dentro da mesma Baía. De qualquer forma, consideramos o número de sepultamentos insuficiente para representar um novo modelo; julgando este modelo um descendente do Modelo Gomes B e possivelmente do Modelo Guaraguaçu e/ou Morro do Ouro.

Nenhum outro sítio é fundado e o Período II se encerra com o abandono do sambaqui de Congonhas em 3040⁷⁰.

Quadro 9 - Padrões para crianças e homens e mulheres biológicas funerários do Período II.

	Mulheres Biológicas	Homens Biológicos	Crianças
1º Estendido	Verde	Verde	Verde
2º Ocre	Verde	Verde	Verde
3º Múltiplo	Laranja	Verde	Verde
4º Adorno	Laranja	Laranja	Laranja
5º Fletido	Vermelho	Laranja ↓	Vermelho

Legenda: Vermelho = ausência ou desaparecimento da prática. Verde = presença e/ou estabilidade da prática. Laranja = decréscimo no uso da prática ou sua presença em quantidades imprecisas ou minoritárias. ↓ = de um a três casos Fonte: elaborado pelo autor

Deste modo, conseguimos encontrar cinco padrões funerários:

9.4.1 MODELO PORTO MAURÍCIO (4840?-4700?3880?)

Baseado a partir do modo de deposição estendido e da presença de ocre, associado com numerosa mobília funerária e combustão. É possível que as populações usuárias do Modelo Porto Maurício e do Modelo Gomes B já mantivessem contato periódico desde antes da linha do tempo. Com o passar do tempo e da alternância de ocupações no Porto Maurício B e A, e Gomes B e A, este modelo desaparece de nosso radar temporal e espacial, ressurgindo bastante modificado, apenas no litoral central de Santa Catarina. Em seu lugar, se expande e se diversifica internamente o Modelo Gomes B.

⁷⁰ Uma das datações do sambaqui do Godo possui a variável 2850 (vide descrição do sítio), mas acreditamos que, pelo seu modelo funerário, ele esteja mais afim com os sambaquis de sua datação mais antiga.

9.4.2 MODELO GOMES B (4951?-4396)

Provavelmente derivado de técnicas que pertencem a momentos anteriores ao início da linha do tempo, o surgimento deste modelo se dá a partir da primeira ocupação do sambaqui do Gomes. O modo de deposição fletido é utilizado em todas as categorias; a combustão é específica para adultos; às crianças é negada a prática da combustão, mas elas são tipicamente associadas a adornos (relação forte) e ocre (poucos casos). A presença do ocre é possível resultado de um contato antigo entre os moradores do sambaqui do Gomes B e do Porto Maurício B e A. Também há um caso de um sepultamento mais elaborado logo no Gomes B, talvez vinculado a evidências de antropofagia cuja prática, que, se existiu, não se sustenta nos anos seguintes.

O Modelo Gomes B está associado a uma ascensão populacional que culmina entre 4823 e 4710, o fim do sambaqui do Rio São João. Este atinge um segundo ápice populacional em 4689 quando do surgimento do Rio Pinheiros, sugerindo uma movimentação no sentido norte-sul (Gomes B/Rio São João/Godo → Rio Pinheiros) e depois sul-norte (Rio Pinheiros → Guaraguaçu/Morro do Ouro). Por fim se mantém relativamente coeso e estável, centrado em Rio Pinheiros até o surgimento do sambaqui do Guaraguaçu em 4396, que começa a praticar desenvolvimentos menores associando as variáveis principais e categorias de modo próprio. O racha definitivo acontece quando o sambaqui do Morro do Ouro, de Enseada, do Guaraguaçu e do Saquarema estão ativos.

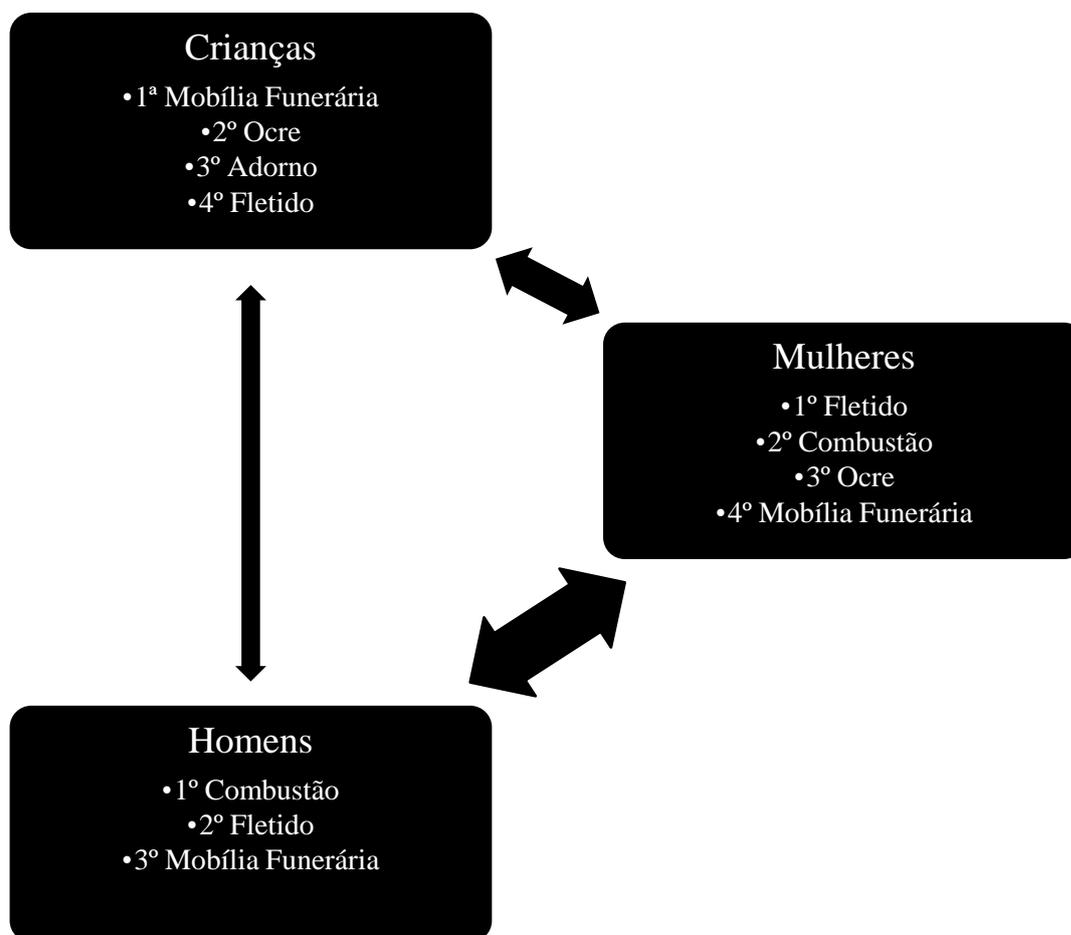
9.4.3 MODELO GUARAGUAÇU (4396-3860)

Desenvolvido a partir do núcleo de ligações entre variáveis e categorias do modelo anterior, as principais inovações do novo sistema incluem a construção de cemitérios infantis e um aprofundamento do gênero biológico feminino com o ocre ao mesmo nível parcial que já existia com as crianças. O foco geográfico destas práticas se estabelece entre o sambaqui de Guaraguaçu e Saquarema, em Guaraqueçaba e parece se opor ao modelo imediatamente meridional – com o qual se identifica através da popularidade do modo de deposição fletido, combustão exclusiva a adultos e presença recorrente de mobília funerária junto a homens biológicos e crianças, principalmente.

É possível perceber que as variáveis adotadas para cada categoria se repetem em elos mais distantes para suas contrapartes; as exceções de adorno com

adultos e a proibição da combustão para crianças. O ocre é utilizado para associar as mulheres às crianças; a mobília funerária liga as mulheres aos homens. Confeccionamos a Figura 23 para ilustrar estas relações.

Figura 23 - Sistema de interrelações de categorias e variáveis no Modelo Guaraguaçu.



Nota: A largura das setas indica o nível de força entre as categorias.
Fonte: elaborado pelo autor.

Assim como o Modelo Morro do Ouro, este Modelo está vinculado a um ápice populacional que durou de 4070 a 3990.

9.4.4 MODELO MORRO DO OURO (4070-3990?/3880?)

Este modelo parece emergir após/durante o estabelecimento do Modelo Guaraguaçu e pode estar relacionado a um momento de relações intensas entre a Baía de Guaraqueçaba e a Baía da Babitonga. Também derivado do corpo de noções elaborado pelo Modelo Gomes B, neste sistema foi reforçada a presença de adornos entre as crianças e a prática reiterada da deposição de zoólitos e da

elaboração cuidadosa de tumbas (que possivelmente nunca desapareceu de todo)⁷¹. As crianças deste Modelo tem mais ocre e mais adornos do que as do Modelo Guaraguaçu – pode-se dizer que o nível técnico das oferendas é maior, pelo uso de colares aprimorados (BIGARELLA et al., 1954, p. 1160-180; TIBURTIUS, 1996, p. 82-84, 1961⁷²), frente aos pingentes simples em pedra de Guaraqueçaba, herdados do Modelo Gomes B (MENEZES; ANDREATTA, 1974, p. 24; RAUTH, 1962, p. 63-73, 1968, p. 73-82). A única mulher que pode ser sexada do Morro do Ouro está com ocre, o que pode ser uma influência setentrional, mas a baixa quantidade de casos de indivíduos sexados⁷³ nos impede de propor qualquer conclusão no tocante a algum dos gêneros biológicos. Também é curiosa a presença contemporânea do sambaqui de Enseada, bem próximo ao Morro do Ouro, que enterrava dentro deste mesmo modelo, com a diferença essencial de uma maioria de casos estendidos. Neste sambaqui existem dois sepultamentos múltiplos, um adulto e uma criança em cada – variável até então ausente da análise.

9.4.5 MODELO CONGONHAS (3720?-3040?)

O modelo principal do Período II se inicia com a construção da segunda ocupação do sambaqui de Ponta das Almas e se cristaliza como modelo funerário no sambaqui cemitério de Congonhas. O conjunto de práticas mortuárias se refere a sepultamentos estendidos, com ocre generalizado a todas categorias e um terço do total de inumações em covas coletivas. Apenas homens biológicos aparecem mais em covas individuais; mulheres biológicas e crianças tem sepultamentos múltiplos como preferência principal. O adorno parece perder valor simbólico em favor do ocre. A mobília funerária tem uma redução pesada e se situa mais distante das relações primeiras; já a combustão desaparece de vez.

⁷¹ De fato, devido a ausência da localização vertical da datação dos sambaquis do Cubatãozinho e do Morro do Ouro, é impossível saber com precisão quando zoólitos começaram a fazer parte da parafernália ritual da morte.

⁷² Citamos apenas para demonstrar que conhecemos este tratado de Tiburtius sobre adornos em sambaquis. Infelizmente, o autor não domina o alemão.

⁷³ Ela é o único caso sexado do sítio.

10 FECHAMENTO E CONCLUSÕES

*Birds know nothing of this, it is our vanity,
We create this death, we create this entity,
We have created death, Neptune is Dead.*

(Neptune is Dead - Altar of Plagues)

Este trabalho analisou os sepultamentos de 13 sambaquis dispostos entre a Baía de Guaraqueçaba/Paranaguá e o litoral sul de Santa Catarina entre os anos de 4970 a 2850 AP, em busca de semelhanças e diferenças nos ritos fúnebres dos sambaquis escolhidos para a pesquisa. Os sítios escolhidos deveriam possuir descrições sobre seus sepultamentos e ao menos uma datação radiocarbônica. Os 206 sepultamentos pertencentes aos 13 sítios foram classificados em categorias; uma classe que abrange as faixas etárias adulto e crianças e os gêneros biológicos homem e mulher; e variáveis – que representam as possibilidades técnicas do sepultamento, como posição fletida e estendida, presença de adornos, ocre, mobília funerária, evidências de combustão e etc. Uma linha do tempo foi produzida para demonstrar graficamente o desenvolvimento das práticas funerárias na costa; resultando sua divisão em duas partes (Períodos I e II).

Logo, relacionamentos intrincados entre os indivíduos, variáveis e categorias puderam ser revelados através de cruzamentos controlados entre eles e entre as presenças e ausências de variáveis junto a cada categoria. Algumas categorias possuíam especial relação com algumas variáveis de acordo com o tempo e o espaço onde a relação ocorreu. O passo seguinte foi situar estas relações mais íntimas em determinados espaços temporais e espaciais.

Este momento possibilitou a verificação da existência de padrões – modelos de sepultamento existentes em mais de um sítio. Estes padrões foram colocados em comparação e constatou-se que eles próprios expressavam relações entre si e entre outros modelos que possivelmente existiram antes, depois e durante a existência deles. 5 modelos foram identificados e 3 (Modelo Gomes B, Guaraguaçu e Morro do Ouro) apresentaram especial correspondência.

A diversidade de Modelos de sepultamento derivados de variantes do Modelo Gomes B pode sugerir uma interrelação intensa entre as pessoas que compartilhavam as características deste corpus simbólico mortuário. Isto pode ter levado a diferenciações sociais dentro da estrutura e época destes Modelos cuja

dinâmica e natureza ainda não é possível precisar, mas que teriam especial relação com estes tratos funerários que expressam um certo tipo de interdependência interna e necessidade funcional entre si – não obstante, até que possamos explorar as funções estruturais da prática de deposição fletida e estendida durante este Período, a análise da presença de agentes⁷⁴ em sambaquis fica bastante restrita. De Masi, alerta que “poderíamos especular se eles [estendido e fletido] correspondem a duas populações biológicas, a duas culturas, ou são apenas elementos culturais discretos”(DE MASI, 1992, p. 213).

Tomaremos estas possibilidades levantadas por De Masi como roteiro para a análise final deste trabalho - visto que elas nos auxiliam a atingir algumas conclusões a respeito do que foi produzido aqui.

a) Estendido e fletido correspondem a práticas vinculadas a grupos biológicos.

Não consideramos esta sugestão plausível. Muito embora algumas práticas funerárias possuam raízes muito antigas⁷⁵ e até hoje em uso corrente, é exatamente a continuidade delas através do tempo, sob uma miríade de demonstrações possíveis, que derruba a possibilidade de estarem ligadas diretamente a uma carga genética. Consideramos esta hipótese deveras determinista para explicar, de modo exclusivo, qualquer comportamento cultural. Okumura realiza um comentário que intermedia essa relação de forma mais adequada:

A divisão do litoralem dois grupos distintos em termos de morfologia craniana não ignora o fato de que não há necessariamente uma correspondência completa entre tradições culturais e linhagens biológicas (ou seja, a difusão de traços culturais pode ocorrer de forma independente da difusão de genes) (OKUMURA, 2008, p. 175).

b) Estendido e fletido correspondem a práticas vinculadas a grupos culturais distintos

Antes de considerarmos esta teoria, é preciso identificar a presença de grupos culturais distintos dentro do litoral. Com a chegada de grupos ceramistas na costa, por volta de 2000 AP (LIMA, 2001, p. 284; PROUS, 1992, p. 262-263), realmente o panorama da cultura material mudou e a própria dinâmica de construção dos cemitérios também. Enquanto sambaquis mortuários monumentais

⁷⁴ No sentido elaborado por Hodder (2000).

⁷⁵ Parker Pearson (1999), possui um capítulo inteiro dedicado às origens de demonstrações fúnebres bastante recorrentes como o ocre e a combustão.

estão localizados em um momento mais antigo⁷⁶ e estão vinculados a estatura, corporativismo e arena social, os grupos ceramistas parecem preferir cemitérios mais planos, com mais sepultamentos por área, com assentamentos estratigraficamente simultâneos às tumbas (IZIDRO, 2001, SCHMITZ, 1993, 1999) – sem que contudo, outras ideias sobre suas relações sociais possam ser distanciadas dos grupos mais antigos. Não é possível assumir agora a responsabilidade de explicar as relações entre os ceramistas recém-chegados e os grupos autóctones do litoral no espaço que nos resta. Isso já teve sua superfície arranhada em parágrafos anteriores. O que importa é que antes da cerâmica já havia uma intensa movimentação social e física de grupos humanos na costa cuja dinâmica material pode simbolizar a presença de grupos culturais diferentes, como já atestado. Pesa contra essa assertiva a ausência de evidências arqueológicas incontestáveis de dois, ou mais, grupos sociais pré-ceramistas na costa, visto que a construção de sambaquis era partilhada e distintos conjuntos de ferramentas só podem ser distinguidos em nível micro (RAUTH, 1968). Em geral, por mais que a produção material da cultura sambaquieira seja rica e prolífica em formas físicas e métodos de fabrico, todas elas parecem ligadas a uma continuidade da qual compartilham e que está geograficamente restrita ao litoral. As descobertas recorrentes de zoólitos (GOMES, 2012; PROUS, 1977) e outros exemplares típicos da cultura sambaquieira, como fusiformes (RIBEIRO, 1983, p. 62) e anzóis em osso (MILLER, 1969) no interior do Rio Grande do Sul torna transparente a proveniência oriental dessas peças pelo fato de se parecerem muito pouco com o material elaborado por grupos da serra. Fato este notado em primeiro lugar pelos antigos visitantes sazonais do litoral, que fizeram questão de trazer alguns destes estranhos objetos consigo, na volta para casa.

No interior do continente, o panorama tampouco é diferente. Não há evidências arqueológicas de outros grupos além dos Jê (ou Proto-Jê) (ARAÚJO, 2007) e de bandos humanos mais antigos, ligados à Tradição Umbu. Com relação a este conjunto de artefatos, supostamente talhados por pessoas pioneiras do povoamento americano, algumas pontas de flecha típicas da Tradição foram

⁷⁶ A época adotada por nós e possivelmente algum tempo antes e depois dela. Consideramos certamente os sambaquis do Guaraguaçu e Morro do Ouro como sambaquis especializados na morte – e apenas desconfiamos dos sambaquis de Cubatãozinho e Rio São João por falta de maiores informações sobre eles.

encontradas no sambaqui de Matinhos (FERNANDES, 1955) e no sambaqui da Conquista (Beck, 2007). Contudo, são achados pontuais demais para suportar uma ocupação sistemática do litoral já no Pleistoceno final. Se isso ocorreu, ou estes sítios estão submersos (HURT, 1974; MARTIN et al., 1988), ou possivelmente não eram sambaquis, construções intencionais baseadas na exploração organizada de moluscos, o que significa apenas um reconhecimento da região.

Ainda sobre a presença e a dispersão de zoólitos como apontadores de uma coesão social:

A concentração dessas estruturas numa região circunscrita indica que essas áreas específicas sejam as de maior produção de esculturas⁷⁷. Nesse caso, concordamos com Prous (1977) ao considerar que a alta frequência de estruturas em Santa Catarina indica que a origem e dispersão das esculturas estejam ligadas às sociedades sambaquieiras do litoral desse Estado. Se articularmos os seguintes fatores: territorialidade, concentração de esculturas nesse território e circulação das esculturas e da ideia de representação simbólica das mesmas, pode-se pensar que se trata de uma área em que os grupos vivem de maneira integrada, formando comunidades. Os zoólitos [...] são indicadores de contatos culturais entre grupos que se articulam em um mesmo território e que “carregam em si” um discurso cosmológico culturalmente codificado e que reforça relações de identidade cultural em uma longa escala de longa duração (MILHEIRA, 2014, p. 191).

Nossa alegação, endossada pelas páginas já redigidas, é que os grupos humanos que habitaram a região estudada durante a época escolhida possuíam algum tipo de forte afinidade social e cultural entre si - que compartilhavam de um *corpus* simbólico mais ou menos comum, mas que possuíam posições divergentes a respeito de algumas situações que apenas agora começamos a trazer à tona: como é o caso dos zoólitos partidos e da variedade material e simbólica de ritos funerários. Para algumas questões, existiam diferentes perspectivas no litoral há 7000 anos atrás. Advogamos que a relação entre as pessoas portadoras destas suaves discrepâncias sociais retratadas na cultura material dos sambaquis esteja mais próxima de uma relação de parentesco, no termo antropológico, o que nos leva para a análise da última postulação de De Masi.

c) Estendido e fletido são elementos culturais discretos

Consideramos como “elementos culturais discretos” cada uma das partes, a nível estrutural, integrante, que lá é colocado de modo não pela agência do ator

⁷⁷ No mesmo artigo, Milheira publica os percentuais de zoólitos para cada Estado: 62% em Santa Catarina (131 esculturas), 27% no Rio Grande do Sul (59) e 6% no Paraná (13) (MILHEIRA, 2014, p. 191).

social (HODDER, 2000) – mas pelos resultados concomitantes desta atividade. Logo, pela sugestão de De Masi, tratar-se-ia de que os modos de deposição fletido e estendido não fossem de todoatos conscientes, e sim, contingentes a uma razão desconhecida, inacessível. Ele, infelizmente, não elabora estes pontos no restante do trabalho, o que nos compromete a transcrição de um significado claro para o que seriam seus “elementos culturais discretos”.

Fato é que, se há intencionalidade na própria ideia de elaboração de um funeral, tudo o que lhe faz inteiro também adquire esse caráter. O ato de arranjar as posições das mobílias funerárias, colocar os adornos e pintar o cadáver – assim como posicioná-lo em forma de feto ou ao comprido – prevê uma atitude técnica, uma pré-disposição, uma experiência.

Um elemento cultural discreto dos sepultamentos, portanto, pode ser visualizado e descrito: nos modelos Congonhas, Guaraguaçu e Morro do Ouro, há um direcionamento na dinâmica destes modelos para gerar associações entre as crianças, mulheres biológicas e algumas variáveis. No Modelo Guaraguaçu, as crianças começaram a ser sepultadas em cemitérios próprios e o ocre (típico em infantes no Modelo Gomes B, imediatamente anterior), começa a ser associado também com mulheres biológicas – a mobília funerária ligava os homens às mulheres completando uma espécie de “ciclo”. Já no Modelo Morro do Ouro, as crianças têm sua relação com o ocre e o adorno avivada e priorizada. O melhor acabamento dos adornos típicos do Modelo Morro do Ouro também é notável quando comparado com os pingentes do Modelo Guaraguaçu.

O ocre também foi bastante utilizado pelas crianças, em associação com os adornosem uma aparente disputa estética com os padrões do Modelo Guaraguaçu. Por fim, no litoral sul, durante o Período II, o Modelo Congonhas, ligado ao sambaqui homônimo, também possuía um rito funerário onde as crianças foram espacialmente aproximadas das mulheres em covas coletivas e o ocre passa a ser característico de todas categorias. Os adornos perdem importância geral, inclusive entre os infantes, mas o vínculo apenas enfraquece, não desaparece.

Isto é um elemento cultural discreto. Uma mudança gradual através das associações entre determinadas entidades estruturais do sepultamento. Com frequência os ritos mortuários revisitam as relações entre crianças, adornos, mulheres e ocre. Não ousaremos dizer que isto tem uma ligação mitológica direta,

como se representasse um mito, mas com certeza existe uma gravidade nesta questão que nos impele a buscar argumentos na antropologia indígena.

Como essas diversas práticas se referem a pessoas ocupando posições geográficas distintas, supomos que sejam compostas por populações que considerassem algum grau de diferença entre si. Seus ritos funerários, contudo, compartilhavam em comum muitas associações, como o fletido, por exemplo; o código das crianças e mulheres, é o que está mudando mais rápido. Outro domínio típico do reino das mulheres e das crianças é o da descendência; se as implicações de Walter Neves (1988), sobre a uxorilocalidade estão corretas, existe a possibilidade de que a mudança constante nos tratos fúnebres sobre crianças e mulheres pode se referir, talvez de modo mais próximo, a relações de parentesco e negociações decorrentes da diplomacia entre os grupos. Vale salientar que ambos os modos de deposição estavam caracterizados por Modelos distintos, com estendido e fletido sendo traços de intencionalidade e comunicação direta: os sepultamentos e o ato desepultar era um evento social de grande importância pelo menos entre as pessoas que ocupavam a baía de Guaraqueçaba e da Babitonga (GASPAR, et al. 2008). Consideramos provável a existência de troca genética e contato cultural, o que nos leva até o conceito de parentesco. Como corrente na antropologia, ele elenca algumas feições e relações particulares desta relação social que se aproximam do que foi encontrado:

O parentesco por afinidade é como um agrupamento de pessoas do qual se formam grupos de vingança, grupos de permuta, famílias e ritos de transição. A composição real do sistema de parentesco varia e se transforma, dissolvendo-se e reaparecendo de forma alterada, dependendo de quem, entre os parentes, se considera incluído no grupo. Os sistemas de parentesco são células flexíveis, altamente adaptáveis às situações instáveis e relativamente inestruturadas. Costumam ser característica das sociedades simples de caçadores e coletores, com recursos limitados, por um lado, e das civilizações urbanas, industrializadas, de comércio livre, por outro (HOEBEL, FROST, 1976, p. 223)

As palavras “grupos de permuta”, “famílias” e “ritos de transição” são especialmente férteis quanto às ideias até agora propostas. Contudo, a relação direta de um conceito antropológico para uma realidade arqueológica não pode ser realizada sem alguma mediação. A própria relação de parentesco se dá apenas entre indivíduos e não entre grupos populacionais. Assim, consideramos a

possibilidade a existência de um vínculo de afinidade, cujas práticas relacionais englobam algumas atividades singulares da relação de parentesco antropológico.

Contudo, esta não é a principal proposição desenvolvida aqui e esta ideia se agrega muito mais na qualidade de uma exploração futura – ainda falta um desenvolvimento adequado e mais reforço amostral para tanto. A ideia principal reside um pouco mais na base dessa suposição: na sugestão de que os grupos sambaqueiros se identificavam através de traços comuns pertencentes ao universo dos ritos funerários – ritos estes que agiam como elemento aderente para estes diferentes grupos.

Assim, ao invés de,

“A” *versus* “B”
enquanto
“B” ≠ “A”

Temos,

“A” *pro* “B”
enquanto
“B” [≠] “A”

No sentido de que, embora estas populações (cujo menor nível geográfico é o sambaqui, e o maior, a fície meridional⁷⁸) se considerassem parceiras para determinadas atividades sociais, ainda haviam assuntos que não diziam ou não poderiam dizer respeito ao vizinho imediato por motivos que ignoramos. Mais do que isso, aliado as conclusões acadêmicas que a argamassa estruturante da cultura sambaqueira estava situada ao redor dos cemitérios (GASPAR et al., 2008; KLOKLER, 2012) cujos sepultamentos de indivíduos associados a zoólitos, elementos materiais de inegável valor simbólico, – além do estético – que remetem à esfera cosmológica; afirmamos que o principal evento de união e identificação entre essas populações era o rito de passagem mortuário.

⁷⁸ No sentido de Serrano (1946) e Prous (1992).

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, M. D. Notas parciais sobre pesquisas realizadas no planalto e litoral do Estado do Paraná. **Pesquisas**. Estudos Leopoldenses. Antropologia, n. 18. N. 9. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. 1968a. p. 65-76.
- ANDREATTA, M. D.; MENEZES, M. J. Nota prévia sobre o sambaqui “B” do Guaraguaçu. **Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná**. n. 1. Curitiba: Universidade do Paraná. 1968b. p. 25-30.
- ANDREATTA, M. D.; MENEZES, M. J. Dados parciais das pesquisas no sambaqui “B” do Guaraguaçu, Paraná. **Revista do Museu Paulista**. V. 2 .São Paulo: Universidade de São Paulo. 1975. p. 135-165.
- ARAÚJO, A. G. M. A Tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. **Revista de Antropologia**. Salvador: Universidade da Bahia. 2007. p. 9-38.
- ARAÚJO, E. M. Afecções dentárias: hiper cementose e abrasão das populações do litoral de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. N. 3. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina. 1970. p. 71-90.
- AUFDERHEIDE, A.; RODRIGUEZ-MARTIN, C. **Cambridge Encyclopedia of Paleopathology**. Londres: Cambridge Press. 1998.
- AZEVEDO, G. **Memórias para a historia da capitania de S. Vicente hoje chamada de São Paulo e noticias dos annos em que se descobrio o Brazil**. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920.
- BANDEIRA, D. **Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: Arqueologia e Etnicidade**. Tese de Doutorado em História. Campinas: Unicamp. 2004.
- BANDEIRA, D; OLIVEIRA, E. L.; STEINBACH, J. **Culturas e Meio Ambiente Pré-coloniais da Baía da Babitonga: O Conjunto de Sambaquis da Foz do Rio Cubatão**. Joinville, Santa Catarina. Etapa II. Relatório Destinado à FAPESC. Joinville. 2010..
- BECK, A. A cerâmica dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. SEGUNDO SIMPÓSIO DE ARQUEOLOGIA DA ÁREA DO PRATA. **Anais... Pesquisas**. Antropologia. n. 18. Instituto Anchietano de Pesquisas: São Leopoldo. 1968. p. 89-100.
- BECK, A. Estudos do sambaqui do Rio Lessa. INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. N. 2. Florianópolis: Universidade de Florianópolis. 1969. p. 139-206.
- BECK, A. Os sambaquis do Brasil meridional, Litoral de Santa Catarina. **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**. N. 3. Florianópolis: Santa Catarina. p. 57-70. 1970.

BECK, A. A Variação do Conteúdo Cultural dos Sambaquis de Santa Catarina. **Clássicos da Arqueologia**. Erechim: Habilis. 2007.

BIGARELLA, J. J. Contribuição ao estudo dos sambaquis no Estado do Paraná. I – Regiões adjacentes às baías de Paranaguá e Antonina. In: BIGARELLA, João Jose. **Sambaquis**. Curitiba: Posigraf. 2011. p. 47-92.

BIGARELLA, J. J. Contribuição ao Estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina. I – Situação geográfica e descrição sumária. In: BIGARELLA, João Jose. **Sambaquis**. Curitiba: Posigraf. 2011. p. 121-164.

BINFORD, L. Archaeology as Anthropology. **American Antiquity**. Vol. 28. Society for American Archaeology. nº 2. 1962. p. 217-225.

BROCHIER, L. L. **Controles Geoarqueológicos e Modelos Morfoestratigráficos: implicações para o estudo das ocupações pré-históricas na costa sul-sudeste do Brasil**. Tese de Doutorado em Arqueologia. Rio de Janeiro: Museu de Arqueologia e Etnologia. 2009.

BROTHWELL, D. R. **Digging Up Bones**. Londres: British Museum. 1963.

BROWN, J. A. The search for rank in prehistoric burials. IN: CHAPMAN, Robert, RANDSBORG, Klaus, KINNES, Ian. **The Archaeology of Death**. Cambridge Press. 1981. p. 25-38.

BRYAN, Alan. The Sambaqui at Forte Marechal Luz, State of Santa Catarina, Brazil. **Brazilian Studies**. Oregon: Oregon State University.(1993).

BLOCH, M. PARRY, J. **Death and the Regeneration of Life**. Cambridge: Cambridge Press. 1982.

CASTRO F. L. Pesquisas de Antropologia Física no Brasil. História. Bibliografia. **Boletim do Museu Nacional**. Antropologia.n. 13. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1952. p. 106.

CHMYZ, I. Dados à arqueologia do litoral norte e do planalto de Canoinhas. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados Preliminares do Quinto Ano. Publicações Avulsas do Museu Goeldi. Belém: Universidade do Pará.N. 26. 1974. p. 53-66.

CHMYZ, I., SGANZERLA, E. M., CHMYZ, J. C. G. Novas contribuições para o estudo do sambaqui de Matinhos no Estado do Paraná. **Arqueologia**. Número especial, Curitiba, v. 1, 2003, p. 1-55.

DUARTE, P. **O sambaqui visto através de alguns sambaquis**. São Paulo: Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968.

FERNANDES, J. L. Os sepultamentos do sambaqui de Matinhos. XXXI CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS. **Anais...v. II**. Rio de Janeiro. 1954. p. 579-602.

FERREIRA, L. M.; NOELLI, F. S. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução dos textos de Burton). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. v.17. São Paulo. 2007. p. 149-168.

FOSSARI, T. D. **A indústria óssea na Arqueologia Brasileira**: estudo piloto do material de Enseada-SC e Tenório-SP. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.1985.

FOSSILE, T. **Peixes na alimentação de povos pré-coloniais**: Estudo ictioarqueológico do Sambaqui Cubatão I. Monografia de Graduação em Biologia. UNIVILLE, Joinville. 2014.

FISH, S.; DEBLASIS, P.; GASPAR, M. D.; FISH, P.; Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia. v. 10. 2000. p. 69-87.

EMPERAIRE, J., LAMING, A. Les sambaquis de la côte méridionale du Brésil: Campagnes de fouilles (1954-1956). **Journal de la Société des Américanistes**. Tome XLV. Paris: Musée de L'Homme. 1956. p. 5-163.

ESCÓRCIO, E.; GASPAR, M. D. Indicadores de diferenciação social e de gênero dos pescadores-coletores que ocuparam a região dos Lagos, RJ. **Cadernos do LEPAARQ. Textos de Antropologia, Arqueologia e Etnologia**. v. 3. Pelotas: Universidade de Pelotas. 2005. p. 47-65.

GARCIA, C. R. Nova datação do sambaqui Maratuá e considerações sobre as flutuações eustáticas propostas por Fairbridge. **Revista de Pré-História**. v. 1. n. 1. São Paulo: Instituto de Pré-História. 1979. p. 15-30.

GARCIA, C. R.; UCHÔA, D. P. Piaçaguera, um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista de Pré-História**. v. 2. São Paulo: Instituto de Pré-História.1980.

GASPAR, M. D. **Aspectos da organização social de um grupo pescador-coletores**: Região compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Arqueologia. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia. 1991.

GASPAR, M. D. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000..

GASPAR, M, D., HEILBORN, M. L., ESCORCIO, E. A sociedade sambaqueira através da perspectiva de sexo e gênero. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2011. p. 17-30.

GASPAR, M, D., BUARQUE, A., CORDEIRO, E., ESCORCIO, E. Tratamento dos mortos entre os Sambaqueiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. n. 17. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, 2007p. 169-189.

GOMES, A. **Pespectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do do litoral Sul do Brasil.**Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade do Paraná. 2012.

GOLGOWSKI, N. Centuries-old mummified monk found meditating in Mongolia: report. **Daily News**, New York, 28 Jan. 2015. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/world/200-year-old-mummy-found-meditating-monglia-report-article-1.2095566>>. Acesso em: 07 maio 2015.

HODDER, I. **Symbols in Action: ethnoarchaeology of material culture.** Cambridge: Cambridge University Press. 1982.

HODDER, I. **Theory and Practice in Archaeology.** Cambridge: Cambridge Press. 1995.

HODDER I. Agency and individuals in long-term processes. In: DOBRES, A. **Agency in Archaeology.** Routledge. 2000. p. 21-33.

HOEBEL, E. A. FROST, E. L. **Cultural and Social Anthropology.** Virgínia: McGraw Hill. 1976.

HURT, W. R.; BLASI, O. O Sambaqui do Macedo, A.52.B. - Paraná - Brasil. **Arqueologia**, n. 2. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. 1960. p. 98.

HURT, W. R. Recent radiocarbon dates for central and southern Brazil. **American Antiquity**. v. 30. n. 1. Society for American Archaeology. 1964. p. 25-33.

HURT, W.R. The interrelationship between the natural environment and four sambaquis, coast of Santa Catarina. **Occasional Papers and Monographs**. n. 1. Indiana: Indiana University Museum. 1974. p. 24.

HUNTINGTON, R. METCALF. P. **Celebrations of Death: the anthropology of mortuary ritual.** Cambridge: Cambridge Press. 1979.

HILLSON, S. **Teeth.** Londres: Cambridge Press. 1986. p. 373.

KERN, A. A. **Pescadores-Coletores Pré-Históricos do Litoral Norte: Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul.** Editora Mercado Aberto: Porto Alegre. 1991.

KLOKLER, D. M. **Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shell Mounds (Laguna - Brazil),** Ph.D. dissertation, Department of Anthropology, University of Arizona, Tuscon, 2008.

KUIJT. I. Negotiating equality through ritual: a consideration on Late Natufian and Prepottery Neolithic A period mortuary practices. **Journal of Anthropological Archaeology**. N. 15. 1996.

LACERDA, J. B. O Homem dos Sambaquis. **Archivos do Museu Nacional**. n. 6. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1885. p. 175-203.

LACERDA, J.; PEIXOTO, J. Contribuição para o Estudo Anthropologico das Raças Indigenas do Brazil. **Archivos do Museu Nacional**. n.1. Rio de Janeiro: Museu Nacional.1876. p. 47-75.

LAMING-EMPERAIRE, A. Missions Archéologiques françaises au Chili Austral et au Brésil Meridional. **Journal de la Société des Americanistes**. Tome 57. Paris: Musée de L'Homme. 1968. p. 77-99.

LEVI-STRAUSS, C. **Myth and Meaning**. Lowe & Brydone Printing: Norfolk. 1989.

LIMA, T. A. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. **Revista USP**.São Paulo: Universidade de São Paulo. 1999/2000. p. 272-327.

LOWE, A. **Shingon priests and self-mummification**. Disponível em: <<http://www.agorajournal.org/2005/Lowe.pdf>>.Acesso em: 07 maio 2015.

LYELL, C. **The Geological Evidences for the Antiquity of Man**. 3ed. Londres: John Murray, Albermarle Street. 1868.

MACHADO, L. C. **Análise de remanescentes humanos do sítio arqueológico Corondó, RJ**: Aspectos biológicos e culturais. Série Monografias n. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Arqueologia Brasileira. 1984.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C.**Como interpretar a linguagem da Cerâmica**: Manual para Arqueólogos. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MENEZES, M. J. Notas parciais sobre pesquisas realizadas no litoral do Paraná. Pesquisas. Estudos Leopoldenses. **Antropologia**, nº 18. nº9. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas. 1968. p. 53-64.

MENEZES, M. J.; ANDREATTA, M. D. Os sepultamentos no sambaqui “B” do Guaraguaçu. **O Homem Antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História. 1971. p. 5-20.

MELLO E ALVIM, M. C. Caracterização da morfologia craniana de populações pré-históricas do litoral meridional brasileiro (Paraná e Santa Catarina). **Arquivos de Anatomia e Antropologia**. n. 3. Insitituto de Antropologia Prof. Souza Marques. 1978. p. 292-318.

MELLO E ALVIM, Marília Carvalho de. SEYFERTH, Giralda. O fêmur da população do sambaqui de Cabeçuda (Laguna, Estado de Santa Catarina, Brasil): estudo morfológico e comparativo. **Revista do Museu Nacional** (Nova Série). n.18.Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1971.p. 1-14.

MELLO E ALVIM, M. C. SEYFERTH, G. Estudo morfológico do úmero da população do sambaqui da Cabeçuda (Laguna, Santa Catarina). **O Homem Antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História. 1974. p. 25-28.

MELLO E ALVIM, M. C.; GOMES, J.C.O. Análise e interpretação da hiperostose porótica em crânios humanos do sambaqui de Cabeçuda (SC – BRASIL). **Revista de Pré-História**.v. 7. 1989.São Paulo: Instituto de Pré-História. p. 127-145.

MILHEIRA, R. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaqueiras. In: ZOCHE, Jairo, CAMPOS, Juliano, ALMEIDA, Nelson, RICKEN, Claudio. **Arqueofauna e Paisagem**. Erechim: Habilis. 2014. p. 187-208.

MILLER, E. T. Resultados preliminares das escavações no sítio pré-cerâmico RS-LN-1: Cerrito Dalpiaz (abrigo-sob-rocha). Iheringia. **Antropologia**. n. 1. 1969. p. 43-116.

NETO J.; DIAS JR. O. **PRONAPA**: Uma história da arqueologia contada por quem a viveu. Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/28>>. Acesso em: 02 fevereiro 2015.

NETTO, L. Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do dilúvio universal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico**. Rio de Janeiro. 1871. p. 287-292.

NEVES, W. A. **Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1988.

OKUMURA, M. M. Diversidade morfológica, micro-evolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. Pesquisas. **Antropologia**. v. 66. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 2008.p. 306.

ORSSICH, A. O Sambaqui do Araújo II, Nota prévia. **Cadernos de Arqueologia**. Ano II, nº2. 1977. Curitiba: Universidade do Paraná.p. 11-60.

ORSSICH, Elfriede. A propósito de sepulturas em sambaquis. **Cadernos de Arqueologia**. Ano II, nº2 1977. Curitiba: Universidade do Paraná. p. 73-76.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. **Fotografia do Sambaqui do Guaraguaçu**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/tombados/PPR1-013F.jpg>>. Acesso em: 03 maio 2015.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. **Planta do Sambaqui do Guaraguaçu**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/tombados/PPR1-013P.jpg>>. Acesso em:03 maio 2015.

PARELLADA, C. I., NETO, A. G. Inventário de sambaquis do litoral do Paraná. **Boletim Paranaense de Geociências**. n. 42. Curitiba: Editora da UFPR. 1994. p. 121-152.

PARKER PEARSON, M. **Archaeology of Death and Burial**. Cambridge: Cambridge Press. 1999.

PIAZZA, W. Estudos de Sambaquis (Nota Prévia). **Série Arqueologia**. n. 2. Florianópolis: Instituto de Antropologia. 1966. p. 72.

PIAZZA, W.; PROUS, A. **Documents pour la préhistoire du Brésil méridional**. 2. L'État de Santa Catarina. Cahiers D'Archéologie D'Amérique du Sud. Paris: École des Hautes Études em Sciences Sociales. 1977.

PROUS, A. Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay. **Cahiers D'Archéologie D'Amérique du Sud**. Paris: École de Hautes Études.n. 5. 1977.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Universidade de Brasília. 1992.

POMPEU, F. Em busca da padronização e cronologia dos sepultamentos em sambaquis da região sul do Brasil. VII ENCONTRO REGIONAL DE ARQUEOLOGIA, 2010. **Comunicação oral**. Jaguarão, Rio Grande do Sul. FURG. 2010.

RATH, C. Notícia Ethnologica de um Povo que já Habitou a Costa do Brasil, Bem como seu Interior Antes do Dilúvio Universal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Tomo 34. 1871. p. 287-292.

RAUTH, J. W. O Sambaqui do Macedo A.52.B. - Paraná - Brasil.**Arqueologia** n. 2, Curitiba: Publicação do Conselho de Pesquisas da Universidade do Paraná. 1960.

RAUTH, J. W. **O Sambaqui de Saquarema**, S.10.B - Paraná - Brasil. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Universidade do Paraná. 1962. p. 73.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Porto Maurício. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas1**: Resultados Preliminares do Primeiro Ano, 1965-1966. Publicações Avulsas n.º 6. Belém: Universidade do Pará. 1967. p. 47-58.

RAUTH, J. W. O Sambaqui do Gomes, S.11.B - Paraná - Brasil. **Arqueologia**, n. 4. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná. 1968. p. 99.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação arqueológica do Sambaqui do Godo. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 3**: Resultados Preliminares do Terceiro Ano, 1967-1968. Publicações Avulsas n. 13. Belém: Universidade do Pará. 1969a. p. 75-99.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Rio São João. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. 2**. Resultados Preliminares do Segundo Ano, 1966-1967. Publicações Avulsas n. 10. Belém: Universidade do Pará. 1969b p. 75-93.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Ramal. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4**: Resultados preliminares do quarto ano, 1968-1969. Publicações avulsas n. 15. Belém: Universidade do Pará. 1971. p.

RAUTH, J. W. Nota prévia sobre a escavação do sambaqui do Rio Jacareí. **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 5**: Resultados Preliminares do Quinto Ano 1969-1970. Publicações Avulsas. n. 26. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1974a. p. 91-104.

RAUTH, J. W. Escavação arqueológica do Sambaqui G. II –S. 28 – R. **Revista de Antropologia**. Curitiba: Universidade do Paraná.1974b. p. 27-106.

ROHR, J. A. **O Sítio Arqueológico do Pântano do Sul**, SC – F – 10. Florianópolis: IOESC. 1977.

SALLES CUNHA, E. Sambaquis e outras Jazidas Arqueológicas. **Paleopatologia Dentária e outros Assuntos**. Rio de Janeiro: Editora Científica. 1963. p. 153.

SANTOS, M. C.**Análise do Material Lítico do Sítio de Itapeva, 1ª Campanha de Escavações de 1982**.Monografia (Graduação em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: PUCRS, 1985.

SCHMITZ, P. I. MASI, S. N. VERARDI, I. LAVINA, R. JACOBUS, A. Escavações Arqueológicas do Pe. Alfredo Rohr. O assentamento de Armação do Sul, SC. **Pesquisas**. Antropologia. N. 48. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1993.

SCHMITZ, P. I. ROSA, A. O. IZIDRO, HAUBERT, F. KREVER, M. L. BITENCOURT, A. L. ROGGE, J. H. BEBER, M. V. Içara: um jazigo mortuário no litoral de Santa Catarina. Pesquisas. Antropologia. N. 55. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1999.

SCHEEL-YBERT, R.; EGGERS, S.; WESOLOWSKI, V.; PETRONILHO, C.C.; BOYADJIAN, C.; DEBLASIS, P. A. D.; BARBOSA-GUIMARÃES, M.; GASPAS, M. D. Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. **Revista de Arqueologia**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia.v. 16. p.109-137. 2006.

SERRANO, A. The sambaquis of the brazilian coast.In: Bulletin, Nº 143. STEWART, J. H. **Handbook of Southamerican Indians**, the marginal tribes. V. 1. Washington: Smithsonian Institution. 1947. p. 401-408.

SIMÕES, M. F. Índice das Fases Arqueológicas Brasileiras, 1950-1971. **Publicações Avulsas do Museu Emílio Goeldi**.N. 18. Belém, Pará. Formato em fichas de campo.

SILVA, S. B. SCHMITZ, P. I. ROGGE, J. H. DE MASI, M. A. N. JACOBUS, A. O sítio arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupi-Guarani. **Pesquisas**. Antropologia. N. 45. São Leopoldo: Insitituto Anchieta de Pesquisas. 1990.

TENÓRIO, M. C. Identidade Cultural e Origem dos Sambaquis. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**.v. 14. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia. 2004. p. 169-178.

TIBURTIUS, G. **Arquivos de Guilherme Tiburtius**. I. Joinville: Museu Arqueológico do Sambaqui de Joinville. 1996. p. 102.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. Pesquisas. **Antropologia**. n. 7. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 1960. p. 51.

TIBURTIUS, G.; BIGARELLA, I. K.; BIGARELLA, J. J. Contribuição ao estudo dos sambaquis do litoral norte de Santa Catarina II: O sambaqui do Rio Pinheiros (Nº 8). **Arquivos de Biologia e Tecnologia**.v. 9. Curitiba: Universidade do Paraná. 1954. p. 141-197.

TIBURTIUS, G.; LEPREVOST, A. Sobre a ocorrência de pedras corantes e esqueletos pintados nos sambaquis do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia**. v. VII. Curitiba: Universidade do Paraná 1952. p. 149-155.

TRIGGER, B. **A History of Archaeological Thought**. Cambridge: Cambridge University Press. 1989. p. 500.

UBELAKER, D. H. **Human Skeletal Remains: Excavation, Analysis, Interpretation**. Washington: Taraxacum. 1984.

VARNHAGEN, F. A. Etnografia Indígena: línguas, imigrações e arqueologia. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. v. 11. Rio de Janeiro. 1849.p. 366-376.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes. 2011.

VILLAGRAN, X. S. **Estratigrafias que falam: Geoarqueologia de um sambaqui monumental**. São Paulo: Annablume, 2010.

VILLAGRAN, X.; KLOKER, D.; NISHIDA, P.; GASPAS, M.; DEBLASIS, P. Lecturas estratigráficas: arquitectura funerária y deposición de residuos em el sambaqui Jaboticabeira II. **Latin American Antiquity**. v. 21. nº 2. 2010. p. 195-216.

WAGNER, G. P. **Sambaquis da Barreira da Itapeva: uma perspectiva geoarqueológica**. Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. **Boletim do Museu Nacional**. n. 1. Rio de Janeiro. 1876. p. 1-20.

WOODBURN, J. Social dimensions of death in four African hunting and gathering societies. In: BLOCH, Maurice, PARRY, Jonathan. **Death and the regeneration of life**. Cambridge Press. 1982. p. 187-210.